

Lourenço Chaves de Almeida

# Memórias de um Ferreiro



(Página deixada propositadamente em branco)

Lourenço Chaves de Almeida

# Memórias de um Ferreiro

Prefácio e Coordenação  
José Amado Mendes



## Organização

Afonso Chaves de Almeida

## Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [impresauc@ci.uc.pt](mailto:impresauc@ci.uc.pt)

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de colecções

## Design

António Barros

## Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

## Capa

Lampadário

Lourenço Chaves de Almeida

## Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

## ISBN

978-989-8074-18-8

## ISBN Digital

978-989-26-0358-2

## DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0358-2>

## Depósito Legal

288366/07

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:



## SUMÁRIO

Introdução .....	7
Prefácio.....	11
Memórias de um Ferreiro .....	23
Onde principia uma gerarquia de Ferreiros da Família dos Almeidas da Corredoura – Lamego .....	25
Os Filhos Ferreiros de Joaquim de Almeida. Ingratidão revoltante da Câmara Municipal de Lamego .....	29
António de Almeida – Serralheiro .....	31
De como a rebeldia de um estudante de Seminário se vai reflectir na sua vida de militar ...	31
Os meus primeiros passos na Vida .....	34
Como o criterioso conselho de uma tia indica o caminho ao sobrinho .....	36
Como preferi Coimbra a qualquer outra terra .....	40
Uma lição proveitosa .....	42
O despertar da serralharia artística em Coimbra, em que ouvi falar de Mestre Gonçalves como alavanca do progresso .....	44
O meu primeiro trabalho em ferro forjado e cinzelado, atirando comigo para a Imprensa do Paiz .....	46
A primeira Homenagem da Escola Livre das Artes do Desenho ao seu Querido Mestre António Augusto Gonçalves .....	49
A Exposição da reabertura da Escola Livre e os seus benéficos resultados.....	52
Colhem-se os saborosos frutos que a Exposição gerou.....	54
Como não sendo Sargento fui a um concurso com Senhores Oficiais .....	60
O meu auxílio a Mestre Gonçalves, na instalação do Museu Machado de Castro .....	65

O grupo dos Três sócios da Escola Livre dá retumbantes sinais de si .....	66
Em que se lembram trabalhos feitos até à minha mobilização para França .....	67
Com a partida do C.E.P. para França começa uma nova etapa da minha vida .....	69
A partida da coluna para os campos da batalha, onde deixei bem marcada para sempre a passagem do Exército Português por essas terras, como os Romanos em marcos miliários; fizeram o orgulho da minha vida .....	74
Onde principia firmado o nome de Portugal por esses logares e até além do Canal da Mancha .....	76
Depois de 9 de Abril, até à minha licença de campanha. Pequenas curiosidades.....	82
Termina aqui o meu Diário de Guerra e principia uma nova etape da minha Vida Artística .....	88
Uma Obra, sem a qual o Lampadário não teria sido feito .....	92
Começa aqui a minha vida entregue ao Lampadário. O trabalho e sua história pouco conhecida.....	96
Quero aqui dizer como se viveram quatro mil e oitocentas horas!.....	100
Como um Professor exigente classifica o trabalho do Lampadário .....	106
Exposições .....	106
Um as linhas da minha grata homenagem aos Senhores Tenentes e Alferes do 23.....	107
Doas peças artísticas feitas no intervalo de duas exposições .....	108
A Exposição do Lampadário em Lisboa .....	108
Os meus receios sobre a ida do Lampadário para a sua casa na Batalha.....	115
O colar de S. Tiago e a parada de tropas .....	117
Chega finalmente o dia da entrada do Lampadário na sua Casa do Capítulo na Batalha .....	118
O solene momento do acender da Chama da Pátria.....	121
O Lectus monumental da Senhora Dona Veva de Lima .....	122
O destino que teve o Guarda-Jóias Manuelino feito para ser vendido no Rio de Janeiro .....	125
O muito falado Monumento a Júlio Mota pela Escola Livre das Artes do Desenho.....	126
Relacionando vários trabalhos artísticos e a morte inesperada de João Machado .....	128
Uma viagem pelo paiz da Arte, que não teve o complemento esperado por falta de apoio oficial em Madrid .....	131

Sonhei um dia ir com trabalhos de ferro forjado à Exposição de Sevilha, mas... acordei!!!.....	138
A reforma dos Sargentos Artífices do Exército .....	139
Como me foi pago os bons serviços ao Exército.....	140
Coisas graves no Museu Machado de Castro e a minha entrada para o Conselho de Arte e Arqueológica.....	141
Como de um abuso tirei partido para pôr fora do Museu o António Viana .....	151
Com a abertura da minha Oficina na Estrada do Tovim, principia nova etapa da minha vida artística.....	165
Nasce-me um Neto, mas morre-me o Mestre.....	170
De como a minha ausência na Exposição da Casa de Coimbra, em Lisboa, foi gerar a minha Exposição de Ferros de Arte na Sociedade Nacional de Belas Artes.....	174
Depois do Lampadário, foi esta uma das mais belas páginas da Minha Vida Artística .....	176
Como se verá que a Arte e a Teologia não se entendem.....	179
Como Sua Excelência o Presidente da República se mostra gentil com um Ferreiro .....	181
Pensamentos de alguns dos visitantes .....	182
Um exemplo único em Portugal dado pela Comissão de Turismo de Tomar.....	183
Como um trabalho meu foi parar a Jena, Alemanha! .....	183
O cofre com a simbólica chave de Coimbra.....	185
O destino que teve o Lustre principiado para Braga.....	186
História do meu livro «Os Túmulos de Alcobaça e os Artistas de Coimbra» .....	187
Proveitoso passeio a Braga .....	191
Como um capricho da sorte bafejou o meu trabalho.....	192
Uma série de Esculturas Plásticas em Ferro Forjado .....	194
Novo rumo à minha vida de Ferreiro de Arte .....	197
Perda irreparável para mim do melhor Mestre e Amigo .....	199
Nova situação – A minha viuvez .....	200
Saldando uma dívida de gratidão dos meus tempos de rapaz.....	203
Lampadário, 1946-1947 .....	205
A Exposição das Ferras de Arte para a igreja de Odivelas .....	206

Homenagem a Mestre Gonçalves pelo centenário do seu nascimento, 1848-1948.....	206
ANEXOS .....	211
1 - As Memórias de um Ferreiro continuam ainda. O Relicário do Poeta Dr. Afonso Lopes Vieira.....	213
2 - Os Ferreiros Antigos e a Ferraria em Portugal Visto por um Ferreiro Moderno.....	214
3 - A forja e o Ferreiro desaparecerão em breve.....	217
4 - Homenagem da oficina a Mestre Gonçalves. De seu discípulo .....	219
5 - Artigo de Teixeira de Carvalho, in <i>Resistência</i> de 26/03/1905 .....	221
6 - Ordem de Serviço da Unidade de 24/11/1917, com o louvor exarado.....	222
7 - Página da Revista <i>Ilustração Portuguesa</i> , edição semanal do <i>Século</i> de 26/03/1921.....	223
8 - Carta de D. <sup>a</sup> Genoveva de Lima sobre o Lectus.....	224



## INTRODUÇÃO

Há três anos, em 2004, tomei contacto, directamente, com os papéis velhos, de mais de cinquenta anos, sobras do espólio do meu avô, Lourenço Chaves de Almeida. Sobras, porque como quase sempre acontece com heranças indivisas e descuidadas pelos herdeiros e vicissitudes da vida, o espólio ficou sujeito ao desgaste do tempo sobre as coisas, ao desbaste por sensibilidades menos abertas a esses interesses, e por outras que, embora mais interessadas, o foram, em igual medida, mais interesseiras.

Quer a sorte que, por vezes, o que julgamos desaparecido caia em mãos de gente que entende o que encontra, o preserva, o salvaguarda dos agentes e das gentes que destroem e o dá a conhecer; assim foi aqui também!

Folhear esses papéis velhos e recuperar a memória da infância foi obra de segundos... não mais me foi possível parar! Colectei as folhas dactilografadas, por ser de mais fácil tarefa, e nelas encontrei grande parte dos artigos, conferências e estudos que ocuparam os últimos anos da sua vida

Tão imediata quanto a memória, foi a vontade de procurar o que aqueles papéis me trouxeram de imediato, lembrança, muito vaga, de uns escritos... umas Memórias! alguém as tinha lido... aí pelos anos cinquenta. A procura, iniciada junto da família, resultou no encontro das **Memórias de um Ferreiro**, dactilografadas e incompletas... faltavam as últimas páginas.

Lê-las foi obra de momentos e de momentos também a vontade de as divulgar junto dos netos e bisnetos, de forma que elas se não perdessem, e recuperassem este avô, que se tornou na família, por via delas, o elo de ligação entre os já idos, os que aguardam a sua vez, e os que agora despontam.

Debatendo-me com a falta das últimas páginas foi, mais uma vez, a memória que me deu a imagem de meu avô, debruçado sobre a escrivaninha, de caneta em punho, preenchendo linhas e linhas de folhas de papel branco... as Memórias manuscritas existiam! Recordava-me de um maço dessas folhas nas mãos de alguém, que não era meu avô... mas quem!? Ao fim de largo tempo e de infrutíferas buscas, o acaso trouxe-mas pela mão de meu filho que as encontrara, em São Paulo, juntamente com outra documentação do seu falecido avô Apolo, meu pai e filho mais novo de Lourenço de Almeida; o último dos descendentes directos a desaparecer do mundo dos vivos. Fora portanto no Brasil, nas mãos de meu pai, que eu um dia as tinha visto, muitos anos atrás.

Com esse achado foi possível compará-las, e finalizá-las; as diferenças eram poucas e justificáveis.

Não era minha intenção, na altura, dá-las à estampa, mas tão só a sua divulgação no âmbito da família actual, com o objectivo atrás referido e, assim, a preocupação fundamental foi digitá-las de uma forma que, não alterando o sentido nem o propósito do texto, as tornassem mais acessíveis a esse círculo restrito de leitores. Para uma revisão mais capaz, correcta e acerto final, vim a socorrer-me do meu primo, Lourenço Heitor, e de sua filha, Diana, neto e bisneta de Lourenço de Almeida, ambos entusiastas da ideia e com a preparação superior exigida para tal. São estas as Memórias que correm na família.

A ideia da sua publicação surgiu pouco depois, quando me foi evidente ser essa a vontade do Autor; outras razões vieram reforçá-la: desde logo, a opinião de vultos da cultura dessa recuada época, de que vim a tomar conhecimento através da correspondência trocada com meu avô; mais actualmente, a opinião dos que as leram, profundos conhecedores da História da Arte e das artes e ofícios na Coimbra daqueles tempos; e porque as consideram importantes para aquele efeito, exigiram-me, no melhor propósito, o empenho numa versão cuidada, e mais genuína, do texto, ou seja, o mais próxima possível do Autor.

Mudou o objectivo, mudou a forma de apresentação. Na posse de três textos, o digitado, o dactilografado e o manuscrito, fácil foi definir qual o que seria escolhido. A observação das diferenças nos trabalhos escritos do Autor, comparando os manuscritos, os dactilografados e finalmente os publicados, determinou essa facilidade. O Autor, para que as suas ideias passassem sem atropelos ou dificuldades de percepção, ferreiro de arte e não homem de letras, julgou sempre, por bem, entregar a primeira revisão dos seus trabalhos, no que de ortografia e, por vezes, sintaxe se tratasse, a quem lhos dactilografava e, posteriormente, aos seus amigos mais chegados e mais preparados. Faltou às Memórias, na época, esta última revisão. Temos então um texto dactilografado, que inclui pontual correcção de forma, emendado, acrescentado e comentado pelo Autor, portanto, garantidamente expressando a sua vontade.

É esta a versão que apresentamos para divulgação; a que nós fizemos, os netos, carece da sua aprovação

O mergulho nos restantes documentos trouxe-me outros trabalhos, muitos e, para mim... inesperados! alguns encontrei que me pareceram poderem fazer parte de um complemento das Memórias. Postos à consideração os diversos trabalhos e divididos em categorias de muito, pouco ou nenhum interesse para o efeito, entendemos acrescentar, eu e meu primo Lourenço Heitor, na parte final das Memórias, e de forma bem destacada, como Anexos, os que achámos de maior interesse.

O interesse em acrescentar algumas imagens ao documento resultou do sucesso obtido na procura de um Álbum de Trabalhos, referido nas Memórias, assim como da variedade de documentação, posteriormente achada, que sublinha e justifica passagens do livro. É exemplo marcante o projecto do Lampadário da Batalha, que se ajusta, perfeitamente, à extensa explanação que, da execução dessa obra, Lourenço de Almeida faz, ocupando um capítulo inteiro.

A enorme dedicação, reverência e respeito profundo de Lourenço de Almeida, por aquele que foi a causa primeira da sua alma de artista, e sobejamente expressos em

todas as páginas dos seus escritos, justificam as fotografias do seu, e nosso, grande Mestre, vulto enorme, incontornável, da vida cultural de Coimbra e do País daqueles tempos, António Augusto Gonçalves

Por não menor dedicação as de Afonso Lopes Vieira, com dedicatórias, uma das quais, «Ourives do Ferro Ferreiro de Jóias», veio a definir uma escola do ferro em Coimbra... mais tarde! Assim como a de Genoveva de Lima Mayer Ulrich, sua «madrinha», senhora de profundo espírito artístico e vastíssima cultura. Pena é que até ao momento não me tenha sido possível encontrar uma do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho que, pela enorme influência cultural que sobre ele exerceu, teria um lugar sobejamente justo na galeria dos retratos nas suas Memórias.

Confesso que outras são mais consequência da minha visão, muito pessoal, deste volume, que representa um pouco a continuidade da família velha, perdida nos tempos, princípios do século dezanove, ou mais recentemente, segundo quartel do século passado, já muito perto de mim, e até com a minha própria presença como testemunha das gentes e das coisas, ainda que sem consciência clara da importância delas.

Não me alargarei mais com as evidências que a simples leitura mostrará.

Que estas **Memórias** possam vir a suscitar o interesse na procura de documentos de outros artistas..., tantos e tão variados foram eles nas artes e ofícios dessa época... e, assim, possamos dar a Coimbra o que lhe pertence de facto e impedir que, por incúria de alguns, todos o percam definitivamente.

Para o propósito atrás mencionado, refiro os cuidados tidos com o texto:

- Mantive os erros ortográficos (ou eventual ortografia da época) que o revisor e dactilógrafo manteve, ou introduziu.
- As minhas, mínimas aliás, interferências no texto, estão referenciadas entre parêntesis rectos e com nota de rodapé.
- As correcções feitas pelo Autor nas dactilografadas, assim como os acrescentos, vão em itálico e referidas em rodapé.
- As correcções, para além das ortográficas, feitas pelo dactilógrafo revisor estão indicadas em itálico e com nota de rodapé.
- O arranjo gráfico dos diálogos levou à introdução de pequenas alterações na pontuação, que não referencio. Não estão assinaladas, também, pequenas correcções do mesmo teor, em outras passagens.
- As notas do Autor e as do dactilógrafo revisor estão mencionadas em rodapé, com essa indicação.
- As notas da minha revisão, em rodapé, não terão referência de autoria.
- No Anexo corriji a ortografia nos que se encontram manuscritos; deixei como estão os dactilografados e transcrevi os publicados, que conheço, tal como o foram.
- Corriji ortograficamente o final do texto, em itálico, que não foi dactilografado, e portanto não foi revisto, utilizando o critério do dactilógrafo que o Autor aprovou: fiz chamadas de rodapé quando achei pertinente.

Para a execução deste trabalho foram apoios de absoluta e indispensável valia os que recebi dos amigos e amigos dos amigos que meus amigos ficaram.

Os meus maiores agradecimentos:

Ao Senhor Comandante António Oliveira Bento, sem a sua dinâmica, facilidade no encadear das amizades, e persistência, tão caracteristicamente sua, no abrir caminhos onde os não há, dificilmente alguma coisa eu levaria a cabo; pelo sempre disponível albergue, em que a sua casa de Antanho se transformou nas minhas, muitas, idas a Coimbra; pelo seu estimulante companheirismo e ainda pelo empenho na revisão conjunta deste trabalho.

Ao Senhor Dr. João Carlos Santos Pinho, o primeiro a ler estas **Memórias**, pelo entusiasmo demonstrado e ao que em mim induziu, no arranque do projecto deste livro.

Ao Senhor Dr. José Machado Lopes, pelo que de meu avô guardou, preservou e me deu a conhecer (de extrema importância para um maior rigor no sublinhar do texto, em notas de roda pé e para a documentação dos Anexos); pela sua disponibilidade, sempre espontânea, para assumir o processo da publicação; pela maravilhosa hospitalidade que, juntamente com a sua esposa, Dra. Noémia Mettelo Leitão, sempre me dispensou, aquando das visitas ao seu refúgio da **Casa Quinhentista**, na Pampilhosa do Botão; e, ainda, pelo enorme esforço dispendido em dias consecutivos de revisão deste trabalho.

Ao Senhor Professor Dr. José Maria Amado Mendes, cujo profundo saber tanto influenciou este volume, através dos seus, muitos, valiosos conselhos; pelo extrema simpatia e entusiasmo, com que acolheu a ideia de elaborar o prefácio; pelo enorme trabalho das revisões finais e ainda pelo seu voluntarioso empenho nesta publicação.

Em nome do meu avô, **Obrigado a todos!**

Pelos já idos, Lourença, Izaura, Maria Adelaide, Heitor, Apolo, Ana e António.

E pelos que aguardam.

Afonso L. C. Almeida

## PREFÁCIO

Lourenço Chaves de Almeida (1876-1952) foi um dos artistas mais brilhantes do ferro forjado, cujas obras não se circunscrevem a Coimbra, «cidade das Grades» – no dizer de Vergílio Correia<sup>1</sup> –, mas se encontram dispersas por várias localidades do País.

Além da sua arte, que muito valorizou e engrandeceu, Chaves de Almeida foi ainda um investigador, um observador atento da realidade coeva e um cultor da memória e dos testemunhos históricos. Foi devido a esta sua faceta que nos deixou um notável trabalho de recolha e repositório de informações que, modestamente, intitulou **Memórias de um Ferreiro**, que bem merecem não só a nossa atenção mas uma mais ampla divulgação.

Aquelas foram escritas já quase no final da sua existência, que coincidiu com o final da II Guerra Mundial e anos imediatos – período durante o qual foi notória a escassez de matéria-prima, com a consequente dificuldade na obtenção de ferro para os seus trabalhos –, o desaparecimento de alguns familiares e amigos (entre os quais sua mulher, em 1945, e Afonso Lopes Vieira, em 1946), a diminuição de forças para continuar a moldar o ferro e, também, a necessidade de uma vida mais tranquila.

Assim, em Março de 1949, dá por finalizado o seu trabalho, declarando: «[...] dou por terminadas as *Memórias de um Ferreiro*..., porque necessário agora é descansar». Em escrito datado de 28 de Abril de 1951 (ano anterior ao do seu falecimento), ainda acrescentaria algo àquelas, a propósito do «Relicário do Poeta Afonso Lopes Vieira», que viria a ser incorporado no Museu Nacional de Machado de Castro, por vontade expressa pelo poeta, anos antes (1921), prontamente cumprida pela viúva, D. Helena de Aboim Lopes Vieira, após a sua morte, em 1946.

Antes de prosseguir, permita-se-me que historie, ainda que brevemente, o percurso das *Memórias*, até aos nossos dias. Há algum tempo, fui solicitado pelo Dr. José Machado Lopes para prefaciá-lo este importante testemunho de Lourenço Chaves de Almeida.

Aliás, é bem conhecido o interesse e carinho que Machado Lopes dedica aos nossos artistas e à sua obra, como bem demonstram, por exemplo: a) a organização, em Coimbra, das «I Jornadas da Escola do Ferro de Coimbra» (11 e 12 de Dezembro de

---

<sup>1</sup> Vergílio Correia, «A cidade das grades», *Obras*, vol. I, Coimbra, Universidade, 1946, p. 362-367.

1999); b) a publicação das respectivas *Actas*, na revista *Pampilhosa. Uma terra e um Povo* (n.º 19, 2000<sup>2</sup>); c) os dados biográficos que coligiu, sob o título «Vida e obra de alguns Mestres Ferreiros»<sup>3</sup>, inclusive sobre Lourenço Chaves de Almeida<sup>4</sup>; d) e a salvaguarda e conservação, no âmbito do Grupo Etnográfico de Defesa do Património e Ambiente da Região da Pampilhosa – GEDEPA, de uma parte considerável do espólio de Lourenço Chaves de Almeida.

Posteriormente, de forma casual, vim a estabelecer contacto com o Senhor Afonso Lourenço Chaves de Almeida, neto de Lourenço Chaves de Almeida<sup>5</sup>. Ciente do valor da obra de seu avô e grande entusiasta da sua divulgação, não apenas me forneceu dados do maior interesse acerca do autor das *Memórias*, como me permitiu compreender qual o percurso das mesmas, até ao presente.

Com efeito, dispomos actualmente de três versões das *Memórias de um Ferreiro*. A primeira, manuscrita pelo próprio Lourenço Chaves de Almeida, permaneceu até há pouco no Brasil (na cidade de São Paulo)<sup>6</sup>, de onde foi trazida, recentemente<sup>7</sup>. A segunda, dactilografada (pelo seu amigo Ramalho, como indica nas *Memórias*, com excepção das últimas 10 páginas, que permaneceram manuscritas) e que foi corrigida pelo próprio autor, como se constata, comparando a letra das correcções com a do referido manuscrito. Finalmente, a terceira, digitada por Afonso Lourenço Chaves de Almeida, neto do autor, como se disse já.

Face ao exposto, dispomos de elementos, suficientes e fidedignos, para proceder a uma edição crítica e cuidada das *Memórias* que, em meu entender, bem o merecem.

As *Memórias* que se seguem contêm uma tal riqueza de informações de que só nos apercebemos verdadeiramente através da sua leitura integral. Por isso, nas considerações que se seguem, apenas serão destacados alguns aspectos que nos ajudem a melhor compreender o homem, o artista e o estudioso que foi Lourenço Chaves de Almeida.

1. Começemos por delinear, ainda que em traços largos, o seu **percurso biográfico**. Lourenço Chaves de Almeida, filho de António de Almeida e de Ana Bárbara da Agonia, nasceu na freguesia de Santa Maria de Almacave, em Lamego, em 27 de Abril de 1876. Viria a falecer no Tovim de Baixo, freguesia de Santo António dos Olivais (Coimbra), em 15 de Dezembro de 1952, com 76 anos de idade<sup>8</sup>.

Oriundo de meio familiar com larga tradição nas artes aplicadas ou decorativas, no qual não faltavam ferreiros, serralheiros, escultores, canteiros e construtores de

---

<sup>2</sup> Trata-se da revista editada pelo Grupo Etnográfico de Defesa do Património e Ambiente da Região da Pampilhosa (GEDEPA).

<sup>3</sup> *Pampilhosa. Uma Terra e um Povo*, n.º cit., p. 155-178.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 171-172.

<sup>5</sup> O referido contacto foi-me gentilmente proporcionado pelo Senhor Victor Ramos (Pintor), a quem agradeço.

<sup>6</sup> Em casa de uma nora de seu filho, Apolo Oliveira Chaves de Almeida.

<sup>7</sup> Por um bisneto, também chamado Lourenço.

<sup>8</sup> Regina Anacleto, «Ourives conimbricenses do ferro na primeira metade do século XX», *Pampilhosa. Uma Terra e um Povo*, n.º 19, 2000, p. 25-51 (Agradeço à autora o ter-me recordado este seu trabalho e fornecido cópia do mesmo).

relógios de torre, tal facto muito terá pesado na sua vocação e opção de vida. Com efeito, logo aos doze anos de idade (1888), entrou para a oficina de serralharia do pai (que se estabelecera na Régua, em 1881), tendo passado à categoria de oficial, quatro anos depois (isto é, em 1892).

Entretanto, fez uma pausa como artífice, para tentar enveredar pela a vida eclesiástica. Foi então que, vencendo a resistência do pai, entrou para o Colégio de Lamego, do Senhor Padre Alfredo. A propósito, declara o autor das *Memórias*: «Todo o meu desejo era entrar para a Ordem Beneditina, instando para tal com o Senhor Padre Gonçalves, então representante da Casa Mãe, do Couto. Um dia, tocado não sei porque ideias, dei um balanço à vida e reconheci ser muito tarde para seguir o que buscava e... regresssei a casa, na ânsia de me aperfeiçoar na arte de serralheiro».

Após ter voltado para a oficina do pai e nela ter trabalhado mais algum tempo – como sucedera com os seus quatro irmãos, todos eles igualmente serralheiros<sup>9</sup> –, talvez porque a sua relação com o pai não fosse muito amistosa, resolveu «libertar-se», enveredando pela vida militar. Na opinião de Belisário Pimenta (1879-1969), «a sua carreira militar teria influído no seu modo de ser»<sup>10</sup>.

Iniciou essa carreira em Vila Real (Regimento de Infantaria n.º 13), em finais de 1896, onde fez a recruta, até Março de 1897. Após ter gozado dois meses de licença, requereu a sua ida para Lisboa, com o intuito de frequentar o Arsenal do Exército, onde se especializou no ofício de *espingardeiro*, tendo efectuado o respectivo exame (com a nota de «suficientemente aprovado»), em meados de Agosto do mesmo ano.

De regresso a Vila Real, foi promovido a 2.º Sargento. Entusiasmado por colegas que tinha tido em Lisboa, no dito Arsenal, que lhe diziam maravilhas de Coimbra, tudo fez para ser transferido para esta cidade, o que efectivamente conseguiu. Aqui chegou em 27 de Outubro de 1897, ao Regimento de Infantaria n.º 23, adoptando a cidade como sua, pois nela viria a trabalhar e a residir, ao longo da maior parte da sua vida (55 anos, exceptuando curtas ausências).

Viria a casar em Coimbra (na Igreja de Santa Cruz), em 30 de Agosto de 1899, com D. Isaura da Soledade Guedes, natural do Porto, da freguesia de Santo Ildefonso. Na Escola Normal Primária daquela cidade obteve o diploma de professora, tendo exercido o magistério numa freguesia das proximidades da Régua. Esta faleceu em 9 de Setembro de 1945. Tiveram quatro filhos: Heitor, Maria Adelaide, Ana da Soledade e Apolo<sup>11</sup>.

Em Coimbra vivia-se, na época, um ambiente de dinamização cívica e cultural, o qual se reflectia na organização de exposições<sup>12</sup>, na meritória acção desenvolvida pela

---

<sup>9</sup> Além do próprio Lourenço, António, Luís, Inácio e José. Todos eles foram igualmente militares, exceptuando Inácio, que tinha uma deficiência numa perna, devido a um fractura.

<sup>10</sup> Belisário Pimenta, «Lourenço Chaves de Almeida» [Leiria, Fevereiro de 1938], *Ferros de Arte de Lourenço Chaves de Almeida. Catálogo com artigos de Veva de Lima, Francine Benoit, Afonso Lopes Vieira, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Belisário Pimenta, Costa Rodrigues, João Couto, João Gaspar Simões, Vergílio Correia. Sociedade Nacional de Belas Artes, 7-14 de Maio*, Lisboa, 1938, p. 17.

<sup>11</sup> Nascidos, respectivamente, em 1900, 1904, 1908 (?) e 1911 (informação fornecida pelo neto do autor das *Memórias*, Senhor Afonso Lourenço Chaves de Almeida).

<sup>12</sup> José Amado Mendes, «Exposições industriais em Coimbra na segunda metade do século XIX», *O Instituto*, vol. CXXXIX, 1979, p. 35-55.

Escola Livre das Artes do Desenho, no desenvolvimento das actividades artesanais e artísticas, com destaque para a do ferro forjado.

Uma parte considerável dessa dinâmica deveu-se ao impulso dado à vida da cidade por vultos sobejamente conhecidos como, entre outros: Joaquim Martins de Carvalho (director de *O Conimbricense*, falecido em 1898), António Augusto Gonçalves, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Quim Martins) e arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto.

Aquele era, sem dúvida, o ambiente ideal para que Lourenço Chaves de Almeida pudesse dar azo à sua imaginação, conciliando a vida militar com a actividade artística, sempre desejoso de se valorizar e aperfeiçoar. Assim, logo após a sua chegada a Coimbra, visitou oficinas e procurou informar-se das possibilidades de trabalhar em alguma delas, conciliando essa prestação com a do serviço militar.

Ao longo da sua actividade como artista do ferro forjado, foi trabalhando em oficinas exteriores, na oficina de Sant'Ana (do Regimento) e, mais tarde (desde 1929), na sua própria oficina do Tovim de Baixo, onde passaria igualmente a residir.

Além de alguns trabalhos que entretanto realizara e que foram muito apreciados, como veremos oportunamente, o prestígio do autor das *Memórias* ia-se consolidando, inclusive pela actividade exercida no âmbito da formação. Por tal motivo, entre 7 de Março de 1914 e finais de 1916, exerceu as funções de Mestre das Oficinas de Serralharia e Mecânica da Escola Industrial Brotero<sup>13</sup>.

Em 1917, já com 41 anos de idade, Chaves de Almeida foi mobilizado para integrar o Corpo Expedicionário Português (CEP) que seguiu para França, no contexto da I Guerra Mundial (1914-1918). Tratou-se de um marco importante na sua vida, a avaliar pela minúcia com que descreve essa experiência, ao longo de 16 páginas das *Memórias*, na rubrica intitulada «Diário de Guerra».

Integrado no 2.º Grupo de Companhias de Saúde (na chamada «Linha de Corpo»), não fornece muitas informações sobre a frente de combate. Em contrapartida, essa situação permitiu-lhe, mesmo em campanha, não se desligar da arte do ferro forjado. De facto, lutando contra a escassez de matéria-prima, foi aproveitando invólucros de munições e outros objectos, para moldar alguns pequenos trabalhos que, pela sua perfeição e beleza, eram muito apreciados pelos seus superiores, a quem por vezes os oferecia. Por esse facto, viria a ser-lhe atribuído um louvor. Nos trabalhos que se destinavam a ficar por lá colocava, orgulhosamente, a assinatura: «Almeida de Coimbra – Portugal».

Também se preocupou em prestar atenção ao que os seus colegas franceses faziam no mesmo ramo. Por certo, não se terá esquecido da recomendação que lhe fez o

---

<sup>13</sup> O desempenho das referidas funções constitui mais um motivo para confirmar e, simultaneamente, esclarecer a dúvida manifestada por Regina Anacleto, acerca da hipótese, pouco provável, de Manuel Pedro de Jesus ter exercido, ininterruptamente, o cargo de mestre das oficinas de serralharia da Escola Brotero. Com efeito, além da referência a António Maria da Conceição, como tendo também exercido aquelas funções (R. Anacleto, *op. cit.*, p. 3-34 e nota 28), verifica-se, pelo testemunho do próprio L. Chaves de Almeida, que também este foi mestre das mencionadas oficinas, ao longo de cerca de três anos (1914-1916). Ao justificar a sua aceitação do cargo informa: «[...] aceitei para livrar Mestre Gonçalves de embaraços, porque o António Maria da Conceição havia criado uma situação melindrosa com os alunos dessa Escola».



Mestre António Augusto Gonçalves, quando se foi despedir dele, antes de partir para França, em 1917:

«O Senhor precisa desse passeio pelo estrangeiro: veja tudo, sempre que para isso tenha ocasião! Olhe que vai ver magníficas obras de arte; ao menos que seja proveitoso para si esse forçado passeio».

Acrescente-se, porém, que não obstante as belas obras que apreciou, em alguns casos também ficou decepcionado, pelo uso de ferro fundido na execução de trabalhos que, aparentemente, pareciam de ferro forjado.

Regressado a Portugal em Agosto de 1918, inicia-se então uma nova etapa da sua vida, como ele próprio a classifica, e a mais produtiva. Efectivamente, nas décadas de 1920 e 1930, de plena maturidade e já com uma longa experiência, é quando saem da sua mão os trabalhos mais relevantes e que lhe granjearam maior admiração, como veremos na alínea seguinte. Mas a sua actividade ampliava-se, também, a outras tarefas.

Por exemplo, em 1928, ao enumerar as múltiplas funções que desempenhava, Chaves de Almeida referencia as seguintes:

- Professor de Desenho da Penitenciária;
- Tesoureiro do Conselho de Arte e Arqueologia;
- Auxiliar do Director do Museu de Machado de Castro<sup>14</sup> (que era, então, António Augusto Gonçalves);
- [acrescentando, ainda, que] tinha na oficina um 2.º Sargento artífice.

Em 1929 ficou liberto das suas funções militares, pois passou à situação de reforma, como 1.º Sargento<sup>15</sup>.

Por sua vez, na década de 1940, foi obrigado a dar um novo rumo à sua vida de Ferreiro de Arte. Esclarece, acerca do assunto: «A brutalidade da Guerra (II Guerra Mundial) parecia não ter fim e a matéria-prima faltava por completo. Assim, tinha que fugir a compromissos de trabalho; estava só, pois em tais condições não podia ter operários. Este estado de coisas desanimou-me e trabalhava somente em pequenas coisas, para não anquilosar na arte. [...] À mistura com tudo isto iam seguindo os meus estudos sobre *arte e artistas...*». Este assunto será focado mais adiante.

Entretanto, Chaves de Almeida ia assistindo – ao mesmo tempo que era profundamente afectado com a situação – ao desaparecimento do seu Mestre Gonçalves (em 1932, mas em cuja homenagem ainda participou, em 1948), de sua mulher (1945) e do seu amigo, Afonso Lopes Vieira (1946)<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Mais tarde (1942), Vergílio Correia refere-se-lhe como «Conservador-ajudante», acrescentando: «cargo com diploma de encarte mas sem qualquer remuneração, que substituiu as funções de tesoureiro do extinto Conselho de Arte e Arqueologia, que a confiança e amizade de Mestre Gonçalves lhe entregara» (Vergílio Correia, «Os Túmulos de Alcobaça», *Diário de Coimbra*, ano XII, n.º 4132, de 17 de Setembro de 1942, p. 1).

<sup>15</sup> Vergílio Correia, «Um artista de Coimbra», *Ferros de arte de Lourenço Chaves de Almeida*, p. 9.

<sup>16</sup> O poeta Afonso Lopes Vieira foi, para Chaves de Almeida, não só um grande amigo como um confidente e um conselheiro. O artista consultou-o sobre muitos dos seus trabalhos e trocaram, frequentemente, correspondência. O autor das *Memórias* refere-se-lhe, muitas vezes, com enorme admiração, revelando ter existido entre ambos um sólida e duradoura amizade. Por sua vez, Afonso Lopes Vieira tinha em grande

Referindo-se à morte deste, cuja notícia recebera em 26 de Janeiro de 1946, desabafa: «A vida é assim, quando chegamos à idade dos 70 principia a faltar-nos o apoio de que mais se necessita... e a coragem para criar novos amigos! As cartas dos meus raros amigos, que por esta perda me animavam, encorajando-me – como que a lembrar-me que eles continuavam presentes a meu lado – eram, essas cartas, ainda um raio de luz a alimentar o meu espírito abatido... Bem hajam!!!».

Cinco anos mais tarde (28 de Abril de 1951), ao escrever sobre o Relicário do Poeta Afonso Lopes Vieira, ao qual já aludi, volta a sublinhar: «E agora, que a vida está no fim [...]». Este, para Lourenço Chaves de Almeida, chegaria no ano imediato, mais precisamente no dia 15 de Dezembro de 1952.

2. O **artista**. Ao longo de mais de meio século de trabalho intenso e dedicado, foram muitas as obras em ferro forjado executadas por Lourenço Chaves de Almeida. É provável que o seu número ultrapasse a centena e meia<sup>17</sup>, embora presentemente ainda não seja possível elaborar uma lista completa das mesmas, com a sua identificação, caracterização e localização.

Também entre os destinatários daquelas – aos quais algumas foram oferecidas ou que eles próprios encomendaram – se contam figuras bem conhecidas da sociedade e da política portuguesas da primeira metade do século XX. Para dar apenas alguns exemplos, recorro: José Relvas, D. Genoveva de Lima Ulrich (com o nome artístico de Veva de Lima), Dr. Afonso Costa, Doutor António de Oliveira Salazar e o Presidente da República, Marechal António Óscar Carmona, arquitecto Adães Bermudes, D. José Pessanha e seu filho, D. Sebastião Pessanha, Mário Belmonte Pessoa, Doutores Bissaya Barreto e Ângelo da Fonseca.

Além da numerosa produção artística do autor das *Memórias*, permito-me salientar outros traços característicos da sua actividade, nomeadamente: aperfeiçoamento e valorização constantes, prontidão e coragem com que foi respondendo aos desafios que lhe eram apresentados e repercussões de algumas das suas obras, junto da opinião pública e da comunidade, em geral.

Desde a sua chegada a Coimbra que Chaves de Almeida se aproximou de António Augusto Gonçalves e, um pouco mais tarde, de Joaquim Teixeira de Carvalho (Quim Martins), tendo sublinhado, frequentemente, o muito que lhes devia, quanto à sua formação artística. São suas as seguintes palavras: «Eu já disse mais de uma vez que devo muito a Mestre Gonçalves, mas não devo menos ao Dr. Quim Martins: ambos se esforçaram por firmar a minha personalidade artística, que nessa altura sentia apenas esboçada».

---

apreço os trabalhos artísticos e de investigação de Chaves de Almeida, tendo-lhe dedicado, inclusive, alguns artigos publicados (Ver Cristina Nobre, *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 412-413, 590, 618 e 643). A correspondência existente, entre Chaves de Almeida e Afonso Lopes Vieira (segundo informação da Doutora Cristina Nobre, que agradeço, parte da correspondência de Chaves de Almeida para o poeta encontra-se referenciada), caso venha a ser estudada e divulgada, permitirá esclarecer melhor o assunto.

<sup>17</sup> Esta opinião é partilhada pelo Senhor Afonso Lourenço Chaves de Almeida, que tem vindo a reunir um número considerável de elementos sobre obras de seu avô, existentes em vários pontos do País.

Acerca de Mestre Gonçalves e ao contrário daquilo que, regra geral, é afirmado, sublinha o autor das *Memórias*: «Como se vê, Mestre Gonçalves conhecia de sobejo as deficiências da arte de bem trabalhar o ferro e não as foi colher, como pretendem, à Exposição Universal de Paris [de 1900], pois que, quatro anos antes, isto é, em 1896, desenhava ele as grades, para Manuel Pedro de Jesus fazer, para o industrial Quintão Lima, à Estrada da Beira, para a sua casa de habitação, em estilo Arte Nova, e as do seu jazigo de família, em estilo gótico florido. Estes trabalhos e os do prédio que forma gaveto com as ruas Castro Matoso e Alexandre Herculano, em estilo do Renascimento, revolucionaram o meio artístico, pela novidade e raridade»<sup>18</sup>.

A renovação do meio artístico coimbrão muito ficou a dever à Escola Livre das Artes do Desenho que, fundada em 1876, encerrou pouco depois, para reabrir já nos inícios do século XX (1904), com vinte novos sócios. Mestre Augusto Gonçalves foi o seu grande impulsionador, mas, entretanto, viria a ter em Chaves de Almeida – desde 1904, quando este se tornou sócio daquela – um dedicado e empenhado colaborador. Este exerceu um papel importante na sua reorganização (já que a mesma havia encerrado, de novo, em 1912), em 1920-1921, altura em que era seu presidente o Dr. João Couto.

A propósito deste – que foi, sem dúvida, a figura mais marcante da Museologia Portuguesa do século XX –, Chaves de Almeida teve uma extraordinária intuição, como que antevendo o futuro brilhante de João Couto, no âmbito museológico, ao afirmar: «Agora só quero pôr em evidência que todas estas campanhas desgostaram o Senhor Dr. João Couto, que acabou por se retirar para Lisboa, *com prejuízo dos interesses desta terra e do próprio Museu Machado de Castro*»<sup>19</sup>.

Neste mesmo ano lectivo, o próprio Lourenço Chaves de Almeida matriculou-se num curso de aperfeiçoamento da referida Escola Livre, tendo António Augusto Gonçalves posto à sua disposição todas as ilustrações sobre Pompeia. Acerca do seu desejo permanente de aperfeiçoamento, lembrava João Couto<sup>20</sup>, em 1938: «Mestre Lourenço ouviu de Gonçalves, entre muitas outras coisas, a grande lição que *nunca deixamos de aprender*. Por isso a sua produção é ascendente, melhorando, de ano para ano, na concepção, no arranjo e na técnica»<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> Excerto do texto de Homenagem a António Augusto Gonçalves, lido a 19/12/1948, aquando das comemorações do Centenário do nascimento do Mestre, na Associação dos Artistas. A Universidade de Coimbra também se associou à dita homenagem, como se constata pela seguinte passagem de uma das actas do respectivo Senado: «Aludiu também o Excelentíssimo Reitor a que no próximo ano [1948] se contará o centenário do nascimento do professor António Augusto Gonçalves; e porque entende que tal data merece não passar em silêncio, desde já oferece a plena adesão da Universidade à projectada homenagem de consagração do ilustre mestre» («Acta da reunião do Senado de 19 de Junho de 1947», Arquivo da Universidade de Coimbra, *Senado. Actas*, liv. 6, fl. 75v.).

<sup>19</sup> Itálico meu. Foi director do Museu Nacional de Arte Antiga, de 1938 a 1962.

<sup>20</sup> João Couto foi uma figura ímpar da museologia portuguesa do século XX e que, além de director do Museu Nacional de Arte Antiga (1938-1962), é autor de uma vasta obra sobre a temática, tendo exercido também uma acção extraordinariamente inovadora e dinâmica, ao nível da formação em museologia e da educação pelos museus, como revela M.<sup>a</sup> Madalena G. F. Cardoso da Costa, «João Couto de Coimbra a Lisboa – Apontamento biográfico e bibliográfico (1914/15 – 1971)», *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXIX, 2006, p. 61-93.

<sup>21</sup> João Couto, «Lourenço Chaves de Almeida», *Ferros de Arte de Lourenço Chaves de Almeida*, p. 23.

Mas a sua valorização profissional e artística também se ia fazendo, quer através de contactos com outros artistas (escultor João Machado, Veva de Lima e o poeta Afonso Lopes Vieira, entre outros), quer por meio de visitas de estudo a monumentos, no país (S. Marcos, Tentúgal, Leiria, Batalha, Alcobaça e, mais tarde, Porto, Braga, Évora, etc.) e em várias localidades de Espanha (por exemplo, Burgos, Madrid e Salamanca).

Entre as obras mais conhecidas e famosas de Chaves de Almeida contam-se: os ferros (trasfogueiro, tenaz e pá), para o fogão da Casa dos Patudos – localizada entre Almeirim e Alpiarça –, de José Relvas, da autoria do escultor João Machado; o *Lectus* monumental, de estilo pompeiano, para D. Veva de Lima; o Relicário, para Afonso Lopes Vieira, destinado a guardar a madeixa de Inês de Castro; o Lampadário ou «Chama da Pátria», para o túmulo do Soldado Desconhecido, na Casa do Capítulo do Mosteiro da Batalha; o candelabro, para a Câmara Municipal de Coimbra, considerado pelo autor o seu trabalho mais arrojado, depois do mencionado Lampadário.

O primeiro trabalho (para José Relvas), exposto em Lisboa, em 1905, foi muito apreciado e a imprensa deu-lhe o devido relevo, revelando o artista Chaves de Almeida junto do grande público. Várias outras exposições foram realizadas, com a exibição das suas obras principais, em Coimbra, Lisboa e noutros pontos do País.

Todavia, a obra que mais impacte teve na opinião pública e que tornou o autor das *Memórias* verdadeiramente conhecido, a nível nacional, foi o Lampadário da Batalha, entretanto baptizado como *Chama da Pátria*.

A ideia partiu do Clube Naval de Lisboa, mas a sua concretização teve lugar em Coimbra, por iniciativa da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército. Tratou-se de um grande desafio para Lourenço Chaves de Almeida e para o Mestre António Augusto Gonçalves, que se encarregaria do respectivo desenho. A obra seria do estilo gótico gracioso, com adaptações.

O artista dedicou-se ao trabalho, empenhada e profundamente, tendo tido necessidade de, durante a sua execução, solucionar problemas diversos; nomeadamente: a) de origem técnica, devido ao arrojado e ao carácter inovador do projecto; b) falta de sintonia entre o desenho inicial do Mestre Gonçalves e a perspectiva e o gosto estético de Chaves de Almeida; c) a questão do pagamento, que seria muito inferior ao devido, pelo trabalho efectivamente realizado, mas, mesmo assim, julgado exagerado por alguns.

Lourenço Chaves de Almeida contabilizou, minuciosamente, o tempo de realização daquele, fornecendo os seguintes dados: iniciou-o em 20 de Abril de 1921 e concluiu-o em 29 de Junho de 1922, após um ano e dois meses de trabalho e um total de 4 800 horas (a uma média de 12 a 14 horas por dia).

Após a sua conclusão, iniciou-se um longo périplo de exposições, para apresentação da «Chama da Pátria», que passou por Coimbra, na altura das Festas da Rainha Santa – em inícios de Julho de 1922 –, Figueira da Foz, Aveiro, Porto, Viana do Castelo, Braga e Lisboa.

A exposição na capital, em inícios de Novembro de 1922, coincidiu com o regresso apoteótico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que tinham efectuado, pouco antes, a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, precisamente no ano em que se comemorava o primeiro centenário da independência do Brasil.

Logo em 1922 (21 de Outubro), foi publicada uma Ordem do Exército com louvores ao pessoal da referida 5.<sup>a</sup> Divisão e a atribuição do Colar de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago Espada a Lourenço Chaves de Almeida.

A inauguração solene do Lampadário e o acender da Chama da Pátria só viriam a ocorrer a 9 de Abril de 1924 (no dia em que se completavam seis anos sobre o desastre da frente portuguesa, na Batalha de La Lys, em França, que ocorrera em 9 de Abril de 1918).

3. Lourenço Chaves de Almeida, o **investigador**. Pelos motivos já anteriormente apontados, os condicionalismos adversos ao exercício da sua actividade artística, nos anos da II Guerra Mundial (1939-1945), libertaram Chaves de Almeida para se dedicar mais ao estudo e à investigação. Assim, não surpreende que, exactamente nos anos de 1941 a 1945, tivesse concluído três dos seus trabalhos, sobre os túmulos de Alcobça, o escultor João de Ruão e Heitorzinho do Loureiro, respectivamente.

O de maior fôlego e mais original é, sem dúvida, o primeiro. De facto, em *Os Túmulos de Alcobça e os Artistas de Coimbra*, publicado em 1944<sup>22</sup>, Lourenço Chaves de Almeida, ao arpejo da maior parte dos investigadores, inclusive os mais consagrados, defendeu a tese segundo a qual os famosos túmulos de Pedro e Inês, do Mosteiro de Alcobça, eram obra da escola de escultura de Coimbra e não de artistas franceses, como geralmente se admitia.

Em nota introdutória ao dito estudo, o seu amigo e conterrâneo, Dr. Vergílio Correia, chama a atenção para o aspecto inovador da tese, sublinhando:

«Dos autores que, nos últimos decénios, se ocuparam dos túmulos de Pedro e Inês, como Vieira Natividade, Mestre Gonçalves, o Doutor António de Vasconcelos, os críticos de Arte José de Figueiredo e Reinaldo dos Santos, o arquitecto Korrodi, o poeta Lopes Vieira, etc. –, sem contar os estrangeiros Watson, Berteaux e Dieulafoy –, nenhum aventara ou estabelecera essa filiação coimbrã, tanto mais que a ideia da autoria nacional só em data recente se tem ido abrindo caminho».

Vergílio Correia, cauteloso, não desejou, de imediato, tomar partido a favor da referida tese. Porém, chama a atenção para questões pertinentes, de ordem metodológica:

«Nos túmulos de Alcobça há a considerar as expressões plástica, histórica e icónica, e os problemas ligados com cada uma dessas facetas são de tal magnitude e importância, dada a excepionalidade das obras, que não se podem desperdiçar quaisquer contribuições destinadas a auxiliar a sua resolução».

E acrescenta: «O estudo do artista do ferro, escultor também, como o lavrante ou lavrantes dos sarcófagos, não procura, evidentemente, versar esses altos problemas. Representa uma soma de observações pessoais encadeadas no sentido de reivindicar para os artistas de Coimbra, para a escola coimbrã de escultura do século XIV, a glória de ter realizado as mais ricas e estranhas peças de imaginária tumular medieval que perduram»<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Pela Junta de Província da Estremadura, Santarém, Publicações Culturais, 1944, 61 páginas. Vergílio Correia, em nota introdutória ao mesmo, informa que o original, passado a limpo, anotado e datado de Agosto de 1941, havia sido escrito nas Caldas de Moledo, nas imediações da Régua e de Lamego, onde Chaves de Almeida se deslocava anualmente, para repouso e tratamento. Todavia, no final do trabalho, o próprio Chaves de Almeida datou-o de: «Coimbra, Tovim, 1941-1943».

<sup>23</sup> *Os Túmulos de Alcobça*, p. 7-10.

Note-se que Chaves de Almeida, antes de divulgar a sua tese, esforçou-se por lhe dar consistência, não só conversando e pedindo a opinião de alguns dos maiores especialistas na matéria, como visitando e analisando obras de escultura que pudessem apresentar alguma verosimilhança com a dos túmulos de Pedro e Inês. Para o efeito, deslocou-se, por exemplo, a Alcobaça – mais do que uma vez –, a Braga, ao Porto, a Lisboa, Odivelas e Évora, além da investigação que efectuou, obviamente, em Coimbra.

Sem descuidar a documentação e a própria bibliografia sobre o assunto, o essencial da sua argumentação passava pelo estudo e a análise directa de trabalhos escultóricos da mesma época (século XIV), nomeadamente aqueles que já haviam sido identificados como pertencentes à escola coimbrã.

Não deixa de ser surpreendente que um amador, no que concerne à investigação em história da arte, numa altura em que a chamada escola metódica ainda predominava – colocando a tónica no documento escrito e inédito –, já defendesse então uma perspectiva ainda hoje de grande actualidade, ao afirmar, nas suas *Memórias*: «Em casos desta natureza os documentos rareiam: temos que obrigar a falar os monumentos; escutados com interesse e carinho, eles dizem-nos muitos segredos»<sup>24</sup>.

Nas presentes circunstâncias, não me é possível acompanhar, de perto, a minuciosa análise que o autor faz dos túmulos de Alcobaça, comparando-os com obras do género, dispersas pelo país. Por isso, transcrevo apenas a sua conclusão:

«Ao acabar este modesto estudo, confesso que me envolve a satisfação de ter buscado demonstrar, com razões que suponho lógicas e fortes, que os Túmulos de Alcobaça são portugueses, não só na singularíssima sensibilidade que os inspirou, mas até nas mãos que os executaram»<sup>25</sup>.

Quanto ao estudo sobre *João de Ruão – Imaginador*, trata-se de um trabalho mais modesto<sup>26</sup>, no qual o autor faz também alusão a outros artistas que exerceram a sua actividade em Coimbra, no período renascentista (século XVI), ao mesmo tempo que fornece alguns dados autobiográficos, vários deles também incluídos nas *Memórias*.

Sobre João de Ruão, a mensagem mais significativa que Chaves de Almeida pretende fazer passar é de ordem cronológica. Assim, utilizando vários tipos de testemunhos e de argumentos, defende que João de Ruão terá vindo para Coimbra em 1518, isto é, vários anos antes do que, em geral, era defendido por diversos autores. A propósito, sublinha: «Eu provarei, com dados cronológicos, a chegada a Coimbra, do artista de que me venho ocupando, em 1518, como atrás afirmo e adiante confirmarei»<sup>27</sup>.

Por último, Chaves de Almeida, em 1945, concretizou um desejo de longa data, que foi a elaboração de *A Biografia do Santo Heitorzinho do Loureiro, contada por quem de perto a seguiu*<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> Negrito da minha responsabilidade.

<sup>25</sup> *Os Túmulos de Alcobaça*, p. 59.

<sup>26</sup> Utilizo uma versão dactilografada, com 32 páginas e datada de 1 de Novembro de 1944. O trabalho foi publicado na Revista *Ocidente*, em Julho de 1945 (Informação do Sr. Afonso Lourenço Chaves de Almeida).

<sup>27</sup> *Idem*, p. 15.

<sup>28</sup> Trabalho de 16 páginas e datado de: «Tovim, Natal de 1945» (Publicado na revista *Douro Litoral* da Junta de Província do Douro-Litoral – *Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História*, Segunda

Desde a sua juventude que Lourenço Chaves de Almeida passou a admirar a humildade e os conselhos de Heitor Vaz Pinto da Athayde Pimentel da Mesquita e Vasconcelos (1818-1898) que então visitava frequentemente e a quem pedia ajuda.

Aquele que ficaria conhecido por Santo Heitorzinho do Loureiro, natural da Freguesia de S. Pedro do Loureiro (Régua), frequentou, durante alguns anos, o Curso de Direito da Universidade de Coimbra. Embora tendo nascido no seio de família abastada, o seu desprendimento pelos bens terrenos era tal que se refugiou numa capela das proximidades da sua residência, vivendo vários anos como autêntico eremita, despertando a atenção e curiosidade de muitos que o visitavam e lhe atribuíam fama de santidade.

Desde então que nasceu, em Chaves de Almeida, o desejo de fazer a biografia do seu «Heitorzinho», o que concretizou já quase no fim da vida, com cerca de 70 anos de idade.

Além da sua convivência com o biografado e de muitas «estórias» com ele relacionadas, a que alude, efectuou investigação no Arquivo da Universidade de Coimbra, para conhecer o percurso académico daquele.

É tempo de concluir o presente prefácio. Antes, porém, gostaria de me referir a dois episódios da vida do autor das *Memórias*, contados pelo próprio e que revelam algo do seu carácter, coragem e frontalidade.

O primeiro diz respeito à sua reacção, perante a crítica que o Padre Miguel de Oliveira – secretário do jornal *Novidades* – fez (em artigo daquele jornal), a uma das suas obras presentes na exposição efectuada, em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1938.

Tratava-se da escultura do *Cristo Nu*, sobre a qual o crítico escreveu: Lourenço Chaves de Almeida «[...] preocupa-se apenas com o rosto, descurando o conjunto que é verdadeiramente desastrado, desequilibrado, demasiadamente esquelético. Chega a ser inconveniente».

Sob a rubrica «Como se verá que a Arte e a Teologia não se entendem», nas *Memórias*, Chaves de Almeida conta-nos que foi procurar o autor da crítica, falando-lhe desassombadamente, com argumentos de ordem histórica que bem merecem ser lidos, pelo que revelam de conhecimento, mas também de coragem e determinação, perante alguém com influência e que se encontrava bem posicionado no contexto do Estado Novo.

O outro episódio, também relatado nas *Memórias*, diz respeito à encomenda de uma estatueta que Bissaya Barreto fez a Chaves de Almeida, para oferecer a Salazar, aquando do seu aniversário (52.º), em 28 de Abril de 1941.

O trabalho agradou, mas o pagamento viria a afectar as relações entre ambos. Assim, Chaves de Almeida esclarece:

---

série, V, Porto, 1946, de acordo com a informação de Afonso Lourenço Chaves de Almeida). Segundo este mesmo testemunho, foi ainda publicado um outro trabalho, de índole arqueológica, de Lourenço Chaves de Almeida, intitulado *S. João de Almedina terá sido a Velha Sé de Aeminium?* na revista *Ocidente*, de Novembro de 1946.

«Dias depois [de concluída e entregue a obra], veio aqui à oficina um seu empregado com uma carta fechada; ao abri-la, deparei com metade da importância da minha conta e uma nota dizendo-me que achava caro...». E acrescenta Chaves de Almeida: «Aproveito estas palavras da Exm.<sup>a</sup> Senhora Veva de Lima, pela oportunidade como lição. *A probidade não aceita atenuantes e o carácter repudia disfarces*»<sup>29</sup>. E prossegue o autor das *Memórias*:

«Senti uma revolta em mim: meti tudo dentro de um outro envelope, expondo, numa carta, a ofensa feita ao meu brio profissional e ao meu carácter, devolvendo-lhe o dinheiro. No outro dia mandou-me a importância por inteiro... mas desde esse momento não me tornei a aproximar de Sua Excelência. No entanto, quando passo por ele, cumprimento-o respeitosamente».

Entretanto, Bissaya Barreto, em carta sucinta dirigida a Chaves de Almeida, alegava que a importância, inicialmente remetida, «era por conta» da dívida e não para a saldar na totalidade<sup>30</sup>.

Em suma: pela vida, obra e personalidade de Lourenço Chaves de Almeida, um dos mais lídimos representantes dos «ourives do ferro», e ainda pela raridade com que os artistas se disponibilizam a escrever sobre si próprios, as *Memórias de um Ferreiro*, que se seguem, bem merecem ser divulgadas e lidas atentamente. A sua relevância advém não só daquilo que esclarecem sobre o homem e a sua arte, mas também acerca da história do País, ao longo de mais de três quartos de século (1876-1952), que foi o tempo que durou a sua existência, vivida de forma intensa e com grande dignidade.

Coimbra, 23 de Dezembro de 2006

*José Amado Mendes*

---

<sup>29</sup> Itálico meu.

<sup>30</sup> Carta que se encontra na posse do Senhor Afonso Chaves de Almeida. Na referida carta, em papel timbrado mas sem data, pode ler-se: «Almeida, eu disse-lhe, como poderá ver, que mandava **por conta** os dois mil escudos. Não disse que lhe mandava **só** os dois mil escudos. Envio a importância da sua conta no valor de 3 mil escudos» (sublinhados do autor da missiva).



# Memórias de um Ferreiro



(Página deixada propositadamente em branco)

**ONDE PRINCIPIA UMA GERARQUIA DE FERREIROS  
DA FAMÍLIA DOS ALMEIDAS DA CORREDOURA – LAMEGO**

Em 1834, quando a cidade de Lamego respirava festivamente a queda do regímen Miguelista, entrava, vindo da estrada de Vizeu, meu avô paterno, Joaquim de Almeida, natural de Santa Eulália do Ladário, Diocese de Coimbra – Serra da Estrela.

Dirigiu-se a uma oficina de ferreiro pedindo trabalho, o mestre, medindo-o de alto baixo, diz que não precisa de oficial mas que o seu colega à Corredoura lhe daria trabalho.

Efectivamente, o ferreiro indicado aceita-o, ficando desde então aí trabalhando com agrado do mestre, porque vê no serrano qualidades de trabalho e habilidade que dia a dia confirma; um dos casos é o seguinte.

Como a chegada a uma oficina de novo oficial implica um aumento de ferramenta e como na casa houvesse apenas um torno de bancada, o mestre preparava um, já muito gasto, para mandar arranjar.

Meu avô pergunta ao mestre o que pretendia fazer com o torno, visto que estava a ser empacotado, ao que ele responde que era para mandar para Vizeu a beneficiar. Com a cautela de não melindrar, pergunta porque não faziam aquele serviço na oficina, a admiração foi grande quando lhe declara que era trabalho que ali se não fazia.

Meu avô foi ao quarto de dormir buscar uma bolsa com dinheiro e dando-o ao mestre, diz-lhe:

— Aí tem o senhor mestre 36 moedas em oiro para, no caso de se inutilizar o torno, comprar com aquele dinheiro um novo no Porto.

O mestre, vacilando ainda, pergunta-lhe:

— Mas então o senhor quer arranjá-lo?

— Ainda que não fosse por mais nada, tenho o meu brio de oficial de serralheiro, conquistado em Coimbra e [*não gostaria que*] ali constasse que [*estando*] eu em sua casa consentira em deixar que o mestre mandasse compor aquela peça de ferramenta a Vizeu<sup>1</sup>.

Com a firmeza do argumento o mestre cedeu.

Foi um acontecimento que deu que falar na cidade entre a classe operária e o senhor Joaquim de Almeida a ser olhado com respeito.

---

<sup>1</sup> «...e, se ali contasse que eu estava...», no manuscrito.

Passaram-se anos e meu avô pensa em se estabelecer com oficina sua, mas deseja casar-se e, em 1840, vai pedir a mão da filha do mestre pedreiro António Cardoso, de Ferreiros de Avões, freguesia de Cambres, homem de génio ríspido e<sup>2</sup>, chamando a filha, Maria de Sant'Ana, à sua presença, diz-lhe:

— O senhor Joaquim de Almeida vem pedir o meu consentimento para se casar contigo. É de tua vontade casar com este Miguelista?

A rapariga, conhecendo e temendo a ira do pai, responde a medo:

— Se for da vontade do pai....

Ele diz:

— Está bem, podes retirar-te.

E crescendo em atitude agressiva para o valente serrano, ao mesmo tempo que com a mão atrás das costas procurava um machado, que havia sempre perto e pronto para correr com ele ao toque de rebate dos sinos<sup>3</sup> para a extinção de incêndios, diz:

— O senhor pode tratar do casamento, mas só voltará aqui quando vier buscar a noiva para a igreja porque, se me começar rondando a porta, faço-o às postas com este machado!...

*Eram assim mesmo os pais de então*<sup>4</sup>. Desta lição deviam aproveitar os modernos, na defesa da honra das filhas...

Deste casamento *houveram* [sic] dezoito filhos, apenas quatro deles aprenderam a arte de serralheiro: Joaquim, Francisco, António e Manuel; o mais novo, João, seguiu a carreira das armas.

Meu avô era, como todos os homens de 1820, austero e de génio assomadiço; teve com os fidalgos de Lamego uma questão, por uma futilidade, mas estes fizeram-lhe tal parede que deixou de ter trabalho para sustentar a numerosa prole, vendo-se na necessidade de emigrar para Além-Douro, para o lugar do Granjão, à beira da estrada real do Porto à Régua.

Aí deixou marcada a sua presença na casa do Fidalgo seu amigo (Fidalgo do Granjão), entre a Rede e o Moledo, cujos gradeamentos estão datados de 1854; finda a obra voltou a Lamego onde a ira Fidalga se havia aplacado.

No seu regresso à cidade, fez vários relógios de torre e os portões para a capela do Sacramento da Igreja de Santa Maria de Almacave<sup>5</sup> e os do cemitério municipal de Santa Cruz onde, em 1877, foi enterrado<sup>6</sup>.

Sobre meu bisavô, Manuel Cardoso, formaram [-se] na família várias lendas, muito curiosas. Era mestre pedreiro (hoje canteiros) a obra de mais arrojado traçado foi a fonte de Lamego, datada de 1834 (?), que então estava colocada fronteira à Câmara Municipal. Subia-se para ela por três idas de degraus com duas bicas em bronze, que abasteciam a cidade, encimada pela estátua granítica do guerreiro **Lamego**, segurando

---

<sup>2</sup> «... que e...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>3</sup> Uma determinação Camarária impunha aos artistas de qualquer ofício obrigação de comparecem aos incêndios com machados. Nota do Autor.

<sup>4</sup> Acrescento do Autor.

<sup>5</sup> Ilustração 1.

<sup>6</sup> Ilustração 2.

em uma das mãos o escudo com as armas da cidade e na outra uma lança, vestindo armadura<sup>7</sup>.

Este homem foi muito perseguido durante o governo Miguelista, por ser liberal. Tendo um dia ido uma força do 14<sup>8</sup> para o prender, fez-lhe frente com uma espada e fugia perseguido; nessa fuga fez a promessa de erigir uma imagem, feita por sua mão, de Nossa Senhora dos perseguidos, se escapasse de ser preso.

Escapou mesmo e cumpriu a promessa, ainda hoje lá está, um pouco adiante do Colégio de Lamego; no cruzamento de caminhos para o relógio do sol, ergue-se uma coluna encimada por uma cruz, na base da qual está esculpido S. José e Nossa Senhora, fugindo para o Egito. Obra sua, marcando o milagre *de ter escapado á perseguição*<sup>9</sup>.

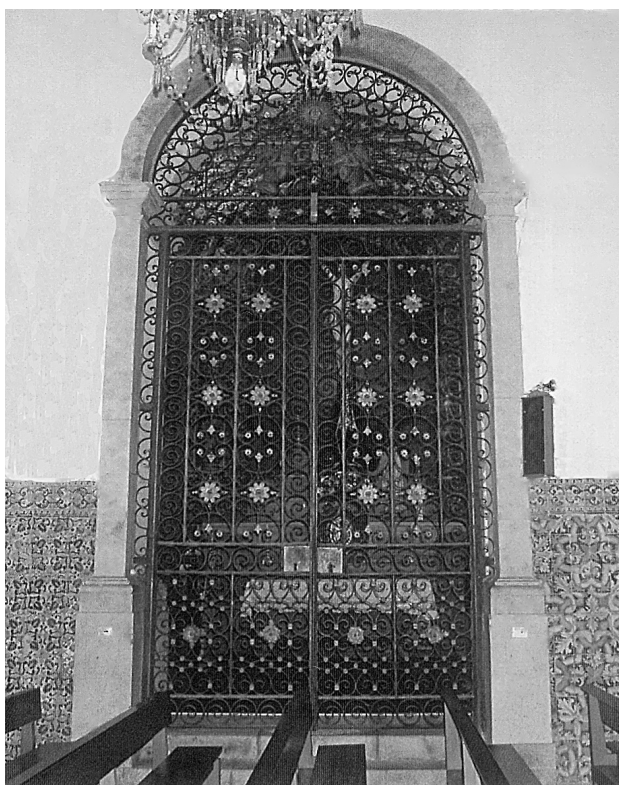


Ilustração 1 – Portões da Capela do S. Sacramento de S. Maria de Almacave, em Lamego

---

<sup>7</sup> Ex- Libris de Lamego. Ilustração 3.

<sup>8</sup> Infantaria 14 de Viseu?

<sup>9</sup> Acrescento do Autor.



Ilustração 2 – Portão do Cemitério de Santa Cruz



Ilustração 3 – Fonte do Lamego

Ainda entre a minha família contam-se lendas curiosas como esta. Andava este meu bisavô fazendo um trabalho em Cambres, quando lhe morreu um colega do mesmo ofício de nome Móz (apelido da terra de onde veio, Porto de Móz). Entre os dois havia uma rivalidade e ódio de morte, no caso de se terem encontrado.

Um dia, chegando a casa, preveniu a família de lhe preparar uma merenda, que teriam de ir todos cumprir uma promessa à Senhora da Lapa de longe, próximo a Aguiar da Beira.

Era homem de poucas falas, obedecido sempre com certo receio pelos seus.

No dia marcado para a partida minha bisavó, Ana de Sant'Ana, acordou sobressaltada chamando o homem, dizendo que lhe pareceu ouvir bater na parede do quarto e chamar – «Cardoso são horas» – e que se lhe afigurou ouvir a voz do Móz, ao que o homem apenas respondeu:

— Está bem, vamos embora.

Antes de sair da casa recomendou que ia cumprir uma promessa, sem fala, descalço e assistir a uma missa na capela da Senhora da Lapa.

Contava-se como sendo certo que um dia, vindo para o trabalho, na altura do relógio do sol, lhe dera vontade de verter águas e no canto em que estava fazendo isso, lhe surgiu o fantasma do Móz que pediu lhe perdoasse o ódio que em vida tinham um ao outro, e *que*<sup>10</sup> ambos rezavam a mesma oração para se não encontrarem.

Nessa altura foi que lhe pediu fosse cumprir a promessa à Senhora da Lapa.

Quando meu bisavô regressou da romagem esteve de cama alguns dias, para reparar os estragos feitos nos pés e quando voltou ao trabalho, no caminho e no mesmo sítio, foi verter águas, voltando a aparecer-lhe o fantasma do Móz, que lhe agradeceu o cumprimento da promessa, ractificando o pedido de perdão pela rixa que os havia separado.

Desde então dizia-se que ficou sofrendo de um grande abatimento moral e poucos anos viveu, contribuindo para a sua morte um desastre que teve quando fazia a imagem de Nossa Senhora da Saúde, em granito, rolando-lhe sobre as pernas que lhas partiu ambas

Também atribuíram a cauza do desastre *ser o dia 20 de Janeiro do mártir S. Sebastião*<sup>11</sup>, orago da Sé de Lamego, por ser dia santificado no Bispado e ele não ter ido à missa, estando trabalhando na sua oficina, à Senhora da Esperança.

Todas estas lendas corriam em família, contadas com certo fanatismo; pouco tempo durou, vindo a morrer entrevado.

### OS FILHOS FERREIROS DE JOAQUIM DE ALMEIDA INGRATIDÃO REVOLTANTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO

O irmão mais velho de meu pai, Joaquim de Almeida Júnior, casara e estabeleceu oficina junto à velha fonte de Almedina, em um casarão que ainda há poucos anos aí *existia*<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> «...outro, ambos rezavam...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>11</sup> «...o ser dia do Mártir S. Sebastião...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>12</sup> «...conheci...», no manuscrito. Correção do Autor.

Trabalhador infatigável, com numerosa família, procurava trabalho por toda a parte e conseguiu, da Câmara Municipal de então, a promessa de que lhe dariam os gradeamentos da nova praça do Mercado, construído no ano de 1882.

Fiado nos seus partidários (progressistas) procurava dar um novo rumo à sua arte, introduzindo na cidade a indústria do ferro fundido, que então se limitava a Lisboa, Coimbra e Porto.

No dia marcado para a inauguração do forno, havia convidado a Câmara Municipal que compareceu e meu pai, que chegou já bastante tarde, quando o ferro derretido em lava rubro-branca corria num caudal de fogo para as caixas preparadas, ao notar a presença, para ele indesejável (termo então desconhecido), dos componentes do Município meu pai *contrariado* e<sup>13</sup>... Voltando-se para o irmão dizendo-lhe:

— Tenho pena de vir estragar a tua alegria neste dia, tornando a festa em tristeza.

A Exma. Câmara, aqui presente, marca a maior afronta ao teu esforço e brio profissional, pois que cometeu um acto inclassificável prometendo-te o trabalho da Praça *Nova*<sup>14</sup>, quando eu soube, hoje mesmo, que o contracto e entrega foi assinado em sessão de há dias e adjudicado à fábrica do Bolhão do Porto.

Meu pai disse ainda:

— Não sou o dono da casa, porque se o fosse corria estes senhores a chicote.

Houve protestos mas... acharam prudente retirarem-se à formiga, corridos por esta revelação da sua grosseira traição cometida contra a economia citadina, como também em não ajudar um filho da terra, que era de toda a justiça fazê-lo.

Mas isto foi sempre assim através de todos os tempos e em todas as terras, em que dois partidos se digladiam...

Meu tio, depois de se convencer da verdade da revelação do irmão, desgostoso, embarcou com toda a família para o Brasil, para o Estado de Minas Gerais em que vivia um irmão de sua mulher, vindo mais tarde para a cidade de Santos, onde morreu.

O forno de alta tiragem, em tijolos vermelhos, cuja chaminé nunca mais fume-gou, lá se encontrava ainda há três dezenas de anos, como que protestando contra uma Câmara incompetente de ajudar o progresso da sua região... cujo crime aqui perpetuo com toda a minha alma revoltada de filho da cidade de Lamego e parente do ludibriado Artista!

Dos filhos de meu avô, o Francisco de Almeida, igualmente serralheiro, era um pouco desequilibrado, gostava da vida errante, apesar de ser casado e ter duas filhas que, abandonando-as, foi para o Brazil também, indo parar a Pernambuco.

Como me comove hoje recordar a chegada deste desgraçado a casa do meu pai, em uma noite de Inverno, com este estribilho:

— Camões de um olho é cego, é pobre e anda a pedir.

Realmente, apresentava-se andrajoso e com um dos olhos vazado por um tiro, que lhe haviam dado para o roubarem, lá nas desertas terras por onde andara.

Meus pais, condoídos de tanta miséria, recolheram-no e mais tarde forneceram-lhe ferramentas para se estabelecer na terra da mulher, em Bertiane, distante de Lamego uma légua, morrendo poucos anos depois da sua chegada à terra.

---

<sup>13</sup> «...contrariado...», no manuscrito.

<sup>14</sup> «...Praça, quando...», no manuscrito. Correção do Autor.



O mais novo dos quatro, Manuel de Almeida, estava com o pai e dele herdou a oficina da Corredoura, no largo das Brôlhas<sup>15</sup>, junto à fonte da Carqueijeira<sup>16</sup>; era rapaz de muita habilidade como serralheiro, como tal estimado por todos.

Fazia parte de um grupo de amadores dramáticos, representava, no teatro da terra, uma peça em que ele casava, em cena, com a actriz Laura Serra. Fugiu com ela nessa madrugada e foi consolidar o laço matrimonial na igreja de Nossa Senhora dos Remédios, cujo capelão era muito seu amigo.

Este duplo casamento deu que falar na terra e condenado pela mãe e irmã, professora do ensino particular, mas de muito mau génio, chamava-se Rita de Almeida.

Do casamento deste meu tio teve apenas dois filhos, um rapaz e uma rapariga, vindo ele a morrer de uma tísica galopante, em 1882 ou 1883.

### **ANTÓNIO DE ALMEIDA – SERRALHEIRO**

Desta gerarquia de famosos ferreiros restava apenas, em Portugal, meu pai, que se estabeleceu com serralharia ao cimo da rua da Siara<sup>17</sup>, em Lamego, no ano de 1872 e casara em 15 de Abril do ano imediato com a filha do mestre de carpintaria e talha, Luiz d'Oliveira Chaves, Ana Bárbara da Agonia e de Rita Cardoso, prima direita de meu pai, pois era filha de um irmão de meu bisavô pedreiro.

Este meu avô e padrinho era primo direito do lente Catedrático da Universidade de Coimbra, Manuel de Oliveira Chaves e Castro, a cujo acto de formatura, em 1846, meu avô veio assistir em companhia da tia, mãe do novo Doutor. Falava-me muitas vezes de Coimbra com muitas simpatias...

Deste casamento numerosa prole nasceu, contava minha santa mãe quinze filhos!!!...

Meu pai, até 1880, conservou a oficina em Lamego, mas desinquietado por um operário segeiro de nome Candieiro, transferiu-se para a vila de Peso da Régua, centro de viação transmontana, tendo trazido a família para essa vila no 1.º de Maio de 1881.

Chamava-se o Americano, o local em que estabeleceu a oficina, por ter sido ali estação dos Americanos, da falida Companhia Suíça de Viação Transmontana, entre Vila Real e Régua.

### **DE COMO A REBELDIA DE UM ESTUDANTE DE SEMINÁRIO SE VAI REFLECTIR NA SUA VIDA DE MILITAR**

Volto uns anos atrás para tratar de historiar um pouco a vida de meu tio João de Almeida. Este meu tio era o filho mais novo de meu avô e por o ser, quiz a família destiná-lo à vida eclesiástica, metendo-o no Seminário Diocesano.

---

<sup>15</sup> Onde se encontra a Casa das Brôlhas (Palacete dos Castros), Lamego.

<sup>16</sup> Rua da Corredoura (hoje Rua Cardoso Avelino), com o início da Rua da Carqueijeira e a fonte do mesmo nome na reentrância. Ilustração 4.

<sup>17</sup> Rua da Siara, em Lamego. Ilustração 5.

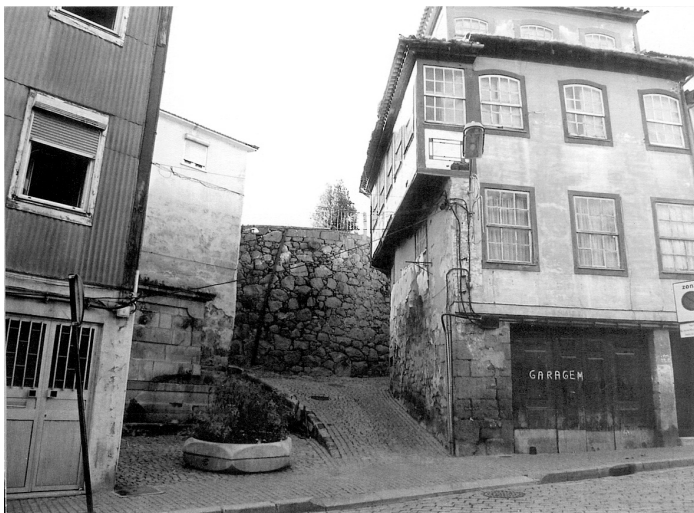


Ilustração 4 – Rua da Carquejeira e fonte do mesmo nome



Ilustração 5 – Rua da Siara, em Lamego

Estando o rapaz em vésperas de receber ordens menores, aos dezoito anos, fizeram ao Cónego professor uma partida de rapazes, de mau gosto, que este quiz castigar chamando o Decurião para dar nos rapazes uma dúzia de palmatoadas, a princípio julgaram tratar-se de uma simples ameaça. Em breve se desvaneceu essa suposição, quando viram crescer para eles de palmatória em punho, dirigindo-se de preferência ao aluno João de Almeida que, recuando, previne o homem para se não aproximar o que daria mau resultado.

O professor, que estava presente, insiste na aplicação do castigo, o Decurião cresce para o aluno que, num salto rápido, lhe arranca da mão a palmatória e lhe parte a cabeça com ela; arrancando a batina e o barrete clerical, atirando-o ao professor, saindo do Seminário desorientado.

Ao chegar a casa declara não desejar ser padre, quer, como os irmãos, ser serralheiro, tenta-o, mas as suas mãos mimosas não se habituavam às ferramentas e mesmo os seus condiscípulos, nas visitas que lhe faziam, instaram para que procurasse outra vida.

Então resolveu assentar praça, como voluntário, em Infantaria n.º 9, com agrado de toda a família; sendo promovido a 2.º Sargento, pediu para fazer parte dos destacamentos que guarneciam Coimbra, para estudar os preparatórios para entrar na Escola do Exército. Quando havia completado os estudos requereu a entrada na referida escola.

A época aproximava-se e o requerimento não chegava, o que trazia aborrecida toda a família.

Sucede porém, nesta altura, o chefe do Partido Regenerador em Lamego, Visconde Guedes Teixeira, andar empenhado na visita à cidade do político Tomaz Ribeiro, preparando-lhe uma festiva recepção.

O Governador Civil de Vizeu dava ordens para que se impedisse, por todas as formas, qualquer festa de regozijo na cidade e reforçava a polícia.

O Visconde reúne os seus influentes, homens de confiança e valentes, entre os quais figurava meu pai que garantia que a festa se faria o melhor possível, pondo na rua os seus operários, valentes como o mestre.

Apezar dos protestos a festa fez-se, sendo recebido Tomás Ribeiro no templo de Nossa Senhora dos Remédios, em grande cerimonial litúrgico, apesar das corridas da polícia e dos progressistas, houve no teatro da terra grande reunião das forças vivas da *cidade*<sup>18</sup>, sendo chamado ao palco meu pai a quem haviam descosido a casaca pela costura ao centro das costas.

Tomaz Ribeiro já o havia notado nas suas lutas durante o cortejo e perguntou ao Visconde o que achava conveniente oferecer-lhe, chamado meu pai e posto ao corrente do oferecimento do festejado, disse-lhe nada pretendia para si, era artista e isso chegava-lhe, apenas desejava, podendo ser, a aprovação do requerimento de seu irmão, o 2.º Sargento do Regimento de Infantaria n.º 9, João Almeida, para entrar para a Escola do Exército. Tomou apontamentos e um mez depois quando já todos da família haviam perdido as esperanças, chegou ordem do Ministério da Guerra, chamando-o, com a verba de contagem da data do requerimento.

Este meu tio foi Alferes, Tenente e Capitão no Regimento de Infantaria n.º 9 e mais tarde voltarei falando nele.

---

<sup>18</sup> «... da terra...», no manuscrito. Correção do Autor.

## OS MEUS PRIMEIROS PASSOS NA VIDA

Eu nasci doente, fui sempre fraco e magro até aos 25 anos, a minha pouca robustez inquietava minha Mãe, meu avô materno recomendava a meu pai para me dedicar à vida eclesiástica e contrariava-o na sua ideia de me fazer serralheiro.

Tive sempre a impressão de que nunca fui criança, ou se o fui, não saboreei essa idade.

Alguns dos Senhores foi filho mais velho de uma família? Pois se o foi, deve *ter sentido*<sup>19</sup>, em si mesmo a queixa que aqui faço! ...

Quando uma criança tem a sorte de ser o mais velho dos filhos de um casal e vê crescer a seu lado outros irmãos, fica desde então com o lugar de Velho.

Se a algum dos irmãos sucede qualquer desastre, o pai vem logo ralhar dizendo:

— Tu devias olhar por teu irmão porque és o mais velho.

Tantas vezes isto se repete, chegamos a vencer-nos de que realmente somos velhos, sentindo a necessidade de só dos homens feitos nos aproximarmos...

Entreí para a oficina, como aprendiz, com 12 anos e aos 16 era elevado á categoria de oficial, com um companheiro de ofício, a que já *noutro lugar*<sup>20</sup> largamente me referi, isto em 1892. Venci, apesar disso, a resistência de meu pai entrando para o Colégio de Lamego, do Senhor Padre Alfredo; todo o meu desejo era entrar para a Ordem Beneditina instando com o Senhor Padre Gonçalves, então representante da Casa Mãe, do Couto.

Um dia, tocado não sei porque ideias, dei um balanço à vida e reconheci ser muito tarde para seguir a vida que buscava e... regresssei a casa, na ansia de me aperfeiçoar na arte de serralheiro, e foi exactamente nesta altura da minha vida que tomei conhecimento com o Santo Heitorzinho de Loureiro<sup>21</sup>.

Sobre este Santo Homem eu direi a influência que na minha vida exerceu, num estudo biográfico em que ando há muito trabalhando.

O que ainda hoje me admira é ter sido criado entre uma numerosa camaradagem de operários, com a mais variada educação, cheios de vícios e maus costumes e não ter sido contagiado por essa chusma cosmopolita que passou durante tantos anos pela oficina de meu pai. Devo-o, certamente em parte, ao meu feitio tímido e religioso e ainda o aproximar-me de preferência dos velhos ajudantes de forja, como essa simpática figura do velho Miguel Carumba Neves que contava mais de oitenta anos de idade.

Eram dois os ajudantes de forja, o José Vulcano e ele; o primeiro era de pouco relevo para mim, não simpatisava com ele, era brusco, caturra, tratava mal o meu velho Miguel e... tinha o nariz torto, como Miguel Angelo; era ainda, sobretudo, esquivamente selvagem.

O Miguel Carumba Neves era tido pelos outros oficiais como doido e diga-se de passagem que, realmente, não tinha muito juízo, dizia compreender e falar todas as línguas de homens e animais, entendia de astronomia, quando dissertava sobre estas matérias eu ouvia-o com agrado e por isso era o meu melhor amigo.

---

<sup>19</sup> «...deve sentir ...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>20</sup> Acrescento do Autor (não encontrando no texto qualquer referência a este seu companheiro, deduzimos tratar-se de confusão do Autor com outro texto).

<sup>21</sup> Loureiro, freguesia do concelho da Régua.

Pobre velho! Como eu, deixando-o para traz na estrada da minha vida, dele me recorde, com a saudade dos que nos trataram bem!...

Tive sempre, como princípio, que na vida de um homem nada se perde, tendo o cuidado de utilizar o que de bom encontra no seu caminho.

Triste é dizê-lo, mas é infelizmente uma grande verdade, o meu pai nunca teve grande simpatia por mim, nunca me acarinhou como fazia aos meus outros irmãos, talvez porque sendo um doente e fraco, merecia a minha mãe especiais cuidados, e isso revoltava-o a ponto de me deprimir diante dos operários. O meu trabalho nunca lhe mereceu elogios de alento, enquanto que para o outro aprendiz era o contrário; isso desalentava-me e queixava-me muitas vezes ao meu Santo Heitorzinho, desabafo das minhas máguas!...

*Cabe aqui abrir um parêntesis. Eu julgo, o homem nunca cá está só, veja-se. Tão aborrecido andava na minha vida de aprendiz. Julgava-me muito inferior, para o ofício de ferreiro, ao outro aprendiz, José Cardoso Loureiro [?], que assim se chamava.*

*Certo dia, devia contar os meus treze anos, vindo de ter levado à quinta da Boiça uns trabalhos, parei para descansar junto à quinta de Melras [próximo]<sup>22</sup> à ponte sobre o Douro, na parede da qual está metido, em pequeno nicho, umas Alminhas, indicando ter morrido no local um homem, de desastre. Era já ao cair da tarde, hora de Trindades, sentia-me possuído de uma grande tristeza e como era profundamente religioso e olhando a pintura das Alminhas no nicho, pedi aí às Almas para que eu chegasse um dia a ser um serralheiro melhor do que o Zé.*

*Visto isto à distância de dezenas de anos como a gente se comove e... com franqueza, é razão para dizer que o homem nunca está só!*<sup>23</sup>

Em 1891 meu pai deixou o Americano, vindo morar para a rua do Cruzeiro, fronteira ao adro e capela do mesmo nome.

Os anos corriam lentamente, pensando libertar-me da pressão e má vontade de meu pai com a vida militar. Como? não sabia; mas alentava-me o que dessa vida dizia o que havia sido meu irmão de oficina, cabo em Tancos... *a quem atraz faço referência*<sup>24</sup>.

Foi nessa altura, em 1895, que brincava com meus irmãos mais novos o pequeno filho do Agrônomo, que muitos anos depois vim encontrar em Coimbra fazendo-se muito amigo do seu patrício; quero-me referir ao Dr. Virgílio Correia que, com muito agrado, recordava isso mesmo.

Meu pai destinou à arte de serralheiro os dois filhos que me seguiram, o imediato a mim, meu irmão António de Almeida e o outro, Luiz de Almeida, ficaram *no ofício*<sup>25</sup> quando eu saí para a vida militar, pois tínhamos uma diferença de idade de dois anos um ao outro. Éramos cinco filhos e todos serralheiros: Lourenço, António, Luís, Inácio e José, o mais novo; todos foram militares, menos o Inácio, que foi isento por defeito de uma perna que havia partido.

---

<sup>22</sup> Identificando as letras como **proxo**, deduz-se que o Autor quisesse escrever **próximo**.

<sup>23</sup> O texto em itálico consta de uma folha de um bloco de papel, manuscrita pelo Autor, com alínea de chamada no lugar a introduzir no texto dactilografado.

<sup>24</sup> Acrescento do Autor.

<sup>25</sup> «...na oficina...», no manuscrito.

De todos estes meus irmãos resto apenas eu e o António, estabelecido com serralheria na Régua.

### COMO O CRITERIOSO CONSELHO DE UMA TIA INDICA O CAMINHO AO SOBRINHO

No dia 30 de Novembro de 1896, tirei guias para me apresentar no Regimento de Infantaria n.º 13 em Vila Real, para onde parti na diligência que fazia carreira entre Chaves e Régua; acompanhava-me um rapaz, o único amigo dedicado que nessa terra tive.

Antes da minha partida, isto é, em 1 de Dezembro, fiz as minhas despedidas, primeiro, ao meu Santo Amigo Heitorzinho de Loureiro, que abraçando-me diz:

— Vá, vá meu amigo, que eu cá fico rezando por si.

Em seguida e porque me ficava no caminho, despedi-me da família de Francisco António Monteiro, em casa de quem estava a Avó da que depois foi minha mulher e se chamava Maria da Soledade Guedes, uma velhinha que eu muito estimava.

Como ia contando, chegamos a Vila Real no dia 2 de Dezembro, pelas cinco horas da manhã, depois do almoço fui, com o meu companheiro, visitar o exterior da casa que me havia de recolher, o Quartel, que estava instalado no velho convento de S. Francisco.

As secretarias e as duas primeiras companhias estavam arrumadas no corpo novo, feito de há poucos anos à beira da estrada, com todo o conforto moderno.

Entre os dois edifícios, estava a parada exterior lajeada de largas e compridas silharias de granito muito gastas. Havia chovido, para esgotar as águas andavam os recrutas, ainda à paisana, varrendo as águas com vassouras de giestas, comandados por um 2.º cabo, de bigodes façanhudos e de chibata na mão.

O espectáculo da cena comoveu-me e não pude deixar de dizer ao meu companheiro:

— Ó Domingos amanhã estarei eu aqui fazendo o mesmo serviço!

Ao que ele respondeu:

— Porque tu assim o queres... deves ir visitar já a tua família e pedir-lhe protecção, em nome de teus pais.

Eu era acanhado e nunca soube, nem tenho jeito para pedir seja o que for, sucumbo à razão; em vista de tal exemplo fui visitar meus primos... o tenente Santos, casado com uma prima de meus pais e o filho, 2.º Sargento do mesmo Regimento

Minha prima, Rita dos Santos, quando da minha inspecção, havia-se prontificado no caso de eu assentar praça, de me dispensar toda a estima e a protecção do marido e filho.

Dei entrada no quartel no dia 2 de Dezembro e fui alistado no Regimento de Infantaria n.º 13 com o número 44/1850 da 3.ª Companhia do 1.º Batalhão, de que meus primos eram subalerno e 2.º Sargento.

Não dormia na caserna e fui arranchado com os Sargentos. Esta distinção dava-me uma certa superioridade entre os meus camaradas a quem escrevia as cartas, não só para a família como para as namoradas.

A todos merecia confiança a ponto de, quando me encarregavam da missão epistolar, eu perguntava:

— Então que quer dizer?

Ao que invariavelmente respondiam:

— O senhor bem sabe, ponha lá como para si.

Tinha que responder ao agrado deles.

Durante a instrução tudo correu normalmente até à primeira missa a 8, dia de Nossa Senhora da Conceição; nesse dia recebi a primeira carta de minha mulher, que hoje é; exercia o magistério primário na vizinha freguesia de Fontelas, concelho da Régua.

Quando nos foi dada a primeira licença do Natal não esperámos pela diligência, juntámo-nos todos os rapazes da Régua e partimos a pé esses vinte e cinco quilómetros, quando chegámos à Régua eram oito horas da noite.

Ao chegar a minha casa fazia-se ali um silêncio que me assustou, vindo minha irmã dizer-me que a Mãe estava doente porque teve um menino morto, eu apenas perguntei:

— E a Mãe?

Estava bem, ao chegar ao quarto não pude conter o choro, eu havia sido a causa involuntária daquele aborto!...

Minha mãe tão contente ficou com a minha inesperada chegada, que na véspera do Natal quiz ela própria fazer-nos a ceia de festa e tudo correu com alegria.

Durante esta licença fui visitar, em primeiro lugar, o meu velhinho amigo e Senhor Heitorzinho, a Loureiro e depois a Lamego, ver os meus avós e tios, porque nesta visita, que *foi*<sup>26</sup> a conselho de minha tia viúva do meu tio Manuel, eu tomei a resolução de seguir a vida de militar tirando o curso de artífice do Exército.

Terminei a instrução de recruta, em 12 de Março de 1897, vim com sessenta dias de licença registada, mas havia pedido ao 1.º Sargento para meter o requerimento a pedir ao Ministério da Guerra autorização para frequentar o Arsenal do Exército.

Uns dias antes de terminada a licença fui a Vila Real para fazer o requerimento, oito dias depois estava de volta com verba de **deferido**; por isso, quando em 11 de Maio recolhi de licença, eram-me passadas guias para me apresentar na 1.ª Divisão com destino ao Arsenal.

O artífice do meu Regimento era um velho operário do Arsenal, *contratado*<sup>27</sup>, que me prevenia das gaiatadas dos aprendizes, quando lá aparecia um **Rôla** da província e aconselhou-me que pedisse para ficar adido em Artilharia n.º 4, no campo de Santa Clara, quartel fronteiro ao Arsenal.

Quando fui apresentar guias na Secretaria, logo de entrada, um aprendiz da Fábrica, olhando muito atento para o número do meu Regimento me disse:

— É o senhor Almeida, não é? Está cá um rapaz da sua terra chamado Boêtas.

Calcule-se como eu recebi esse aprendiz que me tratava pelo apelido, sem que o conhecesse e me falava do Boêtas, que eu não conhecia também. Falei-lhe, desconfiado, sem lhe pedir explicação, quando entrei no departamento dos aprendizes dei de cara com o tal Boêtas que era realmente da minha terra e meu conhecido, o Manuel

---

<sup>26</sup> Acrescento do Autor.

<sup>27</sup> *Idem*.

Caldeireiro. Ficou radiante quando me viu, havia ameaçado os da Fábrica com o meu nome, preparando-me uma atmosfera benigna.

Os senhores não podem fazer ideia o que era a Fábrica de Armas de Santa Clara.

Era um *ninho de guinchos*<sup>28</sup> que o Estado mantinha com prejuízo da Fazenda Nacional.

Fui sempre muito concentrado, mais observador do que falador e, ali dentro, olhava para aquilo tudo com tédio...

*Posto*<sup>29</sup> observar isto, os meus colegas, cabos e soldados, que ali se encontravam tirando o curso de artífice para as unidades, nenhum deles chegara a ser lá na terra oficial do seu ofício e no entanto eram homens com vinte anos!

Admirei-me muito de ali ver o tal Boêtas, pois que ele era na Régua oficial de Caldeireiro! ... a tirar a especialidade de espingardeiro, isto dá-nos a triste ideia do que ia pelo mundo dos artífices do Exército ...

Quando este rapaz se me chorava de que estava na Fábrica havia já três meses e que não sabia quando o dariam pronto, consolava-o e fazia tudo o que podia para não fazer má figura; arranjou, com o encarregado, a ficar o meu torno junto ao dele, com isso beneficiava.

Já andava há um mês na Fábrica fazendo peças às dúzias, o que me aborrecia, quando abordava o encarregado para saber quando me levava a exame, dizia-me cinicamente:

— Não tenha pressa, como o senhor aparecem por cá poucos.

Eu replicava revoltado:

— Por isso mesmo, não estou aqui para aprender o ofício, já era oficial há muito quando assentei praça.

Isto repetia-se amiudadas vezes, porque estava já revoltado, até que ele me disse:

— O senhor já cá está há mais de um mês e ainda não saiu à ordem da Fábrica.

Esta revelação mais me irritou, mas calei-me e escrevi a meu pai para me pedir ao Senhor D. Vasco de Serpa Pimentel, para me recomendar a seu irmão, D. José de Serpa Pimentel.

Este senhor, [que] era ajudante de campo do Senhor Infante D. Afonso, homem de peso no Ministério da Guerra, foi pessoalmente procurar-me ao Arsenal do Exército; falei com ele no gabinete do Director da Fábrica, e disse-me obter boas informações a meu respeito, tanto do Senhor Capitão Engenheiro do departamento, como do mestre dos espingardeiros, agradei a todos a benevolência com que era tratado, mas que já não estava ali para aprender mais nada; compreendeu a minha revolta e atalhou-me:

— Tu sabes muito bem que tens de dar um certo tempo à Fábrica?!

Respondi :

— Peço licença a V. Ex.<sup>a</sup>, sei muito bem que esse tempo são três meses!... O que V. Ex.<sup>a</sup> não sabe [é] que estou aqui vai para dois meses e ainda a ordem da Fábrica me não deu cá entrada e os três meses serão contados, para mal dos meus pecados, desde o dia em que sair à ordem.

Olharam uns para os outros e o Director disse:

---

<sup>28</sup> «Ninho de guinchos»: ninho em que a ave faz provisões fartas ou casa bem provida.

<sup>29</sup> «Basta...», no manuscrito.



— São coisas da Direcção de Artilharia.

O Senhor D. José irritado disse-me:

— Quando fazes três meses?

— Em dezoito de Agosto, meu capitão

— Fica descansado, não estarás cá nem mais um dia e se de alguma coisa precisares vem ter com o Senhor Tenente Coronel Caldeira que sei ser teu amigo e Director justiceiro...

Não podia deixar de agradecer tamanha protecção e o Director ainda me disse:

— Podias-me ter falado nisso sem incomodares aqui o Senhor Capitão.

O que é certo foi, dias depois, eu saber que à ordem da fábrica constava a minha chegada a ela em dezoito de Maio, estávamos em vinte e dois de Junho, vésperas de S. João.

Como vêem o Director da Fábrica dizia-se meu amigo, é para isso, explicar.

Estava adido para pré e rancho, a Artilharia n.º 4, no Campo de Santa Clara e um dia escalaram-me, com outros, para fazer serviço de faxinas, para transportar tabuleiros de rancho e fazermos despejos, cujos serviços não era justo fazermos, visto que tínhamos o nosso serviço, entrando para a Fábrica às dez horas e só saíamos às três da tarde; protestei junto do comandante dos adidos que não deu providencias.

Em vista disso fui queixar-me ao Senhor Director da Fábrica, que me recebeu muito admirado do meu atrevimento e ia a censurar-me quando reparou no número que tinha no barrete e me pergunta:

— És mesmo de Vila Real?

— Saberá V. Ex<sup>a</sup> que não, sou de Lamego.

— Mesmo de Lamego ou dos arredores?

— Da freguesia de Almacave

— Também eu, a quem pertences?

Este interrogatório estava divertindo-o a ele e a mim a embaraçar-me; como meu avô e padrinho era muito conhecido, disse-lhe que era neto do mestre de carpinteiros, Luís d'Oliveira Chaves; olhando muito para mim diz-me:

— Fui creado em casa de tua avó Ritinha, *na rua da Siara*<sup>30</sup>. Bom, então diz lá.

Expus-lhe a minha queixa, ouviu-me e disse-me:

— A Fábrica não tem nada com o serviço das unidades a que estão adidas as praças, no entanto, vamos a ver o que o Comandante resolve fazer, podes retirar-te.

Contaram-me que o Mestre e o engenheiro haviam sido chamados para darem informações a meu respeito...

Chamei à Fábrica de Santa Clara ninho de guinchos e com razão, ora os Senhores vejam. Não ia à retrete para fumar nem passar tempo e quando lá ia fazia sempre barulho com o pobre velho guarda delas, porque nunca havia lugar vago e estava ali mais de uma hora à espera de vaga...

Um dia insurgi-me e ameacei o guarda de me ir queixar na secretaria, o homem teve medo e disse-me:

— Espere, este já aqui está há mais tempo, coitados são bombeiros e fazem piquetes de noite.

---

<sup>30</sup> Acrescento do Autor.

E chamando um operário que lá estava, que saiu ainda com os olhos fechados, a resmungar, indo para o tanque lavá-los.

Como eu trabalhava de vontade não me olhavam com bons olhos e o encarregado dava-me tarefas em triplicado, com o que eu repontava.

Um dia o mestre reparou no que eu estava fazendo e chamou o aparelhador perguntando-lhe:

— Então este soldado ainda não principiou com a espingarda de repetição?

Eu intervindo disse logo:

— Estou a fazer uma gróza de molas para o senhor Sequeira, sou operário dele...

O mestre irritou-se e disse-lhe:

— Este homem, quando estiver com três mezes de fábrica, leva-o a exame, dos resultados torno-os responsáveis.

Desde esse dia, fins de Junho, comecei a trabalhar com vontade, ajudando mesmo os colegas, que desejava fizessem exame antes de mim, o que era justo, visto eu ser de todos o mais novo na Fábrica e, por isso, fui pedir *por eles*<sup>31</sup> ao Director que gostou da minha iniciativa e a louvou.

#### COMO PREFERI COIMBRA A QUALQUER OUTRA TERRA

Na unidade a que estava adido estavam lá, na mesma companhia, dois cabos de cavalaria de Aveiro; um deles, o cabo Francisco, era natural de Coimbra; estavam tirando o curso de telegrafistas de campanha, em Engenharia.

Este cabo Francisco era um bairrista como todos os naturais de Coimbra. Para ele, Coimbra estava acima de todas as terras de Portugal, cantava-a, mas cantava-a muito bem, com uma voz magnífica.

De tanto falar na sua terra, fiz-lhe várias perguntas que interessavam a uma vida futura; ele compreendeu que me havia fascinado e então principiou de me descrever os interesses que um artífice devia ahí ter, visto que, além do regimento, havia uma companhia da Guarda Fiscal, um destacamento de Cavalaria que tudo junto dava o suficiente para um artífice viver muito bem.

Insistindo sempre:

— Veja Almeida se arranja colocação lá!

A que respondia:

— Vamos a ver, ainda não fiz o exame.

Mas a ideia de Coimbra obcecou-me o espírito que logo que pude falei nisso ao Senhor D. José de Serpa Pimentel, que me respondeu:

— Vou de licença para o Douro em Setembro, falaremos lá nisso, lembra-mo sim?

Não sei explicar bem a razão, mas desde então julgava-me já em Coimbra, tal era a confiança que eu depositava no meu protector, ainda parente do meu Velhinho, o Santo Amigo Heitorzinho de Loureiro.

---

<sup>31</sup> Acrescento do Autor.

Chegou finalmente o dia do meu exame, em dezoito de Agosto, já então eu estava sozinho, os outros meus companheiros haviam ido a exame por ordem de antiguidade, que era meu desejo.

Nesse mesmo dia recebi guias, por as ter pedido, para recolher à unidade, com a nota de suficientemente aprovado no ofício de espingardeiro.

Quando no meu regresso passei pela ponte do caminho de ferro em Coimbra, quiz ver essa fascinante terra, que de mim tanto se havia apoderado e confesso... fiquei contente, mas de um contentamento feito de tristeza!

Eram seis horas da tarde, a cidade estava banhada de uma luz feita de oiro, talvez fosse esse pôr de Sol a cauza da minha tristeza ou seria a incerteza de conseguir colocação nessa terra; na Estação Velha entrava muita gente que recolhia do Senhor da Serra, havia sido a festa.

Interrogava as que se prestavam a dar informações de Coimbra, que era sempre com entusiasmo que dessa terra me falavam, o que fazia crescer o meu apetite.

Na passagem pela Régua fui recebido por meu pai com carinho que nunca teve para comigo; é que só com a minha ausência ele conheceu quem eu era, até ahí não me *havia*<sup>32</sup> visto *a seu lado*<sup>33</sup>.

Recolhi ao Regimento em vinte e um de Agosto e fui promovido a *2.º Sargento*<sup>34</sup> em vinte e sete, ficando adido ao meu regimento, e no 1.º de Setembro vim no gozo de dez dias de licença, *para mostrar as três divisas*<sup>35</sup>.

Não fazem uma ideia de como essa licença, que havia merecido, me fez bem, porque falei com o Senhor D. Vasco de Serpa Pimentel, no seu jardim, em companhia do Santo Heitorzinho, enquanto esperávamos a chegada do Capelão para a missa na capela do solar. E foi ahí que o meu Santo amigo falou ao Primo, D. Vasco, no meu desejo de ser colocado em Coimbra, o que ele prometeu escrever ao irmão fazendo-lhe o pedido.

Terminada a licença recolhi à unidade e fui para a oficina, ficando trabalhando em companhia do velho Teodorico. No regimento formou-se um partido que desejava eu ficasse lá definitivamente; eu porém dizia, evasivamente, que o melhor seria esperar a resolução do Ministério da Guerra. Foi nessa altura que o Senhor D. Vasco, chamando o meu pai, lhe disse que o artífice de Coimbra estava preso em Vizeu para responder a conselho de guerra.

O Conselho de Guerra absolveu o acusado artífice que, voltando à unidade, é consultado pelo comandante em que lhe propõe a escolha da terra que lhe conviesse, porque não podia continuar no Regimento.

Ele então escolheu Lisboa porque dizia ser de lá.

O comandante do Regimento era o Senhor Coronel Bacelar, que estava em grande desinteligência com o Senhor Major Leitão, guerreando-se um ao outro.

---

<sup>32</sup> «...tinha...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>33</sup> Acrescento do Autor.

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> *Idem.*

Em 24 de Outubro fui informado de que tinha passagem ao 23; fiquei desolado, porque supunha que essa unidade estivesse em Braga, mas logo me disseram que era em Coimbra; e parti, nesse mesmo dia, para a Régua com guias para Coimbra.

Andava radiante e fui ao Loureiro, à quinta de Santa Isabel, agradecer ao Senhor D. Vasco, e à capelinha de Santo António, ao meu Santo Heitorzinho de quem me despedi.

No dia 27 de Outubro à noite, suponho que era domingo, pisei terras de Coimbra, havia chovido...

Depois de feitas as apresentações, tomei conta da velha oficina, vizinha do Senhor dos Paços da Graça, onde vi *desfeitos*<sup>36</sup> todos os projectos *sonhados*<sup>37</sup> lá longe na minha terra, porque o meu antecessor não trabalhava e todo o trabalho regimental passava para a oficina de João Lopes, ali vizinho.

Em vista de tal, fui pedir ao comandante, que então era já o Senhor Coronel Victorio de Freitas, licença para trabalhar, sem prejuízo do serviço regimental, numa oficina da cidade, o que me foi concedido.

Assim bati à porta de algumas oficinas, indo parar a uma que então havia na rua das Colchas, de Francisco Alves, mas antes disso vou contar o caso que me fez perder o vício de fumar.

Em Vila Real tínhamos uma sociedade de venda de tabacos e graxa, pó de pedra e fósforos; quando tive passagem recebi dessa sociedade dez ou doze mil reis.

Na Régua, ao despedir-me da avó de minha mulher, que então namorava, ofereceu-me uma rica carteira de marroquim verde e uma bolsa de prata com algumas moedas, minha mãe também me deu, das suas economias, cinco mil reis, de forma que cheguei a Coimbra relativamente rico.

### UMA LIÇÃO PROVEITOSA

Fui cair entre músicos da tropa, como o dinheiro se não guarda em segredo, tive logo uns amigos para ceias de mão de vaca no Olaio<sup>38</sup>, a princípio pagavam todos, depois era apenas eu, inexperiente entre estes comilões em breve estava têzo como um pau.

Um dia notei que já nem para cigarros tinha dinheiro; os dois músicos meus amigos convidaram-me mas eu respondi logo:

— Já não tenho dinheiro...

Ao que eles responderam:

— Oh diabo, agora é que são elas, mas olhe lá, já recebeu a ajuda de custo?

— Não sei o que isso é.

— Olhe lá, você não teve passagem em conveniência de serviço?

— Parece-me que sim.

— Então tem direito a **duas libras**...

---

<sup>36</sup> «...destruídos...», no manuscrito.

<sup>37</sup> «...feitos...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>38</sup> Tasca na Rua Direita, em Coimbra, onde se serviam «petiscos» a preços módicos.

Eu que já há oito dias não fumava, alegrou-me a notícia e perguntei aos dois sabidos passarões:

— Mas, que é que é preciso fazer para receber esse dinheiro?

— Ir ter com o 1.º Sargento e fazer o recibo que ele recebe do Conselho Administrativo o dinheiro e entrega-lho.

Não fazem ideia da minha alegria, receber duas libras, que fortuna e pensava: oh músicos de uma figa nem as hão-de sonhar!

Fui ter com o 1.º Sargento e falei-lhe no assunto, ele que compreendia aquela tropa e notou que me haviam chupado tudo que eu tinha, disse-me apenas:

— Sente-se naquela mesa e faça o recibo ao Conselho.

Nessa mesma tarde chamou-me ao quarto e contou-me do dinheiro em moedas de cinco tostões, ao dar-mas para a mão disse-me:

— Agora vá metê-las no c... dos músicos, você é um grande papalvo, tenha cuidado com essa tropa...

Apenas respondi, arrumando o dinheiro no fundo de *uma bolsa*<sup>39</sup>:

— Nem o cheiro lhes há-de dar.

Eles desconfiados ainda tentaram arrastar-me às ceias, alegava sempre não ter dinheiro e dispensei a sua amável companhia e não voltei a fumar.

Foi cara a lição, mas proveitosa.

Quando entrei para a oficina à rua das Colchas (ainda hoje essa casa se conserva na mesma), foi em 7 de Janeiro de 1898, estavam fazendo o portão do cemitério de Santo António dos Olivais, por um desenho de um tal Rosas, das Obras Públicas, o encarregado da oficina era um irmão colaço do mestre, chamado Salvador, serralheiro com certo geito.

O mestre perguntou-me se eu sabia fazer fechaduras, respondi-lhe que talvez e pedi-lhe as medidas; fiz esse serviço *numa*<sup>40</sup> semana, estão ainda hoje numa casa que pertenceu aos Peças, em frente ao Marco da Feira.

No sábado seguinte o mestre queria fazer-me a fêria a doze vinténs por dia, que era o mesmo que ganhava o Manuel *Estoira*; baixou-me a comparação e insurgi-me, ele então conciliador diz-me:

— Quanto julgava então ganhar?

— Dezoito vinténs.

— Bom pago-lhe a três tostões e na próxima semana, quando fizer as bandeiras para a mesma casa, verei se os merece, porque se os merecer pago-lhe a diferença desta semana.

Aceitei.

Na segunda-feira seguinte deu-me um desenho a lápis.

Fiz as bandeiras simplificando o desenho, foi o meu primeiro trabalho em Coimbra, o homem cumpriu e fiquei então ganhando os dezoito vinténs por dia e depois, mais tarde, fui elevado à categoria de encarregado, por ter saído o irmão que foi para Santarém.

---

<sup>39</sup> «...um bolso», no manuscrito.

<sup>40</sup> «...nessa...», no manuscrito.

Assim andei dois anos, foi durante este tempo que entrou na minha vida D. Júlia de Trovães, neta do Visconde de Trovães, que havia anos fugira da casa paterna, de Leça da Palmeira, para Coimbra, foi uma rapaziada que não vale a pena contar esmiuçando isto...

**O DESPERTAR DA SERRALHARIA ARTÍSTICA EM COIMBRA,  
EM QUE OUVI FALAR DE MESTRE GONÇALVES  
COMO ALAVANCA DO PROGRESSO**

Falava-se muito na obra que Manuel Pedro de Jesus fez para o industrial Quintãs Lima, à Estrada da Beira; fui vê-la e gostei, estava muito longe da serralharia de mim conhecida e aprendida; via com prazer recuar para o lugar que lhe competia a febre do ferro fundido.

Aos domingos ia visitar o Museu do Instituto e algumas vezes falei a Mestre Gonçalves, mas como era obrigado a andar fardado e de chanfallo à cinta, ele pouca importância me dava, pelo seu ódio aos tropas.

Sahí da oficina da Alta e fui para a de Manuel da Costa Soares, à rua da Sofia; avia-me casado em trinta de Agosto de 1899, fui desinquietado pelo mestre Alves, para ir novamente para a sua oficina, oferecendo-me quinhentos reis por dia; era um ordenado que poucos operários então ganhavam em Coimbra.

Foi para fazer a obra, em ferro e metal, da porta do prédio do Dr. Elizeu, à rua Lourenço de Almeida Azevedo, o desenho desse trabalho era de um aluno de Mestre Gonçalves, Mestre Ferreira do Tovim; fui eu quem fundiu e acabei todo o metal, com agrado do Dr., que me gratificou.

Eu continuava sendo um doente e as caminhadas para a Alta arrazavam-me; havia-me nascido o filho mais velho e como era só eu e a mulher, resolvi dar por finda a vida errante recolhendo à oficina da Graça.

Os oficiais do regimento conseguiram verba para decorarem a sala de Oficiais e fui encarregado de fazer lanças, alabardas, piques e couraças para os troféus, esse trabalho fazia-o com gosto e rendeu-me o suficiente para viver.

Depois tomei de empreitada a porta e grade para o jazigo da família das Mudás, feito pelo canteiro José Rafael. *Seguiu a esta*<sup>41</sup> uma outra para o mercieiro Temido, que desejava melhor que a outra das Mudás, pagando ele por fora do contracto a melhoria; foi nesta obra que Mestre Gonçalves reparou o que eu pretendia fazer; era em estilo gótico, eu que nada percebia de estilos.

Soube, por mais tarde me contar o Machado, que ele lhe dissera, ao ver a régua fixa que propositadamente colocara bem em evidência:

— Está ali naquela forja um rapaz que bem orientado faria alguma coisa, conhece-o?

Eu não descançava, pretendia aproximar-me do Mestre e foi ele mesmo que veio ao meu encontro.

---

<sup>41</sup> «Seguiu-se a esta, foi feita...», no manuscrito. Correção do Autor.

Um dia entra-me na oficina o Dr. Fernandes Costa com um desenho para *um portão*<sup>42</sup> e grades de muro e disse-me:

— Este desenho é de Mestre Gonçalves, foi ele que me indicou o senhor para fazer esta obra, quer fazê-la?<sup>43</sup>

Olha se queria, pois esta era a porta aberta para entrar no conhecimento do Mestre; o Dr. disse-me:

— Fica o desenho e vá entender-se com ele à Escola Brotero.

Esprei a noite e fui, em Boa Hora, caí no agrado dele e dele também me podia aproximar sempre que o julgasse preciso. O João Machado, também nessa altura, me fez encomenda de um trabalho para um jazigo, o que simultaneamente me aproximava dos dois; isto deu à minha vida uma nova directriz.

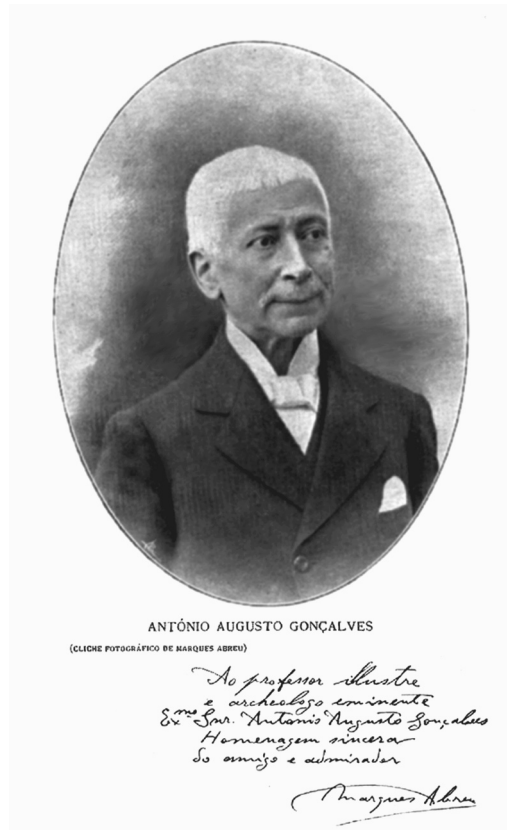


Ilustração 6 – António Augusto Gonçalves – O Mestre – com dedicatória de Marques Abreu, proprietário dos Ateliers de Fotogravura, no Porto

<sup>42</sup> «...dois portões...». *Idem*.

<sup>43</sup> António Augusto Gonçalves, conforme «Livro de Homenagem a António Augusto Gonçalves» 31 de Julho de 1921 – Imprensa da Universidade – 1923. Espólio de Lourenço Chaves de Almeida (LCA), na família. Ilustração 6.

## O MEU PRIMEIRO TRABALHO EM FERRO FORJADO E CINZELADO, ATIRANDO COMIGO PARA A IMPRENSA DO PAIZ

Falava-se com insistência na necessidade de abrir novamente a Escola Livre das Artes do Desenho, que há mais de vinte anos estava fechada e abandonada; estava-se em fins do ano de 1903.

Formou-se uma comissão organizadora, de velhos sócios e a Escola abriu com vinte novos sócios a 29 de Janeiro de 1904, com grande entusiasmo de todos e a contento da cidade.

Passaram-se mezes e um dia, depois das férias grandes, fui convidado pelo João Machado ir assistir a um serão na Escola do Arco da Almedina; consegui autorização de aparecer por lá sempre que pudesse até à próxima reunião da Direcção, o que fiz, sendo aprovado sócio em Dezembro, porque necessitava aproximar-me do Mestre (1904).

Em princípios de Novembro João Machado foi a Lisboa para ver o movimento artístico da Capital e combinei com ele reunirmo-nos no Entroncamento para irmos a Tancos.

Quando o comboio de Lisboa chegou já eu o esperava, ele vinha radiante, em Lisboa não havia nada, era preciso mostrarmos, os de Coimbra, o que aqui se fazia;

— Vamos à Exposição Nacional de Belas Artes com um fogão em estilo moderno.

Eu ponderei-lhe que não éramos ricos e fazer obra sem freguez embaraçava-nos o orçamento, ao que ele respondeu:

— Não tem dúvida, falo ao Senhor José Relvas que precisa de fogão para a sua casa em que estou trabalhando e você vai fazer as ferragens.

O entusiasmo foi contagioso; escreveu ao Relvas que disse que sim, mas não em estilo arte-nova, mas renascença e assim foi pedido ao Mestre Gonçalves para desenhar as ferras, trasfogueiro, tenaz e pá.

Modelei o trabalho, isto é, os grifos para os trasfogueiros na Escola Livre e tratei logo de os forjar, porque se aproximava a abertura da Exposição que era em Abril próximo<sup>44</sup>.

Este trabalho foi muito demorado porque era preciso estudar o estilo do renascimento com certo rigor e eu estava ainda muito verde.

Foi nessa altura que o Dr. Quim Martins tomou conhecimento comigo, porque até ahí apenas dele ouvia falar e quando entrou na minha oficina já eu havia forjado a coluna central e os grifos estavam cinzelados, serviço que lhe mereceu o dedicar-me um artigo na *Resistência*<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Actualmente na casa de José Relvas (Casa dos Patudos-Alpiarça). Álbum de Trabalhos de LCA, em poder da família. Ilustração 7.

<sup>45</sup> Anexos, fig. 1. Os Meus Recortes (conjunto de recortes de jornais feito por LCA). Espólio em poder da Casa Rural Quinhentista – GEDEPA (Grupo Etnográfico de Defesa do Património e Ambiente da Região da Pampilhosa), de que é Director o Sr. Dr. José Machado Lopes, personalidade incontornável sempre que da Arte e trabalhos dos Artistas de Coimbra se pretenda lembrar e falar.



Este pequeno artigo, que tinha por princípio estimular o artista, era tão exageradamente feito que se eu fosse com outro feitio certamente me envaideceria, mas eu todo entregue à minha obra nem tempo tinha para apreciar o seu efeito.

Quando não podia trabalhar na minha oficina e como na do amigo João Machado era preciso seroar, ia para lá fazer companhia e limpar ornato com os seus operários; eram serões magníficos, que duravam até muito tarde, vindo os aprendizes acompanhar-nos até casa; eu morava pegado ao Machado, na Ladeira de Santa Justa.

Este nosso convívio familiar muito me auxiliou na compreensão e forma do corte da pedra loira da **Boiça**, em que esta obra foi feita.

Havíamos combinado exporem-se os trabalhos na oficina de João Machado no domingo, 9 de Abril, antes de ir para Lisboa; assim foi; nesse dia de grande satisfação para nós todos, mestre e operários, correu Coimbra inteira a visitar, na oficina da Sofia, fronteira ao Quartel da Graça, os nossos trabalhos.

Veja-se a imprensa local desses tempos e terão bem descrito o significado moral desse esforço artístico que marcou como acontecimento **único** uma grande página na história da arte Coimbrã.

Os elogios e os abraços nesse dia não tiveram conto e eu marquei um lugar seguro no conceito dos comandantes do meu Regimento, porque alguns artigos da *Folha de Coimbra* eram escritos pelo Senhor Capitão Domingos de Freitas.

Chegou finalmente o dia 15 de Abril em que se inaugurava a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, com a presença do Rei e da Rainha e a imprensa de Lisboa algumas palavras de elogio dedicou aos nossos trabalhos.

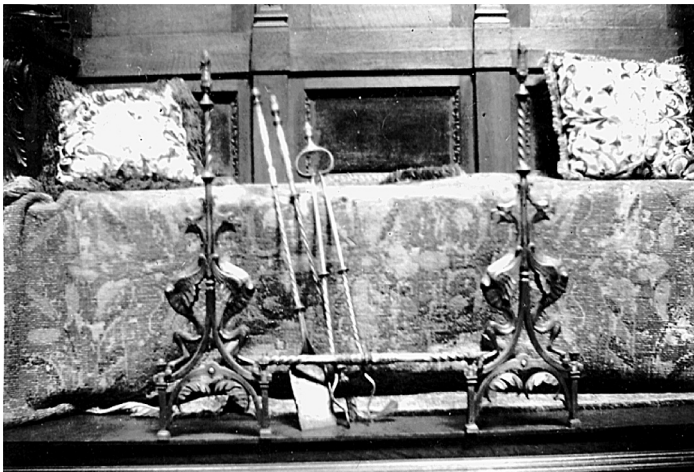


Ilustração 7 – Trasfogueiro para o Sr. José Relvas, em estilo Renascença, premiado na Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1905

O pintor José Malhoa escreveu ao Senhor José Relvas uma elogiosa carta que termina com estes parágrafos: «Como *todo* é magnífico, de aspecto muito sério e nobre; no detalhe é delicioso. Fica o meu amigo com uma peça esplendida na sua nova casa. A pá e mais acessórios em ferro forjado são um apetite, e não conheço nada que se lhes eguale, feito ultimamente».

Estava finalmente assente a primeira pedra nas fundações da minha vida; compreendi então que grande era a responsabilidade que sobre mim pesava, havia sido empurrado para a frente, era forçoso caminhar com honra para a terra que me acarinhava, com confiança.

Toda a imprensa *local*<sup>46</sup> festejou este acontecimento que marcava uma nova época no ressurgimento da arte do ferro, apenas discordando da classificação do jury que havia atribuído o prémio medalha de 3.<sup>a</sup> classe aos ferros do fogão e o concedia ao meu Mestre Gonçalves.

Como muito bem devem calcular, entristeceu-me tão mísera classificação dada a meu Mestre e disso me queixei amargamente ao Dr. Quim Martins que fulminou o jury com um artigo na *Resistência*; em vista de tanto barulho feito em volta do prémio, resolveram passar o diploma em meu nome, com agrado do meu Mestre.

À exposição não levei a ferragem completa por falta de tempo, foi apenas um dos trasfogueiros, tenaz e pá, o ferro de ligação e o outro foram feitos depois; resta-me dizer o preço que ao dono custaram que foi de **35:000 reis**.

Isto é, andei trabalhando um ano para receber essa quantia, mas também não me queixei porque me foi feita a encomenda de uns lampeões e a ferragem de mais dois fogões, um no estilo Renascença Clássica e outro Manuelino e então estes foram um pouco mais bem pagos.

Nesta altura Mestre Gonçalves insistia comigo para que me matriculasse na Escola de Brotero, o que me repugnava porque eu já contava vinte e sete anos, para me meter entre crianças; mas ele prometeu-me arranjar um grupo na minha bancada dos mais graúdos e assim fui caminhando encostado a ele e ele desenhando para mim.

Quero aqui mostrar, como bom exemplo para todos, que um artista não se pode fazer por si só, a habilidade é uma coisa muito necessária a qualquer homem mas não é tudo, tenho dito muita vez que o artista não se faz por injeção hipodérmica.

Não podia ter feito os ferros do Senhor José Relvas tão completos sem o amparo do Mestre Gonçalves.

São assim todos os artistas de ontem como os de hoje, sem mestre não pode haver nenhum; se o há, os seus trabalhos teem que fatalmente sentir-se dessa falta, são como as rosas da Alexandria, não teem aroma porque lhes falta a alma, que é a Escola do Mestre.

Digo hoje isto com duplo sentido... e com a autoridade de uma longa vida na intimidade do que em vida foi sempre, até à beira do seu leito [de morte], meu Mestre!

Terei ocasião de no correr destas minhas memórias mostrar quanto lhe fiquei devendo.

---

<sup>46</sup> «...da terra...», no manuscrito. Correção do Autor.

A PRIMEIRA HOMENAGEM DA ESCOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO  
AO SEU QUERIDO MESTRE ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

Falar da Escola do Arco de Almedina (que Deus haja!) é o mesmo que continuar falando da minha vida; a ela fiquei ligado, como ao Mestre, por gratidão para sempre!

Terei ocasião de mostrar que nenhum dos seus associados lhe deve mais do que eu, porque ela foi tudo para mim, tenho grande prazer em o afirmar.

Estávamos em fins de Setembro desse ano de 1905, e a Escola resolve [fazer] a sua *segunda*<sup>47</sup> excursão de estudo a S. Marcos de Tentugal, cheia de ensinamentos, porque ahí se firmou o princípio dos conhecimentos do estilo renascença nas suas variantes.

Visitámos primeiro a casa do Senhor Dr. Cabral em S. Silvestre e ahí soubemos, com grande surpresa minha e do meu consócio Alberto Ramos de Vasconcelos, pérola da Escola, que o nosso Mestre fazia 57 anos em 19 de Dezembro desse ano; apontámos essa data com prazer para *no*<sup>48</sup> citado dia lhe oferecermos um lindo ramo de flores.

Isto foi o que os dois combinámos fazer sem ouvirmos a opinião alheia, mas não há nada que se não saiba e o Machado chamando-me diz-me:

— Olhe cá senhor Almeida, não será mais bonito quotizarem-se todos e fazer uma pequena festa? Eu falarei com o Bernardo Carvalho e com o António Elizeu.

Fui com o Vasconcelos procurar o Senhor Albino Caetano da Silva Pinto ao seu escritório e expor-lhe o que tencionávamos fazer, muito em segredo.

Desta reunião resultou um programa mais largo e cada um dentro da sua esfera de acção [devia] procurar fazer tudo que pudesse para o bom êxito da festa, que desejávamos fosse rija...

Nesta reunião ficou também assente que se devia entregar uma mensagem em pergaminho assinada por todos os presentes.

O Bernardo de Carvalho escreveu ao escultor Costa Mota contando-lhe o que se esperava fazer e logo se prontificou a vir cá assistir à festa.

O António Elizeu foi arranjar o hino da Escola, que estava na mão não sei de quem e falou a um sexteto para o ensaiar e ser tocado e cantado nessa noite.

Há [*sic*] última hora surgiu a dificuldade de quem escreveria a mensagem, mas todos se recusavam tomar a seu cargo essa tarefa; João Machado andava aborrecido porque as pessoas a quem se falava se escusavam delicadamente.

Tomei a resolução de pedir ao Senhor Capitão Homem Cristo esse favor, dei-lhe os elementos mas ele quíz que eu assistisse no momento em que o escrevesse, num dia em que estivesse de inspecção; calhou a um domingo.

Com a pena suspensa sobre o papel pergunta-me:

— Diga...

Era difícil para ele e para mim, a medo pedi-lhe que escrevesse: Querido Mestre! Foi o bastante para que engatilhasse essa bela página que a todos muito agradeu.

---

<sup>47</sup> Correção do Autor.

<sup>48</sup> *Idem*.

Quem a havia de passar para o pergaminho? Foi disso incumbido o cunhado de Mestre Gonçalves, o Senhor Olímpio, era mestre em ortografia e assim foi escrito dentro da própria casa do Mestre sem que ele o suspeitasse.

O sócio, ourives da nossa praça, Manuel Martins Ribeiro fez a ferragem em prata para a pasta e ofereceu ele isso tudo.

Todos desejavam contribuir para o completo da festa.

O dia aproximava-se e era preciso fazer convites, apenas dois, aos Doutores Mendes dos Remédios e Sidónio Pais, de que fui encarregado, os outros ficaram a cargo de vários sócios. Chegou finalmente o dia 19 de Dezembro de 1905, há portanto quarenta anos que isso foi! e parece-me que foi ainda ontem, pelo prazer que sinto em recordar esta página da minha vida, de um entusiasmo de louca satisfação.

Fui encarregado de dirigir o Copo de água, para o que também concorreu generosamente o sócio amador, Adriano da Havaneza, que é justo lembrar.

Quando Mestre Gonçalves chegou à farmácia do Rodrigues da Silva, depois de terminadas as aulas da Brotero, já ali se encontrava o Doutor Mendes dos Remédios, recebendo-o muito conversador, à chegada do Doutor Sidónio Pais acompanhado dos professores, João Pereira Dias e Silva Pinto.

O Senhor Doutor Sidónio Pais disse ao Doutor Mendes dos Remédios:

— E se fossemos com o Gonçalves até à Escola Livre?!

e ele muito satisfeito

— Venham, venham ver os meus rapazes

Mas quando o grupo chegou além do Arco de Almedina o Mestre viu a bandeira hasteada e a gambiarra acesa, disse:

— Não se pode envelhecer em segredo, os rapazes descobriram que eu fazia hoje anos e vejam...

Todos gracejaram com isso, mas dentro da Torre ia grande burburinho.

— Aí vêm eles...

E todos correram escada abaixo para o receber, não fosse ele fugir e era capaz de o fazer se soubesse, ia comentando...

— Cheira-me a louro...

Reparando no grupo dos sócios apenas disse:

— Ora os Senhores...

E pasmou ao chegar à porta... o hino da Escola, que se não ouvia há mais de vinte anos, rompe numa alegria doida, com o acompanhamento das quadras de Adelino Veiga, feitas para esse hino e o Mestre branco e aturdido com a surpresa, essa bela surpresa por todos preparada e que tão completa ela foi.

À meza presidida por Costa Mota, Bernardo de Carvalho, sócios da Fundação, leu-se a mensagem num silêncio comovedor, em todos os olhos bailavam as lágrimas prestes a deslisarem.

Os sócios mais novos pareciam loucos como creanças.

O Mestre vencendo a comoção apenas disse:

— Falta-me a palavra para manifestar o meu reconhecimento a todos, porque a todos eu vejo que sou devedor e, por isso, olhem... muito obrigado!!!

Os Doutores Mendes dos Remédios e Sidónio Pais, vencendo a comoção, fizeram os seus discursos de improvisado ali mesmo, cheios de admiração pela forma tão

completa como esta festa, esta grande festa, que Coimbra inteira esperava, e todos se empenharam em a ocultar ao conhecimento do Mestre.

Nos brindes propoz-se a realização de uma exposição promovida pela Escola Livre, o sócio Armando Souza diz:

— Mas esta proposta, que todos acolheram bem, espero que não fique só em palavras e vá além desta noite, muitas palmas e muito bem. Não deve ficar.

Tudo serenou e todos debandaram acompanhando o Mestre, apenas eu e o Alberto Ramos Vasconcelos ficámos para acautelar o que do festim sobrou e as loiças postas ao abrigo e segurança de algum desastre.

Esta festa, para que tanto havia trabalhado, deu-me a mim e ao Vasconcelos um grande aborrecimento, quando no dia imediato à tarde voltei à Escola, para darmos balanço ao que se havia consumido, para recolher o restante aos estabelecimentos fornecedores, demos com a pequena porta arrombada e os doces e vinhos desfalcados!...

Depois soube quem haviam sido os engraçados, que ao censurá-los me disseram:

— Mas isto é de todos nós...

Nem sequer respondemos aos atrevidos que falavam em nome do **Grupo** que se formou para **assassinar a Escola**, como realmente o fizeram, desse malfadado grupo apenas hoje vive um, a quem nunca mais falei, é o J.A.C., não é por medo que o indico pelas iniciais do seu nome, mas por honra da Escola Livre das Artes do Desenho...

O ano de 1906 entrava com o encargo que havíamos tomado de fazer a exposição, que era forçoso realizar, Armando de Souza trabalhou incansavelmente para a sua realização, andava de oficina em oficina, animando a todos, não largando João Machado, que se havia comprometido, sobre palavra de honra, que a exposição se faria para as festas da Cidade.

Em fins de Abril fui de visita a meus pais à Régua e a Lamego a meu tio João, que era capitão em Infantaria n.º 9.

Fui encontrá-lo lutando com grande desânimo, desejava sair de Lamego para Coimbra, para educar o filho mais novo mas, segundo me contou minha tia, não pedia nada a ninguém eu disse a minha tia:

— Tenho amigos que se eu lhes fizer esse pedido me atenderão se puderem.

Fui depois ao Regimento falar a meu tio, que estava de inspecção, quando abordei o assunto ficou um pouco amachucado no seu orgulho, receber, de um artífice do Exército (classe que ele odiava), um favor desta natureza não era para menos.

De regresso a Coimbra puz nessa transferência todo o meu empenho, junto do Senhor Capitão Domingos de Freitas, que escrevia artigos na *Folha de Coimbra* de que era Director.

Este Senhor Capitão, Domingos de Freitas, era um grande amigo do Presidente do Ministério, o Senhor Dr. João Franco e estava em vésperas de ser reformado e prometeu-me dar a sua vaga a meu tio.

Procurava por todos os meios pôr o meu tio ao corrente do que se passava, até que um dia, em Junho, o Senhor Capitão que estava como Comissário da Polícia de Coimbra, me disse:

— Olhe lá oh Almeida, se a ordem do Exército não sair amanhã (era o dia de Coração de Jesus) seu tio é com certeza cá colocado, se sair hoje, então não foi a tempo o pedido ao meu amigo com quem falei há dois dias.

Como no dia imediato era dia Santificado, eu ia a passar no Largo de Sanção<sup>49</sup>, quando ele me chamou e disse:

— Mande um telegrama a seu tio dizendo-lhe que é cá colocado, que se prepare isso.

O telegrama foi e a Ordem do Exército só saiu uns dias depois com a transferência e colocação em Infantaria n.º 23 do Capitão de Infantaria n.º 9 João de Almeida.

#### **A EXPOSIÇÃO DA REABERTURA DA ESCOLA LIVRE E OS SEUS BENÉFICOS RESULTADOS**

Um mez antes da abertura da Exposição, principia a imprensa com os seus artigos citando alguns trabalhos já prontos ou quasi prontos. O *O Conimbricense* traz o primeiro desses artigos para levantar o moral dos sócios abatido pelas dificuldades da vida.

Faz a história da serralharia em Coimbra, lembrando com justiça o nome de Manuel Pedro de Jesus; estes artigos surtem o efeito desejado.

Chega finalmente esse dia tão desejado, 5 de Julho de 1906, para que todos os sócios da Escola tanto haviam contribuído.

Essa Exposição tão pequena que, para caber dentro do salão da Associação dos Artistas, foi preciso recorrer aos arbustos decorativos para preencher os enormes lapsos, mas era o maior esforço que uma colectividade como a Escola Livre era e de tão grande número de sócios expositores (28)<sup>50</sup>.

O jornal *A Luta* de Lisboa do dia 5 vem com um artigo da abertura da Exposição.

O significado moral que esse acontecimento trouxe a Coimbra ainda hoje se sente, os trabalhos expostos eram em número de 73, poucos não há dúvida, mas muitos em relação à pouca vontade de muitos...

É verdade que para nessa época fazer-se uma exposição era necessário fazerem-se grandes sacrifícios, porque todos nós éramos pobres e as encomendas não eram muitas para cobrirem essa iniciativa.

Recordo as últimas palavras da alocução do Senhor Presidente e Mestre António Augusto Gonçalves na abertura da Exposição: «É pela convicção e propaganda dos seus elementos mais valiosos que as artes da pedra e do ferro estão ostentando em Coimbra recursos de vitalidade e tão desenvolvida compreensão estética, como em parte alguma do Paiz».

O que é certo é que todos os expositores estavam animados de um grande contentamento, porque o acolhimento que o povo fez aos seus trabalhos foi a melhor recompensa dos seus sacrifícios.

O Senhor Bispo Conde, D. Manuel Correia de Bastos Pina, não se quiz mostrar indiferente ao significado da Exposição; quando a visitou, teve um grande rasgo de

---

<sup>49</sup> «...Sansão...», no manuscrito.

<sup>50</sup> Embora perceptível a ideia deste parágrafo, a sua estrutura formal carece um pouco de sentido que os parágrafos seguintes esclarecem.

generosidade e brio sem exemplo *mas*<sup>51</sup> dentro do carácter de tão grande prelado, oferecendo **cem mil reis** para serem distribuídos em prémios pelos sócios que mais se distinguissem.

Esta oferta veio dar margem a remosques, julgando que a proibidade do Mestre o levaria a beneficiar os seus preferidos e eu era apontado, por ter oferecido o meu trabalho de escultura (um sátiro) ao Mestre<sup>52</sup>.



Ilustração 8 – Peça exposta na Exposição da ELAD em Julho de 1906 e oferecida ao Mestre. Foto do Álbum de Trabalhos de LCA, em poder da família

---

<sup>51</sup> O Autor corrigiu o texto dactilografado cortando a palavra «mas», que se encontra também no manuscrito, alterando o sentido da frase. As dúvidas quanto à intenção do Autor levam-nos a mantê-la com esta nota.

<sup>52</sup> Ilust. 8. Álbum de Trabalhos de LCA.

Não lhe passou isso despercebido e, ao receber o dinheiro, da mão do Padre Castanheira, pediu autorização ao Senhor Bispo para empregar a quantia numa excursão de estudo de todos os expositores a Leiria, Batalha e Alcobaça; foi a melhor forma de tapar a boca aos mexeriqueiros...

Depois do encerramento da Exposição e para aproveitar o tempo na excursão, reuniu os sócios na Escola, fazendo-lhes preleções sobre os estilos dos monumentos a visitar nessas terras, com estampas dos detalhes mais em evidência das jóias <sup>a</sup><sup>53</sup> visitar.

Numa dessas reuniões (a última), o Mestre propôs que de entre todos se escolhesse um para tesoureiro da excursão; tudo se calou, apenas o sócio Saúl de Almeida se ofereceu, [o Mestre] delicadamente agradeceu a oferta e propôs a minha pessoa à votação.

Fiquei embaraçado por ter sido escolhido, mas como o Mestre justificou sem melindres, mas notei o azedume que a escolha causou a dois sócios.

Eram dezoito os sócios contemplados, fora os que se anexaram à excursão, acompanhava o grupo, além do Mestre, o Arquitecto Silva Pinto, partindo a 4 e regressámos a 6 de Agosto; gastamos com hospedagem, carros, gratificações e caminho de ferro 94:420 reis, ficando um saldo de 5:580 reis, que reverteu para a excursão que se fez a seguir ao Botão<sup>54</sup>.

#### COLHEM-SE OS SABOROSOS FRUTOS QUE A EXPOSIÇÃO GEROU

Em 31 de Agosto desse mesmo ano acabei a porta do jazigo da Família Lopes Guimarães e em Dezembro os restantes ferros dos fogões de José Relvas<sup>55</sup>.

Alguém lembrou ao administrador das obras do Hotel do Buçaco, para mandar fazer um monumental candelabro para a escada nobre desse edifício e pediram a Mestre Gonçalves o desenho, que ainda conservo; pedindo-me o orçamento para essa obra, fiquei entusiasmado e fiz o preço mesquinho de cento e cinquenta mil reis<sup>56</sup>.

Pois, apesar disso, vi fugir a ocasião de enriquecer o nosso património nacional com um trabalho à altura do monumento, sendo substituído por esse candelabro em latão de fancaria alemã, que custou quatro vezes mais do que a obra em ferro forjado.

O Dr. Quim Martins faz a esse respeito uma crítica áspera na *Resistência*<sup>57</sup>, com que o administrador deu grande *sortalhão*<sup>58</sup>.

Em 1907 fiz as grades para os prédios de Cassiano Martins Ribeiro, à rua Lourenço de Almeida Azevedo n.º 2 e 3, a última em lindo estilo românico<sup>59</sup>. Com estes trabalhos começava um novo período da actividade para mim, eram os resultados da Exposição a fazerem-se sentir; vejam-se os jornais de Coimbra.

---

<sup>53</sup> Correção do Autor.

<sup>54</sup> Fotos do Grupo, cedidas pelo Arquivo Histórico-Municipal de Coimbra. Ilustrações 10 e 10A.

<sup>55</sup> Actualmente ainda na Casa Museu de José Relvas (Casa dos Patudos – Alpiarça).

<sup>56</sup> Desenho do candelabro de AAG, em poder da família. Ilustração 9.

<sup>57</sup> *Resistência* 11 de Abril de 1907. Os Meus Recortes. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>58</sup> Dar sorte ou sortalhão = dar o cavaco, enfadar-se, zangar-se.

<sup>59</sup> Actualmente ainda no local referido.



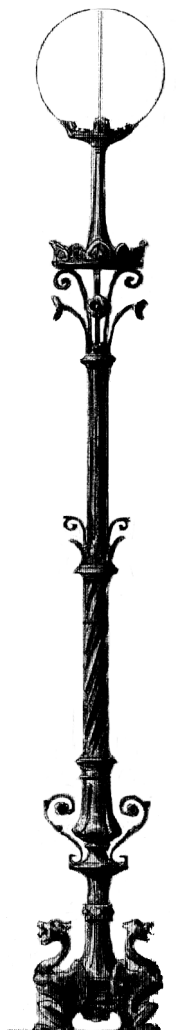


Ilustração 9 – Projecto do candelabro para a escadaria do Hotel do Buçaco

O arquitecto Adães Bermudes ambicionava ganhar o prémio Valmor desse ano em Lisboa e disse esperar que os serralheiros de Coimbra o ajudassem, fazendo-nos a encomenda de todos os gradeamentos par um prédio que estava fazendo no Largo do Intendente, com esquina para a Avenida Almirante Reis<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Prédio da Av. Almirante Reis. Foto do Inventário de Trabalhos de LCA. Ilustração 11.



ANTÔNIO AUGUSTO GONÇALVES COM UM GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO, NUMA VISTA DE ESTUDO.

Ilustração 10 – Foto de Grupo

O GRUPO DA ESCOLA LIVRE DAS ARTES  
NO DESENHO

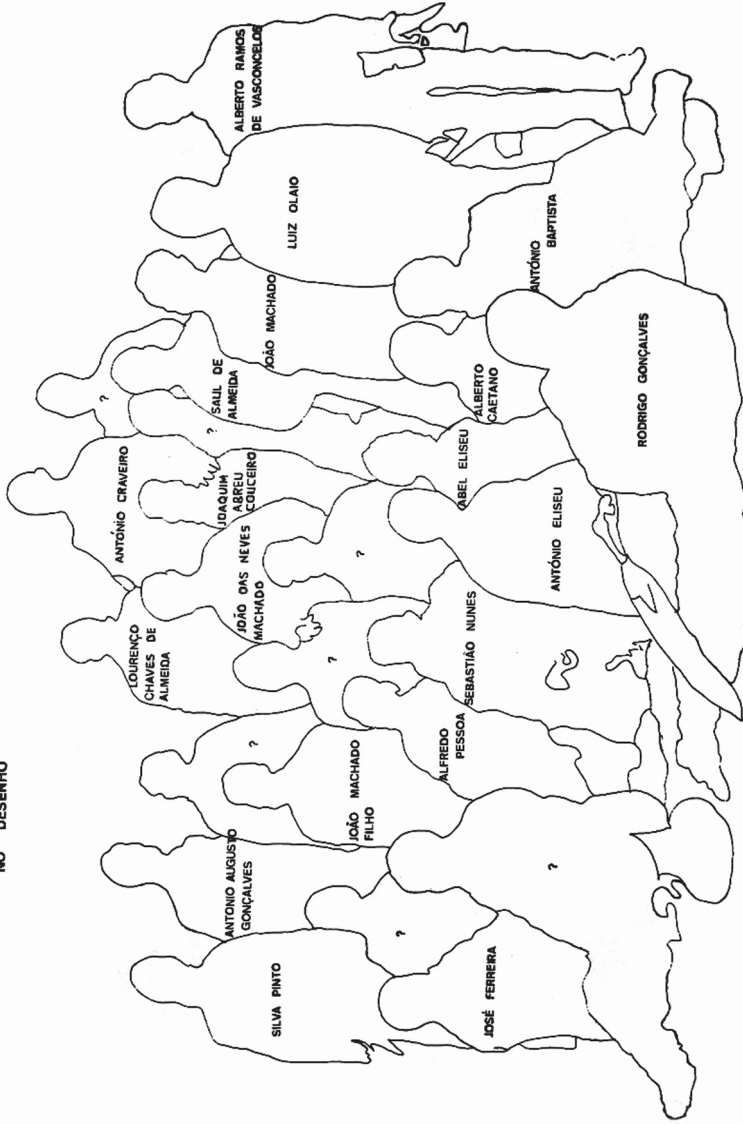


Ilustração 10A – Silhuetas do Grupo



Ilustração 11 – Prédio de Adães Bermudes, Av. Almirante Reis, Lisboa.  
Prémio Valmor

A encomenda era grande [e] com certa urgência e por isso foi dividida pelas oficinas de Manuel Pedro de Jesus, António Maria da Conceição, João Gomes e por mim.

À minha parte couberam-me os sacadins da sobre-loja e as sacadas do 2.º andar desse prédio.

Na *Resistência* de 21 de Julho o Dr. Quim Martins faz os melhores elogios ao esforço e boa vontade de que todos estávamos animados no desempenho da encomenda, visto o fim que o arquitecto tinha em vista<sup>61</sup>.

Em Setembro enviámos a primeira remessa de grades e eu todos os sacadins. Adães Bermudes exulta de satisfação pelo êxito obtido em Lisboa, afirmado em carta a João Machado.

---

<sup>61</sup> Os Meus Recortes. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

A imprensa de Coimbra, honras lhe sejam dadas, ao saber da carta não deixa de dar conhecimento dela em público com artigos magníficos de encorajamento para todos.

É que a imprensa Coimbrã desse bom tempo tinha no Dr. Quim Martins um grande Mestre.

Peço para não fazerem reparo no tratamento que aqui lhe dou, Doutor Teixeira de Carvalho era só para os seus colegas de Capelo, metendo-o no recinto da Universidade, para nós artistas era com grande respeito que lhe chamávamos, no convívio com as oficinas, o Senhor Dr. Quim Martins.

Nas suas passagens para a Sofia, era obrigatória a sua visita à minha oficina, depois que soube, quando da Exposição, que eu era da sua terra e nessa qualidade me apresentou ao meu parente e seu particular amigo, Doutor Chaves.

Eu já disse mais de uma vez, devo muito, mesmo muito, a Mestre Gonçalves, mas não devo menos ao Dr. Quim Martins, porque ambos se esforçaram por firmar a minha personalidade artística que eu nessa altura sentia apenas esboçada.

Em princípios de Janeiro de 1908 remetia as sacadas do 2.º andar para Lisboa e em 27 recebia uma carta de Adães Bermudes que principiava assim «(...) Recebi as grades que executou para o prédio do Intendente cujo trabalho tenho a satisfação de dizer-lhe que muito me agradou (...)».

Mestre João Machado havia sido encarregado de fazer as cantarias para um prédio, em Aveiro, do Senhor Mário de Belmonte Pessoa, para esse prédio fui encarregado de fazer os portões e gradeamentos, era uma obra realmente pesada mas de bom efeito decorativo. Para mostrar a satisfação de freguez, leio o postal que dele recebi «(...) Recebi as grades e vejo que realmente teve razão na demora porque teem muito trabalho, declaro ao Senhor Almeida que gostei imenso do seu trabalho que acho muito perfeito, em vista do que acho justiça que lhe ofereça uma gratificação no fim da obra (...)». A maior gratificação que os fregueses me podem dar é o apreço em que os meus trabalhos são tidos pelos donos.

Seguiram-se a estes trabalhos os dos prédios dos Senhores Capitão Lopes<sup>62</sup> e Alferes Loureiro à rua de Antero Quental e as grades das duas primeiras casas da rua Lourenço de Almeida Azevedo pertencentes ao Senhor Cassiano Martins Ribeiro, a que maior importância teve foram as da casa em estilo românico.

Havia mostrado ao meu Mestre Gonçalves os desenhos na Escola Livre e achou que estavam bem, depois a obra mereceu-lhe elogios.

Esta grande actividade de trabalho paguei-o com o agravamento da minha doença, tendo de recorrer ao especialista de V.U.<sup>63</sup>, Dr. Lebre, que não me curando deu-me um paliativo, com o que muito aproveitei.

Foi nesta altura que comprei o quintal e um casinhoto na Estrada dos Tovins, para onde vinha aos domingos com a mulher e os filhos.

---

<sup>62</sup> Foto do Inventário de Trabalhos de LCA. Identificada pelo Livro de Oficina, espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista. Ilustração 12.

<sup>63</sup> V.U. – deduzimos que o Autor se refere às vias urinárias, pelas diversas referências no texto das Memórias e correspondência trocada, mencionando esse padecimento.



Ilustração 12 – Casa do Capitão Lopes – Rua Antero de Quental n.º 88, Coimbra (adjacente, a poente, ao Tribunal Militar)

#### COMO NÃO SENDO<sup>64</sup> SARGENTO FUI A UM CONCURSO COM SENHORES OFICIAIS

Nesta altura deu-se um acontecimento sério no Regimento, então comandado pelo velhinho Senhor Coronel Arsénio Moreira, devido à provocação do Dr. Afonso Costa e Capitão Homem Cristo, que obrigou a transferência do Senhor Comandante Moreira, para Infantaria n.º 9, sendo colocado no 23 o Senhor Comandante da Guarda Municipal do Porto, Eduardo Ivens.

No Regimento não agradou à maioria dos Senhores Oficiais o ser entregue o comando a este Senhor Coronel, mas os acontecimentos levaram o Senhor Ministro da Guerra a colocar ali um comandante da sua confiança; no Ministério estava o Senhor Coronel Vasconcelos Porto.

O Senhor Coronel Ivens hospedou-se no Hotel Mondego aonde estava também o meu professor, Senhor João Pereira Dias; um dia, falando os dois, este contou-lhe que na sua aula trazia um Sargento do Regimento dele e falou-lhe de mim em termos tão elogiosos que dispôs o comandante a conhecer-me.

Um dia veio a pé para o Regimento, caso raro porque vinha sempre no seu lindo cavalo, ao passar à porta da minha oficina parou para mandar recolher a guarda e entrou na oficina dizendo-me:

---

<sup>64</sup> «Como quase não sendo...», no manuscrito. O Autor refere-se, provavelmente, ao facto de os artífices não serem sargentos, à época, mas quase sendo-o, como equiparados.

— Adeus mestre, então há muito que fazer?

Eu, atrapalhado com o à vontade de tão ríspido militar, disse:

— Saberá V. Ex., meu Comandante que vai havendo e bastante.

Respondeu:

— Já sei que você é um grande trabalhador e muito estudioso, tenho a seu respeito muito boas informações.

Agradei-lhe as boas palavras e disse-lhe não estar habituado a tamanha deferência, ao que respondeu:

— Não tem que me agradecer; as informações não foi ninguém do Regimento que mas deu, foi o seu Professor de Desenho, eu fui sempre muito amigo dos artífices, o que não fizer a um artífice também o não farei a um oficial e eu lhe provarei isso, adeus, estimei muito conhecê-lo.

Eu sabia que este Senhor era tido no Regimento, pela maior parte dos seus subordinados, como um «**Papão**» e vê-lo tão democraticamente falando com um artífice que mal conhecia, senti-me atraído para esse homem em quem se me afigurava ver um bom amigo no futuro.

E realmente foi-o e dos melhores, como se verá...

Que Deus o tenha em boa Paz!

Em todo o Exército os artífices gozavam a regalia de poderem vestir à paisana, com excepção do Regimento de Infantaria n.º 23 em que eram obrigados a andar fardados e armados de chanfalho de corneteiro à cinta, com a agravante de não terem direito à continência da parte dos inferiores a Sargento, o que motivava um *desrespeito*<sup>65</sup> à disciplina militar.

Este é o lamentável espelho da forma como o artista era tratado e o nível em que o colocavam então.

Falei nisso ao Senhor Comandante, com muita mágua, e autorizou que nós vestíssemos à paisana.

Na Ordem do Exército de então, na parte não oficial, veio um convite aos Senhores Oficiais para, aquele que quisesse, apresentaria um modelo para ferramentas portátil para infantaria.

Falou-me nisso o Senhor Capitão Cruz e explicou-me o que se pretendia, que se eu quisesse podia apresentar um modelo da minha invenção.

Estudei essa ferramenta e fiz um ensaio em chumbo que mostrei ao Senhor Comandante que me acolheu, com muita simpatia e me recomendou que fizesse um exemplar em ferro e aço com dois terços do tamanho natural. Animado por este acolhimento fiz realmente a peça, que ficou aparatosa e de bom e fácil funcionamento na transformação rápida, de picareta e enxada, em pá.

O Senhor Comandante seguia o trabalho muito de perto e animava-me, quando a dei por pronta levei-lha para ser remetida, em nome do Regimento, à Comissão para isso nomeada, de que fazia parte o Senhor Capitão Teriaga, de Engenharia, um dos concorrentes, director das oficinas do Polígono de Tancos.

O meu Comandante nomeou uma Comissão de que fazia parte o Senhor Tenente Correia Velhinho, comandante dos sapadores do regimento. Feitas as experiências

---

<sup>65</sup> «...desrespeito muito prejudicial...», no manuscrito.

com bom resultado, este Senhor Oficial fez o seu relatório que, junto à ferramenta, o Senhor Comandante remeteu, com uma carta sua, directamente ao Senhor Ministro da Guerra.

Dias depois fui chamado ao seu gabinete para me ler uma carta que o Senhor Ministro escreveu em que dava os parabéns ao Senhor Comandante e elogiava o trabalho do seu artífice, e que por aquela repartição ia ser enviada à Comissão competente, para se pronunciar.

Mezes depois saía uma Ordem do Exército com o parecer da Comissão, em que era adoptada a ferramenta da invenção do membro da Comissão apreciadora, o Senhor Capitão Teriaga e da ferramenta do artífice de Infantaria n.º 23, **que pretendia imitar o sistema das ferramentas universal** mas com molas e alavancas tornando a mão de obra cara e impraticável<sup>66</sup>.

Teve apenas um fim importante que foi chamar a atenção do Senhor Ministro da Guerra para a desprotegida e abandonada classe dos artífices, sempre deprimida... até que no Reinado do Senhor D. Manuel II, numa das *organizações*<sup>67</sup> do exército, foi finalmente dada aos artífices e mestres de música a respectiva continência.

Também desejo aqui prestar homenagem ao Exa. Senhor General Correia Barreto, que na sua reorganização do exército acabou para o artífice com a humilhante classe de equiparado, criando o respectivo quadro dos Sargentos artífices.

Quanto ao meu Comandante, o Senhor Coronel Eduardo Ivens, continuou sendo um bom amigo, mesmo como General Comandante da 5.ª Divisão de Coimbra.

Em 1909 a 910 fiz trabalhos para um prédio em Vouzela, do Senhor Dr. Ferreira<sup>68</sup> e outros para Leiria, na rua Mouzinho de Albuquerque.

Não posso deixar em claro um acontecimento que se há-de ligar, no decurso destas memórias, com a Escola Livre, que é o seguinte: Uma tarde de 26 de Abril, do ano?, não me recordo... apareceu-me na oficina, à Sofia, um grupo de três sócios da Escola (não morria de amores por eles), e ao vê-los presumi acontecimento de valor e perguntei-lhes:

— Os senhores por aqui? Então é caso sério, digam lá?

Os homens estavam embaraçados, mas um deles mais atrevido disse:

— O Senhor Gonçalves está em Espinhaço de Cão e estivemos lá com ele.

Respondi:

— Já sabia que estava para lá e daí?

Eles continuaram

— É que depois de amanhã faz anos o Senhor Presidente, Dr. Quim Martins, era conveniente festejar-se esse dia na Escola com uma festa.

Ao que eu respondi com certo cinismo:

— Trata-se de comes e bebes, muito bem, podem contar com o meu apoio, do coração me associo à vossa festa, mas vejam lá como se portam...

---

<sup>66</sup> Da sua mágoa fala o artigo, datado de 2 de Fevereiro de 1911, enviado para o *Jornal do Sargento*, como esclarecimento à notícia inserta no primeiro número desse jornal. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>67</sup> «...reorganizações...», no manuscrito.

<sup>68</sup> «Dr. Guilherme Ferreira Coutinho», conforme registo no Livro da Oficina, na Casa Rural Quinhentista.



— Também já falámos com o Senhor João Machado, que ficou satisfeito com a festa, mas é da mesma opinião do Senhor Gonçalves.

Perguntei-lhes:

— Então que querem mais?

— O Senhor Gonçalves aconselhou-nos que pedíssemos ao Senhor Almeida a sua valiosa colaboração dirigindo a festa.

Isto foi dito com um fundo de ódio mal simulado.

Não era, para mim, difícil adivinhar onde Mestre Gonçalves pretendia chegar, era de certeza fugir ao *processo*<sup>69</sup> das festas anteriores promovidas por este grupo em Santa Clara, com ceias no aniversário do Mestre, à imitação daquela outra, por nós dirigida, de tão retumbante sucesso.

Bem, vesti-me e fui com eles; primeiro ver qual o champanhe que o Doutor bebia no restaurante do Avenida, eram meias garrafas, pretendiam provar eu disse-lhes.

— Não é preciso, não valia a pena.

Seguindo (mal humorados) Avenida acima até ao pasteleiro Marques, da Praça da República, ahí encomendei, para a noite de 28, um serviço de pastelaria, de carne, camarões e doces, a gula venceu o mau humor e ahí disseram-me que desejavam comer, ao que respondi:

— Também eu.

Sentámo-nos à mesa e mandei vir pastéis e vinho branco e para mim uma cerveja; no fim e depois de comermos bem, perguntei se desejavam mais, chamando o Marques disse-lhe:

— Quanto devo?

Ao que eles responderam:

— Que meta na conta da festa.

Respondi-lhes:

— Não! Isso não, isto sou eu quem paga porque também faço anos amanhã.

Era verdade, mas não gostaram da piada lembrando o que faziam e ao que o Mestre pretendia fugir... e daí subimos até ao Espinheiro de Cão a dar conta do que se preparava ao Mestre.

O contentamento dele foi grande ao ver-me chegar, porque receava que eu não me associasse ao grupo, porque sabia muito bem o nojo que tinha daqueles filhos bastardos da Escola Livre.

A festa correu bem e animada e quando o champanhe deixava de espumassar nas taças esquecidas, o sócio Benjamim Ventura propôs se erigisse o monumento a Júlio Mota, sócio fundador e a pérola da Escola, que há muito havia morrido; abriu-se uma subscrição e o dinheiro foi entregue ao tesoureiro ali nomeado, era eu.

Não dei por tal e o dinheiro arrecadou-o Benjamim Ventura, absorvido com o serviço da festa não prestava atenção a mais nada, só muito mais tarde, é que o amigo João Machado me chamou a atenção para o caso e me perguntou se eu recebera o dinheiro; disse-lhe que não nem sabia onde parava, respondeu-me que era o Benjamim, mas que deixasse ver o que ele fazia, porque se lho pedisse talvez se melindrasse, concordei.

Nesta altura havia chegado do Brazil o irmão de Mestre Gonçalves, o Rafael, pai da Senhora D. Mécia, deu-se uma grande e retumbante festa em Espinheiro de Cão,

---

<sup>69</sup> «...fracasso...», no manuscrito.

em Agosto de 1910 e ahí se proclamou a República de Espinhaço de Cão, vestindo de República a filha.

Há coisas que por vezes são curiosas, em 5 de Outubro desse mesmo ano era proclamada em Portugal, menos em Espinhaço de Cão, que já o havia sido...

O grupo dos três sócios caiu em cima desta presa, como abutres em gordo cadáver!... digo isto só por o que se passou e recebi as queixas do Mestre Gonçalves.

Com a proclamação da República foi nomeado o Mestre para superintendente dos Paços reais, antes de tomar posse deu um jantar de despedida aos sócios da Escola, depois foi tomar posse.

Voltou novamente a Coimbra e então para festejar a sua colocação em Lisboa, deu uma grande festa em Espinhaço de Cão a que compareceram os sócios habituais e o nosso Dr. Quim Martins.

Correu muito vinho e também muita aguardente e todos se animaram bastante, até o Dr. Quim Martins estava como um Anjinho... e de copo em punho fez um discurso em que se congratulava com a nomeação do Senhor Gonçalves para superintender nos Paços reais; a escolha foi muito acertada, mas, dizia-o com muita mágoa:

— Eu contava com esse lugar para mim.

Queixava-se amargamente do Dr. Afonso Costa, de quem era padrinho de casamento e dizia:

— Ele bem sabe que se eu tenho estudantes e por vezes os lecciono, não é para me divertir mas sim por necessidade, porque todos sabem que não sou rico e ele melhor do que qualquer outro, no entanto a nomeação do Senhor Gonçalves é justa e acertada e por isso o brindo com muita satisfação.

Mestre Gonçalves, de quem eu não tirava os olhos, ouvia-o com um certo nervosismo, que [eu] muito bem lhe conhecia e agradeceu e disse:

— Realmente sinto ter aceitado um lugar que pertencia de direito ao Senhor Dr. Teixeira de Carvalho – mas que lhe desculpasse – porque o não havia pedido, sinto-me vexado por o ter aceitado em seu prejuízo.

O Doutor atalhou rapidamente:

— V. Ex.<sup>a</sup> não tem culpa e não me queixo senão do Dr. Afonso Costa.

A todos passou despercebido este tiroteio de palavras menos a mim, porque a minha saúde não me permitia beber à larga e tive de aturar o Doutor, a quem trouxe pelo braço até Coimbra, e então comigo desabafou tudo o que não havia dito, pobre amigo, tive imensa pena dele!

No outro dia fui, antes de mais ninguém, despedir-me do Mestre, falámos do caso de Espinhaço do Cão e então disse-me:

— Estou com uns remorsos enormes em ter aceitado o cargo.

Ao que respondi:

— V. Ex.<sup>a</sup> tinha que aceitar, para não nomearem outro que, com o Doutor Quim, não teria certamente o conceito em que V. Ex.<sup>a</sup> o põe.

Ele disse-me baixo:

— Tem razão, procurarei remediar este mal.

Soube então mais tarde que Mestre Gonçalves pediu ao Dr. Afonso Costa para o mandar substituir pelo Doutor Teixeira de Carvalho, porque os seus padecimentos, que eram crónicos, estavam alterando a saúde bastante, por estar fora de casa.

O Dr. Afonso Costa muito contrariado perguntou:

— Mas olhe lá óh Gonçalves, o Dr. Quim ainda bebe muito?

Ao que respondeu:

— Oh Senhor Doutor, isso não pode opor-se à nomeação dele, que é a única competência e V. Ex.<sup>a</sup> bem o sabe.

Esteve pensativo um momento e disse:

— Realmente tem razão, vá falar com o José Relvas (era ministro das Finanças) e diga-lhe que estou de acordo com o Gonçalves.

José Relvas opôs uma pequena resistência, que habilmente foi destruída por mestre Gonçalves, que regressou a Coimbra com a nomeação do Doutor Teixeira de Carvalho para o substituir nos Paços Reais.

Conto isto como certo, porque havia sido o confidente dos dois amigos, a quem muito devia.

### O MEU AUXÍLIO A MESTRE GONÇALVES, NA INSTALAÇÃO DO MUSEU MACHADO DE CASTRO<sup>70</sup>

Quando regressou uma ideia o obcecava, o Paço do Bispo, para nele instalar o Museu, falando no assunto com Rodrigues da Silva, que se calou, mas foi falar com o Dr. Fernandes Costa que lhe disse:

— O Gonçalves não toma conta do Paço do Bispo porque não quiere.

Dias depois o Mestre voltou a falar no caso ao Rodrigues da Silva que então lhe disse o que o Dr. Fernandes Costa pensava e animado com o conselho, apresentou-se a pedir a entrega das dependências do Paço, tendo delicadamente oficiado ao Senhor Bispo o arquitecto Silva Pinto,

Quando entraram o velho portão do pátio, ao Conde a comunicar-lhe que uma comissão iria ali tomar conta das dependências por ele habitadas, em conformidade com a Lei da Separação, recentemente publicada<sup>71</sup>.

Não havia comissão oficial nomeada, era apenas Mestre Gonçalves, Rodrigues da Silva e alguns sócios da Escola Livre e, ao cimo da escada dos aposentos do Bispo, o Dr. Eugénio de Castro chegou à porta e disse para dentro:

— Lá vêm eles!

E desapareceu, só passado muito tempo é que veio falar a Mestre Gonçalves, mas muito branco e desconfiado:

— O Senhor Bispo retirou para a Carregosa

Ele meteu tal susto ao Bispo, que fugiu espavorido pela Sé.

Mestre Gonçalves afirmava muita vez que nunca pôde compreender a atitude misteriosa que o Dr. Eugénio de Castro tomou neste caso, fazendo fugir o Bispo, a quem se não faltaria ao respeito que lhe devia.

Feito o arrolamento dos bens pertencentes ao Estado, entrou na posse das dependências do Paço, mas... faltava dinheiro para uma instalação condigna.

---

<sup>70</sup> Embora assim intitulado este capítulo nele nada refere a sua ajuda, que é de facto evidente ao longo das Memórias.

<sup>71</sup> Lei, do então Ministro da Justiça Afonso Costa, promulgada em 20 de Abril de 1911.

Com muitas idas a Lisboa e a muito custo, conseguiu algumas verbas e com muito dinheiro do seu bolso e de alguns amigos, fez as instalações do recheio que compunha o Museu do Instituto, cedido de boa vontade para o Museu Machado de Castro.

### **O GRUPO DOS TRÊS SÓCIOS DA ESCOLA LIVRE DÁ RETUMBANTES SINAIS DE SI**

Em 1912, o mais atrevido dos três ou o mais inconveniente espera à saída da Escola Livre, Alberto Ramos de Vasconcelos e dá-lhe uns socos.

Esta brutalidade irritou-me, porque afastou para sempre da Escola quem tinha o encargo de a abrir todas as noites e ser o único que por ali aparecia, mas era exactamente o que eles pretendiam.

Eu já raras vezes aparecia na Escola porque nessa altura havia mudado a oficina da rua da Sofia para a cerca de Sant'Ana e a minha residência para a estrada do Tovim<sup>72</sup>.



Ilustração 13 - Casa de LCA, no Tovim

Na sessão da Assembleia Geral de 21 de Agosto de 1912 pedi a palavra e, num ímpeto de raiva, ataquei com violência o acto praticado na pessoa de Alberto Vasconcelos. Tão tumultuosa ela foi que ameaçava dar pancadaria, porque se formaram dois grupos, um do meu lado e outro do lado do amigo João Machado, a quem haviam contado as coisas como vítimas que se apresentavam.

---

<sup>72</sup> Casa de L. C. Almeida, no Tovim, tal qual se encontrava alguns anos atrás. Fotografia gentilmente cedida pelo Dr. José Machado Lopes. Ilustração 13.

João Machado era de fácil sugestão e viu em mim um tiranete contra os pobres e inofensivos **velhacos**.

O Senhor Presidente entendeu por bem encerrar a sessão marcando outra para a primeira ocasião e, ao sair, os sócios meus amigos quiseram acompanhar-me até ao Tovim, não me fizessem alguma espera.

Não aceitei, chegava bem para eles todos e disse-lho quando saímos da Escola, ainda tentaram um gesto, que a não ser seguro pelos meus amigos teria dado grande chinfrim.

Em 9 de Dezembro foi convocada a Assembleia Geral, todos sabiam que eu apresentaria uma proposta expondo os factos condenáveis e pedia a simples expulsão dos sócios, visto que uma comissão encarregada de estudar as causas promotoras da decadência da Escola não satisfazia, ou não quiz ver essas causas.

Nessa sessão pedi a palavra para ler uma exposição, houve berraria e protestos:

— Não é preciso, não se lhe dá a palavra! – dizia Mestre Machado.

O Senhor Presidente impôz silêncio e disse:

— Tem a palavra o Senhor Lourenço de Almeida para ler a sua exposição.

Fez-se muito barulho, mas a leitura continuou até final, conservo ainda hoje essa exposição<sup>73</sup>, visto ter desaparecido as folhas da acta em que estava exarada; dei pela falta quando há pouco tempo procurava elementos para escrever a história da Escola Livre das Artes do Desenho.

Com este incidente se fecharam as portas da Escola, falhando sempre todas as tentativas para uma nova abertura, como mais tarde se verá, apesar do número elevado de sócios novos que lhe meteram.

#### EM QUE SE LEMBRAM TRABALHOS FEITOS ATÉ À MINHA MOBILIZAÇÃO PARA FRANÇA

Em fins de 1913 fiz trabalhos para o Senhor D. José Pessanha e para seu filho, D. Sebastião, a que a *República* de 19 de Outubro se refere num artigo especial.

A imprensa local parecia ter esquecido os artistas de Coimbra, faltava o Dr. Teixeira de Carvalho na *Resistência*, agitando a fogueira das Artes.

O Senhor Dr. Sílvio Pélico, com quem não mantinha relações de aproximação, [em] 1914, fez um grande discurso na Câmara Municipal, ao tomar posse, elogiando o esforço dos artistas de Coimbra e a sua obra; recorde estes dois períodos:

«[...]Trabalhos de pedra, de escultura, de ourivesaria, de ferro forjado, de pintura, quem não os conhece como primorosos e do mais belo sentimento artístico?

Em qualquer terra do estrangeiro não passariam despercebidos os nomes, tão preconizados de João Augusto Machado, Manuel Martins Ribeiro, António das Neves Elizeu, Luiz Serra, Lourenço de Almeida, António Maria da Conceição e tantos outros [...]».

Afastei-me do convívio com João Machado, desde a célebre Assembleia Geral até fins de 1913, quando fui encarregado de fazer uns trabalhos artísticos para V. N. de Famalicão para uns jazigos que ele fez.

---

<sup>73</sup> Exposição não encontrada, até ao momento.

Em 1916, a Escola ainda deu um estremeção de vida e fez uma exposição com 26 concorrentes, sendo alguns estranhos à Escola e serralheiros apenas apareceu um novo, Daniel Rodrigues, expus eu ahí um pequeno trabalho, a pedido de Mestre Gonçalves.

Eu era então mestre das oficinas de serralharia e mecânica da Escola Industrial de Brotero, cujo cargo aceitei para livrar de embaraços Mestre Gonçalves, porque o António Maria da Conceição havia criado uma situação melindrosa entre os alunos dessa Escola. A minha nomeação data de 7 de Março de 1914 até fins de 1916.

Nesta altura fui encarregado, por José Relvas, de fazer-lhe duas grades para janelas, em estilo românico, cujo trabalho foi interrompido em Maio de 1916 com a mobilização para Tancos, incorporado na *C. T. F. n.º 174*, de que fiquei fazendo parte.

Em Tancos formou-se-me um fleimão profundo no pulso esquerdo, que foi necessário baixar ao hospital para ser operado, o motivo do fleimão foi o seguinte: quando contava 17 anos espetou-se-me uma lasca de aço no pulso, e ahí se conservou envolvida num quisto até essa data e por qualquer circunstância o quisto rompeu-se dando origem a um derrame interno que me provocou a formação do fleimão.

Recolhi bastante mal ao hospital de Tancos, tendo sido operado pelo cirurgião, o Senhor Dr. Jorge Monjardino, e em fins de Julho, tive alta com três golpes no braço esquerdo, que não mostravam tendências de fechar; esse motivo deu sérios cuidados ao médico operador.

Fui aqui [em Coimbra] tratado pelo Senhor Dr. Bissaia Barreto, que dias depois do primeiro tratamento, me tirou os tubos de irrigação de dentro dos golpes e começaram a fechar.

Acabei nessa altura as grades românicas para a casa de José Relvas, porque receava ser chamado de um momento para outro.

Preocupava-me também o dinheiro, para o monumento da Escola Livre, ao falecido sócio, Júlio Mota, e para regularizar essas coisas, escrevi ao Benjamim Ventura, a pedir-lhe me enviasse o dinheiro, porque sendo eu o tesoureiro era meu dever deixar essas coisas regularizadas, visto estar iminente a minha partida para França, deixando o dinheiro na Caixa Económica rendendo juros.

Esta carta foi mal interpretada e dela tirou partido o Benjamim, indispondo-me com Bernardo de Carvalho, mas o que eu havia feito foi do conhecimento de Mestre Gonçalves.

Todos os dias se falava na chamada para França, eu procurava arrumar a vida, dando saída a trabalhos principiaados, porque não desejava ficar com o espírito preso às coisas de cá.

O que não tive foi tempo de fazer transportar as ferramentas que me pertenciam para a minha casa ou, por outra, não me lembrei disso, nem calculava ser chamado de surpresa.

Comandava nessa altura o regimento o Senhor Coronel Pestana, em cuja antiga amizade eu confiava. Soube pela minha família, que logo que sahí de Coimbra, chamou meu filho mais velho e lhe deu ordem para retirar da oficina tudo o que me pertencia e deixar-lhe a oficina livre em poucos dias; maguou-me essa violência.

---

<sup>74</sup> Coluna de Transporte de Feridos nº 1. Nota do Autor.

COM A PARTIDA DO C.E.P.<sup>75</sup> PARA FRANÇA  
COMEÇA UMA NOVA ETAPA DA MINHA VIDA

Em 18 de Janeiro de 1917 recebi guias para me apresentar no 2.º Grupo de Companhias de Saúde, onde pertencia a Coluna de Transportes de Feridos n.º 1 e fiz as minhas despedidas, ao Capitão Ajudante do Regimento, meu amigo e Senhor Belisário Pimenta, [que] estando em conferência com o Senhor Major Sande, também mobilizado, me animou dizendo-me:

— Isso é apenas um passeio até Lisboa, não desanime.

Fui dali à rua dos Coutinhos abraçar o meu Mestre Gonçalves, que muito comovido me disse:

— O senhor precisa desse passeio por o estrangeiro, veja tudo sempre que para isso tenha ocasião, olhe que vai ver magníficas obras de arte, ao menos que seja proveitoso para si esse forçado passeio.

No dia imediato, à noite, saía de minha casa deixando, entre as lágrimas da família, a incerteza da volta...

Embarquei em Lisboa no vapor **Boémia**<sup>76</sup>, a bordo do qual ia o Comandante da Divisão, o Senhor Coronel Gomes da Costa. Depois de quatro dias de mau mar, pelo golfo da Gasconha, chegámos a Brest, em 2 de Fevereiro e só perto da noite conseguimos desembarcar, indo as unidades para o quartel do 19.

Como desde manhã apenas se recebera uma lata de sardinha e pão, juntei-me com meu colega correeiro Francisco Serra e propus-lhe irmos procurar um restaurante, mas... ao pretendermos sair o portão não nos deixou, o sargento da guarda, que dizia não ter ordens.

Protestei quase insubordinado até que apareceu o oficial do Exército francês, a quem, mais por mímica de que por palavras, lhe fiz compreender que eu e o meu camarada éramos sargentos e desejávamos sair para ir comer alguma coisa. É preciso notar que, muito próximo, estava um Senhor oficial português, viu o meu embaraço em me fazer compreender e não interveio, o que mais me irritou.

Então o oficial francês, rindo do meu macarrónico francês, disse ao sargento da guarda que todos os sargentos portugueses tinham autorização para sair.

Entrámos na cidade de Brest já de noite, com grande nevoeiro, servindo-nos de ponto de referência a torre da Catedral, andámos de rua em rua mas não se via nenhuma hospedaria nem hotel.

Metendo o nariz em todas as casa fomos parar a um bairro pobre e de dentro de uma casa ao rés do chão estava um casal de velhos que me perguntou o que desejávamos, foi a mulher quem nos falou, porque o velho fumava cachimbo pachorramente; a velha vindo ao meio da rua, talvez na intenção de nos recomendar a algum polícia, mas como não o visse explica-nos que ao fundo daquela rua havia um à direita e no meio dessa à esquerda um outro e ahí a meio lá estava um restaurante. Ficámos sem nada perceber e eu só disse ao meu colega:

— Estamos condenados a morrer de fome.

---

<sup>75</sup> Corpo Expedicionário Português.

<sup>76</sup> «Bohemian» ?

A mulherzinha perguntou-nos:  
— Não compreenderam?  
— Oh não Madame!...

Voltou-se para dentro e o homem do cachimbo perguntou:  
— São russos?  
Eu logo adeantando-me:  
— Não russos, portugueses!..  
— Não russos, portugueses!... a mulher repetia lá para dentro.  
Ao que o homem respondeu:  
— São espanhóis...  
Irritado disse-lhe lá para dentro:  
— Somos Portuguezes!..  
O homem disse para a mulher:  
— É a mesma coisa.  
Intervim logo replicando:  
— A mesma coisa não! Isso é muito diferente!..  
Mas a mulherzinha ia tirando os chinelos e calçava uns **socos** de pau, vindo para a rua disse-nos:  
— Venham daí.  
Metendo-a no meio de nós os dois, ia-lhe explicando que Portugal era uma Nação independente da Espanha, a mulher desculpou o marido e indicando-nos uma vitrine de um só vidro e disse:  
— Aqui teem um restaurante para comerem, desejo-lhes bom apetite e boa viagem.  
Procurei gratificá-la, recusou, alegando que precisávamos para a nossa viagem que seria longa.  
Quando, ruidosamente, entrámos no restaurante apareceu-nos uma criada a informar-se do que desejávamos, fizemos o gesto de quem precisava de comer, rindo alegremente apontou-nos a sala onde estavam um oficial francês, uma Senhora e um civil, que nos olharam com curiosidade, fizemos-lhes a continência, pedindo licença para nos sentarmos à mesa.  
No dia 3 de Fevereiro embarcamos no comboio para o Norte de França em caruagem de 1.<sup>a</sup> classe e com boa chauffage que a páginas tantas congelou; foram três dias e três noites de terrível frio.  
Nas alturas de Rouen (Ruão) foi-nos servido, pelas damas da Cruz Vermelha, um abundante chá com pão e manteiga, que bem nos soube, pelo frio que tínhamos.  
Chegámos à cidade do **Aire** em 6 ou 7 e partimos logo para **Herbelos**<sup>77</sup>, devia ser madrugada, numa lindíssima noite de lua cheia, ao sair da cidade vi, banhado por essa linda luz, um portão em ferro forjado, estilo Luís XV, gostei imenso dele, mas era de noite, desejava vê-lo em pleno dia.  
Comandava a coluna o Senhor Dr. Coronel Peça e esperava-nos, na estação de Aire, o Senhor tenente médico Victor da Cunha Ramos, caminhávamos cheios de admiração pelo espectáculo deslumbrante dessa noite, sobre uma planície de neve.

---

<sup>77</sup> «Herbelles».



Em Teroane<sup>78</sup> tivemos uma paragem, na estrada encontrámos um homem a quem o tenente médico interrogou a respeito do caminho que seguíamos.

Chegámos a Herbelos<sup>79</sup> era dia, mas não entrámos nas casas que nos haviam destinado, senão mais tarde, estávamos a mais de vinte quilómetros do front, mas ouvia-se muito bem o troar da artilharia.

Foi-nos destinada, a mim e ao correeiro, a mesma casa, apareceu-nos um velhinho de cara rapada, muito mesureiro, falando um «patoí» terrível, eu quando o vi disse ao meu camarada:

— Estamos na casa do Padre da freguesia

O homem disse, quando apareceu uma senhora baixa e rotunda:

— Madame de moi, Madame Virginie

O meu camarada disse-me:

— Então ele é casado ou é Padre?

Ao que respondi:

— Sei lá, talvez os padres na França sejam casados

A identidade dos nossos hospedeiros era cada vez mais embaraçosa pois que o velho se apresentava a si mesmo:

— Eu sou marechal-ferrain, cá da terra

O meu camarada repetiu.

— Marechal!? Talvez tivesse sido impedido de algum, porque esse posto é mais do que general.

No final vim a saber que era o ferrador da terra, porque a mulher dele era muito instruída e fazia-se compreender. Quando chegou a noite, Madame Virginie mostrou-nos os lençóis para as nossas camas, passando-os pelo lume, porque estavam húmidos, eu arrepiado disse ao meu camarada:

— Lençóis de linho, veja você o frio que vamos rapar.

Ela atalhou:

— Não linho, lâ.

Quando nos preparávamos para deitar, essa primeira noite que jamais me esquecerá, não me despi, vesti-me com uma grossa camisola, ceroulas de lâ e peúgas, meti na cabeça um barrete de orelhas, o meu camarada deitou-se primeiro e disse-me:

— Ó Almeida dispa-se que a cama parece um céu, muito quente.

Realmente, aquela Santa creatura esteve a aquecer-nos a cama com ferros de passar e, o que era ainda mais agradável, era um tijolo aquecido ao fogão, embrulhado em jornais e em penas, posto aos pés da cama; não se pode fazer ideia do conforto de que nos rodiam.

No dia imediato quiz ser gentil com aquela gente e perguntei ao meu colega se não [se] opunha a que lhe oferecesse servir-se do queijo da nossa ração, que eu havia economizado na distribuição que fiz às praças, cabendo-me de sobras mais de um quilo dele, porque muitos não gostavam de queijo.

E perguntei à mamã Virginie, porque era assim que a ficamos tratando, se se queria utilizar de um pedaço de queijo, ela pegou nele admirada:

---

<sup>78</sup> «Teroane».

<sup>79</sup> «Herbelles».

— Para mim?

Ao que respondi:

— Sim, sirva-se e ao senhor marechal.

Ela pegando-lhe agradeceu muito e arrumou-o dentro do armário envidraçado.

Ficámos de boca aberta, o meu colega disse-me:

— Agora olha para ele, está bem guardado de nós mesmos!...

Este episódio deu-nos vontade de rir e serviu-nos para inventarmos meio de distração, naquele isolamento em que passámos a viver, naquelas terras da Flandres.

Como de vez em quando nos convidavam para partilharmos das suas refeições e nos lavavam a roupa, procurei maneira de recompensar um pouco os obséquios que nos dispensavam ajudando o pobre velho.

No pátio, atulhado de charruas e charruecas, perguntei a mamã Virginie para que era aquilo tudo, ela explicou-me que tinha um filho que ajudava, naqueles serviços, o pai mas que estava em Paris numa fábrica de aeroplanos, por ter sido mobilizado e o pai coitado estava velho e não podia.

Resolvi-me a concertar aquilo tudo, servindo-me de ajudante de forja o velho, que andava radiante, constando na terra a ajuda que lhe dei, olhavam-me todos com muita simpatia e respeito.

Um dia veio de visita ao senhor Dr. Peça o Senhor Tenente Coronel Sequeira, creatura que sentia por mim estima e me quiz ver, fui cumprimentá-lo com muito agrado.

Passado tempos mandou-me dizer que lhe haviam perdido a lança da bandeira da Unidade (comandava o 35) e se eu lhe poderia fazer uma.

Não tinha na oficina *tarraxa*<sup>80</sup> e a ferramenta era a mais rudimentar possível, no entanto lá arranjei com um parafuso e porca que tirei partido a uma charrua e fiz a lança; quando estava com esse trabalho constou na terra e começou de se fazer uma romaria à oficina do «Marechal» para verem a grande obra.

Esta gente entrava, não me falavam e saía em silêncio, com um silêncio religioso como se entrassem numa igreja, desde então tomei a seus olhos as proporções de um grande artista.

No largo da igreja havia uma bomba de picota, muito escangalhada e que mal servia para tirarem a água para o povoado, um dia partiu por completo, foi uma grande desgraça para as donas de casa, não tirava água.

O Senhor Tenente Martins, oficial da Administração Militar, foi ter com o Senhor Dr. Victor Ramos e expôs-lhe a gravidade do caso, ele lembrou o Sargento Almeida.

Fui chamado para ver a bomba e disse que talvez se arranjasse e arranjei mesmo, quando a puz a tirar um jacto de água que nunca tirara, as mulheres fizeram-me tal festa, quase me beijavam, foi um triunfo para o meu nome, que aquela gente decorou, Sargento Almeida e passou a ser o assunto do dia nos *Estaminétes*.

Ainda demorámos nessa terra até fins de Abril, mas antes de sairmos fomos os dois convidados para uma festa de família, a festejar a chegada da filha do casal que recolhia do Colégio, a menina **Solange**.

---

<sup>80</sup> «...tarraxa...», ferramenta de serralheiro para fazer as roscas dos parafusos.

Nessa festa cometi uma irregularidade censurável, mas involuntária, que foi: serviu-se um prato de galinha assada, eu observava o que o velho fazia e assim ia regulando o meu porte; a certa altura encheram os copos de cerveja e distribuíram um doce de compota, negro e viscoso, para misturar com a galinha e um outro condimento desconhecido, mas como o velho se servisse, imitei-o.

Mas quando comecei a comer, fiz como eles, a mistura das drogas com a galinha, mas aí que terrível coisa, era mostarda amassada com manteiga, deu-me a impressão de ter na boca um *sinapismo* «Rigoló»<sup>81</sup>, corri a refrescar com a cerveja, que grande escândalo, todos os presentes me alcunharam de «selvéte»<sup>82</sup>, olhando-me ameaçadoramente, eu disse ao meu camarada:

— Mau, já fiz asneira, que seria? ...

Os donos da casa desculparam-me, não sabia os usos, e então serenou a tempestade, mas vi a falta que cometi, não devia beber sem que o dono da casa o fizesse, bebendo à saúde dos presentes e todos repetiram o mesmo.

Como já disse, retirámos de *Herbéllos*<sup>83</sup> para *Marte*<sup>84</sup>, em fins de Abril e dessa terra fui ao Aire fazer umas compras, porque então já compreendia e falava um pouco do francês; pelo caminho perguntei ao condutor do carro se entrávamos pela avenida por onde havíamos seguido, quando chegámos a essa terra.

Logo que entrei nessa avenida, mandei parar o carro e fui a pé, porque não havia esquecido o célebre portão de ferro forjado, caminhava pelo passeio oposto, lá vi o que tanto desejava apalpar, mas quando cheguei a meio da avenida, fiquei desapontado, todas as flores ornamentais eram, simplesmente, fundidas em ferro maleável.

Então vi que os ferreiros francezes não tinham necessidade de saber desenho, o arquitecto apresentava o projecto, o ferreiro ia com ele à fábrica escolher a ornamentação que na outra extremidade continha a *escrava*<sup>85</sup> para caldear o varão, assim se simplificando o trabalho.

Pobres de nós, os serralheiros portuguezes, tínhamos de forjar tudo, desde a mais decorativa flor ao mais grosso balaustre; eles, os francezes nem sequer conheciam isso.

Em campanha sucederam coisas curiosas e tive também ocasião de ter grandes desilusões; nesse dia tive duas: a do portão e [a] de um oficial superior, que aqui em Coimbra se dizia meu amigo, ali fingiu não me ver.

Foi o seguinte: passava em frente ao Quartel General quando, ao sair da Catedral de S. Pedro que havia visitado, era um templo Gótico do século XIV, deparei com o Senhor Major Brito de Almeida, da administração militar, quando me viu poz os olhos no chão até entrar para o Quartel.

Isto maguou-me, eu bem sei quem [eu] era, e nessas condições mantinha-me à distância respeitosa dos meus superiores, não esquecendo que estava na guerra.

---

<sup>81</sup> Nome de uma cataplasma de mostarda aplicado, à época, como revulsivo.

<sup>82</sup> «sale bête»?

<sup>83</sup> «Herbelles».

<sup>84</sup> «Marthes».

<sup>85</sup> «escarva»: molde para embutir uma peça na outra.

Dias depois de ter regressado à unidade, o Senhor Tenente Martins disse-me:

— Oh Senhor Almeida sabe quem cá está? É o nosso Major Brito.

Ao que velhacamente respondi:

— Bem sei, coitado, está cego.

— Quem lho disse?

— Sei disso.

Não tornei a pensar no caso, um dia o Tenente volta e diz-me:

— Ora o senhor sempre me meteu um susto, dizendo-me que o nosso Major estava cego... ele ficou admirado quando lhe perguntei se estava melhor, porque me disseram que tinha cegado, contei-lhe que foi você, ele calou-se;

Apenas respondi:

— Antes assim, enganei-me julgando-o ceguinho como uma toupeira...

Comandava o Batalhão do 35 o Senhor Major Mota; este não se fez cego e mandou-me chamar para me dizer que escrevesse ao sogro, de quem eu era amigo, a dizer-lhe que, se as notícias se fizessem esperar, do Senhor Major, não estivessem em cuidados porque ele estava de boa saúde, apenas não lhe era possível escrever por estes dias, por ter que sair.

Não podia dizer-lhe que havia marchado para a frente, mas tranquilizei-o no caso de um retardamento de notícias.

No entanto havia pedido aos **censores** para não me cortarem na carta essa parte, o que me foi concedido.

**A PARTIDA DA COLUNA PARA OS CAMPOS DA BATALHA, ONDE DEIXEI  
BEM MARCADA PARA SEMPRE A PASSAGEM DO EXÉRCITO PORTUGUÊS  
POR ESSAS TERRAS, COMO OS ROMANOS EM MARCOS MILIÁRIOS;  
FIZERAM O ORGULHO DA MINHA VIDA**

Depois de grandes preparativos partiu-se para o Front, em 24 de Junho desse ano de 1917, vésperas de S. João e das fogueiras, cuja recordação era forçosa esquecer... ia bastante doente com o agravamento da minha doença.

Foi uma viagem tormentosa para mim, esses 25 a 30 quilómetros de estrada bem alcatroada, apesar de doente que de satisfeito eu ia para o desconhecido!...

Fez-se uma paragem em Saint Venant, onde estava o Quartel General do CEP, daí em diante sentia-se a destruição das terras, pela artilharia de *Nove-Chapel e Ville-Chapelle*<sup>86</sup>, restavam apenas montões de tijolos e caliça.

O cemitério de *Ville-Chapelle*<sup>87</sup> revolido, os gradeamentos cortados como velas de cera, escrevi as minhas impressões dessa terras para a família, cuja carta chegou toda cortada à navalha pelos censores.

---

<sup>86</sup> «Neuve-Chapelle e Vieille-Chapelle».

<sup>87</sup> *Ibidem*.

Chegámos, finalmente, a *La Coitoure*<sup>88</sup>, o acantonamento ficava numa *Ferme à beira da estrada de Boi*<sup>89</sup> (*Boá*)<sup>90</sup>, próximo da igreja, muito danificada, cuja torre se mantinha intacta, e os alemães faziam o possível para a destruírem, porque sabiam estar nela um posto de observação inglês.

A noite de S. João foi magnífica, fazia lembrar-nos as noites de festa em Portugal, com o variado fogo de artifício, que constantemente era lançado de parte a parte, à *mistura*<sup>91</sup> com o matraquear das metralhadoras ali mesmo pegadas.

Um posto de artilharia dos nossos estava ali mesmo perto, do outro lado da estrada; um dia foi denunciado, ou descoberto e violentamente metralhado. Era comandado pelo Senhor Capitão *Roxanes*<sup>92</sup>, belo artilheiro do nosso exército, terror dos alemães.

Fui ver e avaliar os estragos, havia frondosas árvores de fruto, de raiz voltada para o ar e enormes crateras cavadas no chão.

Falo disto para avaliar da minha imprudência, como a minha curiosidade, custou a muitos a vida.

Quem nos havia dito que o fogo havia cessado? Nesse curto espaço de tempo podiam estar rectificando pontarias, voltando a bombardear a posição, e assim a nossa curiosidade podia custar-nos a vida, só de noite nisso pensei, de lição me serviu.

Outro episódio da guerra e da nossa ignorância.

Constou-me que ali perto estava acantonado o 35 e que estava lá o nosso Major Mota, fui visitá-lo pela despida estrada de S. *Basto*<sup>93</sup>.

Ao fundo da estrada, numa Rotunda, estava o Senhor Major com o seu ajudante, gostou de me ver e saber notícias do sogro, que me havia escrito, consultava a miúdo o relógio de pulso, julguei tratar-se de alguma entrevista e pretendi retirar-me, ele perguntou-me:

— Por onde veio o Almeida?

Mostrei-lhe a estrada, admirado ele disse:

— Oh diabo, vocês vieram a descoberto, podiam ser varridos por uma metralhadora, não voltem por lá, que lhes pode custar a vida.

Agradecendo, pedi licença para me retirar ao que ele respondeu:

— Esperem um momento, vão assistir a um belo espectáculo, faltam três minutos.

Estava ali um posto de artilharia do nosso Capitão Roçadas, aproximámo-nos o mais possível, iam experimentar o Bosque Misterioso — «*o Bois de Biez*»<sup>94</sup>

A nossa artilharia começa de vomitar fogo, tive por um momento a impressão de que os canhões se fundiam à rapidez do tiro, que parecia cair sobre placas de metal,

---

<sup>88</sup> «Lacouture».

<sup>89</sup> «Ferme du Bois?».

<sup>90</sup> «( Boá)», nota do dactilógrafo revisor.

<sup>91</sup> Acrescento do dactilógrafo revisor.

<sup>92</sup> «Rochenes» no manuscrito. Tenente-Coronel de Artilharia, António Roxanes de Carvalho Jr., 1876-1925, cuja sepultura ainda se encontra hoje no cemitério da Conchada, em Coimbra.

<sup>93</sup> «St.Vaast».

<sup>94</sup> «Bois de Biez», acrescento do dactilógrafo revisor.

na parte alvejada, enquanto o Senhor Capitão regulava o tiro para vários pontos, com precisão.

Regressado ao acantonamento tive sonhos de que jamais perderíamos a guerra!...

Destes episódios contaria muitos, se não receiasse tornar-me maçador.

Como estávamos expostos às granadas, por causa da torre, o Senhor Coronel. Peça pediu, e conseguiu, retirar a coluna um pouco mais para a retaguarda e assim assentámos em La Fosse, na margem esquerda da ponte do rio *La Liz*<sup>95</sup>; ahí, com a ferramenta que havia comprado em *Saint Homer*<sup>96</sup>, linda cidade da Flandres, montei uma oficina rudimentar num alpendre, sem conforto nem agasalho.

Fui de mandado do chefe fazer compras a *Bétune*<sup>97</sup>, cidade muito danificada pelos alemães e ahí vi, numa montra, exposto um par de jarras feito por um sargento francêz, de dois envólucros de granada de 75.

O lavor era grosseiro de folhagem, o artista mostrava habilidade mas desconhecia desenho; vim com essa revelação para o acantonamento e tentar um estudo.

#### ONDE PRINCIPIA FIRMADO O NOME DE PORTUGAL POR ESSES LOGARES E ATÉ ALÉM DO CANAL DA MANCHA

Desculpar-me-ão imitar Victor Hugo em esmiuçar detalhes, peço para ser lembrado que são as minhas memórias, sem pretender igualar-me ao Grande Mestre a quem presto humilde homenagem.

Por esta ocasião passou o comando da coluna ao Senhor Capitão Médico José Maria Soares, de cavalaria n.º 8, homem rigoroso e disciplinador.

Um episódio miúdo que teve grande importância na minha vida em campanha, foi o seguinte:

Nós, os Sargentos, vivíamos quase à mistura com os soldados; o novo comandante havia visitado as cavaliças, enquanto comiam e atiravam com peras verdes uns aos outros (os sargentos), comentavam-se os efeitos da revista, ao que respondi:

— Foi pena que ele não viesse à dos Sargentos.

Houve protestos da intervenção, mas atalhei:

— As cavaliças estão com mais limpeza do que isto aqui.

Ao que me respondeu alguém:

— Quem não está bem, muda-se.

Eram rapazes novos e aceitei a graça, estávamos na guerra...

No dia imediato continuou a revista, principiando pela nossa camarata... e pela caserna dos soldados. No final houve toque dos Sargentos, todos à Secretaria e ahí estava em pé, muito apumado, o nosso novo Comandante com uma funda ruga na testa ao reparar disse para os meus botões, mau sinal.

---

<sup>95</sup> «La Lys».

<sup>96</sup> «Saint Omer».

<sup>97</sup> «Béthune».

O Senhor Capitão olhando para todos disse não fazer ideia da falta de limpeza em que os Sargentos viviam, parecia-lhe um curral e não um dormitório de Sargentos, que tivessem cautela com ele, que se o merecessem, os mandaria de castigo para as trincheiras, não gostei do plural e amuei.

À noite, ao jantar, falando-se no caso, disse-lhes:

— Os Senhores deviam, por pudor, calar-se e o que me arrelia é eu ter sido metido na conta dos **porcos**, quando o local da minha cama é todos os dias esfregado pela minha fachina.

Não gostaram do remoque mas engoliram-no.

No outro dia o Comandante entrou pela minha oficina e reparou no número do meu barrete e disse-me:

— O mestre é do 23, é mesmo de Coimbra?

Eu estava ainda magoado, respondi-lhe sacudidamente:

— Sou.

— Eu também sou daí perto, sou de Aveiro, conhece?

— Conheço, já fiz obra para essa cidade.

E pergunta-me:

— Para quem?

— Para o Senhor Mário de Belmonte Pessoa.

O Dr. ficou aturdido, olha para mim incrédulo e pergunta-me:

— Então você é o Almeida de Coimbra? Mas como... é militar?

— Sou o artífice do 23.

— Que ideia eu fazia de você, conheço a sua obra, o que não sabia é que era militar e o transtorno para a sua vida estar aqui, calculo - respondeu.

— Fujo de pensar em tal afogando-me na guerra; V. Exa também cá está e o transtorno da vida particular não interessa à Pátria.

Gostou da minha réplica, ficando bons amigos, mas foi-me perguntando:

— Que disseram os Sargentos da minha descompostura de ontem?

— V. Exa devia-me perguntar o que é que eu disse porque, sem ter culpa, fui englobado na culpa.

Riu-se e perguntou-me o que estava fazendo.

— Um par de jarras para um intérprete Belga.

— Há-de, depois de prontas, mostrar-mas.

Dias antes, o Senhor Dr. Victor Ramos apareceu-me ali com um oficial do exército inglês, que levando duas cápsulas de granada 75, me pediu para lhe gravar duas flores de *Liz*<sup>98</sup> em cada uma e fazer-lhe uns pés; foi a primeira tentativa nestes trabalhos que não ficou mal; fiz-lhe umas bases de ferro torcidas com três pequenos monstros góticos.

Este trabalho agradou muito e ao Senhor Dr. Soares, que o seguia muito de perto; o Belga, disse ao seu amigo, que se no fim da guerra eu quizesse, ia para a Bélgica trabalhar por sua conta, e que, todos os anos, me daria licença para vir a Portugal.

---

<sup>98</sup> «Lys».

Ao que o Dr. Victor Ramos respondeu que eu tinha a minha oficina e os meus fregueses esperando por mim.

Depois fiz, de duas cápsulas de obus inglês, um guarda-jóias para o Sr. Dr. Frias, oficial muito da intimidade do Quartel General, em estilo manuelino, com uma ferragem do mesmo estilo, levei por esse trabalho vinte francos.

O Senhor Dr. Soares andava contentíssimo, pediu-me para lhe fazer qualquer coisa bonita para oferecer ao Chefe dos Serviços de Saúde da Divisão; fiz-lhe um lindo vaso, com uma decoração serpenteando o bojo, de dormideiras.

Foi enorme o sucesso desta peça; os habitantes de La Fosse também me encomendaram várias peças e a todos eu gravava nas bases – C.E.P. Em campanha e a data, assinando todas as obras com **Almeida de Coimbra – Portugal**, quando se tratava de trabalhos para lá ficarem e foram muitos, felizmente.

Um dia o Senhor Dr. Soares pediu-me para fazer um par de jarras para oferecer ao nosso General Gomes da Costa; fiz o trabalho, de que muito gostou; um dia tendo ido a França de visita às tropas, o Dr. Afonso Costa tanto gabou as jarras que o Senhor General lhe ofereceu uma.

Veio de licença a Portugal o Senhor Tenente Martins e contou ao meu Mestre Gonçalves o entusiasmo que os meus trabalhos estavam despertando em toda a gente e que [eu] estava encarregado de fazer um para o General Inglês. Realmente estava encomendado mas ainda o não havia feito; esta peça tem a sua história que vou contar.

O meu fardamento, em campanha, era um misto de militar e paisano quando não saía do acantonamento, umas pantalonas de cáki, um camisolão de lã grossa e um bivaque de malha de lã, era o meu fardamento.

Uma manhã o corneteiro da unidade fez o toque de continência ao nosso General e ouvi-o perguntar por alguém que trabalhava ali... eu disse ao corneteiro:

— Vai chamar o ferrador

O nosso General olhou muito para mim e disse:

— É um que faz coisas bonitas!...

Ao que o rapaz respondeu, indicando-me:

— Então é ali o nosso Sargento.

Dirigindo-se para mim e medindo-me dos pés à cabeça disse-me:

— Então foi você quem fez as minhas jarras?

Encaminhando-se para a oficina, com aquele sorriso cativante que o Senhor General Gomes da Costa punha nos que admirava, diz-me:

— Então a peça que quero oferecer ao Senhor General Inglês já está começada?

Eu muito atrapalhado, porque não tencionava ainda fazê-la, disse-lhe:

— Saberá V. Exa meu General que já aqui tenho o desenho, mas ainda não a comecei.

— Tenho urgência dela, porque tinha empenho em lha oferecer na 4.<sup>a</sup> feira, dia em que vem jantar comigo.

Respondi:

— Oh meu General, é impossível, faltam poucos dias e o trabalho leva mais de dez.

E pergunta:

— E na 6.<sup>a</sup> feira, pode ser?



— Farei os possíveis para satisfazer o desejo de V. Exa.

— Então quando estiver pronto, vá lá levar-mo ao Quartel General.

Ao que respondi:

— Depois direi ao meu Capitão Soares, quando estiver pronta.

Não me agradava ir a *Létrême*<sup>99</sup>, ao Quartel General.

Fiz uma linda peça, um guarda-jóias, em gótico, com uma ferragem muito floreada, belamente lavrada, aos lados duas plaquetes em que foi desejo dos dois Generais escrever-lhe os nomes e datas anteriores e diferentes uma da outra.

Foi um dos seus ajudantes que veio pela peça.

Dias depois voltou o Senhor General a procurar-me para saber quanto me devia, apenas lhe perguntei se o trabalho lhe havia agradado e ao Senhor General Inglês, ao que respondeu:

— Plenamente! O Senhor General *Duglers*<sup>100</sup> teve esta frase que me deu muito prazer ouvi-la da sua boca – mas então não é trabalho de um simples amator, é de um bom artista, quero conhecê-lo!

Eu respondi agradecendo o elogio [e ele] insistindo desejava saber quanto me devia ao que respondi:

— Estou suficientemente pago, porque essa peça vai por mim assinada e com a designação do C.E.P..

Depois disse-me:

— Assim não tenho coragem de lhe pedir mais nada; como se chama?

— Almeida, meu General.

— Pois Almeida, o Senhor Dr. Afonso Costa esteve cá e tanto gabou as jarras que o Dr. Soares me ofereceu, que tive de lhe deixar levar uma, ele deu mostras de o conhecer porque viu a sua assinatura e disse – ah é do Almeida de Coimbra.

Respondi:

— Muito melhor, não vale a pena aborrecimentos, queira fazer-me o favor de me mandar uma cápsula para lhe fazer outra.

Um dia, estando a comer o almoço, vieram-me chamar que estava na oficina o nosso General Tamagnini, ao ver-me teve o mesmo gesto do outro e sorriu à minha indumentária; explicou-me que tinha partido uma bengala em que tinha grande empenho, por ser presente do seu parente Mouzinho de Albuquerque, se lha arranjava.

Pedi-lhe que ma mandasse, o portador foi o Senhor Dr. Soares que amiudadas vezes ia a Saint Venant, jantar com ele.

Arranjei-lha e gravei-lhe o seguinte: «Restaurada em Campanha» – 1 de Novembro de 1917, quando ele viu a dedicatória achou-lhe muita graça e disse:

— Restaurada em Campanha, muito bem.

Pedi-me para lhe fazer também um par de jarras, tomei apontamento do número da encomenda (recordo-me muito bem, era o n.º 11), e *prometi-lhas*<sup>101</sup> a seu tempo.

---

<sup>99</sup> «Lestreme».

<sup>100</sup> Douglas Haig, Marechal, Comandante-chefe das Forças Britânicas na Flandres, às quais o C.E.P. ficou agregado.

<sup>101</sup> «...e prometi fazer-lhas...», no manuscrito.

No dia 24 desse mês de Novembro, deixava o Comando da Coluna o Sr. Dr. José Maria Soares e, na última ordem da unidade por ele assinada, exarou um louvor a meu respeito, enaltecendo o valor moral, para o Exército Português, dos meus trabalhos em campanha<sup>102</sup>.

Ficou comandando, o Senhor Dr. Víctor da Cunha Ramos, médico muito distinto da cidade do Porto, aonde tem consultório.

Passava muitas horas, para mim de grande prazer, na espécie de oficina que tinha naquele canto de um **curral**, falando-me em arte e artistas, nas suas evoluções pelo mundo fora; escutava-o, com admiração pelos seus conhecimentos de homem ilustradíssimo.

Foi uma amizade nascida com o troar da artilharia e caldeada nas angústias da Grande Guerra, felizmente que ainda hoje perdura.

Estávamos em fins desse mesmo mês, em dia cor de chumbo em que caía um gelo seco e penetrante, quando me chegou o correio porque sempre anceiava, entre a correspondência da mulher e dos filhos, vinha um jornal que guardei para depois de ler as cartas, não fosse ele trazer-me alguma má notícia.

Felizmente não sucedeu assim.

Na última coluna da primeira página, tarjado a lápis vermelho, publicava um artigo **Banalidades** e dizia:

«... Quando o mérito dos artistas que prezo é reconhecido com louvor e justiça, com isenção e autoridade, eu sinto o prazer e a consolação dos simples devotos da arte que acreditam que a cada estímulo deve corresponder na alma dos bem fadados um novo esforço de ascensão e aperfeiçoamento.

No pequeno meio em que nos agitamos, onde as aptidões brotam como em solo privilegiado, nem as recompensas vão além do elogio pastoso e anódino das folhas, nem talvez, por isso mesmo, o religioso entusiasmo dos cultores da arte vai muito além da apostasia do culto remunerado. A vida ascética e tormentosa dos artistas da renascença, por exemplo, devia ser constantemente posta diante dos olhos de tantos professos destituídos de crença e de fé...

Neste momento sou alvoçado por uma notícia que deve despertar o interesse e a simpatia dos conterrâneos.

Coimbra conhece bem o serralheiro artífice do 23 – Lourenço Chaves de Almeida. Amoroso da sua profissão, pelo trabalho infatigável tem afirmado as legítimas aspirações do seu temperamento excepcional.

Encontra-se mobilizado em França.

E na desolação melancólica dos dias sombrios de ociosidade, busca no trabalho inteligente e emotivo o conforto à lembrança saudosa dos afectos do lar e a nostalgia do exílio. É como os antigos expatriados, que das cordas das harpas, como se fossem fibras do coração, arrancavam os acordes melodiosos das suas tristezas e das suas esperanças. Almeida, das cápsulas metálicas das granadas rebentadas, faz esdrúxulos ornados de delicadezas d'arte rebatidos e burilados, com o carinhoso amor com que sabe modelar o metal em plasticidades subtis de matéria branda!

---

<sup>102</sup> Anexos, fig. 2, documento do espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

Eu imagino com que intensidade palpitante de sentimento e de esmero esses artefactos serão delineados. Acolhidos pela admiração geral um desses escrínios vai ser ofertado a um General Inglês.

Maravilhoso poder da arte, que faz dum repulsivo instrumento de crime e de morte um precioso artefacto estimável e carinhoso! E que oferta de inestimável preço, para um alto militar inglês ! Um casco de granada belamente lavrado por mãos portuguesas no próprio campo de batalha, sob o troar da artilharia, caldeado na cratera dum canhão quase temperado no sangue generoso das vítimas heróicas!...

Depois da paz, no remanso de todas as fadigas, como deve ser contemplado com orgulho e enternecimento, esse pedaço de metal convertido em relicário sagrado onde se acha incrustada uma parcela das dores imensas dos sacrifícios infinitos, que custa à humanidade a conquista triunfal de um Mundo novo de civilização de paz inquebrantável e de transformação social.

Zebedeu ...».<sup>103</sup>

Não sei como descrever o que, ao terminar a leitura, senti. Um misto de contentamento e dor, talvez tivesse chorado, porque me recordo ainda de ter sido acordado desse suave sonho pelo meu chefe ao perguntar-me:

— Más notícias?

Olhei para ele bestializado, porque continuei sentado e apenas lhe estendi o jornal, a *Resistência* de 4 de Novembro de 1917, que ele leu com muito interesse e ao restituir-mo deu-me os parabéns e disse-me:

— O Senhor Almeida é bem recompensado no seu trabalho, porque o artista não é só de dinheiro que precisa, é disto, justiça!

Sentia-me atraído para este novo amigo, talvez porque as suas conversas nada tinham de **militarite** entre nós, éramos dois camaradas que se admiravam mutuamente, como já atrás contei e com prazer relembro.

Fiz a este meu amigo um guarda-jóias em estilo românico com uns pés muito equilibrados, de cobre das cintas das granadas rebentadas; era uma peça em que ele pôz todo o seu carinho.

Foi-lhe roubada em 9 de Abril, em La Fosse, pelos ingleses, que nessa localidade se conservaram ainda uns dias.

Uma alteração nos transportes de feridos fez com que a coluna fosse extinta em 31 de Março de 1918 e na ordem da unidade fui novamente louvado, em termos muito honrosos para o meu Regimento, que os recebeu com a indiferença de um filho bastardo...

Não posso deixar de contar a preocupação do Quartel General para comigo, que recomendou com muito interesse, para me colocarem numa unidade em que não me embaraçassem de fazer as minhas **coisinhas**, como o meu General lhes chamava, pelo que lhe fiquei muito grato.

---

<sup>103</sup> Zebedeu – pseudónimo de António Augusto Gonçalves.

DEPOIS DE 9 DE ABRIL, ATÉ À MINHA LICENÇA DE CAMPANHA.  
PEQUENINAS CURIOSIDADES

Tive então passagem para a Ambulância n.º 3, em 31 de Março, que estacionava em *Zélobes*, aonde estive até 8 de Abril, dia em que retirámos para a retaguarda.

Nesse dia chegámos a *Tiene*<sup>104</sup> onde ficámos essa noite e foi ahí que tivemos conhecimento da rotura da frente por nós deixada, partindo nesse dia, 9 de Abril, para *Desvres*, pequena cidade entre Bolonha e *Saint Homer*<sup>105</sup>; nesta terra a sua principal indústria era a cerâmica.

Nessa terra fiz para um industrial, de uma fábrica, um pequeno vasinho que lhe deve ter servido de modelo para as suas produções de cerâmica.

Ainda ali me apareceu um médico inglez, da Escócia, que me comprou um igual, que estava destinado a um oficial português mas cedi-lho porque devia ir ter à Escócia e pedindo-lhe acrescentei a Coimbra – Portugal.

O médico estando a observar o que lhe gravava disse:

— Portugal!? Muito bem para recordação.

Digo isto para se saber para onde foram algumas peças.

Dahi retirámos para *Ambleteuse*<sup>106</sup>, próximo aos hospitais e Quartel General.

Passaram-se dias fui depois levar um vasinho ao Senhor Tenente-Coronel Arrobas Machado, que me havia encomendado há tempos e pedi-lhe que quando dessem licenças se lembrasse de mim; ficou muito preocupado, mas eu atalhei:

— V. Exa dá-me licença: não quero que para mim se abram excepções, quando houver ordem de passar licenças, eu seja lembrado.

Encomendou-me outro vaso para um amigo.

Quando fui levar-lhe essa peça ouvi o toque do clarim de sentido; era o Senhor General comandante do C.E.P., fiquei atrapalhadíssimo e vinha a fugir quando o Senhor Capitão Monteiro, ajudante do Senhor General, me deteve perguntando-me:

— Olhe lá Almeida que é isso, parece que vai a fugir!?

Realmente assim era, porque pensei, nosso General vai ao gabinete do chefe e vê lá o vaso, recorda-se de mim e certamente manda-me chamar.

Mas foi exactamente o que se deu, porque uma ordenança corria chamando-me para ir ao nosso Senhor General, tive que voltar para trás; quando entrei no gabinete tinha na frente dele o vaso.

Cumprimentei-o, ele sorriu-se da minha atrapalhação e pergunta-me:

— Então, quando me chega a vez de ter, como os outros, direito a um trabalho seu, ou ainda estou longe na sua relação?

Ao que respondi sem pés nem cabeça:

— Como V. Exa foi para Portugal julguei...

E ele atalha logo:

— Realmente fui a Portugal mas já cá estou, faz-me o trabalho e quando?

— No fim desta semana terá V. Exa as jarras.

---

<sup>104</sup> «Tienne».

<sup>105</sup> «Saint Omer», no manuscrito.

<sup>106</sup> «Ambleteuse».

Preguntou:

— Palavra de quê?

Respondi:

— Palavra de artista.

— Bom, então está bem, creio nela.

No fim da semana fui levar ao Senhor Capitão médico, José Maria Soares, um par de jarras ornamentadas de flores de papoilas e dois escudetes.

Passados dias, o Senhor Tenente médico Donas Bôto, para quem havia feito muitos trabalhos, disse-me que o Senhor Capitão Soares me desejava falar, porque o Senhor General estivera lá em casa dele e gostou muito das jarras, mas que desejava que lhe gravasse umas letras. Fui procurá-lo e então me explicou que o nosso General, a quem havia falado na minha licença, desejava que, nos dois escudetes, gravasse num «Em Campanha C.E.P. 1917-1918» e no outro o nome dele e que lhe fosse eu levar as jarras a Vimerau, onde residia.

Preparei o trabalho e com um **salvo-conduto**, para passar a guarda inglesa na estrada para Bolonha, fui a casa do nosso General que estava almoçando, esperei, e o Senhor Capitão ajudante, Monteiro, disse-lhe que eu estava ali.

O cumprimento dele foi:

— Olá meu grande artista, então como vai isso!?

Principiei desenrolando as jarras e mostrei-lhe os dizeres que havia desejado, achou bem e pegando em cem francos pretendia dar-mos, delicadamente recusei e ofereci-lhe uma argola de guardanapo imitando uma correia com uma fivela em cobre<sup>107</sup>; nessa altura insisti para eu aceitar os cem francos:

— O Senhor tem levado dinheiro a toda a gente!

— Peço desculpa a V. Exa mas nem toda a gente são o meu General.

Preguntou-me:

— Tem filhos?

Chegou aonde eu desejava.

— Saberá V. Exa que tenho quatro.

— Pois então compra-lhe uma prenda em meu nome para eles.

— Ainda assim peço licença a V. Exa para não aceitar, a melhor prenda que pode mandar a meus filhos e que eles reconhecidos agradecerão, é mandar-lhes o pai de licença, isso está na mão de V. Exa.

Isto sensibilizou-o, virando-se para o ajudante disse-lhe:

— Mas eu já disse que lhe dessem licença!

— Mas como V. Exa vê, ainda aqui estou sem saber quando ma darão.

O Senhor Capitão Monteiro observou:

— Julgo que há lá uma dificuldade, porque ele pertence à primeira Divisão.

O Senhor General irritou-se e disse:

— Mas eu ainda sou o Comandante do C.E.P., irá dizer ao Arrobas Machado...

Virando-se para mim:

— Olhe! vá esperar-me lá no Quartel General.

---

<sup>107</sup> Argola, em poder da Casa Rural Quinhentista, eventualmente idêntica à acima referida. Ilustração n.º 14.

Debaixo de um sol terrível, com umas botas curtas e apertadíssimas, arrastei-me até *Ambluteuse*<sup>108</sup>, fui ao *acantonamento*<sup>109</sup> mudar de calçado e fui esperar no Quartel General; meia hora depois chego o Senhor General Comandante em Chefe.

Quando tocou a sentido, veio à parada recebê-lo o Senhor Tenente Coronel Arrobas Machado que ao reparar em mim disse-me:

— Fuja daqui, que o não veja o nosso General.

Ao que respondi

— Ele vem cá por minha causa – e ri-me.

Fiquei esperando em frente à janela aberta, mas a grande distância, não os podia ouvir.

O Senhor Tenente Coronel veio ter comigo e perguntou-me a quem havia entregado o meu requerimento em que pedia a licença, porque não aparecia, voltou passada meia hora e disse-me:

— Vão fazer-se duas notas, uma dando-lhe passagem e abatendo-o ao efectivo da unidade, outra colocando-o na Base.



Ilustração 14 - Argola de cinta de obus, em poder da Casa Rural Quinhentista - GEDEPA

Fui atrás dele, para a Repartição e pedi que me dessem as duas notas, que eu seria o portador delas; *exitaram*<sup>110</sup>, mas por fim vieram as desejadas notas.

<sup>108</sup> «Ambleteuse».

<sup>109</sup> «...acampamento...», no manuscrito.

<sup>110</sup> Emendado à mão para *hexitaram*, com letra que não parece ser do Autor.

O comandante da unidade dos adidos era o Senhor Capitão Faustino, de Santa-rém, ferido de guerra, muito falador, impertinente, mas muito bom homem, para ele havia feito vários trabalhos e uma peça nova no género, um jarro para água, de uma granada de quatro polegadas inglesa, com uma aza feita de uma cinta de cobre, com uma cabeça de dragão agarrada ao bordo da jarra.

No dia imediato fui ao quartel da Base entregar a nota e guia de transferênciã; o ajudante, que era Capitão, recebeu-me muito mal e perguntou-me:

— Mas que vem você fazer para cá?

Eu nada lhe respondi, porque estava o Sargento Ajudante e não quiz estar com explicações.

Depois pensei que lhe devia dizer o fim da minha passagem e voltei lá dizendo-lhe:

— O meu capitão dá-me licença, eu venho para a Base para ir de licença

Foi como se o picasse.

— Não faltava mais nada, estão da frente pedindo artífices, vai mas é para lá!

Saí corrido e vexado.

Quando tive passagem para a Base fui ter com o Senhor Tenente Coronel Sequeira, que me havia, dias antes, oferecido o seu préstimo e ao entrar-lhe em casa perguntou-me muito acolhedoramente:

— Então há alguma novidade?

— Saberá V. Exa que há, como se me ofereceu há dias ajudar-me no que puder, chegou o momento de o fazer, se for do seu agrado e mostrei-lhe a nota que leu, dizendo-me:

— Já sabia, que mo disse o Tenente Coronel Arrobas Machado, entregue-a amanhã na Secretaria.

Foi o que fiz.

Havia nesse dia na Base um concurso hípico e os comandantes foram todos para lá, o que me arreliou bastante, e com a ameaça do ajudante, mas voltei lá e disse-lhe:

— V. Exa disse-me que me mandava para a frente, eu já de lá venho e não a receio, estive lá dezasseis meses, tenha a bondade de me mandar passar guias para me ir embora, já mesmo...

Ao que ele respondeu:

— Eu não sou quem manda, espere pelo senhor comandante.

Estava indisciplinado e por isso perguntei-lhe:

— Quem é o Senhor Comandante?

— É o nosso Tenente Coronel Sequeira.

Então com um leve ar de troça, retorqui-lhe:

— É o nosso Tenente Coronel Sequeira? Então está bem.

Fiz-lhe a continência e saí.

À porta encontrei o Senhor Capitão Soares, queixei-me da arrogância do capitão, ele foi lá falar-lhe, mas estava irritado comigo, respondeu-lhe mal-humorado e o Dr. Soares disse-me:

— Olhe, são oficiais democráticos que o Dr. Sidónio mandou para cá, estão fulos, contrariam tudo, espere pelo senhor Comandante.

Só no outro dia apareceu, eram onze horas, eu não havia dormido nada, andavam os aeroplanos bombardeando a cidade de Bolonha, ali a dois passos de nós e não nos fizeram o mesmo porque ali próximo era o campo de prisioneiros alemães n.º 9.

Muito cedo ainda já eu estava à porta do Quartel, só às onze horas veio o Senhor Comandante da Base, que disfrutava honras de General, quando entrou viu-me.

Passado um quarto de hora vejo um ordenança procurando o nosso Sargento Almeida, que um polícia de trânsito meu conhecido lhe indicou e me disse:

— O nosso Comandante pede-lhe o favor de lá ir.

Quando entrei estavam muitos oficiais e o senhor capitão ajudante que me havia feito tal recepção. O Senhor Comandante quando me viu, veio direito a mim com a mão estendida, dizendo-me:

— Como está Almeida! Diga-me uma coisa, há quanto tempo está você em França?

Respondi:

— Saberá V. Exa que desde princípios de Fevereiro do ano passado.

— Quantas licenças já teve?

— Nenhuma.

— Bom, então nesse caso prepare-se que vai de licença com ordem do nosso General, Comandante C.E.P., no fim do mês; daqui a oito dias, venha cá lembrar dois dias antes, vá lá a minha casa que preciso falar-lhe antes de ir de licença.

Agradei-lhe e apertando-me a mão disse-me:

— Até logo.

Julguei tratar-se de algum recado para a família, que estava em Coimbra, mas não foi isso, quiz contar-me as insinuações que o ajudante lhe havia feito a meu respeito, pedindo para me mandar para a frente. Riu com vontade da peça que lhe pregou e depois pediu-me para lhe arranjar a fechadura de um estojo de viagem.

Como ainda tinha perto de oito dias, fiz um vasinho, de uma granada de obus de seis polegadas, para o meu General oferecer, como era seu empenho, ao capitão inglês (*Blak?*)<sup>111</sup> adido ao Quartel General do C.E.P. e às ordens dele.

Esta oferta valeu-me de muito.

Foi-me dada a licença de cinquenta e quatro dias, antes do fim do mês teria de embarcar em Bolonha, aluguei uma carripana até Vimerau e ahí fui ao Quartel General levar o vasinho, estava só o Senhor Capitão Monteiro a quem fiz entrega do vasinho para o adido inglês e depois perguntou-me:

— Oh Almeida, como é que você quer ir para Bolonha?

Respondi:

— No comboio.

— Mas não pode ir nele que é militarizado.

— Vejo se alugo um carro qualquer.

Respondeu-me:

— Não é fácil, mas espere ahí.

---

<sup>111</sup> «Blak», nota, entre parêntesis, do dactilógrafo revisor. «Balc», com interrogação, entre parêntesis, no manuscrito. O nome correcto é Bleke / R.H., segundo informação do Sr. Afonso Maia, fonte em França, incontornável, de conhecimento dos factos da presença portuguesa nesta guerra e actualmente representante da Liga dos Combatentes.



Chamou o chauffeur do nosso General e mandou-lhe preparar o carro dele e disse-me:

— O nosso General certamente não leva a mal o eu transportá-lo a você, venha daí.

Pelo caminho disse-me:

— Eu, de todos os oficiais do C.E.P., sou o seu conhecido e amigo mais antigo e, por isso mesmo, não tenho a honra de ficar com nenhum trabalho seu.

Realmente foi um oficial sempre meu leal amigo e pezava-me a sua queixa, lembrei-me que na mala levava uma jarra, que lhe prometi entregar-lha em Coimbra à Esposa, agradeceu-me com pouco calor, porque julgava que não passava de oferecimento de momento.

Foi falar com o oficial que regularizava as passagens dos licenciados, que não poderiam exceder um certo número, quando voltou perguntou-me se desejava partir no comboio daquele dia.

Enquanto ele foi tratar disso eu abri a mala tirando dela a jarra e quando voltou entreguei-lha e disse-lhe:

— É melhor V.Exa ficar com ela, não vá às vezes desaparecer-me a mala e ficar sem ela.

Aceitou agradecendo muito, dando-me cumprimentos para a família dele.

Cheguei a Paris à estação do Norte, às oito horas da manhã. Veio ter comigo um soldado que me dizia ser da Formação do Triângulo Verde e se desejava que me levantasse a mala, que a levaria para o Triângulo.

Realmente levantou-a e transportou-a num carro de cavalos que ali tinha para isso.

Meti-me num táxi de praça, com outro camarada e fui para a sede do Triângulo, tirar da mala o fato à paisana para vestir, porque daquele momento em diante não poderia vestir o fardamento para atravessar a Espanha, só o fazendo como civil. O soldado que me tomava conta da mala comprometeu-se à noite ter-me, na estação de Orleães, que era onde embarcaríamos.

Durante o dia fui com o meu companheiro de viagem, depois de termos ido à Legação tratar dos passaportes, ver alguns monumentos, os Inválidos, Arco do Triunfo, Nôtre-Dame de Paris, cuja frontaria estava coberta de sacaria com areia.

Fronteiro ao hotel Portugal – Brazil, onde estávamos hospedados, estava instalado um indivíduo muito falador, com uma mulher atrevidíssima, que tratavam dos bilhetes do caminho de ferro, desde Paris até à fronteira Portuguesa e dos passaportes; por este serviço nos estorquiavam grossa quantia, alegando que como não desejávamos viajar em terceira classe e como íamos em primeira como qualquer oficial, teríamos de pagar os emolumentos como tal.

Era uma forma airosa de nos entrar no bolso; este homem, havia notado que não nos olhava de frente, falando muito fugia de nos fixar de frente e disso fiz reparo ao meu companheiro.

À noite, quando chegamos à estação, reparei que no carro do Triângulo não ia a minha mala, apesar das afirmações do soldado em dizer que vinha, mas não veio.

Protestei e desejava voltar à sede do Triângulo, mas os carros de praça haviam retirado, resolvi não partir naquele dia, mas um velho que no hotel notei, dirigiu-se a mim e perguntou-me se a mala tinha o meu nome.

— Sim, tem o meu nome e a minha direcção.

Respondeu-me:

— Vá descansado porque a mala lá lhe irá ter, não perca o comboio, porque um dia de atrazo pode fechar a fronteira e o senhor ficar muitos dias em Irun.

Afirmando ser o Triângulo de confiança. Convenceu-me e parti, era o que eles todos desejavam, porque a mala nunca mais a vi e com ela desapareceu-me o meu diário de Guerra.

Vim mais tarde a saber que aquela organização não era oficial, era sim uma teia de aranha armada aos incautos que vinham do **front**, e ali eram expoliados dos seus haveres.

O tal sujeito com quem não simpatizava, era o célebre gatuno, fugido da Penitenciária de Coimbra, o «Pavão» e o velho de longas barbas era o «S. Pedro», igualmente evadido, que ali roubavam toda a gente a coberto de uma chancela que impunha respeito e confiança...

#### TERMINA AQUI O MEU DIÁRIO DE GUERRA E PRINCIPIA UMA NOVA ETAPE DA MINHA VIDA ARTÍSTICA

Em três de Agosto, cheguei a minha casa, que se me afigurava ter abandonado há muitos anos.

Foi uma grande surpresa para a família em alta noite; não é fácil descrever!...

Fiquei adido ao meu regimento e em vinte desse mês, estava farto de licença e pedi ao Senhor Coronel Pestana que me entregasse a oficina provisoriamente, ao que anuiu de *boa vontade*<sup>112</sup>.

Já sentia saudades do martelo e da forja de Sant'Ana!

Por ordem do Ministério da Guerra, as praças que haviam terminado a licença recolhiam às unidades, até segunda determinação, para ordem de embarque.

Terminei uns trabalhos para o Senhor D. José Pessanha e para seu filho D. Sebastião Pessanha e, como o trabalho artístico rareasse, concertei fogões e outros trabalhos grosseiros; tem graça a observação do médico regimental, quando passava pela oficina e me via trabalhando em fogões, dizia-me:

— Oh Almeida, não há direito de estragar o seu tempo, fazendo o que qualquer outro faz.

Era o senhor Dr. Rocha Manso quem falava ao que eu respondia:

— A minha estada em França abriu-me um grande rombo nas finanças; era preciso tapá-lo, não olhando ao trabalho a fazer.

Tendo escapado da Grande Guerra, julguei não escapar desse dia, 12 de Outubro de 1918, em que as granadas caíam nas proximidades da minha oficina, com essa revolução que não vingou<sup>113</sup>...

---

<sup>112</sup> «...de muito boa vontade», no manuscrito.

<sup>113</sup> Revolução constitucionalista, contra as políticas ditatoriais de Sidónio Pais, subjugada em 13 de Outubro de 1918, em Coimbra e Évora.

No Outono desse ano veio a Coimbra *visitar*<sup>114</sup> o Museu Machado de Castro, a Exma. Esposa do Senhor Dr. Ruy Enes Ulrich e falando com Mestre Gonçalves sugeriu-lhe a ideia, que há muito a preocupava, de mandar fazer um candelabro em ferro forjado.

Mestre Gonçalves falou-me nisso um dia e esperei que a nova fregueza escolhesse o estilo e falasse no desenho ao meu Mestre.

O intermediário nesta obra foi o Senhor Dr. Afonso Lopes Viera, que ao tempo mal conhecia, o estilo da obra era o **Pompeiano**<sup>115</sup> e teria dois metros de altura; o orçamento que me havia sido pedido pelo Senhor Dr. Lopes Vieira era de 450\$00.

Sempre que na obra havia necessidade de falar, a fregueza fazia-o por intermédio do Senhor Dr., enquanto ao preço por mim feito procurava ele um abatimento, e quando nisso me falou aborreceu-me muito e respondi um pouco irritado.

Felizmente a minha carta encontrou-se no caminho com a do Senhor Dr. Lopes Vieira, em que me dizia que a Senhora aceitava o preço e me entregava a obra.

Este trabalho foi uma revelação magnífica, uma revolução na serralharia artística que, depois dos ferros de José Relvas, havia estacionado um pouco. Este trabalho que levou cinco mezes a fazer, de meados de Março a Agosto, trazia Coimbra bastante interessada e as visitas à minha oficina da cerca de Sant'Ana aumentavam dia a dia<sup>116</sup>.

A delicadeza do estilo dava margem a fantasias soberbas, toda a peça era de um nervosismo e delicadeza da prata; preocupava-me o cuidado de não prejudicar a matéria em que era feita, porque trabalhar o ferro dando-lhe leveza sem prejuízo da resistência é nisso, a meu ver, que está o grande segredo *do Ferreiro*<sup>117</sup>.

Desde este momento não podia esquecer a responsabilidade que sobre mim ficava pesando, com a nova orientação dada à serralharia.

Quando, depois de pronta, a veio ver o meu Mestre Gonçalves, não pôde esconder a sua grande satisfação e disse-me que iria escrever ao Poeta (era desta forma que falava do Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira) a dizer-lhe que a obra estava pronta e a sua impressão a respeito dela e me aconselhou expô-la na baixa.

Foi mal exposta, porque só consegui uma montra na rua Visconde da Luz, *no Neves correiro!*...<sup>118</sup>

---

<sup>114</sup> «...e visitou...», no manuscrito.

<sup>115</sup> «Deixei ao ilustre professor [A.A.Gonçalves] a, para ele, fácil tarefa de fazer o desenho. Sugeriu-lhe a minha *pompeiomania*, ... e desta inspiração absurda e mal criada conseguiu extrair, o admirável mestre, uma feiticeira e esbelta maravilha [...]. Foi então que Lourenço Chaves de Almeida [...] se entregou ao drama helénico, lutando com a massa bruta do ferro na sua forja mágica. Vulcano em blusa de linhagem, triunfou do elemento subjugado. ...». Excerto do artigo de Veva de Lima, no *Diário de Notícias* de 1 de Junho de 1920. Os Meus Recortes, de LCA, espólio na Casa Rural Quinhentista.

<sup>116</sup> Encontra-se no Palácio Ulrich, da C.M. de Lisboa, Rua Silva Carvalho nº 240; é propriedade da Fundação Maria Ulrich, instalada neste mesmo espaço, assim como a Associação Casa de Veva de Lima. Fotografia do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 15.

<sup>117</sup> «...da arte» no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>118</sup> Esclarece as dúvidas, quanto ao lugar da exposição e às razões de tal escolha, da Doutora Regina Anacleto; texto «Ourives Conimbricenses do Ferro na Primeira Metade do Século XX», apresentado nas I Jornadas do Ferro, em 1999, publicado na revista *Munda* nº 40, p.13/33 e na revista *Pampilhosa uma Terra e um Povo* nº 19 – 2000, p. 25/51, do GEDEPA.

Foi também que nesse mesmo dia tive a honra de conhecer a muito ilustre Fregueza e o Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, ambos tiveram palavras tão amigas que nunca poderei esquecer<sup>119</sup>.

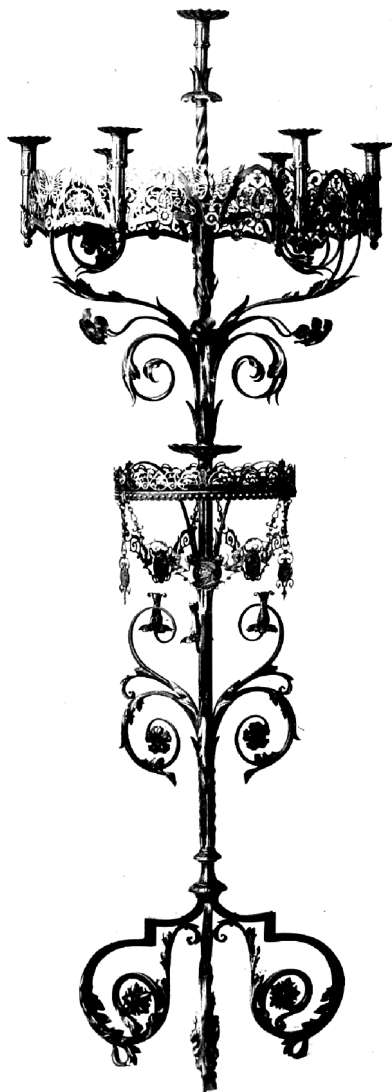


Ilustração 15 – Candelabro, em estilo pompeiano,  
encomenda de D. Genoveva de Lima Mayer

---

<sup>119</sup> A.L.V., do espólio de LCA e Veva de Lima, por gentileza da Fundação Maria Ulrich. Ilustrações 16 e 16A.

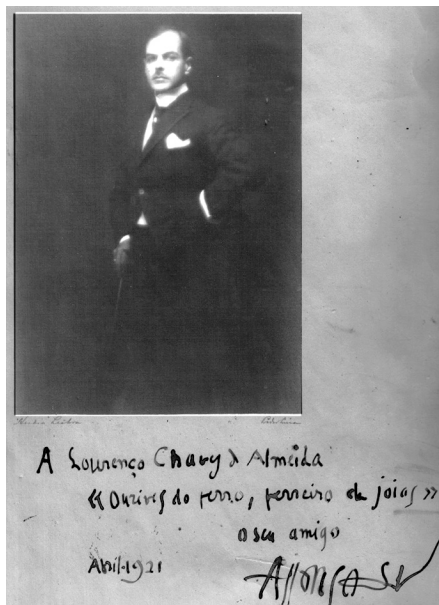


Ilustração 16 – Fotografia de Afonso Lopes Vieira oferecida a LCA



Ilustração 16A – D. Genoveva de Lima Mayer (Veva de Lima).  
Fotografia gentilmente cedida pela Fundação Maria Ulrich

Bem-haja quem tão bem sabe tocar na alma dorida ainda dos sacrifícios enormes que custaram ao artista o complemento da sua obra, para que exclusivamente vivi os mezes que ela havia absorvido.

São coisas que não pode sentir quem longe das oficinas vive, privado do convívio com os que trabalham, porque ahí iriam encontrar parcelas enormes do amor que as suas obras transmitem; curioso seria estudar, para bem compreenderem o que seja uma obra de arte.

Com as suas calorosas palavras, acabavam de selar uma amisade tão franca, tão leal e tão nobre, que para sempre ficaria ligado a ambos com a minha gratidão.

Ao Senhor Dr. Lopes Vieira cabia uma grande parte da beleza da obra, porque as suas letras eram para mim, cheias de carinho, quando lhe descrevia qualquer motivo a que estava preso e me satisfazia; punha nas suas palavras uma espécie de licor que me embriagava.

Devo aqui confessar, com toda a franqueza, o ter visto sempre fugir de mim a oportunidade de fazer uma grande obra, uma por falta de *pouca*<sup>120</sup> confiança do meu Mestre: o Lustre monumental, que a Direcção dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro pretendia que eu fizesse, para o átrio da Estação de S. Bento, no Porto.

O candelabro para a escada monumental do Hotel do Bussaco, que a avareza do seu administrador de mim desviou. E, ainda, uma riquíssima **banqueta**, em estilo gótico florido, destinada a suportar o caixão do Senhor Conde de Monsaraz, cujo projecto foi posto de parte, substituído por um mais **baratinho**... que é o que lá está, no cemitério da Figueira da Foz.

#### UMA OBRA, SEM A QUAL O LAMPADÁRIO NÃO TERIA SIDO FEITO

A Senhora Dona Genoveva de Lima Ulrich estava satisfeita com o seu candelabro e desejava que lhe fizesse uma trípede de Perfumador, no mesmo estilo, dessa obra foi encarregado do desenho também o meu Mestre Gonçalves.

Essa obra levou três esculturas e toda ela era tão rendilhada e transparente, como a outra peça e depois de pronta foi-me concedida a honra de ser exposta na Sala Romana do Museu Machado de Castro, em Maio de 1920, cuja exposição chamou a atenção do público de Coimbra<sup>121</sup>.

Tive a honra de ser visitada pelo meu General Braz Mousinho de Albuquerque e sua Exma. Esposa, acompanhava-os o seu Chefe de Estado Maior; desta visita falou com um louvor a Ordem da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército de 1 de Junho de 1920.

Foi resolvido, entre a Senhora Dona Genoveva e o Senhor Dr. Lopes Vieira, fazer uma exposição em Lisboa das duas peças e alguns trabalhos meus; com o fim de preparar o ambiente foram escritos, pela Senhora, alguns artigos na Imprensa da Capital.

No dia 3 de Junho foi aberta ao público de Lisboa a exposição, no Salão Bobone ao Chiado, esse acontecimento chamou ali um público muito escolhido, que fez às

---

<sup>120</sup> Seguramente que o Autor pretendia dizer « falta de confiança do meu Mestre... ».

<sup>121</sup> Encontra-se no Palácio Ulrich, e é propriedade da Câmara Municipal de Lisboa. Segue foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 17.

obras grandes elogios; também me deu a honra de a visitar S. Exa. o Senhor Ministro da Guerra (Estêvão Águas), que me concedeu palavras muito amáveis.

Esta exposição foi a maior consagração feita aos meus trabalhos, que me apertou num círculo de responsabilidades para o futuro.



Ilustração 17 – Trípode braseira, em estilo pompeiano,  
encomenda de D. Genoveva de Lima Mayer.  
Aqui exposta na Sala Romana do  
Museu Machado de Castro, em 1920

Esta [exposição] gerou a ideia de se fazer uma grande, com representação da Escola Livre; foi o Senhor D. Sebastião Pessanha que se colocou à frente desta iniciativa, oferecendo os Salões das **Artes Decorativas**, à rua do Almada.

No dia 4, para festejar o sucesso da exposição, fui convidado a almoçar com o meu Ilustre Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira. Nesse almoço fez a encomenda de um **Relicário**<sup>122</sup> para guardar uma madeixa de cabelos da Rainha Dona Ignez de Castro.

---

<sup>122</sup> «Estilo Gótico».

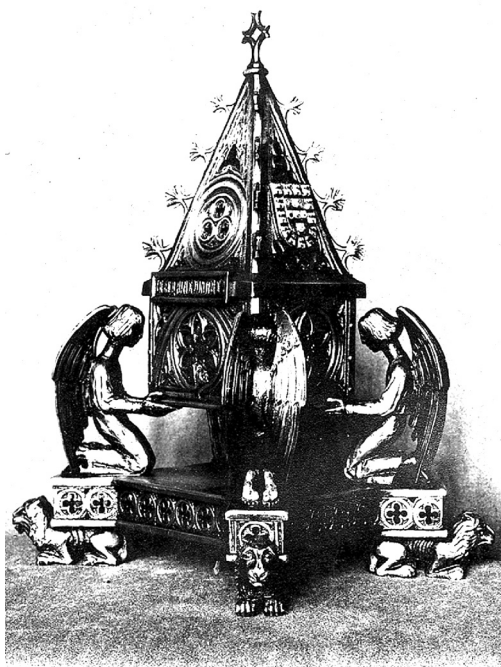


Ilustração 18 – Relicário para os cabelos de D. Inês de Castro, estilo gótico, encomenda do Dr. Afonso Lopes Vieira

Esta encomenda foi selada com a oferta, muito afectuosa, do seu Poema – **Ignez de Castro na Poesia e na Lenda**. Foi então que avaleiei a quanto se elevava o valor de tão grande amizade que ficou fazendo meu orgulho.

Um outro trabalho preocupava o espírito insatisfeito da minha Exma. Freguesa, um **Lectus** no mesmo estilo<sup>123</sup>, firmou essa encomenda com a oferta, delicadíssima, do seu livro, posto nessa ocasião a circular, **O Último Lampadário**.

Sentia-me remoçar, com tantas e sinceras manifestações de apreço e estima, para a continuação dos meus trabalhos para a futura e prometida exposição.

O meu Mestre Gonçalves partilhava do meu entusiasmo, que em cartas muito amigas lhe escrevia todos os dias.

Quando lhe contei a ideia do Senhor D. Sebastião Pessanha, comunicou-a aos sócios da Escola Livre (que eu havia reorganizado no meu regresso da Grande Guerra) e todos os que mostraram boa vontade a ela se associaram.

As obras que destinava para esta exposição foram um candelabro com a figura de uma Salomé com um delicadíssimo pé com grifos de azas (este candelabro foi mais tarde oferecido pelo Senhor Rodrigues da Silva ao seu operador, Dr. Angelo da Fonseca, na posse de quem actualmente está); o relicário para o meu amigo e Senhor Dr. Lopes

<sup>123</sup> «Pompeiano».



Vieira; duas floreiras sem encomenda <sup>124</sup>e duas grades de fogão de sala para o Senhor D. José Pessanha.

Nesta altura era Presidente da Escola Livre o Senhor Dr. João da Silva Couto e propôs que os trabalhos fossem expostos em Coimbra, foi a ideia bem aceite por todos escolhendo-se para isso o Claustro do Silêncio de Santa Cruz.

Em 20 de Fevereiro de 1921 inaugurou-se a exposição em Coimbra, foi um acontecimento muito sério que atraiu muita gente, porque a qualidade dos trabalhos era *escolhida*<sup>125</sup>.

Era meu desejo aqui destacar alguns períodos das notícias dos jornais dessa época, para mostrar o valor deste certame. Procurei os meus **recortes**, mas eles são tantos e de tão variadas opiniões que, confesso... desisti de o fazer, porque se me afigurou ser vaidade, *que se não compadece com o meu feito*<sup>126</sup>.

Peço me desculparão em dizer que, quando mandei as fotografias do **Relicário** ao meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, ele escreveu-me com a alma transbordando de satisfação, classificando o meu trabalho de «Primeira maravilha da Europa»!...<sup>127</sup>

A esta obra ficou presa a admiração de Coimbra inteira...

Em 19 de Março era inaugurada em Lisboa<sup>128</sup>, nas salas das Artes Decorativas, a representação Coimbrã, com uma conferência feita pelo Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, que muito irritou os expositores<sup>129</sup> porque, de entre todos, apenas *destacou*<sup>130</sup> dois nomes – João Machado e Lourenço Chaves de Almeida.

Deu muito que falar aos «*Joões*» do *soalheiro Coimbrão*<sup>131</sup>.

Regressei como sempre, das exposições, cheio de fé na minha arte, continuando com o trabalho que me havia encomendado a Senhora Dona Veva de Lima, um **Lectus** no estilo das duas peças [anteriores].

Essa obra era a maior que havia feito e dava-me margem a fantasiar maravilhas.

O meu Mestre Gonçalves, desejando que fizesse trabalho completo, chamou-me às suas aulas, em que me matriculei, no curso de aperfeiçoamento no ano lectivo de 1920 a 1921 e ahí pôz à minha disposição todas as ilustrações das escavações de Pompeia, sem o conhecimento das quais a obra não seria tão perfeita.

Este **Lectus** era uma obra de arrojadas dimensões e, por isso, puz nela toda a minha atenção.

---

<sup>124</sup> Adquiridas, na altura, pela Sociedade de Indústrias Regionais Lda.

<sup>125</sup> «...eram escolhidos», no manuscrito.

<sup>126</sup> «...vaidade, não entra no meu feito», no manuscrito.

<sup>127</sup> Encontra-se, actualmente no Museu Machado de Castro, em Coimbra. Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 18.

<sup>128</sup> De acordo com notícia de *O Século* de 15 de Março de 1921, a abertura teria sido a 14. Os Meus Recortes de LCA, na Casa Rural Quinhentista..

<sup>129</sup> Notícia, na *Ilustração Portuguesa*, com fotos de algumas peças e de alguns dos expositores. Espólio de LCA, na família.

<sup>130</sup> «...salientou...», no manuscrito.

<sup>131</sup> «...ao soalheiro de Coimbra» no texto dactilografado. Correção do Autor, que pretendeu assim referir-se, mais concretamente, à coluna de *O Despertar*, Esquina de Sansão, assinada por João de Coimbra.

**COMEÇA AQUI A MINHA VIDA ENTREGUE AO LAMPADÁRIO.  
O TRABALHO E SUA HISTÓRIA POUCO CONHECIDA**

Em 28 de Março de 1921, fui chamado ao gabinete do meu Comandante, o Senhor Coronel João de Morais Zamith.

Fiquei um pouco surpreendido com a reunião que ahí se encontrava, o 2.º Comandante Senhor Coronel José Torcato Ramires de Leiria, o Senhor Comandante do 1.º Batalhão, Major Alberto Pinto Tasso de Figueiredo e o ajudante do Regimento, Senhor Capitão Diamantino do Amaral; afigurava-se-me que qualquer coisa havia que me dizia respeito, visto a fisionomia do Senhor Comandante ser muito prazenteira, chamando-me com a mão para entrar, diz-me:

— Fui encarregado pelo nosso General de lhe dizer o seguinte: falou há tempos o Club Naval de Lisboa, em alumiar o túmulo do Soldado Desconhecido com a chama da Pátria. Os Comandantes das unidades da Divisão, convocados pelo nosso General para uma reunião, lembraram oferecer uma lâmpada em prata com uma consola em ferro forjado feita pelo Almeida; porém eu insisti em que a lâmpada e a consola fossem em ferro e tudo feito aqui pelo Almeida, o que seria uma grande honra para nós todos.

Respondi:

— Peço licença a V. Ex<sup>a</sup>, a honra era toda só para mim, o ter sido escolhido para fazer esse trabalho

Mas deixem-me confessar-lhes: sentia que havia chegado finalmente o momento pelo qual há muito ansiava, mostrar-me à altura de fazer um grande trabalho e que trabalho! Completar o Monumento da Batalha, com o ferro que lhe faltava, a interromper a monotonia da pedra!...

Abismado nesta grande ideia, fui acordado quando me pergunta:

— Que diz a isto o Almeida?

— Oh meu Comandante... eu, não acho essa ideia desaproveitável, mas... a lâmpada com a consola, não acham ser uma coisa muito... não sei como diga... jazigo? além disso, temos os Conselhos de Arte que não consentiriam isso na Sala do Capítulo da Batalha. Eu, se V. Exas. me dessem licença, dava a minha humilde opinião, porque acho essa oferta mesquinha demais!...

Ele respondeu:

— O nosso General, depois que lembrei o trabalho todo em ferro feito pelo Almeida e se dividissem as opiniões a este respeito, pôz termo à discussão dizendo-me: Fica o Senhor Coronel encarregado de chamar o seu artista e ouvir a opinião dele, só depois se assentará no que se houver de fazer.

O meu espírito voava para uma região tão distante dos estilos dos monumentos de Coimbra, fantasiando o gótico florido, socegradamente e medindo as palavras, respondi:

— Então como V. Exas. me dão licença direi a minha ideia porque, no meu entender, nem tudo serve para ser colocado na Batalha; quem oferece isso é só<sup>132</sup> o Regimento?

---

<sup>132</sup> «... é cá...», no manuscrito.

Respondeu-me:

— Não! é a Divisão toda.

— Então ofereçam uma obra a altura da nossa Divisão, ofereçam um **Lampadário** que posto à cabeceira do túmulo, por si só, seja um monumento, uma coisa gótica, estilo da Batalha, com figuras alegóricas à nossa História, com baldaquinos e uma coluna encimada pela candeia, tudo muito rendilhado!...

Devo aqui confessar: havia perdido a cabeça com o entusiasmo e quando me referi a **figurinhas**, nem sequer sonhava que elas iriam além de vinte centímetros de altura!

O Senhor Coronel Leiria, que até aí se conservara calado, virou-se para mim e disse-me:

— Olhe lá Almeida, o Senhor é casado e tem filhos, que dependem mais do seu trabalho do que do seu ordenado, uma peça como essa que tem estado para aí a idealizar, quanto custa?!

Esta observação, inesperada mas lógica, fez-me gelar o entusiasmo; lá vinha, mais uma vez e sempre, o maldito dinheiro a desviar as boas intenções... sempre o dinheiro!!!

Eu calei-me e ele continuou:

— Mas não acham que eu tenho razão, porque uma obra como ele está para aí a idealizar, leva-lhe muito tempo e os seus ganhos não chegam e nem nós temos dinheiro para tal obra.

Ao que tive de responder:

— Tem V. Exa. muita razão meu Comandante, mas se vamos a meter o dinheiro entre mim e a obra, então pode ter a certeza que se não fará, porque é sempre o dinheiro a roubar-me o prazer de fazer uma boa obra.

O Senhor Comandante Zamith, acendendo novamente o meu entusiasmo, diz-me:

O trabalho há-de fazer-se e o dinheiro aparecerá, descance!

e eu perguntei-lhe:

— Os Senhores vão abrir uma subscrição, não é verdade!? Então arranjem o dinheiro para a matéria prima, para fazer o trabalho e se no final sobrar algum, gratifiquem-me com ele, ainda que seja um pataco, com o que ficarei satisfeito, mas deixem-me fazer o trabalho que imaginei... uma coisa à altura da nossa Divisão!

O Comandante, que estava tão entusiasmado como eu perguntou-me:

— Está muito bem Almeida, agora uma coisa, você faz também o desenho?

Respondi:

— Isso não meu Comandante, vou falar ao meu professor, António Augusto Gonçalves e depois vejo o que ele me diz, se estiver de acordo, então irá lá uma comissão pedir, em nome da Divisão, o desenho para o **Lampadário** em gótico.

Foram estes os primeiros passos dados para esta obra e foi assim que nasceu o nome, por mim dado, ao trabalho, com o que todos estiveram de acordo. Quando voltei à oficina, vinha cheio de contentamento, ia finalmente afogar a alma numa obra que me satisfaria e de há muito tempo sonhada.

Quando se chega a este apuramento sentimos a necessidade de confiar aos amigos, mais chegados ao coração, o que dentro dele já não cabe e foi assim que escrevi, nesse mesmo dia, ao Senhor Dr. Afonso Lopes Viera, descrevendo-lhe tudo o que a minha imaginação havia criado, com o que me senti um pouco aliviado.

Como tinha por hábito, fui às 6 horas da tarde à rua dos Coutinhos e entrei, como uma bomba, no atelier do meu Mestre Gonçalves e desfechei logo:

— Venho muito contente com a novidade agradável que trago, vamos esmagar esses canalhas que para ahí andam [a] abocanhar-me, dizendo que eu não compreendo os trabalhos em ferro. Chega, finalmente, a ocasião de lhes mostrar que quem não compreende são eles.

Pelo espanto que no rosto se via, o meu Mestre duvidava que eu estivesse em meu juízo perfeito e realmente não devia estar, não, o caso não era para menos.

Mais socegado, contei-lhe tudo como se havia passado e a minha ideia do **Lampadário**, com baldaquinos e figurinhas alusivas à nossa história pátria.

O Mestre ouviu-me, muito atento, medindo-me com um olhar penetrante até ao fundo da minha consciência e disse-me:

— Muito bem! mas você mediu bem a responsabilidade que lhe cai sobre os ombros fazendo essa obra para a Batalha?

Esta observação, aliás muito natural, dum homem previdente como ele, fez-me o efeito de um douche, porque se não espera; acalmei o entusiasmo e, confesso, que pela primeira vez tive medo de me ter comprometido tão levemente e fiquei um momento pensativo...

Depois, ainda com medo, respondi:

— V. Exa. é quem desenha, tem visto (pondo a mão na testa) até onde isto chega, faça-o com cautela de não partir a elasticidade.

Imediatamente procurou socegar-me dizendo:

— Não tenha medo, eu disse isto para ver se você tinha perdido a cabeça e o medo; deixe lá, vai fazer-se uma obra digna da ideia que gerou.

Preguntei-lhe:

— Então V. Exa. quer fazer o desenho, não é verdade, posso dizer isso ao meu Comandante, para transmitir ao nosso General?

Respondeu-me que sim, mas quiz ouvir-me outra vez na descrição da peça.

Tenho a certeza de que ficou partilhando do meu contentamento, mas notou que eu estava preocupado, com medo de me não sair bem, porque repetiu:

— Não tenha medo!

Contei ao meu Comandante a disposição em que ficou o Mestre, por isso achava que era bom ir lá a comissão pedir-lhe o desenho.

Essa comissão foi composta pelos Senhores Coronel Zamith, Major Belisário Pimenta e Capitão Mano, sub-chefe de Estado Maior da Divisão; pediram para que o desenho estivesse pronto para ser exposto no dia 9 de Abril<sup>133</sup> na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha.

Não voltei às aulas da Brotero, não desejava, com a minha presença, perturbar o estudo da obra nem trocar impressões com o Mestre; no dia 2 de Abril recebi recado dele, de que o projecto estava pronto e que podia ir por ele.

Esperava ansioso a hora da tarde, para ir à rua dos Coutinhos: a decepção que nesse dia sofri ficou-me gravada para toda a minha vida.

---

<sup>133</sup> 3.º aniversário da batalha de La Lys, que teve lugar em Abril de 1918 (Guerra 1914 - 1918).

Conhecia, como ninguém, os vastíssimos recursos da inteligência do Mestre, esperava, por isso mesmo, ter sido compreendido por ele na organização do projecto.

Entregou-mo, enrolado em papel de seda amarelo, dizendo-me:

— Veja!

Desenrolei-o e fiquei, não sei como explicar... mudo de desapontamento, não era aquilo que eu esperava! De tal maneira fiquei, que me esqueci de que era observado pelo Mestre e que estava ali, acordei como sobressaltado quando ele me perguntou:

— Então era isso que desejava?

Olhei para ele, procurando sorrir e disse-lhe secamente:

— Está bem, serve.

Reparando na minha hesitação diz-me:

— Veja lá, se não é isso faz-se outro.

— Serve muito bem, porque a obra está por trás disto tudo – respondi, já mais animado.

Entregou-me um ofício para a Comissão ao que eu perguntei:

— Para que é o ofício?

Respondeu-me:

— Não é um ofício, é a descrição do que o desenho representa, pode lê-la e depois fechá-la.

Li-a ali mesmo, mas confesso, era uma formalidade desnecessária, bom, mas ficou como documento [e] como tal embaralhou a verdadeira história do Lampadário.

Com muita franqueza o disse ao meu Comandante Zamith, quando lhe fiz a entrega do projecto; não era aquilo que eu idealizara, era um gótico muito trezentista,<sup>134</sup> quando o que eu sonhava era um gótico Mestre de Avis, Joanino, único em todo o Mundo, a Batalha!!!

No dia 9 de Abril, acompanhei o meu Comandante e o seu ajudante à Batalha para expormos, em nome da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército, o projecto entre as centenas de coroas que lá estavam e as variadíssimas oferendas de toda a parte que enchem a Sala do Capítulo.

Lembra-me ser o projecto apenas notado por um Guarda-Marinha da nossa Armada, esteve lá também o nosso General Braz Mousinho de Albuquerque, coitado! Estava no fim da sua carreira Militar!...



Ilustração 19 - Fotogravura do projecto, de António Augusto Gonçalves, para o Lampadário

<sup>134</sup> Fotogravura do projecto, anexa ao Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 19.

**QUERO AQUI DIZER COMO SE VIVERAM  
QUATRO MIL E OITOCENTAS HORAS!**

Foi no dia 20 de Abril que o martelo arrancou ao ferro incandescente as primeiras faúlhas cintilantes e a bigorna cantou os seus primeiros gritos, na acanhadíssima oficina de Sant'Ana, cuja capelinha, certamente, foi testemunha muda de cândidas vidas desfeitas pela tirânica vontade de um pai ou de algum cobiçoso irmão Morgado!...

Foi a base e a coluna triangular central que primeiro fiz e um mês depois começava com as colunas, em que teriam de pousar as históricas figuras guerreiras.

Mestre Gonçalves não desenhou em escala o projecto e a base era de uma simplicidade rude, com os gigantes angulares pouco salientes; estas deficiências causaram-me sérios embaraços; isso fiz notar ao Mestre, que não quiz ceder em nada ao que havia desenhado; calando-me, mudei de táctica.

Quando lhe levei uma das colunas redondas, que ele havia desenhado com a grossura superior a três polegadas e eu lhe dei a de duas apenas, achou-as finas e fez-me ver que no gótico não havia exemplo disso, teimando deixei-as ficar dizendo-lhe:

— Bom, depois substituem-se, por agora ficam assim, V. Exa tenha paciência, vou aos tambores dos capitéis para lhe fazer a folhagem.

O Mestre havia posto à minha disposição as fotografias do Biel, do Porto, «O Mosteiro da Batalha», exactamente na frontaria, o entablamento lateral do Pórtico acima da aresta da ogiva, esse corpo assenta sobre duas colunas de cada lado, finas e elegantes, levei-lhe a estampa, para escolher a ramagem dos capitéis e mostrando-lhe isso, indicando-lhos.

O meu principal fim era chamar a sua atenção para as colunas, ele reparou logo nelas e disse-me:

— Espere, temos aqui um magnífico exemplo, pode deixar as que fez com essa grossura.

Ao que respondi despreocupadamente:

— Pois sim, se for preciso fazem-se outras.

Esta foi a nova táctica para o vencer sem desprimor.

Quando fiz os capitéis, procurei dar-lhe a graça e transparência do estilo da Batalha, consegui-o com tanta sorte que satisfiz, por completo, ao Mestre; foi nesta altura que chamei a sua atenção para o desequilíbrio da base, a sua simplicidade brigava com os capitéis.

A obra começava de entrar no caminho que eu desejava, de fugir à simplicidade do projecto e foi então, ao ver o seu embaraço, que lhe disse:

— V. Exa bem vê o desejo que eu tenho em que a obra fique o mais completa possível, é melhor substituír-se os gigantes angulares por outros mais volumosos e menos lisos.

Ao que ele respondeu:

— Se quere fazer outros assim então aproveito a sua disposição, eu desenho outros.

Também me custou a convencer o fazer-lhe bases nas colunas, que ele apenas tolerava a altura de uma caixa de fósforos.

Com a remodelação completa da base, toda a obra pedia muito mais delicadeza, entrava, finalmente, no estilo do gótico gracioso e florido.

Estava-se no mês de Setembro e era a altura de fazer os baldaquinos, falando com o meu Comandante expondo-lhe a minha contrariedade em ter que aceitar os que o projecto marcava e com um lápis desenhei na parede o que eu pensava, uma coisa cheia de colonelos e coruchéus.

Para mostrar ao Mestre o péssimo efeito, fiz exactamente o baldaquino por ele desenhado, na escola falei a esse respeito e pedi-lhe que fosse à oficina logo que pudesse; foi lá na manhã seguinte e concordou comigo desenhando outro, mas sem coruchéus mas também não lhe disse nada.

Como já disse matriculei-me na Escola de Brotero, no curso de aperfeiçoamento, quando andava com os trabalhos da Senhora Dona Veva de Lima e, quando principiei com o Lampadário, pedi ao Mestre para desenhar só gótico e desenhei tudo de **Viollet-le-Duc**, o grande mestre do gótico em França. Custou-me convencer o Mestre para pôr nos baldaquinos, como remate, os coruchéus; foi uma luta que, felizmente, tive o gosto de vencer, quando acabei esse trabalho, em fins de Dezembro, o rendilhado e delicadeza destes obrigou a encher a base de mais aplicações e as gárgulas angulares dos gigantes estavam muito fininhas, porque ele me obrigou a desbastá-las muito achando-as grossas; foi muito contrariado que lhe obedeci, mas depois concordou em lhe fazer outras muito mais grossas e as que lhe havia tirado andaram na minha banca de trabalho até que um dia resolvi aplicá-las nos ângulos dos baldaquinos, aonde ficaram muito bem.

O trabalho atingiu uma altura que já não cabia na oficina, foi-me preciso rebaixá-lo bastante para ahí o armar e avaliar do seu ponto de vista, em comparação com o local a que era destinado, e isso para mim era grande preocupação.

O remate acima dos baldaquinos foi feito sem pressão do Mestre, que apenas indicava na escola o andamento do trabalho.

Por alturas da Páscoa estava, finalmente, essa parte concluída, mas a base estava preocupando a ambos, eu percebi o embaraço do Mestre e fui encaminhando as coisas para lhe substituir muitas peças, ele vendo-me disposto animou-me.

Substitui-lhe todos os *gogulhos*<sup>135</sup> das arquivoltas por outros mais volumosos, afinando todo o trabalho.

Restava-me os leões dos pés, moldelei-os com satisfação e comeci forjando-os, foi um trabalho pesado e penoso, porque a estação estava quente e a forja só se tolerava da parte da manhã.

Um dia o Mestre apareceu-me em Sant'Ana de manhã, era sua intenção ver-me forjando, ali esteve algumas horas, sentado numa cadeira e no final disse-me muito sentido:

— Que pena você não me ter aparecido há mais tempo, como eu modificaria toda a minha vida.

Eu apenas consegui responder:

— Não se pode prever o futuro.

Ele concordou.

— Tem razão, aproveitemos o momento que estamos vivendo...

---

<sup>135</sup> «Gogolhos?» – em forma de gogo (calhau redondo, seixo rolado)? Não se encontra nos dicionários consultados qualquer referência a esta palavra.

Um receio assombrava-me para o futuro, eram as figuras históricas dos guerreiros, a sua grandeza, da terça parte do tamanho natural, apavorava-me, quanto mais no fim via a tarefa dos péz, mais receioso estava de enfrentar esse problema.

Quando assentei o último dos leões no pé, foi o meu Regimento chamado a Lisboa para subjugar uma insubordinação, com outras unidades da província, que havia surgido no campo de Aviação.

O meu General Simas Machado, que ao tempo comandava a 5.<sup>a</sup> Divisão, seguia muito de perto o trabalho do Lampadário e tinha por mim grande simpatia, pediu ordem ao Senhor Ministro da Guerra para eu ficar no quartel para trabalhar na obra.

Toda a gente, em Coimbra, me supôz em Lisboa e assim fiquei livre de visitantes e portanto só!

Chegou o desenho do guerreiro do século XII, modelei-o em barro, levei-o ao Mestre para ver e retocar, quando voltei à oficina, com o coração oprimido, em busca da técnica para o fazer, que me fugia cada vez mais e [eu] andava como doido, o caso não era para menos.

Escrevi os meus receios, em desabafo, ao meu grande e bondoso amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, que seguia o meu trabalho pela descrição das minhas cartas.

Nesta altura eu já não dormia e mal me alimentava, andava obcecado pela ideia de não ser capaz de fazer as figuras e escrevi-lhe, dizendo-lhe os meus receios, de que se não conseguisse achar a técnica que em vão procurava, não responderia por mim.

Escreveu logo aos amigos, recomendando-lhes que me rodeassem de carinhos, «senão que perderíamos o Almeida» – termos dele.

Nobre e grande Amigo, com as suas letras muito assíduas, incutia-me coragem, a sua boa amizade velava por mim, mesmo de longe.

Eu caía a olhos vistos, porque andei uma semana inteira a trabalhar em busca de uma técnica segura, vou contar como venci essa dificuldade, com uma verdade enorme.

Ao fim dessa semana de inútil trabalho, regressei ao lar cansado do corpo e do espírito, os filhos e a mulher olhavam-me com receio e dó, sentiam-me o coração apertado por grande preocupação e partilhavam do meu estado de espírito, como crentes diziam esperar em Deus...

Uma noite, dormia ou dormitava, em sonho delicioso estava vergado sobre a banca, apertando sobre o barro um *trôss*<sup>136</sup> da figura, do ombro à cinta, ajeitando com pancadas a folha de ferro mantida no ar, era isso que eu procurava!

Dei um grande salto na cama e disse:

— Achei...!

A minha mulher a meu lado acorda e pergunta-me:

— Achou o quê!?

Respondi, como se ela fosse obrigada a compreender o sonho

— O quê!? a técnica de fazer as figuras.

Isto não é exagero, olhei o relógio, eram duas da madrugada ainda, já não dormi mais na ânsia de verificar a segurança da revelação.

Fui para a oficina muito cedo ainda, que belo dia de trabalho esse, tudo caminhava bem e com segurança, já não inutilizava ferro, cortei a cabeça e os braços ao modelo

---

<sup>136</sup> «Torso»?...



e fundi-os em gesso, para mandar fundir em cobre, dei disso conhecimento ao Mestre que se irritou comigo por não lhe ter mostrado os gessos.

Tão seguro estava do trabalho que pretendia fazer-lhe uma surpresa, mas ele não atendeu a isso e fez-me ir mostrar-lhe os gessos, que lhe entreguei, dando-lhe os toques mestrais consegui um fundidor, porque o Paraíso Pereira não quis aceitar fazê-los, o que me aborreceu.

Tinha já o corpo muito adiantado com as pernas e quando o bronze chegou tratei de o armar, depois de cinzelado e bem acabado, surgindo uma dificuldade: como manter a cabeça se era, como se observa, impossível a cravação.

Recorri a um processo imaginoso de um parafuso ao longo do qual subia a cabeça, firmando a extremidade no tampão em que se fixaram as pernas, o parafuso foi coberto pelo barrete da cabeça do guerreiro, não se vê.

Não posso descrever a satisfação que me deu a conclusão desta figura, estávamos em fins de Abril, nesse belo dia passei horas a contemplá-la com vontade de lhe dizer:

— Anda! – tão animada se me afigurou<sup>137</sup>.

Eram horas de ir para a aula, embrulhei-a e levei-a ao Mestre e pondo-a no seu gabinete na mesa dele esperei que chegasse e quando entrou e reparou disse:

— Está muito boa, creia.

Respondi-lhe:

— O que ahí está não diz o medo com que foi feita.

Sorrindo de satisfação disse-me:

— Foi o medo quem fez a obra, se lho tem perdido não a fazia; pode crer que foram assim todos os artistas.

Não podia concentrar só em mim tamanha satisfação, escrevi ao meu amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira, descrevendo-lhe a figura do guerreiro e o que o meu Mestre dizia dela; em seguida escrevi ao meu Comandante contando-lhe o andamento da obra, que agora caminhava para o seu fim com a convicção de que ficariam todos satisfeitos.

Modelei a segunda estátua, do século XV, servindo-me do mesmo barro da primeira, apenas as mãos e o rosto eram de bronze, mandei fundi-los com tempo.

Levou-me um mês a fazer, apesar de estar senhor da técnica tive ainda sérios embaraços para lhe dar a energia de um guerreiro da Ala dos Namorados dizendo: «Aqui é Portugal»!

Tenho o orgulho de dizer, também, consegui o meu desejo, que ao Mestre dava contentamento e grande vaidade mesmo.



Ilustração 20 – Guerreiro, pormenor do Lampadário

<sup>137</sup> Foto do guerreiro; pormenor do Lampadário. Ilustração 20.

Nesta altura regressava o meu regimento ao quartel, fui à Estação Velha esperá-lo, o meu Comandante, ao ver-me lá, dirigiu-se a mim perguntando-me pelo Lampadário, respondi-lhe laconicamente:

— V. Exa vai ver!

Chegado a Sant'Ana veio logo pela oficina e... emudeceu.

Olhou o trabalho, com recolhimento e depois disse-me:

— Julguei que o Almeida se tivesse excedido quando me descreveu tudo, mas agora, com orgulho e satisfação, vejo que muito, mesmo muito, ficou por dizer; muitos parabéns! Isto fica muito mais alto em beleza do que se esperava, que orgulho eu tenho, vou dizer ao nosso General para que ele partilhe da minha satisfação.

Para a segunda estátua, faltava-lhe apenas o bronze e foi nesta altura que o Senhor General veio à minha oficina e com ele tomei conhecimento, e com o seu genro, tão satisfeito fiquei com a visita e com as palavras amigas que me deixou, com o tratamento de bom amigo, dizendo-me:

— Não é o General que aqui está, é o admirador e o amigo com quem podes contar.

Este tratamento, tão franco e espontâneo, atraiu-me, conquistando a minha amizade (com que saudades eu o recorde!...).

Acompanhava-o um amigo meu, o Senhor Tenente Pina Cabral, um dos membros da Comissão do Lampadário, que havia conseguido tempos antes um magnífico artigo na *Gazeta de Coimbra*, feito pelo Dr. Humberto de Araújo, que causou sensação no meio Coimbrão<sup>138</sup>.

La finalmente fazer o nosso Serrano, cuja técnica se conhece mais arrojada, sem embaraços correu este trabalho muito bem até ao fim e coisa curiosa, havia dormido uma noite tão pesadamente dum só sono, coisa que já não me sucedia há muitos mezes.

É que eu já não estava sobre a febre que o trabalho me deu e que durou quatro mil e oitocentas horas<sup>139</sup>.

Terminei o trabalho em 29 de Junho de 1922, com o acabamento da *Lucerna*.

Esta peça tem também a sua curiosa história.

Não era intenção minha fazê-la, por ser trabalho de caldeireiro ou serra-metais, como na minha terra chamavam aos fundidores de latão e fazedores de candeeiros.

Indiquei Braga, como sendo a terra capaz de a fazer, a Divisão entendeu-se com o Comando Militar da terra para esse fim, a quem foi mandado o desenho, tantas as dificuldades puzeram com trocas de notas, que acabei por me resolver fazê-la.

Estas quatro mil e oitocentas horas, gastas na maior das febres, com a ansiedade constante de ver no dia imediato o efeito que uma nova peça daria no seu lugar; elas foram tantas e tantas postas de parte para não haver a mais pequena desarmonia no efeito geral.

Com que orgulho eu gravei, sem fantasiar a letra, no rebordo da base: «20 do IV-921 a 29 do VI – 922. Feito em Inf.<sup>a</sup>. n.º 23 pelo 1.º Sargento Serralheiro, Lourenço

---

<sup>138</sup> *Gazeta de Coimbra* de 13 de Dezembro de 1921.

<sup>139</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 21.

Chaves de Almeida, discípulo de António Augusto Gonçalves autor do projecto».

Esta última parte da inscrição, depois do meu nome, não agradou ao meu Mestre e por isso fui obrigado a martelá-la, o que muito me contrariou.

O Senhor Comandante da Divisão havia mandado o Senhor Tenente Pina Cabral falar ao amigo João Machado, com a devida antecedência, para se fazer o bloco de pedra em que assenta o Lampadário e com certa urgência foi aparelhado, não pôde ser acabado por ter demorado a remessa do mármore.

Por esta altura veio visitar a obra o Senhor Tenente Coronel **Branca**, chefe da 2.<sup>a</sup> Repartição do Quartel General, que admirou a peça, dizendo-me:

— É esplêndida, mas olhe que seis contos é dinheiro!

Ninguém pode fazer ideia de quanto me afrontava quando em dinheiro se falava como paga do trabalho e no entanto, frequentemente, me atiravam essas palavras, que preciso explicar e falar de um componente da Comissão que teve, com o meu Comandante, grande influência para que a obra se fizesse.

Trata-se do Senhor Chefe do Estado Maior da 5.<sup>a</sup> Divisão, o *Coronel Ferreira Martins*<sup>140</sup>, homem de grande intuição artística.

Chamando-me um dia ao seu gabinete perguntava-me:

— Oh Senhor Almeida, quanto calcula que lhe dêem de gratificação no final do trabalho? Seis contos!? Oito?! Dez!?

Eu disse:

— Oh meu Coronel, não sei! Não vale a pena preocuparem-se com dinheiro, a obra está a caminhar, deixem lá...

— Oh homem diga! Porque nós é que precisamos saber, para limite das nossas forças, para se conseguir dinheiro.

Eu disse:

— Está bem meu Coronel, seis contos devem chegar.

Ora aqui está o motivo porque se falava muito nos seis contos de réis e o que é certo é que, ao terminar o trabalho, eu tinha na minha vida um rombo onde eles cabiam bem à vontade!...



Ilustração 21 – Lampadário

<sup>140</sup> «Carvalho Martins» no manuscrito. Correção, manuscrita pelo Autor, nas costas da folha dactilografada n.º 109: «O Chefe do EM da 5.<sup>a</sup> Divisão não era o Senhor Coronel Ferreira Martins, mas sim o Senhor Coronel Luiz Augusto de Carvalho Martins».

## COMO UM PROFESSOR EXIGENTE CLASSIFICA O TRABALHO DO LAMPADÁRIO

Certa manhã sinto grande falatório próximo da minha humilde oficina, a voz forte de um homem, com risadas de meninas empurrando-o para a porta, dizendo:

— Dá licença Mestre? – ao mesmo tempo que o grupo de três entrava.

Era o Senhor Costa Henriques, com duas estudantes da nossa Universidade, ele dá-me explicações:

— Fui arrastado por estas senhoras até aqui, há tanto tempo que elas me falam do seu trabalho, mas eu já sou velho e tenho sofrido tantas desilusões que não desejava passar por mais alguma, mas com franqueza.

Voltando-se do trabalho para as suas companheiras:

— Oh meninas! Bem-dita a hora em que cá me trouxeram, que belo almoço o meu espírito teve hoje! Não tenho palavras com que possa elogiar a obra e o seu autor, isto está muito para além do meu entendimento. Vou penitenciar-me de não ter acompanhado o seu trabalho, óh Mestre Almeida, trazendo, se me der licença, aqui toda a minha família para, com a alma ajoelhada como eu o faço, admirar esta maravilha, única no Mundo.

Era a recompensa moral às minhas enormes canseiras!!!

Nessa tarde veio com toda a sua família, os seus três filhos, homens já (um dos quais a fatalidade lhe levaria). Contaram-me o contentamento em que o pai andava, dando a boa nova a toda a gente que ainda não tivesse visto o Lampadário, que era obrigação de todos os Portuguezes verem para crer.

O Senhor Capitão Diamantino do Amaral veio dizer-me o conceito do seu visinho relativo à obra, que logo de manhã o chamara à janela para contar a alegria que lhe deu a visita à pequena oficina, onde está a maior obra que em sua vida tem visto, dizendo-lhe:

— Aquilo, que ali está, é um Poema em quatro mil e oitocentos versos, tantas foram as horas que o artista gastou com o trabalho.

Esta frase do Senhor Professor Costa Henriques cativou-me. Se Ramalho Ortigão fosse vivo e visse este trabalho, tenho a convicção de que teria para ele as mesmas palavras, porque é exactamente assim que fala a alma dos artistas e dos poetas.

Correu por Coimbra toda a nova do trabalho estar já terminado, por isso as visitas eram frequentes.

## EXPOSIÇÕES

A comissão resolveu que a primeira exposição fosse por ocasião das festas da Cidade, abrilhantadas pelo Congresso Beirão.

O Senhor Dr. Coutinho d'Oliveira veio dizer-me que era sua intenção levarem o Lampadário para o recinto destinado à exposição Distrital; não concordei nem discordei, calei-me.

Falando ao meu Comandante, sugeri-lhe a ideia de ser exposto ao público nos Paços do Concelho, por ser a casa do povo, agradou-lhe e foi logo falar nisso ao nosso General, oficiando nesse sentido à Câmara Municipal, pedindo a cedência do átrio para expor o Lampadário.

Com esta minha ideia estava de acordo o meu Mestre Gonçalves, mas não estando a Comissão da referida Exposição, que resolveu não ser incluído no catálogo dos expositores.

No dia 2 de Julho de 1922, foi inaugurada a exposição do Lampadário, com a assistência de toda a oficialidade da guarnição e representantes dos Comandos da 5.<sup>a</sup> Divisão, pelo Senhor General Simas Machado, que discursando elogiou a obra e o artista, para quem teve palavras de acalorada amizade.

Assisti a esse acto, acompanhado pelo meu patrício e muito amigo, o capitalista Senhor Dr. Demétrio da Silva e rodeado pelos meus Comandantes e pelo meu grande e particular amigo e Senhor, Major Belisário Pimenta que, posso dizer com orgulho, foram os padrinhos deste solene baptismo espiritual.

O povo que enchia por completo toda a quadra do enorme átrio victoriou e *aplaudiu*<sup>141</sup> as palavras do meu General com prolongadas salvas de palmas.

Um dos oficiais da Comissão do Lampadário não consentiu que a imprensa tirasse fotografias, o que motivou formar-se um bloco de resistência para não se fazer o relato da festa...

Estava combinado, com o meu bom amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, que a exposição em Lisboa se faria logo em seguida à de Coimbra, publicando nessa altura um magnífico artigo seu, no *Diário de Lisboa* de 26 de Julho de 1922<sup>142</sup>.

Este artigo, escrito com a alma de um grande Português, *de um leal e dedicado amigo*<sup>143</sup>, fez vibrar de curiosidade Lisboa inteira, que esperava apalpar, com a vista, a obra ali descrita.

Porém uma má vontade fez com que a exposição só se realizasse em Lisboa em 1 de Novembro, para não acusar um homem, com cuja amizade e companhia muito trabalhei...

Na exposição de Coimbra o Senhor General Simas Machado tornou público que era intenção de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro da Guerra expor o Lampadário, não só em Lisboa, como na Figueira da Foz, Aveiro, Porto e, possivelmente, em outras terras do Paíz.

#### UMAS LINHAS DA MINHA GRATA HOMENAGEM AOS SENHORES TENENTES E ALFERES DO 23

Não posso, não devo mesmo esquecer, já que não o fiz a seu tempo, o quanto me foi de proveitoso a companhia destes rapazes novos, alguns já riscados do número dos vivos.

Eram de uma assiduidade carinhosa, na pequena oficina de Sant'Ana, todo o tempo que o trabalho do Lampadário durou eles acompanharam-me com a sua bela disposição de espírito e ditos graciosos, que muito bem me faziam.

---

<sup>141</sup> «...e aplaudiu...», acrescento do dactilógrafo revisor.

<sup>142</sup> Os Meus Recortes, de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>143</sup> «...de um amigo fiel, fez vibrar...», no manuscrito.

Alguns seguiam atentamente o trabalho, enquanto que outros serralheiravam, por sua conta, qualquer peça para seu uso pessoal<sup>144</sup>.

Todos eles ficaram com grande amor ao Lampadário, folgando de dizerem ainda hoje: «sei quantas marteladas o Mestre Lourenço (era assim por eles tratado) deu no Lampadário».

O espírito, por vezes turbulento, desta gente moça levantava-me o moral abatido, como atrás digo, quando, por motivos de serviço, algum faltava sentia-o bastante, tão habituado estava à sua companhia.

Aqui fica da consciência satisfeita, o preito da minha humilde gratidão aos Senhores Alferes e Tenentes desse tempo em serviço no Regimento do n.º 23.

É também uma oração da minha saudade aos amigos e Senhores Tenentes Victor Marques e João Joaquim Pires, este último que foi Professor e Reitor do Liceu de Aveiro.

#### DUAS PEÇAS ARTÍSTICAS FEITAS NO INTERVALO DE DUAS EXPOSIÇÕES

Falava-se com insistência na ida do Lampadário à exposição do Rio de Janeiro, que o Senhor General Simas Machado contava como certa, mas a burocracia a isso se opôz...

Eu possuía duas cápsulas de granada de seis polegadas inglêza, de obus, que me havia oferecido o meu falecido amigo e Senhor Sr. Dr. José Maria Soares, de Aveiro.

Fiz delas um lindo guarda-jóias, em estilo manuelino, que tencionava levar para o Rio de Janeiro e lá vender, o que me daria para as despesas extraordinárias, era este o juízo que eu fazia, mas como o homem **Põe e Deus Dispõe**, não sucedeu assim.

A outra peça foi um lindo medalhão, em estilo gótico, com a Cruz de Cristo, que dediquei à Exma. Esposa do meu bom amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

Voltarei novamente falando destas duas peças a seu tempo e o destino que a primeira teve.

#### A EXPOSIÇÃO DO LAMPADÁRIO EM LISBOA

Pelo Ministério da Guerra, de cuja 1.ª Repartição do Gabinete era Chefe o Senhor Tenente Coronel Carminé Ribeiro Nobre que pertencia à 5.ª Divisão aqui de Coimbra, foi comunicado ao Senhor General Simas Machado que a exposição do Lampadário em Lisboa se realizaria em 1 de Novembro.

As caixas foram feitas de maneira a poderem servir [de] transporte para todas as localidades onde tivesse que ser exposto; chegando a Lisboa em 26 de Outubro, tratei logo do seu despacho e de falar no Ministério da Guerra na ordem e licença para ser exposto nos Paços do Concelho.

---

<sup>144</sup> Entre os quais o futuro Ministro da Guerra, Santos Costa: «[...] a dar-me a marca do insigne artista do ferro que um dia tive a felicidade de conhecer, que jamais se apagou da minha memória ou deixou de ser elemento vivo das minhas gratas recordações. [...] sentado a seu lado, num mocho tosco, a vê-lo enternecido a cinzelar o ferro do Lampadário, [...]». Excerto de uma carta enviada, pelo Ministro, a LCA, datada de 11-XI-47. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

Foi exactamente ahí, no grande átrio, que foi armado, a sua inauguração coincidiu com a vinda, do Rio de Janeiro, dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

No dia 1.º de Novembro foi inaugurada a Exposição em que discursaram o Senhor Ministro da Guerra, General Correia Barreto, General Simas Machado e outros, o significado dessa exposição está relatado na Imprensa da Capital; assistiu a essa inauguração o meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira e sua Exma. Esposa, a Senhora Dona Helena Aboim Lopes Vieira, usando nesse acto o medalhão com a Cruz de Cristo, que lhe havia oferecido, suspensa por um delicadíssimo fio em oiro.

Eu isolava-me o mais possível das grandes manifestações e assistia a elas entre os meus colegas artífices da guarnição de Lisboa, que me rodeavam com o carinho dos artistas que avaliam o que seja o trabalho glorificado.

Eles juntaram-se e ofereceram-me um jantar de confraternização no Restaurante Fortes e ahí me entregaram uma mensagem escrita e por todos assinada, que conservo com religioso agrado. Também me ofereceram uns versos escritos, alusivos ao acto, pelo (**Esculápio**) Eduardo Fernandes.<sup>145</sup>

Na parte da tarde apareceu-me a visitar a Obra a Exma. Senhora Dona Veva de Lima, olhou-a com muito interesse e ao retirar-se disse-me:

— Que ciúmes eu tenho do Soldado Desconhecido.

Foi apenas o elogio que lhe fez, mas tive a impressão de que não sentia isso.

Quero aqui fazer-lhe essa grande e merecida justiça, porque é uma artista completa, um espírito cultíssimo. Mas o estilo gótico não é da sua predilecção, disse-mo muita vez quando do Relicário do Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

Nessa ocasião foi exposto, numa das salas da Sociedade de Geografia, um trabalho de ourivesaria a que deram o nome de **Relicário da Pátria**.

Não farei ao trabalho, nem ao desenho do conjunto, a menor crítica, mas desperitou-me o desejo de mostrar aos amigos o guarda-jóias a que já me referi: com esse fim, logo que vim a Coimbra, levei-o e o meu amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira; apreciou-o tanto que me aconselhou expô-lo no Chiado.

Nessa tarde fui, em sua companhia e do Senhor Dr. Aquilino Ribeiro, visitar o Senhor Columbano Bordalo Pinheiro, ao seu Museu de Arte Contemporânea; não conhecia pessoalmente o Mestre Columbano, estranhei nada me dizer sobre o Lampadário, perguntando-lhe se o havia visitado disse-me que sim e nada mais.

Este silêncio da parte do Mestre e à frieza da resposta, não resisti a fazer-lhe esta pergunta:

— V. Ex<sup>a</sup> gostou da obra?

A esfinge abriu a boca e falou:

— Como trabalho é primoroso, mal empregado ser feito em tal estilo, o gótico é seco...

E nada mais disse.

Eu levava o meu guarda-jóias embrulhado<sup>146</sup>, já não tencionava mostrar-lho, porque a opinião do Mestre sobre o Lampadário aborreceu-me um pouco, mas não me ofendeu, porém na última sala, ao sairmos, o amigo Dr. Lopes Vieira disse para o Mestre:

---

<sup>145</sup> Documento do Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>146</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 22.

— Oh Columbano, você quer ver um trabalho aqui do nosso artista?  
A que eu respondi, escusando-me, dizendo:  
— Isto é tão pequeno que não vale a pena ver-se.  
Mas o Mestre, cresceu de curiosidade, dizendo-me:  
— Deixe lá ver isso – procurando desembulhar o volume.  
Em vista da insistência dos amigos, coloquei-o sobre um móvel mostrando-o; ao vê-lo, ficou por um momento silencioso; depois, deu largas à sua grande satisfação e apreço.  
O Senhor Dr. Aquilino Ribeiro disse-lhe:  
— Não acha que estes monstrosinhos, que servem de pés, deveriam ser um pouco mais reentrantes?  
Ao que ele respondeu:  
— Estão muito bem, dão-lhe base, isto é um trabalho de joalheria da época, está uma maravilha, a combinação dos medalhões e da ferragem é tão galante que dá vontade, não de lhe pegar, mas de o beijar.  
E mostrando-o à Esposa disse-lhe:  
— Vê que lindíssima coisa!... Isto seria o melhor presente para uma Rainha.  
Eu fiquei aturdido, porque o contentamento do Mestre era sincero, este homem, enigmático com o Lampadário, abriu-se, dir-se-ia que o trabalho lhe tocou a alma.  
Virando-se para o Senhor Dr. Lopes Vieira:  
— Faça com que ele o exponha ahí, porque isto vale muito mais do que essa coisa que está na Geografia.



Ilustração 22 – Guarda-jóias manuelino



O doutor ficou satisfeito e prometeu mostrar-lhe a cruz que ofereci a sua Esposa. Já na rua, chamei a atenção dos amigos para o caso que fez vibrar a alma do Mestre, era um caso psicológico do artista.

O Senhor Dr. Lopes Vieira, que o conhecia melhor do que qualquer outro, respondeu-me:

— Tem muitas destas coisas... que nem sempre se compreendem.

Procurou, por todas as formas, destruir no meu espírito qualquer ressentimento pelas palavras sobre o Lampadário, eu apenas lhe disse:

— Tem todo o direito de não gostar do gótico, é o temperamento artístico quem fala, eu também não gosto do barroco, nem do Luís XVI.

Na rua Garret, a seu pedido, foi exposto o objecto na montra da Portugal – Brazil; ahí foi muito admirado.

O Senhor Presidente da República não assistiu à inauguração da exposição do Lampadário, por ter adoecido, mandando seu irmão dizer-me que tinha muito empenho em ver a obra, em que tanto se falava; esperei as suas melhoras.

O meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, que nessa altura trazia entre mãos o romance do *Amadis*<sup>147</sup>, leu-me parte do seu trabalho; em certa altura do belo romance fala-se no anel de *Amadis*<sup>148</sup>.

Fui cogitando também no anel em que o meu amigo tanto empenho tinha que lhe fizesse; já o havia tentado, mas sem resultado, não encontrava motivo sugestivo que me agradasse.

Foi nessa tarde, junto ao Lampadário, que encontrei o que procurava, cuja composição foi formada por dois golfinhos com cauda entrelaçada, formando o anel, com uma Vieira na boca.

Mostrei o desenho ao amigo de que muito gostou; foi assim que nasceu essa jóia que faz o orgulho do Nosso Ilustre Poeta.

No dia 10 de Novembro veio ver a obra o Senhor Presidente da República, Dr. António José de Almeida; eu conhecia muito bem Sua Exa., tive a honra de jantar com ele em casa do Senhor Dr. Fernandes Costa, quando da propaganda republicana aqui em Coimbra.

Ele olhou-me fixamente, como buscando longínqua recordação que eu não aviei, teve palavras calorosas para mim.

Acompanhava Sua Excelência o Senhor Ministro da Guerra, General Correia Barreto e o Senhor Chefe de Gabinete Coronel Carminé Ribeiro Nobre que me disse ao retirar-se:

— Vá ter comigo ao Ministério da Guerra.

Fui realmente ao seu gabinete e ahí me entregou um exemplar da Ordem do Exército, n.º 18, 2.ª Série, de 31 de Outubro de 1922, com os louvores ao pessoal da 5.ª Divisão do Exército e à Comissão do Lampadário e o decreto concedendo-me o colar de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada.

Foi-me dado ahí, nessa ocasião, o itinerário para as exposições a realizar na Figueira, Aveiro e Porto.

---

<sup>147</sup> «... Amadiz», no manuscrito.

<sup>148</sup> *Idem*.

Terminou a exposição de Lisboa, que me deixou gratas recordações, a imprensa falou largamente e fotografou a visita do Senhor Presidente da República, em 10 de Novembro.

Na Figueira da Foz, abriu a exposição na Câmara Municipal a que assistiu o Senhor General Simas Machado, foi uma festa magnífica.

Todos os Sargentos da guarnição me ofereceram um jantar com palavras de agradecimento pelo trabalho do Lampadário.

Um caso curioso que muito me comoveu: no segundo dia reparei que uma mulher, pobrementemente vestida, andava vendo o trabalho com muita atenção. A uma pergunta dela a sentinela indicou-me à mulher.

Quando saí para almoçar, ouço detrás de mim chamar:

— Meu Senhor, meu Senhor!

Voltei-me e conheci a mulherzinha que ficou muito embaraçada e diz-me:

— Foi o Senhor quem fez aquela coisa?

— Fui sim senhora.

— Que coisa tão linda, para que serve com aquele bule em cima?

Vi que ela não sabia o significado do Lampadário, expliquei-lho e ela, com lágrimas nos olhos, diz-me:

— Ai que linda coisa, olhe lá meu Senhor, o senhor tem Mãezinha?

Respondi-lhe:

— Tenho sim senhora, porquê?

— Ela já viu isto?

— Não viu, mas há-de vê-lo.

— Que contente ela deve ficar em ter um filho assim!

É uma banalidade que tem muito de Maternal!

Os jornais da terra falaram largamente da exposição.

O Senhor Comandante Militar da Guarnição, o Senhor Coronel Cruz, antigo oficial do 23, reuniu os oficiais da guarnição e em nome de todos, para me mostrar quanto me eram reconhecidos, ofereceram-me uma linda salva de prata com uma inscrição que diz: A Lourenço de Almeida – o Artista do Lampadário, Preto de admiração dos Oficiais da guarnição da Figueira da Foz, 1-12-1922.

O Senhor Tenente Argel de Melo fez distribuir uma plaquete com a oração que proferiu ao inaugurar a exposição e tem magníficas palavras como esta:

«Nada melhor do que este cântico em ferro para perpetuar o nosso preto!

Na sua nudez, ele é formidável de eloquência!

Na sua frialdade ele é assombroso de vida!»

E termina:

«Perpassae junto dele! Admirai-o em êxtase! Curvai-vos reverentes! Adorai-o de joelhos, que ele é o escrínio precioso onde, em breve, será depositado o coração de Portugal»<sup>149</sup>

No último dia tive a honra de jantar em família, em casa do Senhor Coronel Cruz. E assim terminou a exposição da Figueira da Foz.

---

<sup>149</sup> A oração completa consta do Espólio de LCA na Casa Rural Quinhentista.

Em 20 de Janeiro de 1923, era inaugurada a exposição em Aveiro, no átrio do Liceu, com a assistência de muito povo, da mocidade académica e toda a gente grada da terra com a guarnição militar.

No dia 21 foi-me oferecido, pelos membros da Associação Comercial, uma taça de champanhe, onde fui muito brindado e ahí assistiram oficiais superiores e o Senhor Major Médico Dr. José Maria Soares, em casa de quem eu fui gentilmente hospedado.

Os Sargentos de Cavalaria n.º 8 obsequiaram-me com uma festa muito íntima, no refeitório regimental.

Na fábrica de cerâmica da Fonte Nova, pertencente ao Senhor António Pedro, onde fui acompanhado pelo meu grande amigo e ex-Chefe em França, o Senhor Dr. José Maria Soares, e ahí também fui festejado com um belo copo de água e no final com a oferta de um jarrão Manuelino, produção da Fábrica.

Terminou a exposição em 27, partindo dali para o Porto.

Ahí havia sido escolhido o átrio da Universidade, na Faculdade Técnica, para ser exposto; tive como auxiliar de grande valia no arranjo do local o Senhor Director da Faculdade Técnica, a que presidiu o mais belo e harmonioso arranjo.

É sempre ocasião de prestar justiça e esta cabe agora aqui, contar um caso que em Aveiro me sucedeu.

No dia em que abriu a exposição e quando, ao findar da tarde, voltei junto do Lampadário, vi, colocados na base, um bilhete de visita que dizia:

«É admirável de concepção e de arte este grande monumento. Afirma um profundo respeito pela tradição, reproduzindo em ferro forjado o cântico sublime da nossa epopeia, atirado à consumação dos séculos pela pedra burilada do Mosteiro da Batalha. Fala-nos das glórias presentes, pelo esforço heróico dos nossos Soldados na Grande Guerra, em África, e na França. Finalmente, exprime a nossa fé inabalável no ressurgimento nacional. 21-3-923, Agnelo Augusto Regala».

E um quarto de papel de linho com as seguintes palavras: «Só das mãos de Portuguezes saía esta obra-prima!» – assinado, uma Portugueza – Aveiro – 20-1-23<sup>150</sup>

Estes dois Aveirenses falam e muito alto o sentimento da terra e ahí ficou com o meu agradecimento sincero.

Acabava de dar os últimos arranjos, quando chegou, de automóvel, o meu General Simas Machado, em companhia do Senhor General Sousa Rocha, comandante da Divisão do Porto.

Afastei-me, como sempre fazia, para deixar à vontade o meu General, que sabia ser pródigo em elogios, estiveram muito tempo falando os dois.

Notei que o Senhor General Sousa Rosa estava mal humorado quando o meu General, procurando-me com a vista, me chamou apresentando-me como sendo o artista do Lampadário e Sargento artífice do 23.

Sousa Rosa olhou para mim, sem se voltar e nada me disse, pondo em cheque o meu General e a mim; muito embaraçado pela triste figura que via, a situação do meu General, que esperava que o colega tivesse uma palavra gentil, mas nem sequer se

---

<sup>150</sup> Documento no Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

voltou para o lado em que eu estava, o que irritou o meu General que, estendendo-me a mão que apertou com nervosismo, afastando-se.

No dia 30 de Janeiro inaugurou-se a exposição com uma sessão solene na sala nobre da Universidade, foi uma festa magnífica; eu havia-me juntado, com alguns amigos, ao povo que enchia a plateia, abriu a sessão o meu General com um magnífico discurso que, a páginas tantas, interrompeu, procurando com a vista em volta alguém.

Alguém, que estava perto, disse-me:

— O Senhor General está à sua procura.

Nisto chegou o Senhor Capitão Pina Cabral e pegando-me pelo braço levou-me para a tribuna, eu fui apanhado tão de surpresa que me deixei arrastar até lá.

Não posso descrever o que senti quando olhei a grande sala, literalmente cheia, que por um momento, levantando-se e saudando-me com palmas, não deixou falar o orador, que me conservava agarrado pela mão.

Numa coisa apenas reparei, foi as Senhoras que enchiam as galerias superiores acenarem-me com lenços, atirando-me com muitos ramos de violetas, foi um delírio!

Quando as manifestações serenaram, o meu General disse:

— Eu tenho aqui presente o grande artista, eu tenho por o 1.º Sargento Lourenço Almeida uma grande estima e considero-o, com muita honra para mim, como um camarada, mas um camarada muito ilustre.

A multidão saudou estas palavras com grande calor.

Foi a maior consagração que eu jamais recebi, cujo reconhecimento guardo no meu coração ao povo Ilustre do Porto.

As festas, nessa cidade, teriam fracassado se fossem dependentes da guarnição militar, que se mostrou desinteressada e mesmo despeitada, chegando a dizerem: a 5.ª Divisão ofereceu o que pouco dinheiro lhe custou, mas nós vamos oferecer uma pensão vitalícia à mãe do Soldado Desconhecido, tal era o despeito...

Terminada a exposição no Porto regressávamos, eu e o Lampadário, à pequena oficina de Sant'Ana, desse triunfante passeio<sup>151</sup>.

Em Junho o meu comandante veio dizer-me que haviam pedido ao nosso General para o Lampadário ser exposto em Viana do Castelo, por ocasião das festas ali realizadas em homenagem à gloriosa Brigada do Minho.

Partimos para lá em 6 de Junho, nessa terra surgiu-nos um grande embaraço, por não haver casa apropriada em que se expusesse; depois de grandes dificuldades, conseguiu-se expô-lo numa casa, no hall de uma escada.

A exposição abriu em 9 de Junho, com a presença de Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República, abrindo com um discurso do meu General Simas Machado.

Como a estas festas assistisse o Senhor Ministro da Guerra foi-lhe pedido para autorizar o Lampadário ser exposto, no dia 24, nas festas da cidade em Braga. Depois de ser consultado o meu General, recebi ordem para, terminada a exposição ali, partir para Braga com a obra e com os oficiais que representavam a 5.ª Divisão e faziam parte da Comissão do Lampadário.

Nessa cidade, fui hóspede da Câmara Municipal, onde foi exposto o lampadário, a guarnição militar associou-se à festa e tudo correu muito bem.

---

<sup>151</sup> O *Primeiro de Janeiro e Comércio do Porto* de 31/1/1923. Em os Meus Recortes do Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

O jornal *Diário do Minho*, de 24 de Junho de 1923, refere-se à abertura da exposição realizada em 23, nesse dia tive o grande prazer de ver ahí o meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira e sua Exma. Esposa, que foram assistir às festas de S. João.

Convidou-me a acompanhá-los e contou-me um caso curioso que ouviu quando, horas antes, visitaram a exposição, uma lenda em preparação em volta do Lampadário e do artista que foi o seguinte: uma mulher contava a outras que o artista que fez aquela obra (apontando o Lampadário), estava preso e deram-lhe a liberdade em troca de ter feito aquilo.

É assim em toda a parte, o nosso povo formando lendas a propósito de tudo aquilo que não compreende.

Terminaram aqui as exposições do Lampadário.

### OS MEUS RECEIOS SOBRE A IDA DO LAMPADÁRIO PARA A SUA CASA NA BATALHA

A dificuldade em arranjar casa, com o pé direito necessário para expor o Lampadário em Viana do Castelo, sugeriu-me o receio de que a sua altura fosse demasiada para a Sala do Capítulo na Batalha.

Falei nisso ao meu Mestre Gonçalves que me disse:

— Então o Senhor não calculou isso?

Ao que respondi:

— Já me não recordo, o meu receio não é não caber lá, mas ficar tão próximo da abóbada que o fumo do azeite enegreça as pedras.

Ficou pensando um momento e depois disse:

— É urgente ver isso.

Não descansi mais, logo no dia 22 de Julho, que era domingo, fui lá mas ao entrar no Claustro, ainda distante da porta da referida sala, verifiquei, com satisfação que nem que tivesse duas alturas, cabia muito à vontade, quando entrei mais satisfeito fiquei.

Esperava-me ahí uma grande surpresa, ao centro da grande quadra da Sala erguia-se um imperial Túmulo, ornado de louros, em bronze, com enormes letras de dedicatória, oferta da Câmara Municipal de Lisboa.

Esta enorme massa absorvia e obstruía toda a Sala do Capítulo, o seu efeito aterrou-me, acompanhava-me o encarregado das obras do Monumento, *João*<sup>152</sup> Pedro Ribeiro, a quem não pude ocultar a desagradável impressão; desabafei com ele que ficou contagiado do meu desgosto e disse-me:

— O que o Senhor Almeida não sabe é que todas estas ofertas e as que estão arrumadas por aqui não couberam, serão metidas em estantes de estilo gótico, encostadas aqui às paredes, já estão feitos os desenhos para elas.

Então é que não pude conter o meu protesto e disse-lhe:

— Não, isso é que não, mande quem mandar, porque há quem esteja acima de todos, é o respeito pelas gloriosas tradições deste Monumento!

---

<sup>152</sup> «...José...», no manuscrito.

Regressei a Coimbra sem que do meu espírito se tivesse desvanecido a revolta pelo desarranjo que observei na Batalha e contei tudo ao meu Mestre que ficou pasmado de tal desarranjo e o que mais o revoltou foram as projectadas estantes.

Mestre Gonçalves, que me havia escutado debruçado na mesa em frente à qual eu me sentara, endireitou-se na cadeira e disse-me:

— Bem, vou procurar suster o errado caminho que as coisas estão tomando, porque isto assim não está bem.

Despedi-me com a certeza de que o Mestre iria escrever alguma carta para o Director dos Padrões da Grande Guerra... mas não sucedeu assim.

O *Diário de Notícias* de domingo, 29 de Julho de 1923, em artigo de fundo publica: «Os túmulos dos Soldados Desconhecidos – O eminente arquitecto, António Augusto Gonçalves, lança um brado ao Paiz sobre o local em que se pretende fazer os projectados túmulos».

Ilustrava esse artigo o retrato do meu Mestre, dava à prosa um ar de autoridade severa, ao artigo que causou um grande abalo em Portugal inteiro<sup>153</sup>.

O Senhor Ministro da Guerra, Tenente Coronel Fernando Augusto Freiria, quando da sua visita ao 23, o meu Comandante chamou-lhe a atenção para o Lampadário e levou-o à oficina de Sant'Ana e disse-lhe:

— Veja V. EX<sup>a</sup> onde está o trabalho e o artista.

Ao que ele respondeu:

— Não será por muito tempo.

O meu Comandante viu que ele fingia não perceber, respondeu-lhe mais claramente:

— Não é isso que eu quero dizer, esta oficina é visitada por muita gente e eu sinto-me vexado sempre que algum automóvel entrar aqui, e verem o desconforto em que este homem é tido pelos seus superiores, é preciso dar-lhe uma instalação digna de um artista.

O senhor Ministro apenas respondeu:

— Tem V. Ex<sup>a</sup> muita razão, vai dar-se-lhe, recomende o caso directamente à Repartição de Gabinete, quero que fique na memória do nosso artista a recordação da minha visita.

Agradei-lhe, penhoradíssimo, a atenção e a honra.

Sua Excelência o Senhor Ministro mostrou ter em conta a sua palavra, porque dias depois o Senhor Tenente Coronel Pompeu Meireles Garrido veio, acompanhado pelo Senhor Coronel Abel Dias Urbano, combinar comigo a disposição a dar à nova oficina para fazer o orçamento com urgência, para ser remetido directamente à Repartição de Gabinete do Ministério da Guerra.

O Senhor Coronel Urbano foi de opinião que se fizesse um orçamento baixo e que depois se requisitaria a restante verba para acabamento da obra. Eu, com respeito, lembrei que era melhor fazer o orçamento completo, mas não me atendeu e pediu apenas oito contos quando deviam ser doze, como queria o Senhor Tenente-Coronel Garcia Garrido.

---

<sup>153</sup> *Diário de Notícias* de 29/7/1923, os Meus Recortes, espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

Quando o meu Comandante soube da ordem dada para a Engenharia proceder ao levantamento da planta e orçamento ficou muito satisfeito.

O dinheiro veio, mas a obra ficou por cobrir, porque a verba havia-se esgotado e o Senhor Ministro da Guerra foi substituído na cadeira do poder, ficando a obra em meio.

No Lampadário já se não falava e eu, com manha, pedi ao meu Comandante que falasse ao nosso General para autorizar expô-lo no Museu Machado de Castro, durante as férias grandes, que seria muito visitado.

Ao meu Mestre disse-lhe:

— Estou com receio de que o Lampadário caia no esquecimento propositado e fique por Coimbra e então pedi ao Senhor General para vir, durante as férias, para o Museu, V. Ex.<sup>a</sup> concorda?

Depois de pensar disse-me:

— Pois sim, traga-o para cá...

### O COLAR DE S. TIAGO E A PARADA DE TROPAS

Tratando do Lampadário é justo que me mostre agradecido pela subidíssima honra com que o Governo da República me distinguiu, abrindo a exceção, *Única* no exército, de galardoar uma praça de pré com a Ordem de S. Tiago da Espada<sup>154</sup>.



Ilustração 23 – Lourenço Chaves de Almeida com o Colar da Ordem de Sant'Iago

<sup>154</sup> Foto do espólio de LCA. Ilustração 23.

Transcrevo o que escreveu *O Democrata* do dia 5 de Maio, com o título: Festa Militar: «Revestiu grande lusimento aquela festa, que foi presenciada por milhares de pessoas e onde, com toda a justiça, foi condecorada com a Cruz de Guerra a Bandeira do Regimento de Infantaria n.º 35, pela sua acção na Flandres e com o grau de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada o 1.º Sargento artífice do Regimento de Infantaria 23, Lourenço de Almeida, que trabalhou o Lampadário.

Seguidamente ao desfile de tropas a quartéis, o agraciado 1.º Sargento Almeida foi acompanhado pela oficialidade do seu regimento até ao quartel e ali, no gabinete do Ilustre Comandante daquela unidade, foi-lhe oferecida uma estatueta simbolizando a Pátria.

Bem mereceu, o grande artista, esta homenagem, ainda que simples e a oficialidade de Infantaria 23 honrou-se com o seu gesto».

Lamento aqui o não se terem associado a este gesto os meus camaradas Sargentos do meu regimento!...

No *O Despertar* do dia 2 de Maio, com o título Ordem de S. Tiago, um artista cujo nome não cito, escreveu um artigo felicitando-me e fazendo o seguinte remoque: «Mas então o autor do projecto, o glorioso artista e distinto professor Senhor António Augusto Gonçalves, fica no esquecimento?»

Este remoque deu motivo a uma carta do meu Mestre, que tem períodos como este: «Ao noticiar a merecida homenagem que galardoou o mérito do artista serralheiro Lourenço de Almeida, estranhou V... que o meu nome ficasse no esquecimento» e remata com este: «De mais bastar-me-ia a satisfação remuneradora de ver, em solenidade pública, a dignificação da oficina e a consagração do trabalho, que seria um acontecimento a estimular e sugerir pensamentos nobres no espírito das classes laboriosas, se a significação desse imponente espectáculo não estivesse muito acima da compreensão das animosidades, dos despeitos e das torpezas, da perversidade e da inveja...»<sup>155</sup>

#### **CHEGA FINALMENTE O DIA DA ENTRADA DO LAMPADÁRIO NA SUA CASA DO CAPÍTULO NA BATALHA**

Nos princípios de Fevereiro do ano imediato, 1924, falando com o meu amigo e Senhor Major Belisário Pimenta que escreveu ao Senhor Tenente Coronel Pires Monteiro, que interessou no assunto o Senhor Ministro da Guerra, o Senhor Major Américo Olavo.

Passou-se um longo mês sem saber nada e foi já muito para além dos meados de Março que fui chamado, com urgência, ao Quartel General e ahí fui informado de que teria de ter o Lampadário armado na Casa do Capítulo em 28 de Março, que iria lá o Senhor Ministro da Guerra, com uma comissão de técnicos, escolher o local para a sepultura do Soldado Desconhecido.

---

<sup>155</sup> Publicada n' *O Despertar* de 8/5/23. Os Meus Recortes, do espólio de LCA na Casa Rural Quinhentista.



Partindo com a obra para a Batalha, armei o Lampadário à cabeceira do **imperial** túmulo e ahí esperei a chegada da comitiva e do Senhor Ministro da Guerra. Entretanto eu ia dispendo o pessoal das Obras do Mosteiro para não criar embaraços às obras a fazer, porque o architecto das mesmas me havia dito que não se podia destruir o túmulo, assente tão solidamente.

Só em 2 de Abril chegava à Batalha, Sua Excelência o Senhor Ministro, com a comissão composta dos Senhores Tenente Coronel Pires Monteiro, architecto Raul Lino, Pintor Sousa Lopes, acompanhavam a comitiva o Senhor Major Belisário Pimenta, representante da 5.<sup>a</sup> Divisão e o Senhor Comandante de Infantaria 7.

O Senhor Ministro dirigiu-se a mim muito amavelmente cumprimentando-me, na qualidade de Secretário da Ordem Militar de S. Tiago da Espada, delicadamente agradeceu a honra da distinção que me haviam concedido.

Quando entrámos na Casa do Capítulo, o Senhor Ministro perguntou-me:

— Então onde está a obra?

Não a viu e não era possível ver-se, porque a luz crua do vitral não deixava.

Foi nessa altura que o Senhor Major Belisário Pimenta, auxiliando-me, mostrou que o local era impróprio para ser vista a obra e que o imperial túmulo era afrontoso à humildade do Soldado Desconhecido; todos concordaram, menos o architecto das obras que opôz tenaz resistência, que Raul Lino desfez, com a sua magnífica visão de artista.

Eu havia preparado a contra-resistência às objecções do architecto, prevenindo da sua má vontade o Senhor Ministro.

O Senhor Ministro disse ao architecto:

— É preciso tirar isto daqui – indicando o imperial túmulo.

Ao que ele respondeu não haver tempo para fazê-lo antes do dia 9, *ao que o Senhor Ministro observou*<sup>156</sup>:

— Não é preciso ser já, fica para depois do enterramento, cobre-se fazendo a tribuna para o elemento oficial.

Eu apresentei ao Senhor Raul Lino o croquis que o meu Mestre havia feito a indicar o local da sepultura, o architecto ainda tentou embaraçar a obra, por falta de tempo porque faltavam apenas 7 dias.

Eu segredei ao Senhor Ministro:

— Será melhor ouvir a opinião do Mestre das Obras do Mosteiro.

Chamado este respondeu que o tempo era bastante para fazer a obra e colocar a lápide tumular.

As Senhoras da Batalha, contribuindo cada uma com um prato de doces, prepararam, nas Capelas Imperfeitas, uma magnífica merenda ao Senhor Ministro e comitiva e [eu], como desejasse vir a Coimbra nesse dia, fui pagar a despeza no hotel, enquanto eles comiam.

Quando voltei à igreja já andavam a procurar-me da parte do Senhor Ministro, que me desejava falar, era para tomar parte no banquete e chamando-me para a sua meza, fez-me servir os doces e vinho branco da região.

---

<sup>156</sup> «...dia 9, que o Ministro respondeu...», no manuscrito.

Como eu visse que ele me não perdia de vista, apesar da conversa dos amigos, apressei-me a comer e quando me iam servindo os vinhos finos da região, o Senhor Ministro, que tinha duas taças cheias na sua frente, chamou-me e oferecendo-me uma e tomando o centro da meza, fez-me um brinde, para mim muito honroso, dizendo:

— Eu, Ministro da Guerra do Exército Português e em nome dele, agradeço ao 1.º Sargento Lourenço de Almeida o que de merecimento e trabalho representa o seu Lampadário, oferecido pela 5ª Divisão ao Exército e à Marinha, para a Chama da Pátria, é um trabalho que marca uma época e que só na Batalha tem o seu lugar de honra. Ainda como Ministro e na presença de todos eu brindo pela saúde do Almeida, orgulho e honra da Pátria Portuguesa e eu, em meu nome pessoal, cumprimento o artista admirável na sua grande modéstia e no seu enorme talento, marcado já em muitas obras, que são outros tantos títulos de sobeja estima, que todos os Portuguezes lhe devem... Pelo 1.º Sargento Almeida!

Não se ouvem palavras tão sinceras em perfeita tranquilidade de espírito e humildemente agradecei.

Estava também presente o Senhor Capitão de Fragata Afonso Júlio de Cerqueira, em nome da Marinha de Guerra Portuguesa agradeceu-me o trabalho do Lampadário, que no futuro seria a Chama da Pátria, cuja ideia partira da Marinha.

Seguiram-se outros discursos e terminados eles, recebi instruções para a colocação do Lampadário para o dia 8 de Abril. Regressei a Leiria, no automóvel de Senhor Chefe da Repartição do Gabinete, em companhia do Senhor Major Belisário Pimenta.

No dia 7, à noite, cheguei à Batalha, acompanhado de meu filho mais velho, Heitor.

No dia imediato tratámos da colocação definitiva da obra no seu lugar, limpámos a sala de tudo que ahí estava, ficando apenas os dois ataúdes, com os corpos dos Soldados da África e França.

Ao armar definitivamente, meti na coluna central, enrolado dentro de um tubo de chumbo, o meu **auto**, escrito ahí mesmo, na Sala do Capítulo, dizia o seguinte:

«Preito da minha gratidão ao meu Querido Mestre António Augusto Gonçalves que depois de meu pai foi quem completou a minha personalidade artística.

Ao armar definitivamente na Sala do Capítulo o Lampadário que a minha Divisão ofereceu ao Exército e à Marinha para suportar a Lucerna com a **Chama da Pátria**, que alumiará para sempre os restos mortais dos Soldados Desconhecidos, relíquia sagrada, e orgulho de um Povo!!!

Deixo às gerações futuras este esclarecimento que julgo indispensável.

Este trabalho, que é todo em ferro forjado foi principiado, como se vê (pelo gravado na base de ferro) em 20 de Abril de 1921 e concluído em 29 de Junho de 1922, tendo dispendido com este trabalho quatro mil e oitocentas horas (isto é, trabalhando 12 a 14 horas por dia).

Dado o aperfeiçoamento para que se caminha, eu espero de vós a razoável crítica que deve merecer um trabalho de tal natureza, e feito em condições de **desconforto** que não podereis calcular!

A inscrição por mim gravada diz o seguinte: 'Feito em Infantaria n.º 23 pelo 1.º Sargento serralheiro Lourenço Chaves de Almeida' (dizia ainda mais), discípulo de António Augusto Gonçalves autor do projecto.

Como se vê, esta parte da inscrição está martelada, porque fui obrigado a fazê-lo por vontade e imposição do meu Mestre Gonçalves.

Foi este incidente que me obrigou a legar-vos este documento escrito hoje aqui aos 8 dias do mez de Abril de 1924 – assinado pelos presentes (seguem-se as assinaturas)».

O papel em que este documento foi feito era ordinariíssimo, sendo possível que um dia, quando for encontrado, se não possa ler, mas na vila foi-me impossível conseguir outro.

Depois de pronto e armado para sempre, eram 14 horas, tratei de fazer ensaios para acender a Lucerna o mais rápido possível, para não dar fiasco e provocar os risos da assistência.

Aconselharam-me a gasolina, embebi a torcida com ela e deixei passar algumas horas, quando fui para a acender não o fiz rapidamente, porque a gasolina havia-se evaporado, tive que desistir desse meio, procurei vários, sem resultado, já desanimava quando me veio à ideia os fósforos de cera, meti entre a torcida dois deles, de cabeça para o ar e acendi-os rapidamente, deu muito bom resultado.

Preparei a Lucerna com três fósforos de cera torcidos e metidos entre a torcida e ficou esperando o azeite que chegou de Leiria, do senhor Governador Civil da terra, oferta de seu cunhado, morador em Chão do Couce na quinta de Cima, Dr. Alberto Rego.

Às 16 horas, chegaram ao local o Senhor Tenente Coronel Pires Monteiro, em companhia dos Senhores Comandantes do 7 e do 15 e mais pessoas, para se proceder ao encerramento do respectivo auto de enterramento dos corpos e colocar a tampa sepulcral, foi um momento tocante aquele!

#### O SOLENE MOMENTO DO ACENDER DA CHAMA DA PÁTRIA

Chega finalmente o dia 9 de Abril, o tempo apresenta-se chuvoso, no entanto os forasteiros chegam de toda a parte enchendo o adro fronteiro (lés a lés). A igreja está também cheia, onde o Senhor Bispo de Leiria faz uma grande prática patriótica que é escutada com religioso interesse.

Às 14 e 30 chega o Senhor Ministro da Guerra, Américo Olavo, com a sua enorme comitiva e são saudados pelo povo.

Todos se dirigem para a Sala do Capítulo e às 15 horas principiam os discursos; eu apresentei-me fardado de grande gala, com o Colar de S. Tiago, que a officialidade da Guarnição de Coimbra me ofereceu, ali teve a melhor oportunidade em ser estreado.

Fui conduzido para a tribuna official, com o meu Mestre e senhor António Augusto Gonçalves; lido o auto de entrega do Lampadário, da Divisão ao Ministério da Guerra, foi por todos os presentes assinado, eram 17 horas.

Toca a sentido e o sussurro enorme que enche o Mosteiro cessa, reinando o mais religioso silêncio, silêncio comovedor, durante esses dois minutos!

Eu havia-me colocado do lado esquerdo do Lampadário, com o encargo de acender a mecha da Lança da Cavalaria, vinda de Lisboa para esse fim.

A lança foi entregue pelo Senhor General Abel Hipólito ao meu General Simas Machado que, inclinando-a para mim, recebia da minha mão a chama que devia transmitir à Lucerna.

O meu General entrega ao Senhor Ministro da Guerra a lança que, erguendo-a, à altura do bico da candeia (eu tremia de receio [de falha] que felizmente se não deu), inflama imediatamente as cabeças dos fósforos de cera, ao ver o bom resultado digo ao Senhor Ministro:

— Está acesa e muito bem.

Foi um grande alívio, coroado com uma grande salva de palmas da imensa multidão, onde brilhavam nos olhos lágrimas de satisfação.

O meu Mestre veio abraçar-me, muito comovido e o meu General e o meu Comandante e todos os que mais próximos estavam.

Afastando-nos da frente da Lampadário, todo o povo desfila perante a Chama da Pátria, que desde aquele solene momento começava de alumiar as relíquias sagradas dos nossos heróis.

Eu dava o mais profundo e justo suspiro de alívio [do peso] que, durante mais de um ano, me oprimiu...

Terminaram assim os meus cuidados com o Lampadário, por ter entrado finalmente em sua Casa!!!

Voltava a Coimbra, com a satisfação de um pai que deixa o filho bem colocado<sup>157</sup>.

#### O LECTUS MONUMENTAL DA SENHORA DONA VEVA DE LIMA

Era trabalho de há muito principiado, que a pressa de fazer o Lampadário interrompeu, por isso era justo acabar logo que este terminou<sup>158</sup>.

Não me agradavam os pés que lhe havia feito, achava-os magros e por isso fiz-lhe outros mais avantajados e mais em harmonia com o conjunto.

Quando trabalhava nesta obra, recebi uma carta do meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Viera a prevenir-me de que fora entrevistado pelo Senhor João Ameal e que era necessário, para a sua tese, a fotografia da oficina de Sant'Ana para cujo fim, daí a dias, me apareceu lá o meu amigo Afonso Rasteiro com a máquina para me tirar a fotografia no momento de trabalhar<sup>159</sup>.

A entrevista não foi publicada, em compensação ficou essa magnífica fotografia, em que ao fundo da oficina se vê, perdida na meia-luz, o famoso *Lectus* em que andava trabalhando. É incontestavelmente uma das melhores obras até ahí feitas em ferro forjado em cuja decoração aparecem magníficas borboletas e dois lindos cisnes às cabeceiras<sup>160</sup>.

---

<sup>157</sup> Foto do Lampadário, na Sala do Capitulo, no Mosteiro da Batalha. Ilustração 24.

<sup>158</sup> Anexos, fig. 4; reprodução de uma carta, de D. Genoveva de Lima, sobre o *Lectus*. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>159</sup> Foto referida. Espólio de LCA. Ilustração 25.

<sup>160</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Encontra-se no Palácio Ulrich e é propriedade da Câmara Municipal de Lisboa. Ilustração 26.



Ilustração 24 - O Lampadário tal como se encontra hoje



NA OFICINA DE SANT'ANA, EM COIMBRA

Ilustração 25 - Lourenço de Almeida na Oficina de Sant' Ana

Em 12 de Novembro de 1924 fazia exposição dessa peça no Museu Machado de Castro, a cuja abertura assistiram os membros do Conselho de Arte e o meu General Simas Machado, com sua Exma. Família.

Esta exposição, para que fiz convites, foi muito concorrida e muito agradou ao povo de Coimbra, pela raridade do conjunto, pena foi de não lhe poder juntar ali as duas outras peças.

Dias depois fui prevenido por telegrama, que recebi tarde, de que a Senhora Dona Veva de Lima vinha a Coimbra para ver o trabalho, como realmente veio, mas tão tarde que o Museu já estava fechado, indo bater à porta de Mestre Gonçalves para lhe mostrar o **Lectus**.

Não se mostrou satisfeita com a linha recta das costas, tendo o Mestre concordado na substituição dessa parte, conforme seu desejo.

Devo aqui dizer que isso me contrariou, mas também, depois de modificado, concordei com a visão da Ilustre Artista, tornou a peça muito mais elegante.

Era intenção da minha fregueza enriquecer o trabalho com aplicações e esmaltar a decoração dos frizos, para quebrar a monotonia do ferro e dar-lhe mais vida.

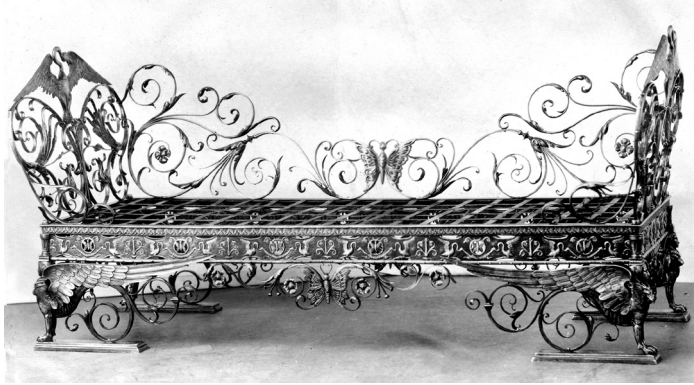


Ilustração 26 - Lectus Romano, estilo pompeiano, de D. Genoveva de Lima

Findo este trabalho, por suas mãos composto, fez uma linda exposição no seu palácio à Rua Silva Carvalho, para que fui convidado em que estavam as três peças, o Candelabro, a *Trípode – brazeira*<sup>161</sup> e o Lectus, formando um conjunto admirável no ambiente próprio, para que foi convidada a elite intelectual Lisboaeta.

#### O DESTINO QUE TEVE O GUARDA-JÓIAS MANUELINO FEITO PARA SER VENDIDO NO RIO DE JANEIRO

Em Março fui chamado, com urgência, ao Quartel General da Divisão; ao chegar ali fui imediatamente introduzido no gabinete do meu General, onde se encontravam reunidos todos os Comandantes das unidades da guarnição.

Devia ter mostrado na fisionomia certa estranheza, porque o meu General, familiar como sempre, disse-me:

— Entra Lourenço, não se trata de nenhum conselho de guerra.

Relanceando um olhar pelos presentes, reparei no meu Comandante Zamith e no Senhor Major Belisário Pimenta que me olhavam, sorrindo do meu embaraço.

O meu General não o estava menos do que eu e disse-me:

— Vem ahí a equipe espanhola, que veio a Lisboa jogar e o senhor Ministro da Guerra mostrou desejos de que a Guarnição de Coimbra lhe ofereça uma qualquer lembrança...olha lê isso – dando-me uma nota vinda da Repartição de Gabinete.

Estávamos a 26 de Março e a nota dizia o fim exposto pelo meu General e informava que essa equipe passaria em Coimbra no próximo dia 4 de Abril.

Compreendi o que desejavam, era que eu fizesse uma peça digna de ser oferecida, mas o tempo era pouco para esse fim, o General atalhou logo:

— Bem sei, não tens tempo.

---

<sup>161</sup> Ou «trípode-Perfumador», como o Autor lhe chama atrás.

Ao que respondi:

— Então?...

Eu queria dizer, sabendo isso para que fui chamado ali, o meu General sorrindo disse-me ainda:

— Lembrámo-nos que talvez tivesses algum objecto feito, digno de ser ofertado, que possas dispensar.

Olhei o meu Comandante, que sorria à sucapa, vi logo que fora ele quem denunciara o meu guarda-jóias Manuelino; vinguei-me dizendo:

— Não tenho nada digno disso; tive realmente um guarda-jóias, mas esse trabalho ofereci-o a minhas filhas, já não é meu...

O meu General atalhou logo:

— Está em tua casa? Dispensa-o e tira-nos deste grande embaraço, faz outra coisa a tuas filhas, olha lá vai já no meu automóvel buscar o objecto, que nós ficamos esperando.

E chamando o Senhor Capitão Pina Cabral, disse-lhe:

— Vá com o Lourenço no meu automóvel, a casa dele, para nos trazer uma coisa.

O trabalho fez sucesso quando o desembrulhei, era exactamente aquilo que con-vinha, concordaram todos; radiante, o meu General pergunta-me o preço, que foi de mil escudos, com que todos concordaram.

Foi-lhe feito um estojo, em nogueira, forrado a setim azul e dentro metido um pergaminho, com a seguinte inscrição. «A Guarnição Militar de Coimbra, sede da 5.<sup>a</sup> Divisão, oferece à Guarnição Militar de Madrid, como penhor de simpatia e lembrança da passagem dos seus colegas por esta Cidade, uma obra de serralharia artística de Coimbra, executada pelo artífice militar, Lourenço de Almeida, 1.<sup>o</sup> Sargento espingardeiro de Infantaria n.º 23, autor do Lampadário».

Esta oferta foi gratamente apreciada pelo Ministro da Guerra de Espanha que, em nota, agradeceu ao elemento militar da Guarnição de Coimbra, em termos elogiosos, ao trabalho.

#### O MUITO FALADO MONUMENTO A JÚLIO MOTA PELA ESCOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO

Encontrei-me fazendo parte dessa Comissão, sem mesmo ser consultado e na qualidade de Tesoureiro, como já contei, expondo as razões que me levaram a pedir o dinheiro que a quete da festa havia rendido e os despeitos que isso causou entre os velhos sócios da Escola...

Terminadas as canseiras dos meus urgentes trabalhos, tratei de dar balanço ao dinheiro, que não chegava para nada em relação ao muito que era preciso fazer para honra da Escola Livre.

Pedi a Mestre Gonçalves que desenhasse um Monumento em ferro e bronze, me-tendo pouca pedra, porque não havia dinheiro que chegasse.

Feito esse desenho, que levava um medalhão em bronze, sustido por duas hastes de ferro grosso, com uma folhagem em volta do bronze<sup>162</sup>.

---

<sup>162</sup> Campa de Júlio Mota. Projecto do Arq. Silva Pinto, segundo *A Luta* de 5/7/1906. Ilustração 27.



Escrevi ao Senhor António Mota, escultor, a pedir-lhe para fazer o baixo-relevo em bronze, prontificou-se de boa vontade e passado pouco tempo recebia o seu magnífico trabalho, tratando logo de fazer o ferro (era o retrato do irmão).

Pedi a cooperação de João Machado e do Alberto Caetano Ferreira, que se prontificaram a fazer a pedra necessária.

Quando tudo estava pronto, anunciou-se a inauguração do pequeno Monumento, no cemitério da Conchada e no domingo, 18 de Janeiro de 1925, era solenemente inaugurado, com grande acompanhamento de sócios da Escola e muito povo de Coimbra, que se havia associado à manifestação.

O dinheiro mal chegou para pagar as despesas com a pedra e o arranjo da sepultura, o trabalho e o ferro forjado foi por mim oferecido à Escola Livre; não sei se a lição foi compreendida pelas más-línguas... da Escola.

O Mestre Gonçalves deu-me um abraço à beira da sepultura, por eu ter pago uma dívida há tanto tempo em aberto.



**Ilustração 27** - Monumento a Júlio Mota no cemitério da Conchada, em Coimbra, a necessitar de recuperação. Encontra-se adjacente ao jazigo de outro grande serralheiro de Coimbra, Daniel Rodrigues

**RELACIONANDO VÁRIOS TRABALHOS ARTÍSTICOS  
E A MORTE INESPERADA DE JOÃO MACHADO**

Havia sido encarregado, pela viúva Garrido, de fazer uma ferragem para suportar uma grande Ostra Oriental, para servir de pia de água-benta, para a igreja da Sé-Velha<sup>163</sup>.

Esta Senhora morreu quando eu já tinha terminado este trabalho, em que ela tanto empenho mostrara e foi inaugurado na Sé em 11 de Abril de 1925, com a presença de seu filho e genro, os Senhores Tenente Coronel Pompeu Garrido e o Senhor Major Álvaro de Castro.

Foi-me oferecido, em nome da morta, um lindo álbum em que eu fiquei colecionando as fotografias dos meus trabalhos<sup>164</sup>.

Seguiu-se a esta obra um lustre, em estilo D. João V, para o Senhor Dr. Correia Guedes, de Lisboa; desta obra foi intermediário o meu Exmo. Amigo e Senhor Doutor Abel de Andrade, que me encomendou um candelabro para sua casa.



**Ilustração 28** - Suporte de Concha (tridacna) de Água Benta da Sé Velha.  
Actualmente situado no braço esquerdo do transepto,  
junto ao túmulo do bispo de Coimbra,  
D. Egas Fafes, do século XII.

---

<sup>163</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 28.

<sup>164</sup> Aqui sempre referido como «Álbum de Trabalhos de LCA».

Um parêntesis necessário.

Quando da festa a Júlio Mota, foi resolvido que os sócios da Escola reunissem, ao menos, duas vezes por semana e com isto concordou Mestre Gonçalves e todos os presentes.

Desta forma reuníamos todos às quartas-feiras e sábados, este calor foi esfriando, ficando muitas vezes a reunião reduzida à minha presença e do Mestre, que acabou por se zangar e não quiz voltar à Escola do Arco da Almedina, mas eu é que ia até à sua casa, da rua do Correio, nessas noites.

Quando, numa dessas noites, eu ia para lá, ali à Praça da República, um amigo que havia entrado no eléctrico<sup>165</sup> diz-me:

— Oh Senhor Almeida! Então essa grande desgraça, morreu o João Machado!

Eu perguntei apenas:

— Qual?!

— O pai.

Isto foi na noite do dia 1 de Outubro de 1925, fiquei aterrado com tal inesperada notícia.

Quando cheguei à Rua do Correio dei esta nova, com toda a cautela, ao Mestre Gonçalves, que lamentou o sucedido e em companhia dele fui a casa do Machado.

No dia imediato foi o enterro, à beira do túmulo Mestre Gonçalves lembrou a vida artística de Machado, a sua boa camaradagem de muitos anos na oficina e no final rematou assim: «Com a morte de João Machado sinto que alguma coisa morreu em mim»<sup>166</sup>.

As nossas amigas relações haviam esfriado muito e andava de relações cortadas mas, assim mesmo, senti profundamente a sua morte que lançava um grande luto sobre a arte Coimbrã.

Por intermédio do meu grande amigo e Senhor Doutor Abel de Andrade, fiz para o Senhor Dr. Correia Guedes, de Lisboa, um Lustre em estilo João V que acabei e coloquei na sua casa, à Estrada de Benfica, *como atraz já fica dito*<sup>167</sup>.

O meu General Simas Machado foi transferido para a 1.<sup>a</sup> Divisão do Exército, por conveniência urgente de serviço e, quando se veio despedir de mim, ofereceu-me uma cigarreira em prata como recordação da nossa boa amizade.

Fazia-o com tal empenho, que não tive coragem de lhe dizer que não fumava, conservo essa prenda como relíquia sagrada.

Foi comandar a 5.<sup>a</sup> Divisão o meu Comandante Zamith e ele sabia que eu tinha grande empenho em visitar a Espanha; falara-lhe muitas vezes nisso quando trabalhava no Lampadário e ele não o esqueceu; fala o seguinte ofício que recebi com uma circular enviada às unidades e estabelecimentos militares da Divisão, n.º 417 de 8 de Junho de 1925.

---

<sup>165</sup> «Carro eléctrico», designação dada a um meio de transporte de tracção eléctrica, hoje extinto em Coimbra.

<sup>166</sup> Túmulo do Mestre João Machado. Ilustração 29.

<sup>167</sup> «...como atraz fica dito.» Acrescento do Autor.



Ilustração 29 – Monumento a João Augusto Machado, no cemitério da Conchada, em Coimbra

O ofício diz:

«Serviço da República

Ao 1.º sargento Espingardeiro do Regimento de Infantaria n.º 23, Lourenço Chaves de Almeida, Coimbra.

Em nome de todas as unidades e estabelecimentos militares da Divisão, encarregame Sua Ex.<sup>a</sup> o General Comandante de transmitir a V. S.<sup>a</sup> o seguinte:

A execução do Lampadário Monumental ‘A Chama da Pátria’ que a 5.<sup>a</sup> Divisão Militar ofereceu para alumiar o túmulo dos nossos Soldados Desconhecidos, Heróis da Grande Guerra, deve-se incontestavelmente, não só ao merecimento artístico do 1.º Sargento Espingardeiro do Regimento de Infantaria n.º 23, Lourenço Chaves de Almeida, mas também ao seu completo desinteresse por qualquer remuneração pecuniária.

Quanto ao mérito artístico, o Governo da República, por proposta de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra, galardoou o artista com o grau de Cavaleiro da Ordem de São Tiago da Espada, cujas insígnias, oferecidas pela 5.<sup>a</sup> Divisão, lhe foram solenemente impostas em acto de parada geral das forças da guarnição de Coimbra, congratulando-se toda a Divisão por esse acto de inteira justiça.

Quanto ao seu desinteresse material, todos os oficiais e praças da Divisão conhecem que lhes não seria possível conseguir facilmente realizar a importância correspondente ao valor daquele Obra de Arte, nem mesmo a correspondente apenas às longas horas de aturado trabalho de oficina e gabinete.

Desejam, no entanto, as unidades e estabelecimentos militares manifestar a sua gratidão para com quem tanto se esforçou e brilhantemente conseguiu prestigiar o nome da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército e assim resolveram oferecer a V. S.<sup>a</sup> uma lembrança, como prova do seu reconhecimento.

Tendo constado que V. S.<sup>a</sup> desejava fazer uma viagem de instrução a Toledo, para estudar alguns trabalhos da arte do ferro desconhecidos em Portugal, resolveram que aquela lembrança fosse levada a efeito com um auxílio pecuniário para esse louvável intento, o que decerto por V. S.<sup>a</sup> será bem recebido.

Nesse intuito envio um cheque de 4000\$00 (quatro mil escudos), produto de subscrição aberta entre as unidades e estabelecimentos militares da Divisão.

Saúde e Fraternidade.

Quartel General em Coimbra, 10 de Agosto de 1925.

O Chefe do Estado Maior – Carminé Ribeiro Nobre».

**UMA VIAGEM PELO PAIZ DA ARTE, QUE NÃO TEVE  
O COMPLEMENTO ESPERADO POR FALTA  
DE APOIO OFICIAL EM MADRID<sup>168</sup>**

Se quando dei por pronto o Lampadário me entregassem essa quantia, com ela teria tapado o grande rombo que na minha vida existia, assim veio muito tarde porque a isso se impôz o meu Comandante Zamith.

A nota honrosíssima da Divisão marcava bem o destino a dar ao dinheiro, abrindo a oportunidade de pedir ao nosso Ministro as facilidades de que eu precisava no paiz visinho.

Uma das coisas que eu desejava aprender, se fosse possível e nisso havia falado com o meu Comandante, era o processo da *damasquinhagem*<sup>169</sup> do ferro com aplicações de prata e ouro. Puz nisso todo meu empenho, com a esperança de bom sucesso, visto a boa vontade do Senhor Comandante actual da 5.<sup>a</sup> Divisão, o Senhor Coronel Moraes Zamith, a quem dirigi o requerimento pedindo 30 dias de licença disciplinar, para gozar em Espanha, onde expunha os motivos que ali me levavam.

Em 5 de Setembro de 1925 era enviada a seguinte nota:

«Requere o Sargento artífice espingardeiro do R.I. 23, Lourenço de Almeida, autorização para gozar em Espanha a licença disciplinar que lhe foi concedida por este comando, afim de ali estudar os muitos exemplares de ferro forjado que naquele país existem dispersos e ainda, sendo *damasquinhagem* possível, estudar também, em Toledo, a<sup>170</sup> do ferro a prata e ouro.

---

<sup>168</sup> Da Embaixada de Portugal.

<sup>169</sup> Damasquinhagem: tauxia, obra de embutidos de metal.

<sup>170</sup> *Ibidem*.

Abrindo para esta pretensão uma excepção às disposições regulamentares, eu tomo a liberdade de enviar directamente a V. Ex.<sup>a</sup> o requerimento do aludido artífice porque, sendo ele o artista autor do Lampadário Monumental que na Batalha alumia o corpo dos Soldados Desconhecidos e também do cofre artístico que a guarnição militar de Coimbra ofereceu à guarnição militar de Madrid, por ocasião da passagem nesta cidade de uma equipa que foi a Lisboa tomar parte no torneio de Foot-ball, eu considero o requerente digno de todo o auxílio possível na viagem que à sua custa vai empreender, com um fim que muito honra a Indústria Nacional e o Exército a que pertence, concedendo-se-lhe as facilidades que no Paíz visinho, por intermédio do nosso adido militar e também, se possível fosse, concedendo-se-lhe o respectivo passaporte.

Se V. Ex.<sup>a</sup> concordar com esta minha maneira de pensar, rogo se digne expô-la a Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra e informar este Comando de todas as possíveis facilidades a conceder ao requerente.

O Comandante Interino da Divisão.

João de Moraes Zamith»

O Ministério da Guerra mostrou-se bem disposto a ajudar-me, como se vai ver na seguinte nota:

«Nota n.º 3692. S.R.

Lisboa, 7 de Setembro de 1925.

Ao Senhor Comandante da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército.

Do Chefe da Repartição de Gabinete.

Sua Ex.<sup>a</sup>, o Ministro da Guerra encarrega-me de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que, por seu despacho de hoje, deferiu o requerimento que acompanhou a nota da 1.<sup>a</sup> Repartição desse comando n.º 652 de 5 do corrente em que o 1.º Sargento espingardeiro, Lourenço de Almeida n.º 4/1.<sup>a</sup> do R.I. 23, pedia autorização para gosar em Espanha a licença disciplinar que lhe fora concedida por esse comando, a fim de ali estudar os muitos exemplares de ferro forjado que naquele Paíz existem dispersos.

Sua Ex.<sup>a</sup> encarrega-me mais de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que se digne determinar que a esta Repartição sejam enviadas duas fotografias do referido 1.º Sargento artífice, afim de serem enviadas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para concessão do competente passaporte diplomático.»

Dias depois recebia a Divisão outra nota que diz o seguinte:

«Nota n.º 3811- Lisboa, 19 de Setembro de 1925

Ao Exmo. Senhor Comandante da 5.<sup>a</sup> Divisão do Exército – Coimbra

Do Chefe da Repartição do Gabinete

Em referência à nota da 1.<sup>a</sup> Repartição desse Comando, n.º 625 de 5 do corrente, Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra encarrega-me de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> o incluso passaporte diplomático, passado a favor de 1º Sargento artífice espingardeiro do R.I. 23, Lourenço de Almeida e de lhe dizer que foi encarregado o nosso adido militar em Madrid de solicitar todas as facilidades para o referido 1.º Sargento, no Paíz visinho.»

Tive tudo preparado para partir para essa viagem de estudo, nos fins de Setembro, quando da Secretaria da Guerra informam terem recebido um telegrama do nosso adido militar, pedindo que informasse quais os locais que desejava visitar.

Em nota, por mim escrita, informava a Divisão de que as cidades a visitar seriam de preferência, Salamanca, Valhadolid, Burgos, Ávila, Madrid, Toledo, Córdoba, Sevilha e Granada.

Desejando que em Toledo me fosse permitido entrar e estudar nas fábricas do Estado o processo de *damasquinagem*<sup>171</sup> do ferro a ouro e prata.

Dias depois o meu Comandante recebeu uma carta do nosso adido militar em Madrid, o Senhor Tenente Coronel Pereira Lourenço, dizendo que as fábricas em Espanha só estariam em laboração no próximo mês de Novembro e que nas terras que eu mencionava não havia fábricas que me interessassem. Expunha mais, que tencionava partir para Paris, para gosar uma licença, de onde só estaria de volta em fins de Outubro.

Informei o meu Comandante, de que em vista disso adiaría a minha partida para 20 de Outubro e que fábricas só me interessavam as de Toledo, porque nas outras terras apenas me deviam merecer o meu estudo os ferros forjados existentes nos Museus e Catedrais, nada mais e que para estes não necessitava do apoio do senhor adido militar.

Esta carta do Senhor Tenente Coronel Pereira Lourenço afigurou-se-me de mau agoiro para minha visita a Espanha, no entanto calculei que estando ele de volta a Madrid no fim de Outubro podia muito bem encontrar-me com ele em Novembro.

Parti de Coimbra em 21 de Outubro para o Porto, onde comprei as pesetas para gastar em Espanha e só no dia imediato é que segui viagem com destino a Salamanca, entrando por Barca d'Alva, em Espanha, tendo ahí o meu primeiro aborrecimento; havia deixado no hotel, no Porto, o meu álbum de desenho que me ia fazer muita falta.

Escrevi de Salamanca ao meu fornecedor do ferro, para ir lá ver se o havia deixado no quarto do hotel e mo remetesse para Madrid, para a Embaixada Portuguesa; demorei-me dois dias nessa terra, rica em ferros forjados, sobretudo na Catedral Nova, em estilo *Plateresco*<sup>172</sup>, porque a velha é em estilo Românico e andava sendo restaurada.

Parti no dia 24 de Salamanca para Valhadolid, onde cheguei de noite, nesse dia, isto é, em 25; esperavam a visita do ditador Primo de Rivera, por isso estava em festa a terra, assisti no Teatro ao discurso político.

Esta terra não era a mais rica em ferrarias; nos subúrbios existem umas magníficas ruínas de um templo romano, com igualdade de conservação e planta, ao nosso templo de Diana em Évora, cujas dimensões são iguais.

A Universidade é magnífica e a sua Catedral.

No dia 26, à noite, parti para Burgos, a terra da arte por excelência, julgo mesmo, para mim, ser a terra que mais interessa ao forasteiro.

Está aninhada numa baixa, em que a sua riquíssima Catedral, com as suas torres rendilhadas em belo estilo gótico, sobressai acima do casario. Tudo o que tem de bom esta terra é pela Catedral absorvido e ela basta para prender a nossa atenção.

Passa-se a ponte sobre o rio e entra-se na cidade pela porta de Santa Maria, fortaleza medieval em cujas dependências está alojado o Museu da Terra, rico em esculturas e pinturas primitivas, a exposição está um pouco tumultuoza e é pena.

Quando entrei na Catedral, saltou-me à vista a sua ferraria dos séculos XV, XVI e XVII, que assombro!!!

---

<sup>171</sup> *Ibidem*.

<sup>172</sup> «Plateresco».

Ao entrar na grande nave central, pela porta **del Sarmental**, senti-me realmente pequeno perante o assombro de tanta riqueza artística, o nosso espírito não aguenta com perfeita tranquilidade a profusão de tanta e variada ferraria, foi-me preciso voltar ao exterior e repousar a vista nos rendilhados e estatuária da citada porta.

Depois do almoço voltei à Catedral, já com um plano de observação perfeitamente assente.

Em frente à capela de Santa Ana, essa **Reja** magnífica do século XV, quedei-me num estudo minucioso; esta grade ocupa a entrada toda da capela, cuja porta abre, ao centro, em duas empenas, igual à largura da parte fixa, com três idas de balaústres, correndo-lhe as frisas muito recortadas em folha de ferro batido e repuxado.

No remate desta grade, composta de duas colunas feitas de quatro varões torcidos e rematados por coruchéus gogolhados que sustentam um escudo heráldico que duas águias suportam, tendo um motivo *triobolodo*<sup>173</sup> com um lindo coruchéu de lindos e rendilhados gogólhos em folhas de carvalheira, que se eleva quase a tocar a ogiva da porta.

Depois a minha vista cai sobre a grade do coro ao centro da grande nave, que deve ter sido obra do mesmo artista, mais simples, porque os frisos são apenas moldurados, o que me ficou na dúvida foi a matéria das duas figuras que ladeiam o Calvário na parte central, o rendilhado do arco-duplo aos pés da cruz, com dois lindos anjinhos junto a um vaso florido, impressionou-me a sua delicadeza.

Seguindo pela nave central entrei na charola do altar-mor e aí então a minha admiração subiu de prazer espiritual. «Reja de la Capilla Del Condestable». Como descrever esta maravilha, talvez única no Mundo?!

Não é fácil tarefa... é dividido em três corpos, o primeiro é composto de duas partes fixas laterais, tendo ao centro a porta, também de duas empenas, tendo cada uma seis balaústres redondos de *linhas tornejadas*<sup>174</sup> e folhagens cinzeladas.

Serve de ombreiras à porta, duas colunas redondas com um diâmetro de mais de vinte centímetros, cujos fustes são ricamente lavrados, de uma harmonia tocante.

A parte média é formada por uma balaustrada delicadíssima, ligada por folhagens na parte central, muito mais leve em relação à parte de baixo, como convém ao seu equilíbrio ornamental.

Remata esta grade uma forma de capela com duas figuras simbólicas, que seguram o escudo heráldico, encimado pela figura do Criador, rompendo do tímpano de mãos abertas abençoando, no friso, de onde surge a figura, está a assinatura do Mestre Ferreiro – **Cristobal Andino**.

Este trabalho, com o desenho em que está feito, podia ter sido feito em prata, porque a técnica é bem de um famoso ourives de prata, trabalhando outra matéria sem prejuízo da mesma e é todo em estilo do Renascimento, século XVI.

Ainda para preenchimento da arquivolta, estão dois medalhões suspensos de volutas encimadas por lindas pirâmides.

Serve de encaixe a esta riquíssima obra, ombreiras e arco florido em belo estilo Platresco, do lado esquerdo o Anjo Anunciador, da direita a Virgem da Anunciação, em atitude de recioza surpresa, encimada por rendilhados baldaquinos.

---

<sup>173</sup> «...trilobado».

<sup>174</sup> «...de lindos tornejos...», no manuscrito.



Seguindo ainda la Charola, ao fundo entra-se na sacristia e ahí toma-se conhecimento com um outro Mestre Ferreiro, mais ourives e menos ferreiro, é certo, mas a sua obra é um valioso atestado da riqueza da Ferraria espanhola, trata-se de um corrimão de uma escada dupla que tem ahí o nome de *Escalera de la Caroneria*<sup>175</sup>.

Aos primeiros lanços de escada corresponde um corrimão de oito balaustres, cujo intervalo é preenchido por cabeças inteiras de querubins com azas saindo de uma forma de taça, muito rendilhado e compacto.

No patamar, onde principia outro lanço de escada, é uma parte recta em xadrez com dois medalhões, seguros por duas figuras em *repocê*<sup>176</sup>. Seguem-se outros dois lanços de escada, o primeiro corpo da grade-corrimão entre os balaústres, muito floridos, é também enchido por decoração leve e rica, cada um com seu medalhão, cinco em cada lado, com cabeças, suponho dos Apóstolos, visto que em cima no patamar tem dois grandes medalhões com o busto de S. Pedro e S. Paulo.

Esta grade está dourada de um ouro já muito velho, que nos dá a impressão de não ter sido feito em ferro, é este trabalho atribuído a Diego de Siloe.

Esta ferraria não me parece ter sido feita para estas escadas mas aplicada a elas, onde mal se ajustam e mesmo porque, ao primeiro lanço de escada, correspondem treze degraus cujo corrimão é em pedra em estilo renascença, como a grade de ferro.

Aqui estão representados os dois mais formidáveis Ferreiros da Espanha, mestres que deixaram uma Escola, como se verifica nas grades da Capela chamada da «La Presentacion...».

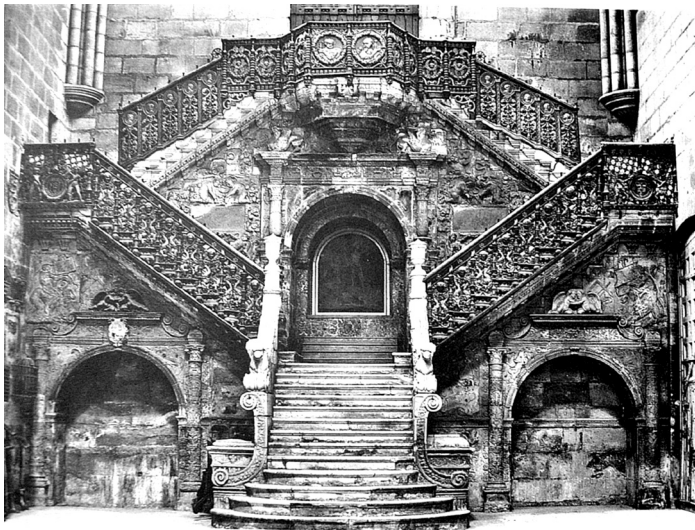


Ilustração 30 - Escalera de La Caroneria, da Catedral de Burgos

<sup>175</sup> Foto de La Escalera de La Caroneria. Espólio de LCA. Ilustração 30.

<sup>176</sup> «...repoussé». Alto-relevo obtido com batimentos de martelo na face anterior da placa de metal.

São trabalhos menos delicados, dos princípios do século XVII, conhece-se que a Renascença está em plena decadência.

Ao centro da quadra desta Capela está colocado um túmulo de um Bispo, de mãos postas e paramentado de Pontifical, em estilo do renascimento.

Terminei a visita, aliás muito proveitosa à Catedral de Burgos de onde trouxe fotografias dos trabalhos em ferro forjado, em 27 de Outubro de 1925.

No dia imediato, 28, visitei o Mosteiro das Huelgas e o da Cartuxa, em Miraflores, onde está o Panteão Real, em que estão os magníficos Túmulos, em alabastro, de D. João II e de D. Isabel de Portugal, resguardados por uma grade, em estilo gótico do século XV, em ferro forjado.

O Túmulo em retábulo, em que se ergue orando a estátua do Infante D. Alonso, a grade que o resguarda é menos interessante.

Assim gastei os dois dias em Burgos, na Catedral e os dois conventos, que me deixaram como que embriagado, parti para Ávila, no correio da noite, onde cheguei à uma hora da madrugada do dia 29.

Logo de manhã dei uma rápida visita à cidade, visitei as igrejas românicas de S. Pedro e a Basílica de S. Vicente e as muralhas da terra com as suas portas, ficando para depois a Catedral.

Na igreja de S. Pedro existe uma bela galeria de pinturas primitivas, mas todas elas **repintadas** por mãos inexperientes; não pude deixar de censurar o autor do atentado.

A visita à Catedral só a fiz depois do almoço porque sabia a existência de dois trabalhos em ferro, cuja dúvida necessitava desfazer; eram os dois púlpitos de que fazia errado juízo, o do estilo do renascimento que vale a pena descrever em separado do fronteiro.

Conhecia, por foto-gravura, estas duas peças, mas com franqueza não as compreendia, a do lado direito é gótico século XV, em ferro forjado, muito recortado e com o escudo do prelado da Diocese. A do lado esquerdo é do século XVI, renascença, eu julgava ser de ferro apenas a base e o restante, púlpito propriamente dito, ser em madeira, pela dificuldade do trabalho. Pois é em ferro forjado, como o outro, em forma de caixa rectangular, dividido em dois corpos, separados ao centro por largo friso repuxado e cinzelado como uma moldura de largo balanço, no remate central duas deliciosas esculturas em ferro repuxado metidas nos seus nichos.

Estes ferreiros espanhóis deviam de ter sido antes magníficos ourives, como foram alguns dos ferreiros italianos.

Estes dois trabalhos são feitos a um século de distância e dão a impressão, a quem os vê, que os mestres capricharam em cada um fazer por se impor ao outro e este último, realmente, conseguiu impor-se à nossa admiração.

Com os trabalhos de ferros até aqui vistos, preparava o meu espírito para entrar nas fábricas de Toledo e aprender essa bela aplicação do ouro e prata no ferro e por isso andava radiante pelo apoio que esperava encontrar em Madrid.

Na igreja de S. Pedro o seu púlpito é poligonal em ferro forjado, como o seu corrimão, o trabalho é mais aferreirado, são balaústres com aplicações em ésses e uma espécie de liras nos preenchimentos; o que tem de mais delicado é o friso do guarda-mão, assenta todo sobre uma peanha de mármore trabalhado em gótico, não se ligando ao estilo do ferro que é do século XVII.

Como já disse deixei no Porto o meu Álbum de desenhos e recomendei que se fosse encontrado me enviassem para a Embaixada Portuguesa em Madrid; logo que ali cheguei procurei, a um polícia, a rua em que morava o Embaixador e por errada compreensão indicaram-me o Consulado, aonde fui. O Cônsul informou-me da rua onde fui, era a rua do Almagro, estava lá uma creada a quem perguntei se o Senhor Tenente Coronel Pereira Lourenço estava já em Madrid, para saber se entre a correspondência da Embaixada havia chegado um álbum que do Porto deviam mandar.

Foi chamado o impedido do senhor adido militar, a quem a creada Inês perguntou se ele já teria regressado, respondeu-me que esperavam por ele, mas que ainda não tinha vindo.

Estava neste colóquio quando aparece um indivíduo gordo, de bigode forte e aparado, a informar-se do que eu pretendia; expliquei-lhe, mandando [ele] ver se na correspondência estaria o que eu dizia, não estava.

No dia três de Novembro fui visar o meu passaporte, perguntando pelo Secretário da Embaixada, quem me falou foi a creada Inês, que levou o passaporte para dentro; passados minutos ouço grande alarido do Senhor Melo Barreto, que dizia:

— Tenho uma grande honra em ser eu próprio quem visa o seu passaporte!

O homem que assim falava era exactamente o que nas vésperas mandara saber da correspondência, mas que fingiu não me ter conhecido, perguntei-lhe pelo senhor adido militar, a quem Sua Excelência o nosso Ministro da Guerra recomendara para me conseguir, do governo de Madrid, certas facilidades para poder visitar as fábricas de Toledo com o fim de aprender, caso pudesse ser, a técnica de *damasquinagem*<sup>177</sup> do ferro a prata e ouro.

Desculpou-se, recomendando-me que esperasse até ao dia seguinte, que talvez ele regressasse.

No dia seguinte voltei lá, não tinha vindo ainda, o Senhor Melo Barreto, quando voltou observei-lhe que talvez ele pudesse, pelo telefone, falar ao Ministro competente na minha pretensão...

Escusou-se dizendo-me que isso era um caso tratado pelo Senhor Tenente Coronel Pereira Lourenço e que só ele sabia o caminho que as coisas levavam.

Mostrei-me um pouco irritado e disse-lhe:

— Peço desculpa a V. Ex<sup>a</sup>, isto causa-me um grande transtorno porque eu não venho de passeio a expensas do Estado, vim à minha custa e contava com a promessa que o meu Ministro da Guerra me havia feito.

Voltou a dizer:

— Não posso fazer-lhe nada, isso é com o Senhor Tenente Coronel Pereira Lourenço...

Perante tanta indiferença resolvi não continuar a minha viagem e regressar a Portugal; não o fiz, todavia, sem visitar os Museus do Prado, de Arte Contemporânea, de Reproduções e Academia.

No meu regresso vim por Barca d'Alva, por ahí ter guardas da Alfândega meus conhecidos...

---

<sup>177</sup> Damasquinagem.

Quando me apresentei no meu Regimento fiz uma exposição ao Nosso Ministro das razões que me fizeram interromper a minha viagem, sendo o principal motivo, não me haverem ajudado conforme Sua Ex.<sup>a</sup> pedira me fizessem.

Passaram-se dias quando fui chamado ao gabinete do meu Comandante para me mostrar uma carta do nosso adido militar em Espaha, em que dizia que nem na Embaixada nem mesmo no Consulado havia aparecido tal 1.º Sargento!?...

Para mostrar a minha razão e sem mesmo fazer comentários, mostrei ao meu Comandante o meu passaporte visado na Embaixada no dia três de Novembro.

Não sei o que ele respondeu, porque isso são coisas de Secretaria.

### SONHEI UM DIA IR COM TRABALHOS DE FERRO FORJADO À EXPOSIÇÃO DE SEVILHA, MAS... ACORDEI!!!

Aproveitei, das lições por terras de Espanha, fazer o lustre que, por intermédio do meu amigo e Senhor Albino Caetano da Silva, fiz em gótico para o Senhor Dr. Costa Cruz, de Santo Tirso e o grande Lampeão para o átrio do Senhor Dr. Bissaia Barreto.

Estes dois trabalhos, com mais alguns, isto é, o candelabro que fiz para o meu Exmo. amigo o Senhor Dr. Abel de Andrade, formei um lindo grupo de obras e pedi ao meu Comandante para ver se me conseguia do Ministério da Guerra apoio oficial para ir à Exposição de Sevilha.

Apareceu-me um dia na oficina de Sant'Ana o Senhor Major Sá da Costa, falou-se na minha ida à Exposição, cheguei mesmo a falar com o Senhor Comissário da referida Exposição em Lisboa, tudo se me afigurava caminhar bem...

O meu Comandante recebeu um dia uma nota da 2.<sup>a</sup> Repartição do Ministério da Guerra em que respondia ao meu pedido, informando que se eu quisesse ir à Exposição de Sevilha com os meus artefactos, que o fizesse como qualquer civil...

Respondi:

— Muito obrigado, meu Comandante, para isso não precisava de pedir o auxílio do Ministério da Guerra.

Desta forma e apesar da insistência do Senhor Comissário da Exposição, puz de parte a representação dos Ferrarias Portuguesas nessa Exposição, no tocante à minha pessoa.

Em Maio de 1926 fazia entrega do Lustre em Santo Tirso e dos restantes trabalhos aos respectivos freguezes.

Depois comecei com o portão da casa do Senhor Dr. Bissaia Barreto, no qual puz um grande empenho em fazer um trabalho que não ficasse diminuído em nada aos que em Espanha admirei, posso dizer que o consegui, como se vê; *este trabalho, do exterior da casa, tenho notado que é de pouca gente conhecido!*<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> Acrescento manuscrito, pelo Autor, ao texto dactilografado.

## A REFORMA DOS SARGENTOS ARTÍFICES DO EXÉRCITO

Já aqui fiz notar a forma pouco airosa com que a classe dos artífices se debateu, durante perto de sessenta anos, na falta de consideração e respeito que lhe era devida pela simples razão de serem artífices.

Expuz as lutas que sempre sustentei, para elevar a classe ao nível que lhe era devido, simplesmente trabalhando, como se viu consegui-o; todos os meus colegas colocaram os seus olhos na minha pessoa para, ao meu abrigo, verem melhorar a sua vida.

Duas classes eram suficientemente remuneradas, os serralheiros e os correiros, a outra, os coronheiros e carpinteiros, era a que menos trabalho tinha e mais mal remunerada.

Para tal fim alguma coisa fiz, sendo nosso Ministro da Guerra Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor General Norton de Matos.

Uma aspiração justa era a sua reforma, depois de trinta anos de trabalho, seria justo que estes obreiros tivessem, na velhice, o suficiente para viverem descansando no resto da sua vida, exclusivamente gasta no Exército!...

Formou-se uma grande comissão em Lisboa de artífices, ferradores e enfermeiros hípicos, elaborando um projecto de lei de reformas, cujo primeiro artigo era: os primeiros e segundos sargentos artífices, ferradores e enfermeiros hípicos, já reformados ou os que vierem a reformar-se, com trinta ou mais anos de serviço, conservam o posto que tiverem no acto da reforma, mas com a pensão de reforma e os demais vencimentos que respectivamente correspondem aos postos de tenente e alferes.

Fui consultado pelos meus colegas que me pediram o meu apoio à sua pretensão, que era também a minha e chamando-me a Lisboa para com a Comissão entregar o projecto de lei na Câmara de Deputados, cujo n.º era o 307.

Assisti à discussão do projecto de lei, com o qual o Senhor Deputado Silva Barreto discorda, sendo defendido pelo Senhor[es] Deputado[s] Augusto de Vasconcelos, Procópio de Freitas e Roberto Baptista e muitos outros Senhores Deputados que acham justa a pretensão, que ficou esperando o parecer do Senhor Ministro da Guerra, Engenheiro António Maria da Silva.

O meu Amigo e Senhor Dr. Angelo da Fonseca deu-me uma carta de recomendação ao referido projecto para o Senhor Ministro, pedi ao meu amigo e Senhor Capitão Pina Cabral para lha entregar, visto ser ele o ajudante do Senhor Ministro da Guerra.

Interessei no caso o Senhor Ministro Dr. Torres Garcia e o Senhor Deputado, pela minha terra, o Dr. Alfredo de Sousa.

Regressei a Coimbra esperançado de que a última reunião em que se devia resolver o caso correria bem e assim, em 11 de Junho de 1925, recebi um telegrama expedido do Congresso que dizia o seguinte: «seu projecto-lei aprovado hoje, parabéns. Alfredo de Sousa.»

Faltava o parecer do Senado, de que era Presidente o Senhor General Correia Barreto.

Os meus colegas, que andavam ao corrente do andamento das coisas nas Câmaras, insistiam de lá para eu na véspera falar com Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente do Senado.

Fui ao Quartel General pedir ao Senhor Chefe do Estado Maior, Senhor Coronel Carminé Ribeiro Nobre, uma carta de apresentação para o Senhor General Correia

Barreto; ele dizia não ser preciso isso porque ele conhecia-me muito bem e que por ele seria bem recebido, no entanto deu-me a carta com a qual me apresentei na Câmara, *tendo realmente sido bem recebido pelo Senhor General Correia Barreto*<sup>179</sup>.

Expondo-lhe os motivos que ali me levavam e das razões que julgava assistirem-me para a pretensão que defendia, Sua Excelência afirmou-me já ter lido essa lei e que Lei seria.

Com esta afirmação de Sua Excelência regressei a Coimbra satisfeito, grato à Nação por tamanho favor, olhando com carinho a mais despretegida classe do Exército, encarando por isso o futuro com confiança...

### COMO ME FOI PAGO OS BONS SERVIÇOS AO EXÉRCITO

De há muito sentia, sobretudo da parte dos Sargentos, uma pressão desagradável, desde que fui condecorado, mas como me conservava longe das intrigas nem mesmo lhe ligava importância.

No dia 7 de Fevereiro de 1927, fui obrigado a partir com o meu Batalhão – Caçadores n.º 10 – para sufocar o movimento do Porto; na oficina estavam juntos comigo fazendo serviço um 2.º sargento e um cabo, era natural que um destes homens fosse nomeado para partir por em virtude de eu ser o mais antigo.

Não sucedeu assim, porque o Sargento Ajudante irritou o Senhor Comandante, de então, contra mim mandando-me nomear, ignorando a existência das outras praças.

Procurei o Senhor Tenente Coronel Silvano para lhe falar de qualquer serviço, recebeu-me mal julgando que lhe ia pedir para não acompanhar o Batalhão. Falei-lhe com apuro sem em nada *abordar*<sup>180</sup> a minha injusta nomeação...

Estacionámos em Vila Nova de Gaia e ahí fiquei fazendo o serviço de **Rancheiro** dos Oficiais e Sargentos!!!...

Foi ahí que, uma noite, o Senhor Tenente Mourão, na casa em que ele dormia e o proprietário me concedeu um quarto também, soube do ataque dado ao meu Mestre Gonçalves a quem o Secretário do Museu, António Viana, contou que o Batalhão de que eu fazia parte caíra todo ao rio Douro, em virtude de uma explosão de dinamite, morrendo todos.

Esta falsa notícia atingiu o Mestre que esteve bastante doente durante dias. Quando regressei, já o encontrei muito melhor.

Com o cerco feito ao Porto, comandado pelo Senhor Ministro da Guerra, a revolução de 28 de Maio havia-se consolidado.

Como havia já atingido o limite de idade (52 anos), com mais de 30 anos de serviço e a lei da reforma dos Sargentos artífices foi mandada considerar sem efeito, gelou com esta resolução ministerial o calor das minhas esperanças numa velhice descansada!...

---

<sup>179</sup> «...e realmente fui bem recebido», no manuscrito.

<sup>180</sup> «...em nada lhe falar sobre...», no manuscrito. Correção do Autor.

COISAS GRAVES NO MUSEU MACHADO DE CASTRO  
E A MINHA ENTRADA PARA O CONSELHO DE ARTE E ARQUEOLÓGICA

I

A preocupação de Mestre Gonçalves em preparar um seu substituto para a direcção do Museu foi sempre o seu objectivo.

A primeira pessoa, que para esse efeito começou de preparar e em quem punha todas as suas esperanças, foi o senhor Doutor João da Silva Couto, que consagrava ao Museu parte da sua actividade como Conservador e Secretário do Conselho de Arte e Arqueologia.

O Conselho havia resolvido officiar ao Senhor Presidente da Câmara Municipal a respeito de qualquer coisa que não me recorda, feito o officio pelo Senhor Dr. João Couto, deu-o ao empregado do Museu para sobrescritar e levar à Câmara.

Este empregado que era um tanto atarantado e muito atrapalhado, correu logo a pegar no officio, ficando a olhar para ele e perguntando ao empregado Secretário do Museu:

— Então eu levo este officio assim mesmo?

Ao que o António Viana respondeu, **velhacamente**:

— Pois se lho deram para o levar assim, leve-o!

Este chamado Secretário do Museu, António Viana, era um ladrão atrevido dentro dele (Museu) e como o Director tivesse pedido ao Senhor Governador Civil uma guarda para o Museu ficou furioso, porque a sentinela podia, um dia, mandar-lhe abrir uma mala de mão que ele levava para ali e descobrir o seu conteúdo, o que era natural.

A sentinela não convinha aos seus manejos e, por isso, principiou desde logo envenenando o serviço da Guarda Republicana, junto do Senhor Director, que me disse um dia:

— Estou aborrecido com estes tropas dentro do Museu; calcule que as mulheres deles, quando lhes vêm trazer as refeições, sentam-se lá no pátio a **despiolhar** os filhos. Veja lá que espectáculo este para os visitantes.

Com esta preocupação tratou de arranjar no pátio exterior uma casa vestida de arbustos, para se não notar, à esquerda de quem entra e passou para aí a casa da guarda.

Esta informação do mau efeito das mulheres dos guardas foi contada, pelo Viana, com o fim de desgostar o Mestre e mandar retirar a guarda, mas quando viu a solução da casa no exterior, tratou primeiro de indispor os guardas, ao mesmo tempo que arranjava **suetos**, escritos velhacamente, sobre o **casinhoto**.

Foi assim designada a casa da guarda por certas creaturas que inconscientemente iam fazendo o frete auxiliando os manejos pouco honestos do Viana, que um jornal da terra *secundava*<sup>181</sup>.

Esta questão do casinhoto era alimentada, como digo, pelo Viana para ver se a guarda acabava de ser retirada de vez e encontrou muitas pessoas de boa fé que o

---

<sup>181</sup> «...secundava», acrescento do Autor.

ajudaram; mas é preciso que se fique sabendo que com essa mesma boa fé, só serviram de capa aos roubos do Viana.

Não citarei nomes, não o quero fazer, mesmo porque todos os que nesta coisa partilharam foram iludidos... e o Senhor Comandante da G.N.R. de então acabou por retirar o posto da guarda ao Museu Machado de Castro *desaparecendo, por esta forma*<sup>182</sup>, a sombra negra da sentinela ao portão, dando assim livre transito às rouba-lheiras, cada vez mais audaciosas do «*Homem da mala*»<sup>183</sup>, que abria sempre o Museu antes da chegada dos *respectivos*<sup>184</sup> guardas.

Havia agora de se voltar contra o Senhor Conservador, que já desconfiava de algumas proezas do secretário e assim se aproveitava das mesmas coisas para contar ao Director do jornal, que lhe fazia os fretes, com um sentido venenoso em que era exímio mestre.

Foi a razão do officio para a Câmara Municipal, em que já falei, azedado com contos e intrigas mentirosas, levadas ao Secretário da Câmara (amigo do Viana) com o fim de que este as levasse aos ouvidos do Senhor Presidente e trazer o que dele soubesse aos do Mestre Gonçalves.

O que ainda hoje me admira é que tanta gente limpa (ao que parece) fosse mane-jada, como autênticos fantoches, por um velhaco como este Viana.

Quero aqui fazer justiça ao Senhor Dr. Bissaia Barreto porque foi o único que conhecia este homem, como a seu tempo terei ocasião de mostrar, por agora só quero *pôr bem em evidência*<sup>185</sup> que todas estas campanhas desgostaram o Senhor Dr. João Couto, que acabou por retirar<sup>186</sup> para Lisboa, com prejuízo dos interesses desta terra e do próprio Museu Machado de Castro.

Quando regresssei do Porto e visitei o Mestre Gonçalves este ainda se exprimia *com muita dificuldade*<sup>187</sup>, queixando-se de que, durante a sua doença, o Senhor Tomáz da Fonseca, Vice-Presidente do Conselho de Arte, *quisesse*<sup>188</sup> apoderar-se das chaves do Museu, a que Viana se opôz (estão vendo claramente agora porquê).

Um dia, ali ao Castelo, encontrei o Vogal do Conselho de Arte, Senhor Álvaro Viana de Lemos, que me disse:

— Eu andava ansioso por o encontrar, veja se consegue que o Senhor Gonçalves não dê ouvidos às intrigas do Viana contra o Conselho de Arte e em especial com o Tomáz da Fonseca. Há dias este foi altamente desconsiderado pelo Senhor Gonçalves, queixou-se disso em Conselho e com muita razão.

E disse-me mais:

---

<sup>182</sup> «...Museu Machado de Castro, acabando a sombra...», no manuscrito.

<sup>183</sup> «...do homem da Mala...», no manuscrito.

<sup>184</sup> «...respectivos...», acresceto do dactilógrafo revisor.

<sup>185</sup> «...mostrar...», no manuscrito.

<sup>186</sup> «...Sr. Dr. João Couto e foi para Lisboa, ...», no manuscrito.

<sup>187</sup> «...se exprimia difficilmente...», no manuscrito.

<sup>188</sup> «...quisera...», no manuscrito.



— O Conselho de Arte já quiz *chamar o meu amigo*<sup>189</sup> para si, mas o Senhor Gonçalves não consentiu.

*Eu então, observei-lhe a esse respeito*<sup>190</sup>:

— Não é bem assim, o Senhor Gonçalves, há tempos, falou-me em me propor, como representante da Escola Livre, e pedindo ao Dr. Domingos de Miranda para fazer um ofício à Escola nesse sentido, cujo ofício ainda não foi feito e a mim também me não agradava entrar para o Conselho enquanto este tivesse como Presidente o meu General Simas Machado; bem compreende o meu amigo, que já foi tropa, as minhas razões. Bem, fique descansado, vou agora trabalhar para restituir a boa harmonia ao Conselho de Arte.

O António Viana continuava fazendo companhia a Mestre Gonçalves e isso desgostava-me, observei, muitas vezes, ele contar-lhe ridículas e mesquinhas intrigas de actos praticados pelo Senhor Tomáz da Fonseca, que ele *propositadamente*<sup>191</sup> avolumava, como estes:

Um dia foram, Viana e Tomáz da Fonseca, a Lisboa, em serviço do Museu, comprou o jornal e disse ao Viana:

— Meta esta despesa lá na conta!

E outra, que mandara comprar e timbrar, com a designação do Conselho de Arte, caixas de papel que havia levado para casa e para seu uso.

Quem conhece, como eu, o carácter honesto e escrupuloso do Mestre, sabe como estas pequenas coisas magoavam a sua probidade.

As minhas desconfianças sobre o Viana tiveram por princípio o seguinte caso:

Mestre Gonçalves, ao passar uma vista de olhos às salas do Museu em minha companhia, seguindo-nos o Viana a certa distancia, parou na secção de cerâmica e notou que lhe faltavam uns cães de fogo em faiança; chamou o Viana e disse-lhe:

— Faltam aqui os dois cães de fogo que ali estavam!

Ao que ele respondeu:

— Não sei, é a falta de vigilância dos guardas que só têm olhos para as gorjetas dos visitantes.

Eu respondi-lhe:

— V. Ex.<sup>a</sup> deve, *desde já*<sup>192</sup>, hoje mesmo, apresentar uma participação na Policia de Investigação Criminal, contando *acerca do*<sup>193</sup> roubo que neste Museu acaba de descobrir.

Notei que o Viana se desconcertou porque seguindo-nos cantarolando fingindo despreocupação, *mas mostrando ao mesmo tempo certo nervosismo*<sup>194</sup>.

Dois dias depois o Mestre estava muito contente e logo que me viu, disse-me:

— Sabe, os cães apareceram!

---

<sup>189</sup> «...ao meu amigo chamá-lo...», no manuscrito.

<sup>190</sup> «Eu respondi a esse respeito:», no manuscrito.

<sup>191</sup> «...que ele avolumava...», no manuscrito.

<sup>192</sup> «V. Exa. deve, hoje mesmo, ...», no manuscrito.

<sup>193</sup> «...contando o roubo...», no manuscrito.

<sup>194</sup> «...mas estava nervoso...», no manuscrito.

Olhando para ele, perguntei-lhe:

— Onde estavam?

Ao que ele respondeu-me explicando-me:

— Foi o Viana que os viu ali na Varejona, à Sé Velha, que um estudante os fora lá vender.

Então perguntei-lhe:

— Então V. Ex<sup>a</sup> desistiu da participação?

— Desisti, visto que tenho aqui os objectos.

Nesta altura entrava o Viana que me ouviu dizer-lhe:

— Pois olhe V. Ex<sup>a</sup>, se fosse eu, não me contentava sem averiguar quem foi o atrevido que os roubou e participava.

O Viana, *metendo-se na conversa*<sup>195</sup>, respondeu com desdém:

— Isso é muito à militar!

*Ao que lhe retorqui e olhando bem de frente para ele*<sup>196</sup>:

— À militar ainda é a melhor forma de castigar abusos que já vão muito longe.

*Ele, porém, percebendo a intenção, fingiu não ouvir*<sup>197</sup>.

Desde que o Dr. João Couto havia ido *saiu, indo*<sup>198</sup> para Lisboa, o Mestre chamou a si o filho do oficial do Conselho de Arte, o Dr. Raul Miranda, a quem propôs para Conservador do Museu, rapaz novo e inteligente, havia terminado o seu curso na Universidade, *oferecendo assim*<sup>199</sup> uma boa garantia.

Como o inventário do Museu, principiado pelo Dr. Couto, estivesse interrompido, tratou de o continuar; ora, era exactamente o que ao Viana não convinha, começando, *por isso*<sup>200</sup> desde logo, com o Conservador nos dentes, *não obstante este*<sup>201</sup> ser filho do seu amigo, indispondo-o com o Director do Museu.

Assisti a uma dessas habituais e intencionais **bicadas**.

Estava sentado ao lado do Mestre, contando o dinheiro das entradas, estando presente o Viana, quando chega o novo conservador, Dr. Raul Miranda *que, dirigindo-se ao Mestre, pergunta:*<sup>202</sup>

— V. Ex.<sup>a</sup> Senhor Gonçalves, quer que eu meça os quadros pela parte de fora da moldura ou só as telas?

O Mestre respondeu que seria bom medir tudo; quando ele saiu, o Viana disse-lhe:

— Parece que anda fazendo um arrolamento e não um inventário.

Ao que eu respondi, com certo enfado:

---

<sup>195</sup> «O Viana respondeu com desdém:», no manuscrito.

<sup>196</sup> «Eu retorqui-lhe, olhando bem para ele:», no manuscrito.

<sup>197</sup> «Ele percebeu a intenção fingindo não ouvir», no manuscrito.

<sup>198</sup> «...havia ido...», no manuscrito.

<sup>199</sup> «...havia terminado o seu curso na universidade, uma boa garantia.», no manuscrito.

<sup>200</sup> «...começando, desde logo...», no manuscrito.

<sup>201</sup> «...apesar de ser filho...», no manuscrito.

<sup>202</sup> «...Miranda e pergunta ao Director: ...», no manuscrito.

— Que tem isso? arrolamento ou inventário é necessário fazer-se, sem esse trabalho o Museu anda às cegas.

O Viana encolheu as unhas, mas ficou furioso comigo.

Passaram-se dias, notei que o descontentamento do Mestre com o novo Conservador era muito grande e o rapaz andava já enfadado, descurando o serviço e aparecendo raras vezes no Museu, até que acabou por não voltar.

Lá se foi mais esta tentativa do Mestre em preparar o futuro Director para o substituir.

O Dr. Domingos de Miranda queixava-se-me da forma impertinente como o Mestre lhe tratava o filho que, dizia ele, julgava-o um guarda, eu disse-lhe que a causa disso tudo era o Viana, que lhe não convinha lá o Conservador, ao que ele me respondeu:

— O Viana contou-me certas coisas que o Senhor Gonçalves dizia ao meu filho que não é próprio de quem precisa de ser ajudado, o meu filho não está para aturar isto.

Ainda tentei mostrar ao Dr. que isso era uma intriga do Viana por causa do inventário, mas ele estava tão sugestionado que não me quiz acreditar.

Foi nesta altura que chamou ao Museu o Senhor Dr. João Gaspar Simões, nomeando-o Conservador, mas esta tentativa devia falhar, porque era, como muitas vezes me disse, contrária ao seu feito.

## II

Surge um caso providencial. Nos meados de Julho desse ano de 1927, ao entrar no gabinete do Senhor Director do Museu, reparei, pela porta entre-aberta, que o Senhor Gonçalves estava muito agitado, falando só e gesticulando; estranhei isso e entrei, vendo-me animou-se e disse-me:

— Esse arrieiro do Viana, quase me ia batendo agora! Que pena não ter o meu amigo vindo mais cedo...

Preguntei-lhe:

— Mas que foi? Que houve?

Contou-me.

— Quere, à força, meter o sobrinho da amiga cá no Museu, como guarda, que eu o proponha para a vaga que há, como eu não quero, nem devo fazer isso, disse-me quantas inconveniências lhe vieram à cabeça.

Eu apenas respondi:

— Que pena não ter eu vindo nessa altura... Senhor Gonçalves, é urgente eu entrar para o Conselho de Arte, vai V. Ex.<sup>a</sup> fazer essa proposta quanto antes.

De Lisboa havia recebido, o Director do Museu, o inventário e comunicação da chegada à Alfândega do legado de Camilo Pessanha e ao mesmo tempo ordem do Ministério da Educação para entregar os caixotes a uma Comissão nomeada pelo Senhor Comissário da Exposição de Sevilha, para aí figurarem esses objectos.

Mestre Gonçalves ficou muito embaraçado com isto porque, dizia, não saber quem mandar lá que lhe merecesse confiança, porque era preciso receber e encaixotar também os objectos que estavam no Museu das Janelas Verdes; ele olhou para mim, verdadeiramente acabrunhado e disse-me:

— Nesse arrieiro, nem pensar!...

Foi então que eu lhe disse:

— Bem Senhor Gonçalves, socegue, vamos lá nós, eu e o Senhor Dr. João Gaspar Simões.

Ficou muito satisfeito e disse-me:

— Muito bem meu amigo, já que quere ter esse incómodo levará dinheiro e vão então os dois, falarei a meu sobrinho e vão os dois representando o Museu.

O Viana deu com isto um grande sortalhão<sup>203</sup>.

Partimos, fazendo entrega dos volumes à Comissão da Exposição depois de se lavrar um auto de entrega e verificação de que os volumes não haviam sido abertos.

Fomos ao Museu de Arte Antiga receber e encaixotar o depósito que lá estava e que o Senhor Director, Dr. José de Figueiredo, nos entregou com o inventário dos objectos, regressando nós a Coimbra satisfeitos com o serviço prestado ao Estado.

Deixem-me contar um caso que muito concorreu para uma certa reserva da minha parte com o Senhor professor Tomaz da Fonseca, com quem raras vezes falava.

Quando da minha viagem a terras de Espanha casualmente encontrei, em Valhadolid, o *Senhor Padre Domingos*<sup>204</sup>, amigo meu desde os tempos do Colégio de Lamego, onde ele era decurião.

Contou-me que, depois de ter deixado o Colégio de Lamego, *fora*<sup>205</sup> para Campolide, *sendo*<sup>206</sup> Bibliotecário do Colégio de S. Fiel à altura da proclamação da República. Não se expatriou, ficou muitos anos ainda como Capelão do Senhor Conde de X em Lisboa.

Preguntou-me se eu conhecia o professor Tomaz da Fonseca, disse-lhe que de vista, *apenas*<sup>207</sup> (era verdade ao tempo) contou-me muitas trapalhadas sobre raríssimos livros da Biblioteca de S. Fiel.

**Eu levei este azedume** à conta de o professor Tomaz ser um livre pensador, mas ele ao ver-me com certo sorriso de incrédulo, insinuou-me várias trapalhadas, ódio clerical?!...

Despedi-me dele verdadeiramente aborrecido mas fiquei obcecado por estas palavras, que nem ao Mestre Gonçalves contei.

A questão do Viana com o Senhor Director fazia-me pensar na melhor forma de o afastar do convívio com o Mestre e só via, para isso, uma solução, a aproximação do Tomaz com ele, mas como se eles estavam intransigentes?

Um caso veio favorecer-me.

O Senhor oficial do Conselho, Dr. Domingos de Miranda, dissera, ao Senhor Gonçalves e a mim, de que o Presidente do Conselho recebera um ofício para mandar um dos seus membros, com o Director do Museu, a Semide, fazer uma escolha das peças julgadas de valor para recolherem ao Museu.

---

<sup>203</sup> Quer o Autor referir-se à expressão «dar sorte» ou «dar o cavaco» cujo significado é enfadar-se ou zangar-se.

<sup>204</sup> Frade Benedictino do Convento do Couto. Nota do Autor.

<sup>205</sup> «...viera...», no manuscrito.

<sup>206</sup> «...era...», no manuscrito.

<sup>207</sup> «...que de vista (era verdade ao tempo) ...», no manuscrito.

Quem havia de acompanhar o Senhor Gonçalves?

O Senhor Dr. Miranda lembrou os seguintes: O Senhor Major Belisário Pimenta, Tomaz da Fonseca e eu. Notei que o Mestre, que até aí recebia o nome do Senhor Tomaz à ponta da espada, não fez, todavia, grande objecção, apenas me disse:

— Que não julgue ele que fui eu que o convidei.

Dois dias depois desse encontro recebia na oficina a seguinte carta:

Meu Caro Amigo.

Quando hoje cheguei ao Museu, entregaram-me a comunicação oficial do Conselho de Arte, para no dia 2 (3.<sup>a</sup> feira), comparecer em Semide, pelas 10 horas. Não há tempo a perder.

O meu bom Almeida encarregue-se de convidar o Major Pimenta e falar ao automóvel, etc...

A partida deverá ser na 3.<sup>a</sup> feira antes das 9 horas. Eu espero na rua dos Coutinhos ou em qualquer outro lugar que amanhã me indique. Amigo gratíssimo

A. Gonçalves.

Logo que esta carta recebi, fui à Praça Velha procurar o amigo e Senhor Albino Caetano da Silva, com quem tive uma larga conferência sobre o meu programa de afastamento do Viana, quanto possível, do Museu, aproximando o Senhor Tomaz da Fonseca de Mestre Gonçalves.

O Sr. Dr. Miranda, que tinha um feitio especial, contou-me o caso do Viana, como se eu não o soubesse, mas no fundo era para saber o que eu pensava, para informar o Viana.

Respondi-lhe que a minha intenção era fazer as pazes entre o Senhor Gonçalves e Tomaz da Fonseca, preparando assim o terreno para propor este último ao cargo de Director do Museu.

Está claro que nunca pensei em tal, era *apenas uma questão de tática, de momento*<sup>208</sup>, como se verá. Quando expuz esta ideia ao Dr., emudeceu e não gostou...

Dias depois, o Senhor Dr. Miranda partiu para o Vidago.

Depois da minha entrevista com o Senhor Albino Silva, falei ao automóvel e escrevi ao Tomaz uma carta, dizendo-lhe o que havia combinado com o Amigo e Senhor Albino e que me esperasse quando passasse para casa.

Depois fui ter com o Senhor Gonçalves e disse-lhe que o senhor Major Pimenta não nos podia acompanhar por estar de partida para Caldelas, tendo procurado ainda o Senhor Arquitecto Silva Pinto, na Escola Brotero, mas este estava para o Porto.

Portanto iria pedir ao senhor Tomaz para nos acompanhar, respondeu-me:

— Veja lá não suponha ele que sou eu quem lhe pede isso.

Objectei-lhe:

— Isso tem que acabar, V. Ex.<sup>a</sup> bem sabe que essa impressão desagradável é *obra do Viana*<sup>209</sup>, é preciso romper com isso para bem do prestígio de todos.

Concordando comigo não fez<sup>210</sup> mais resistência.

---

<sup>208</sup> «...pensei em tal, era a minha tática neste momento...», no manuscrito.

<sup>209</sup> «...é obra das intrigas do Viana...», no manuscrito.

<sup>210</sup> «...opoz...», no manuscrito.

Ao regressar a casa bati à porta do Senhor Tomaz, que me esperava, contando-me então os agravos recebidos do Senhor Gonçalves; fiz-lhe ver que tudo isso era obra do Viana, para afastar o Director do Museu do Presidente do Conselho de Arte.

Era sobretudo isto que convinha às maquinações do Viana, com o que ele concordou, sem quebra da sua dignidade aceitaria o convite, mas não sem primeiro falar com o Senhor Albino Silva.

Com a certeza de que este amigo acabaria por convencê-lo estendi-lhe a mão, dizendo-lhe:

— O ponto de reunião é amanhã, ás 9 horas, na Portagem.

Vim no outro dia mais cedo para a oficina, onde se me juntou o Tomaz, muito enternecido, *havendo falado na véspera, ainda com o amigo*<sup>211</sup> Albino Silva; partimos ambos Couraça abaixo, dizendo-lhe que seguisse [pela] rua das Fangas, para me dar tempo de falar com Mestre Gonçalves, *que se encontrava já no ponto de reunião combinado*<sup>212</sup>, pontual como sempre. Quando me viu perguntou-me logo, ansioso:

— Quem vem mais?

Respondi:

— O Senhor Tomaz da Fonseca.

Ele resistiu, cheio de melindres que eu desfiz e *continuei dizendo*<sup>213</sup>:

— Agora V. Ex<sup>a</sup> cumprimenta-o como ontem se tivesse despedido, como bons amigos.

Neste momento, aparece o Senhor Albino pretendendo dar explicações da parte do Tomaz, ao que ele respondeu:

— Está bem, está bem, já disse aqui ao Almeida que venha ele...

Quando ele apareceu vinha cheio de receios mas, ao reparar que todos estávamos bem dispostos, quiz, como o Albino, dar explicações que o Mestre não quiz ouvir, muito satisfeito disse:

— Bem, vamos embora que são horas.

Foi-me proposta a entrada para o Conselho de Arte, aceitei, porque assim o exigiam os interesses do Museu, por isso, na sua sessão de 16 de Outubro, foi a proposta aprovada por unanimidade e introduzido pelos Senhores Vogais Major Belisário Pimenta, Doutor Joaquim de Carvalho e Albino Caetano da Silva, [fui] recebido com uma salva de palmas, como novo Vogal.

Nesta memorável sessão, o senhor Gonçalves afirmou estar esgotado de forças e não poder exercer uma fiscalização activa e necessária ao Museu e por isso propunha que fossem nomeados de entre os Vogais, 5 para com ele, cada um dispôr um dia por semana para o auxiliarem.

O Conselho aceitou a proposta, que achou muito justa, mas os Senhores Doutores Joaquim de Carvalho e Alberto Pessoa expuseram que essa Comissão se reduzisse a um só Vogal que estivesse mais ao corrente das necessidades do Museu e mais em contacto

---

<sup>211</sup> «...e havia na véspera falado ainda com o amigo...», no manuscrito.

<sup>212</sup> «...lá estava já...», no manuscrito.

<sup>213</sup> Acrescento do dactilógrafo revisor.

com o seu Director e *que não podia*<sup>214</sup> ser outro senão o Senhor Lourenço Chaves de Almeida; todos aprovaram a proposta de auxiliar, junto do Senhor Gonçalves.

Agradei a honrosíssima escolha, pela confiança que o Conselho começava a depositar em mim logo de entrada.

O Viana suspeitou que pretendiam propôr-me para o Conselho de Arte, no lugar do João Machado, como representante da Escola Livre, porque este havia morrido, e para impedir isso começou de acirrar os sócios contra mim para que a Escola me não propusesse mas, quando souberam que eu havia já sido proposto, não pela Escola, mas pelos meus dotes próprios, ficou furioso.

Agora, na qualidade de Vogal do Conselho, já não devia calar os avisos do senhor Dr. Bissaia Barreto e um deles era a oferta de 400 azulejos mudejares, [a si feita] pelo Viana e perguntando-lhe o Dr. aonde os ia buscar, ele lhe respondeu:

— No fundo do Museu, há lá muitos, V. Ex<sup>a</sup> quere-os?

Como o Dr. os não quizesse, foi oferecê-los ao Senhor Guimarães *Pedrosa*<sup>215</sup>, que os não aceitou porque lhe pediu 5\$00 por cada um.

Contei isto ao Senhor Gonçalves, no dia 26 de Outubro, e indo à *arrecadação deu por falta, realmente*<sup>216</sup>, de muitos azulejos; logo as informações do Senhor Dr. Bissaia eram confirmadas, *foi*<sup>217</sup> para o seu gabinete e escreveu numa folha de papel a falta dos azulejos e mostrou-me esse papel em que relacionava certos roubos atribuídos ao Viana.

Quando vi esse documento, tanto à mão de poder ser roubado no primeiro momento pelo interessado, *isto é, pelo Viana*<sup>218</sup>, disse-lhe:

— Mas V. Ex<sup>a</sup> não deve ter este papel aqui.

Respondeu-me:

— É também para ele ler e moderar os roubos.

Ingénua Creatura, como se este homem fosse capaz de se modificar com tão leal proceder!

Pedi-lhe que me confiasse esse documento à minha guarda, tenho-o aqui, escrito como está pela mão do Querido Mestre.

Depois de tudo isto o meu empenho era a nomeação do Presidente do Conselho, as minhas vistas estavam pousadas no Senhor Major Belisário Pimenta; falei nisso ao Senhor Tomaz que, um pouco contrariado, me disse:

— Acho muito bem, quererá ele aceitar?

Respondi-lhe não saber mas era *necessário*<sup>219</sup> falar-lhe, ficou de o sondar ele mesmo e eu por minha *parte fiz outro tanto*<sup>220</sup>.

---

<sup>214</sup> «...e que esse não podia...», no manuscrito.

<sup>215</sup> No manuscrito este apelido indicia ser Pedro, posto que o final não é inteligível.

<sup>216</sup> «...foi comigo à arrecadação e realmente deu por falta de...», no manuscrito.

<sup>217</sup> «...veio...», no manuscrito.

<sup>218</sup> «...pelo interessado, disse-lhe:», no manuscrito.

<sup>219</sup> «...era preciso...», no manuscrito.

<sup>220</sup> «...por minha vez fiz o mesmo...», no manuscrito.

Reuni, na Praça Velha no escritório do Senhor Albino Silva, com o Senhor Major, primeiro falei-lhe das roubalheiras do Viana, depois da necessidade de o elevar à presidência do Conselho, a que opôz certos escrúpulos por causa do Tomaz, dizia ele, mas sabendo [eu] da minha conversa com ele havida aceitaría quando fosse da Sessão.

Depois falámos largamente na substituição de Mestre Gonçalves na direcção do Museu, visto ele ter atingido o limite de idade há muito, era a meu ver um grande bico de obra. Lembraram o Senhor Dr. Aarão de Lacerda, concordei com esse nome, mas era preciso que ele viesse para Coimbra, mas o Senhor Dr. Ribeiro de Vasconcelos me garantira já que [ele] não abandonaria o Porto.

Eu então *indiquei*<sup>221</sup> o nome do meu patrício, o Senhor Dr. Vergílio Correia, que foi bem aceite, mas era preciso ouvir o que a tal respeito diria Mestre Gonçalves, fiquei de o consultar.

De volta da eleição do Presidente, desenvolvi uma actividade de verdadeiro **cacique**, falando a todos os membros do Conselho, que estavam satisfeitos com o nome do Senhor Major Belisário Pimenta.

Chegou o dia da Sessão, eu havia pedido ao Senhor Tomaz para fazer ele a proposta do nome do amigo e assim fez, tendo sido eleito por unanimidade; respirei de satisfeito porque havia vencido<sup>222</sup> uma grande campanha, era, *por assim dizer, a primeira ofensiva*<sup>223</sup> desencadeada contra o reinado do Viana *dentro do Museu*<sup>224</sup>.

Consultei o Mestre Gonçalves, nesse mesmo dia, *acerca*<sup>225</sup> do nome do novo Director que o teria de substituir e citei-lhe o do Dr. Vergílio Correia, respondeu-me *com azedume*<sup>226</sup>:

— Não serve, procurem outro.

Mudando, acto contínuo, de conversa, deixando-me embaraçado.

Do resultado desta tentativa dei conhecimento aos meus amigos na Praça Velha que, como eu, ficaram muito desapontados, perguntando-me:

— Mas quem quer ele que se nomeie?

Respondi:

— Não posso saber, nem mesmo prever, quais as razões que ele apresenta para tal recusa.

Voltei a insistir com o Mestre no nome do Dr. Vergílio Correia para Director, azedou-se comigo e disse-me:

— Procurem outro, esse homem não serve!

Eu, *porém*,<sup>227</sup> já muito aborrecido, retorqui-lhe:

— Faz favor de me dizer então quem há-de ser, não sendo o Dr. Vergílio?

Respondeu-me:

---

<sup>221</sup> «...atirei...», no manuscrito.

<sup>222</sup> «...ganho...», no manuscrito.

<sup>223</sup> «...era a primeira batalha...», no manuscrito.

<sup>224</sup> «...no Museu...», no manuscrito.

<sup>225</sup> «...sobre...», no manuscrito.

<sup>226</sup> «...azedamente...», no manuscrito.

<sup>227</sup> «...Eu, já muito...», no manuscrito.



— Aos Senhores é que isso *competete*<sup>228</sup>, procurem outro.  
Respondi-lhe, já bastante indisciplinado:  
— Quer V. Ex<sup>a</sup> que seja nomeado o Senhor Architecto Silva Pinto?!  
Sorrindo do meu agastamento, disse ainda:  
— Talvez fosse preferível.....  
Não desanimei, voltaria à carga na esperança de o vencer.

#### COMO DE UM ABUSO TIREI PARTIDO PARA PÔR FORA DO MUSEU O ANTÓNIO VIANA

No dia 11 de Novembro apareceu-me, na minha oficina da cerca de Sant'Ana, o empregado auxiliar do Museu, Luíz Ramos, que ao tempo não morria de amores pelo Viana, dizendo-me que este havia, toda a manhã daquele dia, andado com a servente limpando o anexo do Museu, conhecido pelo nome de Talho, que deita para a rua das Covas, com a intenção de nele meter mobiliário que comprara num leilão em Taveiro.

Agradei a informação e pedi-lhe que me puzesse ao corrente do que ele fizesse e quando o mobiliário lá fosse arrecadado.

Entretanto fiquei pensando no audacioso atrevimento do Viana, aproveitando-se da dependência do Museu para tal fim e calculei de que, atrevido como era, facilmente trocaria qualquer peça boa por uma sem valor. Ao meio da tarde desse *mesmo*<sup>229</sup> dia apareceu-me novamente o Luíz Ramos muito atarefado, dizendo-me:

— O homem lá meteu uma carrada de coisas.

Recomendei-lhe que nada dissesse, *eu falaria no caso ao Senhor Director*<sup>230</sup> para saber se ele autorizara isso.

No dia imediato, era sábado, quando cheguei ao Museu o meu primeiro cuidado foi verificar se a chave do Talho estava no seu lugar, lá estava *efectivamente*<sup>231</sup>; peguei nela e fui, sem que me vissem, *ver*<sup>232</sup> a casa e o que ela continha; as informações eram certas, perguntei ao Senhor Gonçalves se autorizara o Viana a servir-se dessa dependência do Museu; ficou *clamando*<sup>233</sup> aterrado, dizendo-me:

— Veja que atrevimento o desse homem!

Pedi-lhe que se calasse e meti a chave no bolso e, como o dia imediato era domingo e dia de Sessão do Conselho, daria conhecimento aos Senhores Presidentes do facto.

No dia 13 era a primeira reunião, apresentação e posse do novo Presidente. Ao chegar ao Museu reparei no Viana, muito agitado, dirigi-me ao empregado Tito

---

<sup>228</sup> «...pertence...», no manuscrito.

<sup>229</sup> «...desse dia...», no manuscrito.

<sup>230</sup> «...eu falaria ao Senhor Director nisso...», no manuscrito.

<sup>231</sup> «...lá estava; », no manuscrito.

<sup>232</sup> «...verificar...», no manuscrito.

<sup>233</sup> «...ficou alarmado e...», no manuscrito.

preguntando-lhe se sabia o que o outro andou fazendo no Talho, ficou muito atrapalhado e disse-me:

— O Senhor Almeida bem sabe que ele aqui dentro tem sempre feito o que quere, julguei prudente calar-me.

Ao que respondi:

— Não foi prudente, antes pelo contrário, eu é que devo ser informado de todos os abusos desse homem dentro do Museu, porque não entro aqui como antigamente, sou um auxiliar do senhor Director, posto pelo Conselho ao seu lado.

Chegavam os Vogais do Conselho a quem me reuni, reparando que o Viana, debaixo das arcadas, gesticulava com o Dr. Domingos de Miranda que, deixando-o, andava de grupo em grupo segredando coisas sublinhadas com um sorriso de entendimento.

Por fim chegou-se ao grupo de que eu fazia parte e, chamando-me *em particular*<sup>234</sup>, diz-me:

— O Senhor Almeida tenha cuidado, o António Viana disse-me que lhe havia de chegar com um cavalo marinho.

Respondi-lhe:

— O Viana é um homem alentado, pode engolir-me, mas há-de ser de cabeça, não devo caber na barriga, ficando-lhe fora da boca os pés para lhe retalhar a cara com eles, não tenho medo.

O Senhor Tomaz também me veio prevenir de que tivesse eu cuidado com aquela fera, encolhi os ombros, nem lhe respondendo e dirigi-me ao Senhor Major Pimenta, que acabava de entrar; subimos para o seu gabinete pondo-o *de seguida*<sup>235</sup> ao corrente do caso.

O Luiz Ramos veio, de fugida, prevenir-me de que o homem lhe havia dito que se o Senhor Gonçalves lhe falasse nisso o insultaria com tal violência que o **mataria** de desgosto.

Respondi-lhe:

— Há-de encontrar-me sempre na frente do Mestre, pronto a defendê-lo! Não tenho receio, cão que ladra...

Terminada a Sessão saí em companhia de Mestre Gonçalves, que resolvi não desamparar e com os Senhores Albino Silva e Major Belisário Pimenta, deixando o Mestre na Rua dos Coutinhos, com a recomendação de não receber o Viana.

Toda a semana *leve* *insistindo*<sup>236</sup> com ele no nome do Dr. Vergílio para Director e, de tanto lho impor, acabou por se abrir, dizendo-me:

— Os Senhores não conhecem o Vergílio, andam enganados avolumando os seus méritos em assuntos de Arte. Ele é apenas um etnográfico, não sabe nada do significado deste Museu e é homem para não atender aos conselhos de ninguém, pois é muito senhor do seu saber.

---

<sup>234</sup> «...de parte...», no manuscrito.

<sup>235</sup> «...pondo-o ao...», no manuscrito.

<sup>236</sup> «...insisti...», no manuscrito.

Objectei-lhe que cá estava eu, como auxiliar do Director. Vira-se para mim, muito enfadado, dizendo:

— O Museu em breve perderá o seu carácter de Arte industrial, vai enchê-lo de toda a cacaria vinda de Condeixa-a-Velha; no entanto, se ele se compromete a vir residir para cá, então nomeiem-no, desinteresse-me...

Contei isto aos meus amigos na Praça do Comércio<sup>237</sup>, ficando assente a nomeação, mas pedi se demorasse até eu poder ir a Lisboa, remover os obstáculos que lá ele (Vergílio) tinha, que certamente se oporiam os Senhores Drs. José de Figueiredo, Afonso Lopes Vieira e o Mestre Luciano Freire.

Na Sessão do dia 20, apresentei uma exposição de factos graves, que terminava com estes quatro quesitos:

- 1º - Suspensão imediata do Secretário do Museu Machado de Castro, António Viana;
- 2º - Oficiar, pedindo um inquérito, para averiguar da acção, zelo e probidade do mesmo funcionário;
- 3º - Proibir a sua entrada no Museu, até que superiormente seja autorizado a isso;
- 4º - Visto que não é possível, com dois empregados apenas, policiar convenientemente um Museu desta categoria, pedir a verba necessária para contratar mais três empregados da confiança do Conselho de Arte e do Director do Museu.

Sala das Sessões em Coimbra, 20 de Novembro de 1927.

Em vista da gravidade das acusações o Conselho apoiou-me.

O Senhor Dr. António da Costa Rodrigues propôz telefonar ao Senhor Ministro, para receber delegados do Conselho, com a missão de lhe expor a gravidade dos casos; para isso era conveniente, desde logo, nomear de entre os Vogais presentes a comissão.

O senhor Coronel Abel Urbano propôz:

— *Logo que* <sup>238</sup>haja quem me acompanhe, vou lá eu.

Tudo se calou e eu, receiando que a oportunidade fugisse e perante tal silêncio, pedi licença e disse:

— Se não acharem inconveniente acompanho eu o Senhor Coronel nessa missão.

O Conselho respirou aceitando a proposta.

O senhor Coronel não descansou e tivemos várias conferências<sup>239</sup>, na sua repartição, para combinarmos certos detalhes.

---

<sup>237</sup> [Praça Velha].

<sup>238</sup> «Haja quem ...», no manuscrito.

<sup>239</sup> «...encontros...», no manuscrito.

Partimos para Lisboa, levava-me lá o duplo fim [do caso do Viana] e o de remover os obstáculos que surgissem<sup>240</sup> à nomeação do Dr. Vergílio.

Juntei-me no Ministério da Educação Nacional ao Senhor Coronel, sendo logo introduzidos no gabinete do então Ministro e Senhor Dr. Alfredo de Magalhães, homem de larga visão para a sua pasta, falando muito em vários assuntos, entre eles o da repartição dos Monumentos Nacionais; esta conversa não teria fim porque o Senhor Coronel, cheio de delicadezas, escutava com muita atenção.

Eu interrompi a conversa chamando, delicadamente, a atenção para a missão *que ali nos levava*<sup>241</sup>; o meu colega expôs nitidamente o caso, cujas acções de tal empregado o Senhor Ministro já conhecia, por intermédio dos seus particulares amigos os Senhores Dr. José de Figueiredo e Luciano Freire<sup>242</sup>, perguntando, cheio de interesse;

— Que querem primeiro desde já?

O senhor Coronel explicou, primeiro a suspensão do empregado, segundo nomear o Dr. Tomé, Professor do Liceu de Coimbra, para sindicar os actos do empregado.

Entregando uma exposição, previamente feita, ao Senhor Ministro que prometeu que quando chegássemos a Coimbra já teria suspenso o homem por telegrama; cumpriu e *o empregado foi, de facto, imediatamente*<sup>243</sup> suspenso.

Aproveitei *então a minha estada ahí, na Capital*,<sup>244</sup> para remoção dos tais obstáculos, primeiro foi o Dr. José Figueiredo, que me prometeu não fazer oposição em respeito ao Senhor Gonçalves, da parte do meu amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira, uma completa neutralidade, visto eu estar empenhado na nomeação do Dr. Vergílio Correia.

Fui com minhas filhas, que me haviam acompanhado a Lisboa, falar ao Mestre Luciano Freire, estava no seu atelier, recebeu-me muito bem, falei-lhe no **tríptico** de Santa Clara, que estava para beneficiar e fazer a moldura, mostrou-ma, estavam dou-rando-a; depois expuz-lhe o especial fim da minha missão junto dele, falando-lhe do Dr. Vergílio Correia para Director do Museu, foi como se o tivesse picado!

Seria grosseiro e inconveniente se as minhas filhas ali não estivessem, desabafou dizendo:

— Os Senhores não sabem quem é o Dr. Virgílio, ele dissimula, como o fez com o que foi, por muito tempo seu mestre, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, sobre quem despejou um balde de sujidades. Foi creado no Colégio de Campolide, tem todas as manhas dos frades de S. Fiel, não perdoa nunca; diga ao Senhor Gonçalves que dele receberá a paga, mais tarde ou mais cedo, porque ele não respeita ninguém.

Amaciei quanto pude as asperezas da rudeza das suas palavras que se me afiguravam serem sinceras e justas, mas apresentei, em nome de Mestre Gonçalves, o pedido de não se opor à nomeação do Conselho de Arte, por ter sido o nome sugerido pelo Mestre, ele só me disse:

---

<sup>240</sup> «...a remoção dos obstáculos à nomeação...», no manuscrito.

<sup>241</sup> «...para a nossa missão...», no manuscrito.

<sup>242</sup> «e mestre Luciano Freire...», no manuscrito.

<sup>243</sup> «...cumpriu e foi suspenso...», no manuscrito.

<sup>244</sup> «Aproveitei a minha estada ahí...», no manuscrito.

— Está bem, diga ao Senhor Gonçalves que nada direi ao Ministro, que *espera*<sup>245</sup> a nomeação, mas que lhe garanto, desde já, há-de receber a paga deste homem, ingrato para todos.

Minhas filhas, que a esse tempo não conheciam o Dr. Vergílio, ficaram fazendo a seu respeito a pior ideia.

Voltei a Coimbra com a campanha diplomática ganha e dei disso conhecimento aos amigos Major Belisário Pimenta e a seu tio Albino Caetano da Silva.

Quando cá cheguei, tive conhecimento da suspensão das funções de Secretário, o cavalheiro António Viana que, na minha ausência, mandara pedir para lhe entregarem o seu depósito de móveis.

Tive logo conhecimento de que esse homem, que andava a ferro e fogo com o Senhor Tomaz da Fonseca, o procurara em sua casa caindo nos braços um do outro!... bem avisado andei em desviar a presidência dele no Conselho de Arte.

Voltando atrás um pouco.

Depois de fazer as pazes dele com Mestre Gonçalves, mostrou-me uma fotografia, tirada pelo filho, de um santo Antão (?), dizendo-me:

— Ando muito empenhado em conseguir do padre da minha aldeia a cedência desta imagem para o Museu, agradará a Mestre Gonçalves?

Examinei a fotografia e tive a franqueza de lhe dizer que se tratava de uma imagem do século XIV, esta revelação alarmou o homem e um dia em que estavam juntos e ele se calara disse-lhe:

— Então amigo e Senhor Tomaz, mostre lá essa fotografia do Santo que diz pretender arranjar para o nosso Museu. Notei que o entusiasmo da véspera havia desaparecido e foi contrariado que a mostrou.

Mestre Gonçalves viu-a e gostou, dizendo:

— Muito bem, V. Ex.<sup>a</sup> presta um assinalado serviço, como membro superior do conselho de Arte e amigo do Museu, arranjando esse exemplar para enriquecer a nossa galeria medieval.

Soube, mais tarde, que essa imagem já estava em casa do Tomaz mas não vinha para o Museu, foi preciso dar-lhe um impulso diante do Senhor Gonçalves, dizendo-lhe:

— Já sei que essa falada imagem está em sua casa, venha que estamos mortos por a ver.

Ficou muito embaraçado e, por fim, disse:

— É verdade... mas o meu filho gostou tanto dela que está com pena de a largar.

Retorqui-lhe logo:

— Mas então o padre não a cedeu, como V. Ex.<sup>a</sup> disse, para o Museu?

Julgo ter-se esquecido desse pormenor, porque ficou muito atrapalhado, dizendo:

— Sim, sim, eu trago-a.

E trouxe, realmente, essa pequena imagem, que ficou na galeria medieval.

Volto a mexer neste **esterco**: o Viana.

---

<sup>245</sup> «...impeça...», no manuscrito.

A seguir ao telegrama foi decretada a sindicância aos actos do Viana e nomeado, para isso, o Dr. Tomé que passados dias se escusou, porque sendo ele um homem recto de carácter austero, não quiz ceder à pressão que o Senhor Dr. Sílvio Pélico, seu amigo pessoal, lhe impunha porque o Viana foi chorar-se junto dele, dizendo-lhe que estava velho e quasi cego e lhe pretendiam tirar o pão.

O Senhor Major Belisário Pimenta, como visse falhar esta nomeação, falando com o Senhor Director Geral sobre o caso, sugeriu-lhe o nome do Senhor Capitão Correia Cardoso, que foi nomeado sindicante.

O Dr. Vergílio Correia comprometeu-se a mudar a sua residência definitiva para Coimbra; em vista disso foi proposto, por aclamação, Director do Museu Machado de Castro; nessa sessão apareceu o Vogal Francisco de Almeida Moreira, Director do Museu Grão Vasco de Viseu, foi uma surpresa para mim, que viria ele cá fazer?!..

No dia imediato foi o Senhor Presidente do Conselho visitá-lo ao Hotel Aviz(?) e na mesa em que estava almoçando estava também o Senhor Juiz da Comarca, Dr. Cupertino Pires e ao verem entrar o Senhor Major trocaram entre si um olhar de inteligência a que só mais tarde o Senhor Presidente ligou.

Ao mesmo tempo que seguia a sindicância, seguia paralela uma acção judiciária pelo Juiz de Investigação Criminal, Dr. Bessa Aragão, cuja participação viera fazer o oficial do Senhor Juiz, Artur Pereira Pinto, a casa do senhor Major, estando eu presente.

Tive que partir novamente para Lisboa, onde recebi uma carta do Senhor Major informando-me de que havia sido feita uma busca em casa do Viana mas que o Senhor Juiz se enganara e intimara a comparecer a essa busca o **Dr. Matos Chaves**, mas que dera bom resultado apreendendo muitas coisas pertencentes ao Museu e que ele declarara *ter-lhas dado o Senhor Gonçalves*<sup>246</sup>.

Este engano, que ao Senhor Major divertia pelo embaraço do Dr. Matos Chaves, a mim sobressaltou-me, porque se perdia a ocasião de eu identificar os paramentos e alvas de linho que faltavam nas arrecadações e o Senhor Gonçalves dizia ser em grande quantidade.

No dia 13 de Outubro de 1928 fui intimado a comparecer junto do senhor Juiz Aragão, que eu só de vista conhecia, expondo-lhe, em largos traços, todo o caso do Viana e a escandalosa protecção que gente limpa lhe dispensava, o que era para mim um enigma indecifrável porque bem no fundo da consciência dessa gente honesta, o Viana era para eles um ladrão e, por isso, não compreendia essa escandalosa protecção.

O meu depoimento fora reduzido a auto e levava três dias a escrever, isto é, três noites, das 16 às 20 horas, frisando em especial o que sobre os azulejos me disse o Senhor Dr. Bissaia Barreto e a prevenção deste quando me dizia que o Viana jogava à larga na Curia e que sabia que só numa noite ali perdera **um conto de réis**, o que era muito para um empregado como ele.

O Viana não descansava, era informado do nome das testemunhas chamadas a depor e arranjava forma de as peitar, o informador era o Senhor Inspector da Policia, Eurico de Campos, uma prova:

---

<sup>246</sup> « ...ele declarara o Senhor Gonçalves ter-lhe dado.», no manuscrito. Correção do Autor.

Uma noite, saindo da Policia, regresssei a casa em companhia das minhas filhas, no mesmo eléctrico seguia o Eurico Campos, que morava para os lados do Breijo, na estrada de S. Sebastião, passando-me à frente eu notei que um vulto dele se aproximara e que deitou a correr pela estrada abaixo, reconhecendo nesse vulto ser o Viana.

Evidentemente que ele ia saber do amigo novidades sobre o andamento do processo e no dia imediato preveni o Senhor Juiz Aragão.

Quando uma das vezes eu fazia o meu depoimento reparei que o reposteiro, atraz da cadeira, se agitava levemente, fiz sinal ao Senhor Juiz e ele puxando-o de repente viu, perfilado por *detráz de si*<sup>247</sup>, o Eurico de Campos que, muito atrapalhado, perguntou ir saber se se podia retirar.

O Juiz compreendeu então que era espiado pelo seu *subordinado*<sup>248</sup>. Esse abuso de confiança foi recompensado com a demissão do seu lugar de Chefe da Policia de Investigação Criminal...

Em 18 de Fevereiro de 1928, avisaram-me de que estava no Quartel General uma nota transferindo-me para Évora, por conveniência de serviço, suspei de sua origem, dei parte de doente e falei ao Senhor Sub-Chefe do Estado Maior, Major Mano, que me apresentou ao Senhor Chefe [do Estado Maior]. Era o Senhor Coronel (?), que não conhecia e perguntou-me, depois de ler a nota, se eu era político; contei-lhe que essa ordem servia manejos ocultos e contei-lhe:

Está correndo uma sindicância contra um empregado do Museu Machado de Castro, a esse empregado não convém o meu depoimento,

— por isso arranjou, com um oficial que é sobrinho *da sua amante*<sup>249</sup> e está prestando serviço na 2ª Repartição do Ministério da Guerra, a minha transferência. Eu, actualmente, sou professor de desenho na Penitenciária, Tesoureiro do Conselho de Arte e Arqueologia, Auxiliar do Director do Museu Machado de Castro e além disso tenho na oficina um 2.º Sargento artífice supra.

Ouviu-me atentamente e depois disse-me:

— Vá descansado, o nosso General vai com certeza interessar-se pelo caso.

O que é certo é que só descansei quando cheguei à oficina e recebi a resposta a um telegrama que, para a Secretaria da Guerra, enviei ao meu amigo e Senhor Capitão Olímpio de Melo, chefe da 1.ª Repartição, em que dizia *ter sido suspensa*<sup>250</sup> a minha transferência.<sup>251</sup>

Dei disto conhecimento ao Senhor Major Belisário Pimenta, que foi logo falar ao Quartel General. Com este *esterco*, Viana, tenho dado uma grande maçada aos meus *ouvintes*<sup>252</sup>, perdoar-me-ão porque ainda desejo dar mais alguns esclarecimentos para a história do Museu.

---

<sup>247</sup> «...por traz dele...», no manuscrito.

<sup>248</sup> «...pelo seu chefe.», no manuscrito.

<sup>249</sup> «...sobrinho da amante do empregado...», no manuscrito.

<sup>250</sup> «...fora suspensa...», no manuscrito.

<sup>251</sup> Nota do Capitão Melo. Espólio de LCA, na Casa Rural Quinhentista.

<sup>252</sup> [leitores].

Um dia Mestre Gonçalves recebeu a seguinte carta (Memorial):

Exmo. Mestre

«Perdi os velhos hábitos da convivência com os jornais, porque *pouco*<sup>253</sup> prazer me dá actualmente a prosa tamizada pelo critério das conveniências policiais Di-lo V. Ex.<sup>a</sup> no seu belo artigo do *Diário de Notícias*, palavras que são a demonstração evidentiíssima do seu espírito, sempre moço e do seu coração arreigadamente liberal, numa hora estupenda em que vivemos ludibriados, atagantados, tiranizados, em República, mas sem República.

Soube V. Ex.<sup>a</sup>, com tão escaldantes como nobilitantes palavras gritar o seu nojo e protestar contra **aquilo** que vilipendia a nossa consciência de homens livres.

E fê-lo com a maior das energias, dando aos novos um enormíssimo exemplo de grandeza de carácter. Muitas e muitas felicitações.

Mas... portas adentro do estabelecimento que V. Ex.<sup>a</sup> superiormente dirige passam-se factos que carecem de ser reprimidos com igual energia.

Está ahí constituído um tribunal veneziano. Os acusadores armaram-se, também, em testemunhas e pretores.

Ao pretório vai subir um subordinado de V. Ex.<sup>a</sup>, a única entidade que, em harmonia com o Regulamento dos funcionários públicos, podia requerer, instaurar ou mandar instaurar processo disciplinar, contra o seu subordinado, pedindo eles, **a estranhos** uma sindicância?

Havendo dificuldades na escolha do *inquiridor*<sup>254</sup> os acusadores, que são **tropas**, foram também buscar um tropa, monárquico conhecido e que mascararam com o titulo de doutor... Doutor **in partibus infedlus**<sup>255</sup>.

E assim se pretende roubar o pão a um homem que tem por crime, o crime de ser republicano e por agravante, a agravante da atitude que tomou naquele célebre comício da Sé... pelo caso de São João d' Almedina.

É bem certo que os jesuítas não perdoam nunca. Os ventos estão-lhes *próprios*<sup>256</sup> e eles vão molhando a vela... enquanto o mar é bonançoso.

Que seja V. Ex.<sup>a</sup> a requisitar a sindicância e a formular as acusações é lógico e é justo mas, que uma entidade estranha o faça, representa tão somente querer passar por cima de V. Ex.<sup>a</sup>, o que é inadmissível, visto que V. Ex.<sup>a</sup> é **alguém em Portugal**, alguém que merece a consideração e o respeito e que, por isso mesmo, não pode ser espelhado pelos pigmeus que V. Ex.<sup>a</sup> fez subir aos píncaros da arte e da arqueologia! Não V. Ex.<sup>a</sup> com a sua energia moça, vai, sem dúvida, reprimir a afronta e ao depois, requerer contra o seu subordinado a sindicância.

Os seus amigos e os seus admiradores assim o esperam pois, revoltando-se V. Ex.<sup>a</sup> contra as conveniências de caserna e de sacristia! Um sincero admirador».

---

<sup>253</sup> «...porque fraco prazer...», no manuscrito.

<sup>254</sup> «...inquisidor...», no manuscrito.

<sup>255</sup> «...In partibus infedluns...», no manuscrito [in partibus infidelium].

<sup>256</sup> «...propícios...», no manuscrito.



Leram? Não faço comentários, apenas sinto a mão do oficial do Conselho de Arte e Arqueologia, Dr. Domingos de Miranda, que havia sido dispensado de assistir às sessões, para não informar o amigo.

Mestre Gonçalves respondeu e muito bem, ao sincero admirador, publicando e fazendo distribuir um panfleto que tem por título:

«Sindicância ao pseudo Secretário do Museu Machado de Castro».

Cujo primeiro parágrafo dizia:

«...o meu depoimento, que conveniente seria fosse detalhado e extenso, vou sumariamente resumi-lo no laconismo de alguns tópicos...».

Tem passagens como esta:

«...a transformação moral foi completa e escandalosa. Leviano e atrevido, o Museu convertia-se para ele em agência comercial. Era a indisciplina audaz e bruta! Nenhuma consideração de pragmática a graduação de categoria oficial. O Director era deprimido constantemente, em insinuações e blagues acintosas!... Por actos de rebelião e indisciplina, ímpetos violentos e insolentes de fanfarrão, comprazia-se em alardear a sua independência. Na sua inépcia, esses conflitos eram troféus de glória! etc...»

Esta situação durou anos! Pedir providências às entidades administrativas seria ingenuidade. Foram os políticos que o alcandoraram a secretário do Museu, em cujo quadro tal cargo não existia!... Achava-me no dilema de Gambeta, assestado contra Mac-Mahon – ‘Sujeição ou Demissão’. Apelei então para o Conselho de Arte e Arqueologia, decidido a alijar o ingrato cargo e retirar-me em paz!...».

E terminava com esta nota:

«Isto é apenas o índice benévolo, o extracto atenuado dum interminável libelo de fraudes e petulâncias».

Com a publicação deste panfleto o Senhor Juiz Aragão não ficou satisfeito, mas juntou-o ao processo.

Depois de entregue o processo ao Senhor Juiz da comarca, Cupertino Pires, trouxe este de trabalhar para o arquivar, intimando Mestre Gonçalves a comparecer no Tribunal da Inquisição, para se acareado com o acusado!

Quando ele me contou da intimidação fiquei apreensivo e fui ter logo com o Senhor Major Belisário Pimenta e combinámos os dois acompanhá-lo às salas da Inquisição, contente aceitou a nossa companhia.

Quando ali chegámos já lá estava o Viana, muito atrevido, mandando recado ao juiz que chamou o Senhor Gonçalves e lá dentro altercava alto com ele e o Viana à porta escutava, esfregando as mãos de contente. Era a pressão do Almeida Moreira em marcha.

Mestre Gonçalves levava as suas declarações escritas para entregar ao Juiz que as não aceitou; fazendo entrar o Viana houve grande barulho, o juiz e o Viana altercavam asperamente, até que ouvimos dizer ao Mestre:

— Cedo mais uma vez por comiseração porque estou no fim da vida, serei mais uma vez generoso.

A certa altura foi preciso o processo, o juiz mandou o acusado por ele ao gabinete do escrivão, o Viana passou entre nós os dois com ele na mão, arrogantemente atrevido.

Eu revoltei-me, era demais e o Senhor Major igualmente maguado com a atitude do Juiz, quando o Mestre saiu da sala da Inquirição, julgámo-nos transportados ao século XVI, em que nesse enorme casarão foi *martirizada muita creatura*<sup>257</sup> com a moral e o valor do Mestre.

O juiz estava, abusivamente, no seu papel...

No regresso a casa contou-nos a pressão que sobre ele exerceram os dois, viu bem as intenções do juiz, teve a impressão de que se não fosse a nossa presença na sala *com certeza*<sup>258</sup> lhe faltariam ao respeito.

No outro dia escrevi uma espécie de relatório acusatório contra o juiz, expondo os factos, ainda que atabalhoadamente e fui falar ao Senhor Juiz Aragão que ao ler concordou, mas perguntou-me:

— A quem dirige o Senhor isto? É muito sério, assina-o?  
eu respondi-lhe:

— Oh Senhor Doutor, não foi minha intenção, nem está no meu feitio servir-me do anonimato, assumo a responsabilidade do que digo.

A minha queixa (exposição) estava formada por 16 parágrafos e foi dirigida ao Exm.º Senhor Presidente do Conselho Superior Judiciário, datada de 17 de Abril de 1929 e registada com o n.º 6006, em que insistia frisando que o Senhor Juiz Pires andava fazendo instrução contraditória a favor do arguido, sem lhe ter sido requerida. Qual seria o resultado desta minha queixa? Não o soube, mas o que me constou, como certo, é que o Juiz Pires havia sido transferido para o Porto, para um lugar de categoria inferior à que aqui tinha e o processo havia sido arquivado...

Junto à cópia da minha queixa, encontro uma nota datada de 6 de Julho desse ano, em que escrevi o seguinte:

Encontrei hoje o Sr. Capitão Correia Cardoso, que me falou do caso Viana, dizendo que o Juiz Pires lhe havia escrito uma carta pedindo-lhe cópia do Relatório da sindicância e que lhe respondeu, que terminado o processo o remetera à Direcção Geral de Belas Artes, que fizesse o seu pedido ao Senhor Ministro da Educação Nacional. Fica assim arrumada esta revoltante questão de favoritismo descarado ao ladrão, que durante muitos anos desfalcou os haveres artísticos do Museu Machado de Castro...

*Antes de remeter a nota, isto é, a minha queixa ao Senhor Presidente do Conselho Superior Judiciário, apareceu-me na oficina de Sant'Ana, o meu amigo o Doutor Angelo da Fonseca a quem mostrei a queixa e dele tive todo o aplauso. Era acompanhado pelo seu architecto Raul Lino, que veio para ver se eu havia compreendido o projecto das ferrarias para o Palácio da Estrela, com cujo trabalho ficou satisfeito e disse:*

— É um trabalho magnífico de ferreiro.

*Com esta apreciação o Senhor Doutor ficou satisfeito e animou-me a continuar, mas que não desamparasse o Velho e Ilustre Mestre Gonçalves.*

*Estes trabalhos, nas casas do senhor Doutor Angelo da Fonseca e Doutor Bissaia Barreto, são obras que ficam marcando para o futuro o enérgico temperamento do ferreiro, como o*

---

<sup>257</sup> «...martirizadas muitas creaturas...», no manuscrito.

<sup>258</sup> «...na sala contígua lhe...», no manuscrito.

*ourives do ferro trabalha com as mesmas mãos com que faz as jóias do ferro... peça para que se não esqueçam disto!*<sup>259</sup>

No dia 24 de Dezembro de 1928 comparecia na Igreja de Santa Cruz uma Comissão encarregada de separar os objectos julgados de valor artístico e arqueológico, para recolherem ao Museu Machado de Castro. Essa Comissão era composta pelos Senhores António Augusto Gonçalves, Belisário Pimenta, Tomaz da Fonseca, João Gaspar Simões e Lourenço Chaves de Almeida,<sup>260</sup> do Museu e Conselho de Arte, o Senhor Comissário de Polícia, o Presidente da Junta de Freguesia, Ferreira Cortinhas e o Prior da igreja.

Estes dois últimos representavam a Comissão do culto.

As exigências do Prior foram de tal forma absorventes, que mereceram os protestos do senhor Presidente do Conselho, o que motivou o abandono da sala pelo Prior. Lavrou-se o respectivo auto de entrega, encarregando a Junta de ficar depositária até recolherem ao Museu.

Uma segunda Portaria do Ministério da Educação mandava que se fizesse entrega à Comissão do Culto da Igreja de Santa Justa de tudo o que estava em poder da de Santa Cruz.

Esta Portaria deu origem a um ofício protesto do Senhor Presidente do Conselho de Arte, Major Belisário Pimenta, em que a dar-se cumprimento à sua doutrina, ficariam os interesses do Estado absorvidos pelos Clericais e que estas questões dos Bens das igrejas só ao Ministério da Justiça e aos Cultos competia.

Esta resposta deu origem a que S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro suspendesse das funções de Presidente do Conselho de Arte o Senhor Major Pimenta e se procedesse a eleições.

Logo a seguir foi publicada uma outra Portaria, mandando entregar tudo à Comissão do Culto, ficando esta depositária, até ser feita escolha e entrega ao Museu Machado de Castro.

Estas coisas, porque o Conselho de Arte e Arqueologia da 2.<sup>a</sup> Circunscrição tão ciozo era, serviram de base à extinção dos Conselhos de Arte em Portugal, uma das melhores e mais úteis obras da República...

Como já disse, eu havia atingido o limite de idade, mas a repartição de engenharia estava empenhada em que eu tomasse conta do portão para a fachada do Quartel<sup>261</sup>, fiz o desenho, que foi aprovado, principiando com a obra. Este trabalho levou-me  *muito*<sup>262</sup> tempo a fazer, mas a oficialidade do Batalhão, entre a qual eu contava com poucas simpatias, como já demonstrei, começaram a *olhar*<sup>263</sup> que eu me estava demorando demais no Quartel, formaram uma aberta resistência para me empurrarem pela porta fora como importuno.

---

<sup>259</sup> Nota manuscrita do Autor, que se encontra junto do texto dactilografado, com a indicação do local da sua inserção.

<sup>260</sup> Há aqui, logo após o seu nome, no texto dactilografado, uma chaveta horizontal, como se o Autor pretendesse acrescentar mais um nome.

<sup>261</sup> Foto do portão do Quartel de Infantaria 23, hoje Quartel-general. Ilustração 31.

<sup>262</sup> «...levou-me tempo...», no manuscrito.

<sup>263</sup> «...começaram a achar que...», no manuscrito.



Ilustração 31 - Portão central do Quartel Inf. 23  
hoje Quartel-general

Apareceu-me um dia na oficina o Senhor Dr. Rocha Manso, meu velho amigo, a prevenir-me de ter assistido a uma conversa entre os oficiais que *perguntavam*<sup>264</sup> porque era tanta protecção, visto eu ter já passado à situação de reformado e continuar no Quartel servindo-me das ferramentas, ele então disse-me:

— Oh Almeida saia daqui! Eu dou-lhe, no Bairro Operário, terreno para você fazer lá uma oficina e vá para lá; deixe esta tropa.

Sensibilizou-me a grandeza desta amizade mas respondi-lhe:

— Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>, já ando a fazer a minha oficina na estrada do Tovim, junto à minha casa, logo que esteja pronta vou-me embora, mas antes devo acabar o portão que estou fazendo para o centro da fachada do Quartel. Peça-lhe que não diga as razões porque ainda cá estou.

O Senhor Major *Rasoilo*<sup>265</sup>, que interinamente comandava o Batalhão, para comigo<sup>266</sup> uma atitude um pouco violenta, mas enfim, era a intriga que de cima vinha. Passaram-se

---

<sup>264</sup> «...oficiais que diziam...», no manuscrito.

<sup>265</sup> «...Razoilo...», no manuscrito.

<sup>266</sup> «...teve também para comigo...», no manuscrito.

uns mezes, quando me apareceu na oficina o Senhor Major Ramires, disse-me que vinha da parte do Senhor Comandante com uma missão, que era a seguinte: Que ele sabia a pressão que me estavam fazendo, que se dizia lá por dentro que eu me servia das ferramentas da unidade e não as entregava ao artífice que me veio suceder.

Mostrei ao senhor Major as ferramentas regimentais dentro da arca regimental, as minhas é que andavam a uso, respondeu-me:

— Eu sabia disso e informei-o a esse respeito e ele manda dizer que o autoriza a trabalhar na oficina enquanto quizer, mas que o responsável oficial era o outro artífice.

Respondi-lhe:

— Peço a V. Ex<sup>a</sup> para agradecer ao Senhor Comandante o favor que me faz e que <sup>267</sup>aceito, porque estou a acabar o portão<sup>268</sup>, o que deve coincidir com o acabamento também da minha oficina, eu deixo isto porque sei não ser desejável...

Depois de ter saído o Senhor Major Ramires, fiquei pensando nas palavras do grande Mestre Victor Hugo: «Passos de coxo são como olhares de vesgo, nunca chegam com presteza ao alvo». Foi o que sucedeu à alavanca da conspiração contra mim.

Aqui a melhor oportunidade dizer que, quando se acabou a oficina que haviam mandado fazer **para Mim, por se tratar de Mim**, à data em que isso se deu e a festa que me foi feita, como está bem marcado no meu livro de visitantes, é o seguinte:

«Termo de abertura do livro dos meus Ilustres Visitantes. Devo o conforto que desde hoje respiro na Minha nova oficina ao esforço e boa vontade aos meus Exmos. Comandantes e Senhores João de Moraes Zamith e José Torcato Ramires de Leiria e ao falecido Engenheiro Senhor Tenente Coronel Meireles Garrido, que junto dos Exmos. Senhores Ministros da Guerra, se empenharam para levar a efeito esta obra que eu recebo com carinhosa deferência e que profundamente reconhecido agradeço!

Lembro com justiça neste livro os nomes dos Exmos. Ministros da Guerra Fernando Augusto Freiria, que determinou e dotou a obra, Américo Olavo que, com elogiosas palavras em nota especial, [aprovou] o orçamento suplementar e ainda o Exmo Ministro Mimoso Guerra que, na sua última visita a este Regimento, mandou concluir a obra. É de justiça não esquecer o carinho com que o meu General Simas Machado auxiliou os meus Comandantes e Engenheiro, até ao seu acabamento, cuja inauguração se faz hoje. Em Coimbra, na cerca de Sant’Ana, aos 23 de Setembro de mil novecentos e vinte e cinco. Lourenço Chaves de Almeida, 1.º Sargento Espingardeiro do 23».

Não é [só] para esmagar os ódios que vieram, quatro anos depois, perseguir-me mas [também] para que fique aqui chumbado para o futuro, [com] uma orgulhosa honra transcrevo as primeiras páginas desse livro, que são os meus Ilustres pergaminhos, ganhos em 30 longos anos de Bons Serviços ao Exército e à Pátria. **Ei-las:**

- Ao entrar nesta oficina, no dia em que ela começa a funcionar, eu senti a grande satisfação de a ver concluída, depois de tanto ter pugnado pela sua construção e, muito embora a estreiteza das suas dimensões e a modéstia que revela não

---

<sup>267</sup> «...me faz, aceito...», no manuscrito.

<sup>268</sup> «...portão da entrada principal do Quartel,...», no manuscrito.

correspondam à grande envergadura do Artista a quem é destinada possa ela, ao menos, servir como de pequeno Templo de Arte, onde o génio inigualável do Almeida, possa continuar a manifestar-se em obras gémeas d'Aquela que, no Mosteiro da Batalha, causa admiração a quem a vê, são estes os votos sinceros do antigo Comandante do R.I. 23 - João de Morais Zamith, Coronel de Infa e Comandante interino da Divisão. 23-9-925.

- Ao artista do Lampadário, eu felicito e faço votos para que na sua nova instalação, continue a produzir obras de arte como a que se acha na Batalha que muito o honram, assim como ao Paíz. Comandante de Inf. 23 – José Torcato Ramires de Leiria, Coronel.
- Foi com imenso júbilo que me associei à visita de inauguração das oficinas de serralharia do grande cidadão e Mestre Sr. Lourenço Chaves d'Almeida. Para ele as melhores felicitações e a minha admiração pelas suas maravilhosas criações. Alberto dos Santos Monteiro, Major, Comandante do 5º Grupo de Metralhadoras.
- A. Augusto Gonçalves, amigo e admirador convicto do talento e méritos do Artista.

Transcrevi as primeiras páginas desse livro, que faz hoje o meu orgulho e serão amanhã a honra dos meus Netos. *É para esmagar os ódios que vieram quatro anos depois manifestar-se*<sup>269</sup>, empurrando-me dessa mesma casa para fora.

Pouco antes de ter abandonado a oficina da Cerca de Sant'Ana, apareceu-me um dos componentes, mais atrevido, porque não teve o pudor de se ocultar [e] disse-me:

— Quando é que você se vai embora?

Respondi-lhe:

— Não tenha pressa, meu alferes, isto já está por pouco, a minha oficina já está quase pronta.

Ele, muito espantado, pergunta-me:

— O quê, anda a fazer uma oficina? Onde?

— Na Estrada do Tovim, próximo à minha casa.

Fazendo admiração, disse-me:

— Fica lá muito longe.

Velhacamente, respondi-lhe:

— Ainda não vou para tão longe que a tropa me não passe à porta...

Eram todos deste calibre.

Na 2.<sup>a</sup> página do Termo de abertura do livro a que me venho referindo, tem a seguinte nota: «Deixei a oficina de Sant'Ana aos 16 de Julho de 1929 indo para a minha oficina da Estrada do Tovim»<sup>270</sup>.

---

<sup>269</sup> Julgo que esta passagem do texto pode justificar a inclusão no parágrafo anterior, que se segue ao Termo de Abertura do Livro de Visitantes, dos termos «só» e «também».

<sup>270</sup> Ex-libris da oficina. Espólio de LCA. Ilustração 32.



Ilustração 32 – Ex-libris da oficina de LCA no Tovim

Foi neste dia que mandei falar a uma camionete e metendo toda a ferramenta e ferro que era meu, deixei inesperadamente aquele lugar, indo agradecer ao Senhor Comandante as atenções que me havia dispensado, oferecendo-lhe os meus préstimos.

**COM A ABERTURA DA MINHA OFICINA NA ESTRADA DO TOVIM,  
PRINCIPIA NOVA ETAPA DA MINHA VIDA ARTÍSTICA**

O meu Mestre Gonçalves, quando soube que andava fazendo a oficina no Tovim, ofereceu-me para ela um vitral com a figura de S. Pedro, pintado por ele<sup>271</sup>.

Fiquei muito satisfeito com essa oferta, para que essa imagem fosse, no futuro, o patrono da oficina.

Depois de tudo montado, forjas e bancadas, convidei-o para assistir à inauguração, veio acompanhado de seu sobrinho, o Dr. João Gaspar Simões e dedicou estas palavras ao momento:

«A. Augusto Gonçalves  
Em 27 de Julho de 1929.

Inauguração festiva e solene da Oficina nova do grande Artista Lourenço Chaves de Almeida».

Os trabalhos que fiz nesta oficina, de começo foram as grades para o Palácio de Justiça, com a colaboração de Batista, Conceição, Albertino e Daniel.

<sup>271</sup> Foto do vitral, amavelmente cedida pelo Dr. José Machado Lopes (GEDEPA). Ilustração 33.

Foi um trabalho, este do Palácio da Justiça, que me absorveu muito tempo e actividade.

Nesta altura fiz também o Lustre para a sala de jantar do Senhor Dr. Angelo da Fonseca, o Lampeão da escada interior e o puxador da porta de entrada, porque toda a outra obra de ferros foi ainda feita na Cerca de Sant'Ana, *como deixo dito*<sup>272</sup>.

Em 1930 fiz o Lustre para a sala de jantar do Senhor António Lima. Ainda neste mesmo ano fiz uma ferragem muito interessante para a pasta do quintanista de Medicina, Constantino Vilares e toda a ferragem para a casa do Senhor João José Ferreira Rego, de Braga.

Tomei nessa altura o encargo de fazer, por encomenda, do Senhor Dr. Santos Jacob, o lustre Monumental para a Câmara Municipal de Coimbra, *tendo sido*<sup>273</sup> encarregado de fazer o desenho o meu Mestre Gonçalves, com a condição especial de ter 30 velas<sup>274</sup>.

Este trabalho foi, depois do Lampadário, a obra de maior arrojio que fiz, porque puz nele todo o empenho de uma obra à altura de tão honroso encargo e porque se tratava de uma obra que o Senhor Presidente mostrava todo o seu desejo de que eu [a fizesse] «[...] como um serralheiro a quem Coimbra deve o seu nome no Ferro Forjado [...]» (palavras do Senhor Presidente Santos Jacob) «[...] será justo que nas salas dos Paços do Conselho figure essa obra, feita pelo Senhor Chaves de Almeida [...]».

Este trabalho, pelo seu arranjo decorativo, mereceu os elogios dos visitantes desta oficina e, realmente, ficou uma obra a todos os títulos magnífica, honrando os componentes da Câmara Municipal dessa época, vítimas das intrigas Coimbrãs...

Quando terminado este trabalho fui comunicar à nova vereação, que me recebeu muito contrariada dizendo-me que depois se veria de onde havia de sair o dinheiro para me pagarem.

Era Presidente o Senhor Dr. Maldonado, pedi-lhe autorização para consentir que a obra permanecesse na minha oficina durante o período de férias, por ser o de maior afluência de forasteiros a Coimbra.

Cabem agora aqui bem as palavras de meu Mestre Gonçalves quando veio ver a obra depois de pronta:



Ilustração 33 – S. Pedro, vitral de  
A. Augusto Gonçalves

<sup>272</sup> Acrescento do Autor.

<sup>273</sup> «...foi encarregado...», no manuscrito.

<sup>274</sup> Foto do lustre monumental da Câmara Municipal de Coimbra. Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 34.



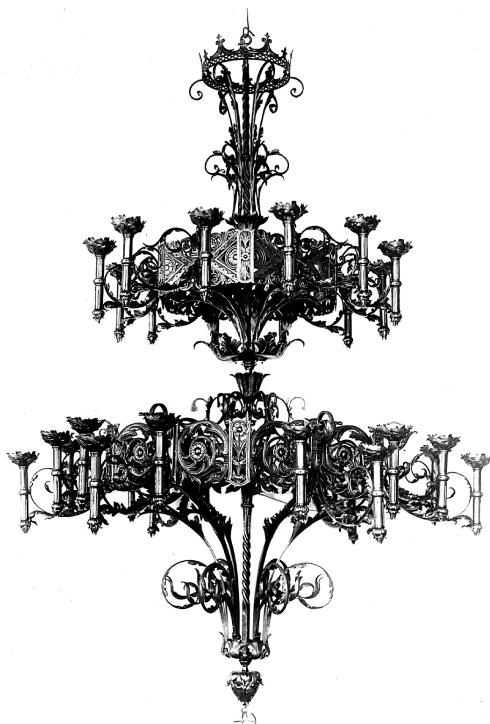


Ilustração 34 – Lustre monumental da CMC,  
desenho de A. Augusto Gonçalves

«A. Augusto Gonçalves, 1 de Agosto de 1931; aprovando plenamente a grande obra do Lustre para a Câmara Municipal».

A obra havia sido demorada, dez meses de trabalho, por isso tornava-se necessário entregá-la, para receber o dinheiro, pedi para a mandarem buscar; colocou-se primeiro na sala das sessões e só mais tarde foi definitivamente assente na sala central do edifício.

Quanto ao dinheiro, que eram mais de vinte contos, não havia maneira de o receber, foi-me preciso pedir ao meu Ilustre Amigo e Senhor Dr. Angelo da Fonseca para ele interceder a meu favor, o que fez de muito boa vontade e então lá me foi pago esse trabalho.

Este meu amigo, quando viu colocado no seu lugar o grande Lustre veio ter comigo, para que lhe fizesse uma peça também assim, bonita, para a sua sala de visitas, fiz-lhe então essa delicada e linda obra, que por muito tempo lá esteve, em estilo do renascimento. Hoje essa peça está em Lisboa na casa da filha.

O Senhor Dr. Alfredo Monteiro de Carvalho desejava oferecer ao Dr. Bissaia Barreto uma obra feita por mim, encarregou o meu amigo António Maia de saber o que deveria oferecer-lhe que lhe fosse útil.

Quando o Maia me falou nisso lembrei-lhe a oferta de um Lustre, para a sala de jantar, em ferro forjado, porque o Doutor não gostava do que lá lhe tinham posto, em

madeira dourada. Em vista disso, o Senhor Juiz Monteiro de Carvalho encarregou-me de fazer uma obra a meu gosto, no estilo da sala a que era destinado.

Fiz então essa magnífica obra, que lá se encontra e que toda a gente, ao ver a sua fotografia, muito gosta, feito em 1931<sup>275</sup>.

Este trabalho trouxe à minha oficina o Senhor Dr. Ribeiro de Vasconcelos, que passou uma bela tarde em minha companhia, falando muito da sua obra a Sé Velha, que estava a terminar; não concordava com alguns pormenores por ele expostos, visto que ainda conservava muito de fresco a minha excursão a Santiago de Compostela e a Orense.

Defendi a ideia, que lhe sugeri sempre, de que os mestres do românico em Portugal não deviam ser estrangeiros, porque nós tivemos sempre aqui oficinas de bons canteiros.

Ele argumentava que não havia escolas em Portugal, visto que Portugal apenas começava de se fundar, logo pois os artistas deviam ter vindo do estrangeiro. Calei-me, como aliaz fazia sempre, visto que falava o Mestre.

Na primeira ocasião que estive com Mestre Gonçalves, falámos no assunto, mas tive que me calar, pois ele estava de acordo com o Sr. Dr. Vasconcelos.

Depois, no remanso das minhas fadigas, quantas vezes pensava se teria razão em estar discordando da opinião destes dois grandes Mestres, isso era motivo de me sentir desanimado.



Ilustração 35 – Lustre do Dr. Bissaia Barreto

---

<sup>275</sup> Foto do lustre do Dr. Bissaia Barreto, do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 35.

Um dia fui encontrar o Mestre Gonçalves muito irritado com o novo Director do Museu Machado de Castro, o Dr. Vergílio Correia e disse-me:

— Então o Vergílio anda a retirar o mostrador do relógio do torreão do fundo da escada do Museu?

— Ainda não vi isso, vou por lá agora ver.

O Mestre olhou-me como que desconfiado e disse-me:

— O Vergílio está à solta, assim é capaz de demolir todo o Museu, sem que ninguém lhe vá à mão, mas eu estou ainda aqui.

Quando cheguei ao Museu e vi realmente havia razão na observação e falei nisso ao senhor Dr. Vergílio Correia, que ficou admirado da importância que estava dando ao caso, mas muito irritado disse-me:

— Eu sou o Director do Museu, julgo que posso fazer o que quero.

Muito calmo retorqui-lhe:

— Ninguém lhe nega os seus direitos, eu apenas lhe estava contando o reparo do Senhor Gonçalves.

Caindo em si, disse-me:

— Está bem, diga-lhe que estará tudo no seu lugar, que venha até cá ver isso.

O Senhor Dr. Artur Leitão havia pedido ao Mestre Gonçalves para lhe desenhar uma porta para o seu jazigo, quando lho entregou recomendou-lhe que me confiasse o trabalho, ora eu nesta altura não me era possível fazer-lhe o trabalho, tanto mais que ele recomendava urgência. O Senhor Dr. apareceu-me aqui no Tovim, acompanhado do Ernesto, alquilador, insistia comigo para lhe fazer a porta, como não pudesse fazer-lha, pedi-me então para lhe recomendar um serralheiro competente para a fazer, indiquei-lhe o mestre X.

Preguntou-me ainda quanto custaria aquele trabalho eu, muito contrariado já por indicar o artista e mesmo por ter de fazer o orçamento como se eu fizesse o trabalho:

— Deve custar-lhe ahí três mil escudos.

Ele achou caro, fiz-lhe ver que não porque os motivos principais do projecto eram duas palmas, cujo trabalho a forjar era difícil e de muita maçada, concordou e lá se foi em demanda do artista.

Quando com este me encontrei, perguntei-lhe:

— Então o Senhor Dr. Leitão foi ter com você, entregar-lhe o trabalho da porta?

Respondeu-me:

— Entregou e concordei em lho fazer.

Recomendei-lhe:

— Como vê o motivo principal são essas palmas, ora como esse trabalho é bem pago dá para ir ao cemitério da Figueira ver, no jazigo do Senhor Conde de Monsaraz, umas palmas forjadas que eu lhe fiz para a banquetta, foram igualmente desenhadas pelo Senhor Gonçalves, cuja técnica muito agradou ao Mestre, vá até lá ver esse trabalho.

Um dia tive que falar ao artista, fui até à sua oficina, vi andarem fazendo a tal porta; estando a examinar o trabalho quando apareceu o mestre X, ao ver-me atento olhando a obra disse-me:

— É a porta do Leitão.

Respondi muito aborrecido:

— Você não foi à Figueira ver a obra do Conde de Monsaraz e no entanto eu recomendei-lhe isso porque estas palmas não são forjadas, isto parece mais um trabalho de latoaria do que de serralheiro, não está bem

Respondeu-me:

— Ora, ora meu amigo, eles não percebem nada disto...

Respondi-lhe muito ofendido:

— Fui eu quem lhe mandou o freguêz, merecia por isso mesmo, que por esse motivo lhe fizesse o trabalho com escrúpulo profissional acima de tudo. Não, não está bem...

Voltei-lhe as costas e afastei-me fazendo o meu juízo.

No dia imediato, estando com Mestre Gonçalves, contei-lhe o caso, ficou muito arreliado quando lhe contei que as palmas eram feitas em folhas entalhadas e cravadas, em vez de serem batidas e caldeadas, virando-se para mim disse-me:

— O Senhor não devia indicar ninguém, tomasse conta da obra, era o seu dever porque a desenhei para si.

Respondi-lhe:

— V. Ex<sup>a</sup> bem sabe que estes três meses não a podia fazer, porque estou fazendo o Lustre para a biblioteca do Senhor Dr. Angelo da Fonseca e o do Senhor Juiz Monteiro de Carvalho.

Ainda me disse:

— Ele que esperasse, era preferível, assim tenho vergonha de que ele diga que o desenho é da minha autoria.

Mal eu havia de dizer que esse desenho era o seu último trabalho para os artistas de Coimbra.

#### NASCE-ME UM NETO, MAS MORRE-ME O MESTRE

Em Janeiro de 1930 o Mestre Gonçalves esteve muito mal, *com*<sup>276</sup> um princípio de uma pneumonia, ao ter conhecimento disso e vendo a gravidade do estado do doente, chamei imediatamente o Senhor Dr. Bissaia Barreto, que atalhou o mal a tempo e energicamente.

Nessa altura, obedecendo a recomendações anteriores feitas pelo doente para que logo que a saúde dele avariasse, mandar chamar por telegrama o irmão Eduardo.

Atendendo a isso fui ter com a família que estava reunida, perguntando-lhe se estavam de acordo com essa recomendação, em telegrafar para as Caldas chamando o irmão.

Interveio a sobrinha, D. Mécia, dizendo que o tio já não estava dessa opinião ultimamente, que havia recomendado ser só, a tratar desses assuntos, o marido, o Senhor Dr. João Gaspar Simões e o Senhor Almeida. Confesso, não esperava essa oposição, visto que ainda havia poucos dias ele insistia comigo que «logo que estivesse doente chamaria o irmão».

---

<sup>276</sup> «...mal, um princípio de...», no manuscrito.

Com esta doença ele havia perdido um pouco a fala, mas compreendia o que se lhe dizia, felizmente melhorou.

Eu havia perdido a noite de 2 para 3 de Novembro de 1932, por me ter nascido o meu neto mais velho aqui em casa, foi um acontecimento festivo, por esse motivo não fui à cidade.

No dia imediato, 4, por volta das 13 horas, apareceu-me, aqui na oficina, o Senhor Dr. João Gaspar Simões; ao vê-lo perguntei-lhe:

— Há alguma novidade Dr?

Respondeu-me:

— O tio está muito mal, já quis chamar o médico mas ele não deixou.

Estranhei essa tranquilidade, não ter chamado o médico mesmo sem o consultar, fiquei muito aborrecido.

Vesti-me e acompanhei o Dr., pelo caminho soube que o tinham mandado chamar a toda a pressa e ao chegar lá ele se havia oposto ao chamarem o médico; eu disse-lhe:

— Não deviam fazer caso disso, era logo chamar o médico, estou muito preocupado, é já muito tarde...

Ao chegar ao seu quarto, estava estendido ao comprido na cama, mas vestido; quando me viu ficou muito satisfeito e disse:

— Fez bem em vir, isto já era uma interminável maçada aqui só, não podia continuar, era preciso acabar...

À tranquilidade das suas palavras, juntava-se a grandeza da sua alma, mas sentia-me acabrunhadíssimo pelo receio.

Mandei imediatamente chamar o médico, não indiquei qual ao Senhor Dr. Gaspar Simões, que foi ter com o Senhor Dr. Correia Soares, que se recusou e veio dizer-me isso, fiquei irritado com a perda de tempo e disse-lhe:

— Oh meu amigo, fosse logo chamar o Doutor Bissaia ou o Senhor Dr. Angelo, vá lá acima, chame o Dr. Bissaia mas não perca tempo, o seu estado é muito grave.

O Senhor Dr. Bissaia não se fez esperar e o Mestre ao vê-lo sorriu e disse-lhe:

— É V. Exa? há dois anos V. Exa. e o Almeida deram-me um concerto, agora querem dar-me outro? Vá lá...

O Doutor fez-lhe um interrogatório apertado, mandando buscar certos aparelhos, fez-lhe um tratamento enérgico que não deu resultado, reparei na resignação dele, era o moral que estava a cair, *eu*<sup>277</sup> disse ao médico:

— Mas isso já de nada lhe aproveitará, o coração dele está muito mal, não acha?

Ao que ele me respondeu:

— O coração está gasto, muito gasto mesmo, não vai longe...

O doente olhava-nos com muita atenção, quando o médico lhe disse:

— Vamos ver essa perna, para uma injeção de óleo.

Deu-lha, mas neste momento, um grande estremeamento agitou o doente que cerrou os olhos, eu *perguntei*<sup>278</sup> ao Doutor:

---

<sup>277</sup> «... e disse...», no manuscrito. Correção do Autor.

<sup>278</sup> «...eu disse ao...», no manuscrito.

— Morreu!?

Ele impôs-me silêncio, estivemos assim cerca de cinco minutos, findos os quais me disse:

— Pronto...

Assisti a esta cena comovedora, tão embrutecido, por mais de uma hora, que nem dei pela saída do médico, estava muito abatido, moral e fisicamente.

Para seguir à risca recomendações feitas por muitas vezes, na presença do seu sobrinho, dirigi-me a ele para mandar chamar, por telegrama, o irmão Eduardo; em companhia de todos, irmãos e sobrinhos, abriu-se a caixa, que ele conservava chumbada no poial da janela, cuja fechadura eu lhe havia feito na Escola Industrial Brotero, retirando-se de dentro os papéis que estavam colocados em evidência. Eram as suas últimas vontades, com frases curtas, mas enérgicas:

Desejava o enterro civil, não queria manifestações ruidosas; junto estava um aviso, por ele feito, para afixar na sua porta dando notícia da sua morte e pedindo a quem quizesse dar-se ao incómodo piedoso de acompanhar o seu corpo ao cemitério.

Não desejava no caixão douraduras, mas muitas flores e por toda a parte só flores, recomendava a disposição a dar ao quarto e ao seu gabinete, onde desejava que o caixão fosse exposto mas sem panos pretos; o irmão não se fez esperar, chegou às 21 horas; ele havia morrido por volta das 17 horas.

O enterro foi no dia 5 de Novembro; ao regressar do cemitério, fui a sua casa para dar cumprimento às suas vontades, que eu religiosamente me esforçava por executar.<sup>279</sup>

Estavam reunidos os irmãos, Eduardo, Dona Libânia, Dona Idalina e os sobrinhos Dona Mécia e marido, Dr. João Gaspar Simões.

Aberta por mim a caixa, retirou-se um envelope grande com letras escritas a lápis azul que diziam: «Testamento».

Eram três meias folhas de papel almaço, em que expunha as suas vontades e fazia algumas revelações; uma dessas folhas conservo-a eu por ma terem dado os herdeiros e junto a estas, a relação dos objectos expostos no Museu Machado de Castro, assinada pelos membros do Conselho de Arte e Arqueologia, a maior parte dos números das peças tinha o sinal #<sup>280</sup> a encarnado.

A folha em meu poder diz «Disposições últimas», datadas de 2 de Abril de 1931. Não quero aqui fazer relato de todo o conteúdo da caixa porque isso está escrito num pequeno livro, cuja capa tem o seguinte «Apontamentos reservados, sobre os bens de António Augusto Gonçalves».

Foi-me generosamente pago, o trabalho que tive, pelos herdeiros que me deram o grande quadro, pelo Mestre feito, uma cena do circo romano, o alfinete de gravata que ele usava e a corrente de ouro do seu relógio, são preciosas relíquias que eu religiosamente conservo.

---

<sup>279</sup> Foto do busto de António Augusto Gonçalves, na sua campa, no cemitério da Conchada, em Coimbra. Ilustração 36.

<sup>280</sup> Este sinal, no manuscrito, consta de 2 traços paralelos horizontais cortados, obliquamente da direita para a esquerda, por um terceiro.

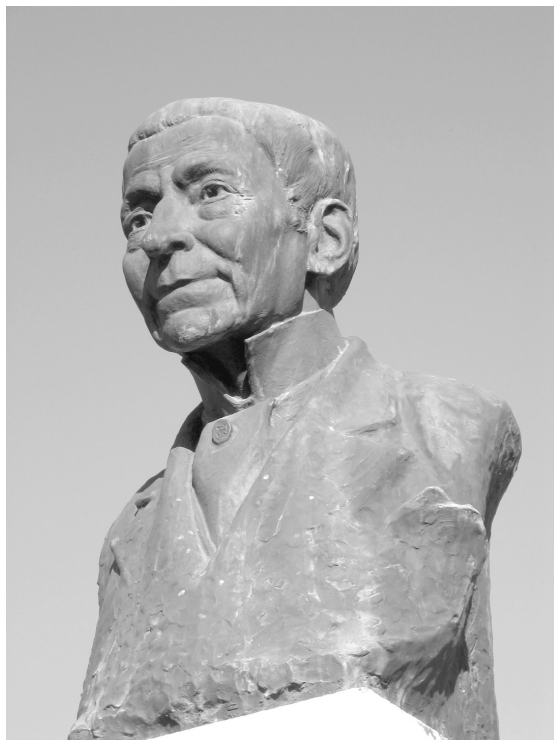


Ilustração 36 – Busto de António Augusto Gonçalves

O testamento pelo Mestre escrito, segundo informaram o Senhor Dr. João Gaspar Simões, não tinha valor jurídico, no entanto satisfizeram-se escrupulosamente todos os legados por ele deixados.

E assim desapareceu modestamente, quanto a sua vida sempre assim foi, arrastando com ele toda a sua grandiosa obra.

Era uma profecia, por ele muitas vezes feita, que eu estava a ver cumprir-se imutavelmente; é olhar para ahí, para tudo em que ele caridosamente pôz as mãos, desde a Escola Livre das Artes de Desenho ao seu Museu Machado de Castro.

Apesar desta grande perda para mim, o trabalho era forçoso continuar para se viver...

O trabalho então entre mãos era um lustre, em estilo português, para o Senhor João José Ferreira Rego, para o seu solar nas proximidades de Braga, cuja encomenda me havia sido feita há muito, mas que a urgência do trabalho para a Câmara Municipal [adiara], e de acordo com o Senhor Rego, que não era grande a sua necessidade, apenas as ferragem das portas, de resto, o lustre, podia muito bem esperar, segundo a carta que me escreveu e que ainda conservo.

Nesta altura apareceu-me aqui na oficina um seu emissário, o senhor Sousa Braga, mestre *de entalhador* <sup>281</sup>de Braga, tomou conhecimento do andamento do trabalho e retirou-se. Dias depois escrevia-me uma carta, de mandado do freguês, em termos tão cheios de subterfúgios e insinuações, dizendo que a obra havia demorado demais e que agora não achava oportunidade acabar-se.

Esta carta e outras que se seguiram não honram em lizura um artista, mais parece de um negreiro vindo do interior do Brasil.

Repontei, escrevendo sempre ao Senhor Rego, a que o enchambelador Bracarense responde dizendo que o freguês está pronto a dar-me uma indemnização, desde que não seja explorativa.

Este termo, **exploração**, na boca de um artista revoltou-me e não lhe respondi mais.

Ajustei o trabalho, encurtando-o para servir a uma sala de menos pé direito e acabei-o esperando vendê-lo na primeira oportunidade, estando pronto em Março de 1933.

Nesta altura fiz as lindas portas interiores da moradia do Senhor Doutor Bissaia Barreto e os trasfogueiros para os seus dois fogões de sala, em 1935.

Em seguida fiz trabalhos para a Comissão de Turismo, em Tomar e no ano imediato, 1937, a porta para o Senhor Doutor Mário Carmona, encomenda de um seu amigo de Espinho, o Senhor Dr. Gomes de Almeida.

**DE COMO A MINHA AUSÊNCIA NA EXPOSIÇÃO DA CASA DE COIMBRA,  
EM LISBOA, FOI GERAR A MINHA EXPOSIÇÃO DE FERROS DE ARTE  
NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES**

Um dia, no decorrer desse ano, li, na Imprensa da Capital, um longo artigo preparatório a uma exposição de ferrarias na Casa de Coimbra em Lisboa, aonde se afirmava a minha colaboração.

Falando com o Dr. Vergílio Correia a esse respeito, estranhando a inclusão do meu nome sem prévia consulta, ele desculpou a comissão que dizia contar com o meu concurso.

Soube depois ter vindo a Coimbra um delegado dessa Casa, o Senhor Matos Sequeira, para ver os elementos com que a exposição podia contar.

Numa reunião, na Escola do Arco de Almedina, falou-se no meu nome, contando o Dr. Virgílio a minha estranheza e sugeriu que pedissem em Lisboa, à Senhora Dona Veva de Lima, os trabalhos por mim feitos e os expusessem. Alguém, que não cito o nome, disse não ser preciso, a serralharia coimbrã já estava bem representada na exposição.

Abriu o certame com ruidosa reportagem cá e lá, mas o Exm.º Senhor João Ameal *extranha*<sup>282</sup>, num magnífico artigo, a ausência de Lourenço Chaves de Almeida.

---

<sup>281</sup> «...mestre enchambelador de...», no manuscrito [ensamblador ou enxamblador].

<sup>282</sup> «...estranha...», no manuscrito.



Vi-me obrigado a dar a Sua Ex.<sup>a</sup> as explicações sobre a minha ausência ahí, que não era, como dizia, uma propositada deserção.

Escrevi em seguida ao meu bom amigo e Senhor Dr. João da Silva Couto contando-lhe a partida que os de cá me fizeram, não me consultando a tal respeito, razão da minha ausência da exposição.

Respondeu-me dizendo não a ter visto e terminava a carta aconselhando-me a que fosse com os meus ferros até lá, contando com o seu apoio.

Agradei-lhe o conselho, mas que não iria a Lisboa sem o apoio do meu Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira e nessa mesma semana fui a S. Pedro de Muel, conferenciar com o meu amigo, pondo-se ele prontamente a auxiliar-me.

Dias depois, recebi um postal dele em que contava ter estado em S. Pedro o Senhor Doutor João Pereira Dias, então Director Geral do Ensino Superior e Belas Artes, a quem falara na minha futura exposição no princípio do inverno.

O Senhor Doutor Pereira Dias prontificou-se ajudar-nos no que fosse preciso, era um elemento valiosíssimo como me asseverava o meu amigo.

Eu só de vista conhecia o Senhor Doutor, mas confiava na palavra dada, principiando a trabalhar na organização da exposição e do seu catálogo, o que levou muitos mezes.

Tivemos de pôr de parte a ideia de fazer a exposição neste ano de 1937, porque tudo se havia atrasado, ficando definitivamente assente a sua inauguração em Maio de 1938. Pedi ao amigo e senhor Dr. Lopes Viera, para se avistar com os membros da Sociedade de Belas Artes, à Rua Barata Salgueiro e falar na possibilidade de cederem uma das suas salas para a Exposição.

Foram de uma gentileza cativante, dando todas as facilidades e concedendo-me as regalias dos seus associados no aluguer da sala mas era necessário eu lá ir para firmar o contracto.

Fui a Lisboa e levei as provas do catálogo, para que havia arranjado uma selecta colaboração, à rua Barata Salgueiro, fui de companhia com o Senhor Dr. Lopes Vieira, firmámos o contracto e paguei o aluguer da sala que visitámos<sup>283</sup>.

Era no primeiro andar, bem disposta, com boa luz; estava ali uma exposição de um artista miniaturista, coitado, com a sala àquela hora completamente deserta, o que me impressionou bastante, apesar dos esforços do meu ilustre companheiro, que havia notado o meu desapontamento. Ele via as coisas corde rosa e esforçava-se por me convencer, enquanto que eu ia dizendo para mim:

— Olha a sorte que me espera...

Acompanhei depois o meu amigo até à sala da Direcção, onde estavam reunidos os Mestres Carlos Reis, Falcão Trigoso, João reis, Raul Xavier, Mário Reis e Moreira Fernandes.

Todos eles, muito satisfeitos, garantiam-me uma grande concorrência, porque a exposição deles (o grupo Silva Porto) estava despertando grande interesse.

Sahí dali então com o espírito mais tranquilo e o meu companheiro sorridente.

---

<sup>283</sup> Reprodução da capa do catálogo da exposição de 1938 na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Espólio de LCA. Ilustração 37.

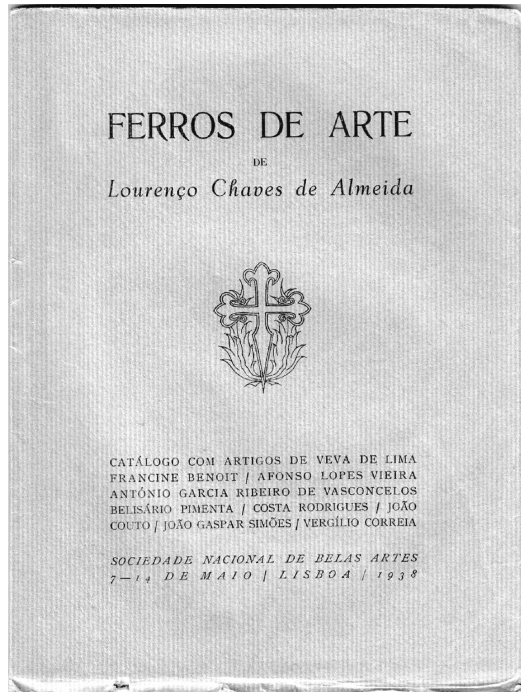


Ilustração 37 – Capa do catálogo da Exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, no ano de 1938

### DEPOIS DO LAMPADÁRIO, FOI ESTA UMA DAS MAIS BELAS PÁGINAS DA MINHA VIDA ARTÍSTICA

Quando chegámos ao Rocio encontrámos ahí o amigo e Senhor Herculano, ex-chefe do pessoal menor do Museu de Arte Antiga, o Senhor Dr. Lopes Vieira pediu-lhe a sua valiosa ajuda no arranjo da sala e exposição dos artefactos. Voltando-se para mim, disse-me:

— Sabe Almeida, aqui o amigo Herculano era o homem da confiança do Dr. José de Figueiredo, acompanhou-o a Paris com a exposição dos Primitivos, que fez sucesso.

Devo a este bom amigo uma grande parte do sucesso da exposição dos Ferros de Arte.

Voltei a Coimbra para activamente tratar de juntar as obras e tratar da sua embalagem.

Eu tinha todo o empenho de que à abertura assistisse, como representante o Senhor Presidente da Junta Geral do Distrito, o Senhor Doutor Bissaia Barreto; como ele todos os sábados ia a Lisboa, marcou-se esse dia para a abertura da exposição, para 7 de Maio.

Estava-se em fins de Abril e a impressão gráfica do catálogo estava muito atrasada ainda, conseguindo 10 exemplares prontos no dia 3 de Maio que distribuí em

Coimbra à imprensa, Câmara Municipal, Governo Civil, Quartel General e à Reitoria da Universidade.

Ahí sucedeu-me um caso desagradável que quero aqui deixar relatado sem comentários.

Ao chegar à Reitoria mandei, pelo archeiro ahí de serviço, um cartão ao Senhor Reitor João Duarte de Oliveira, para me receber, o archeiro voltou e disse-me:

O Senhor Reitor não o pode agora receber e se é para lhe fazer algum pedido que venha noutra ocasião.

Ao que respondi:

— Diga ao Senhor reitor que não preciso dos favores dele, desejava apenas entregar-lhe isto pessoalmente, mas assim entregue-lho lá.

Voltei-lhe as costas e saí...

Em Lisboa, tomei conta da sala no dia 4 de Maio e no dia imediato levantei os caixotes da estação, fazendo-os conduzir para a Rua Barata Salgueiro.

O Dr. João Couto mandou-me todo o veludo que havia servido em França, em linda cor verde-louro, que o meu amigo Herculano começou logo de aplicar às paredes, forrando-as e dando à sala um lindo aspecto de nobreza.

Os da exposição de baixo andavam picados de emulação, o que dava certo prazer ao meu amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira, que os conhecia melhor do que eu e me disse:

— Abra já o caixote que melhor peça tiver, para que eles vejam o quilate dos seus trabalhos, porque não fazem ideia nenhuma do que será esta exposição!

A sala tinha ao centro uma grande clarabóia que foi velada com um toldo, reservei essa parte para nela colocar o lustre que não chegou a ir para Braga, como atrás disse.

Era uma linda e vistosa peça, quando o arrei o Senhor Doutor foi logo chamar o Senhor Falcão Trigoso e Carlos Reis, que fizeram muitos elogios ao trabalho, que colocado no seu lugar dava um lindo efeito.

O senhor Dr. Lopes Vieira, à medida que as peças iam saindo das caixas, dava mostras de grande contentamento e por vezes saía, indo dar novas aos seus amigos; assim, apareceu-me lá com o nosso amigo Adriano de Sousa Lopes, que muito auxiliou o arranjo da exposição.

Os do grupo Silva Porto anteciparam a abertura da exposição deles, dois dias antes da minha, isto é a 5 de Maio.

Só no dia imediato me chegaram os catálogos, indo logo em táxi fazer a distribuição à imprensa de Lisboa.

Para entrega do catálogo ao Senhor Ministro da Educação Nacional, o Senhor Doutor João Pereira Dias marcou-me para estar no Ministério às 12 horas aonde fui recebido pelo Senhor Doutor Carneiro Pacheco, que gostosamente iria assistir à abertura da nossa exposição.

O Senhor Ajudante de Campo do Senhor Presidente da República, Tenente Carvalho Nunes, informou o Senhor Dr. Lopes Vieira de que o Senhor Presidente havia adoecido e por isso não podia assistir à inauguração, como desejava.<sup>284</sup>

---

<sup>284</sup> Era então Presidente da República o General (mais tarde Marechal) António Óscar de Fragoso Carmona, cargo que ocupou de 1926 a 1951, ano em que faleceu.

Chegou, finalmente, o dia 7 de Maio, tudo estava pronto e a sala num lindo arranjo, com os artefactos bem expostos, com bela luz, porque o dia estava magnífico e os convites foram expedidos, pela Sociedade, às pessoas conhecidas deles.

Estava marcada a abertura para as 16 horas, muito antes já [lá estávamos] eu e os Senhores Drs. Lopes Vieira, João da Silva Couto [e] pintor Sousa Lopes, chegaram logo também o Senhor Dr. Ruy Enes Ulrich e sua Exm.<sup>a</sup> Esposa, a Senhora Dona Veva de Lima, os Senhores Doutores Abel de Andrade, Hipólito Raposo, *Reynaldo*<sup>285</sup> dos Santos, o escritor Aquilino Ribeiro e arquitecto Raul Lino.

Às 16 horas chega Sua Ex.<sup>a</sup> o senhor Ministro de Educação Nacional, Doutor Carneiro Pacheco com o Senhor Director do Ensino Superior e Belas Artes, Dr. João Pereira Dias; nesta altura chegou também o Senhor Doutor Bissai Barreto, representando a Junta Geral do Distrito de Coimbra.

Foi um dos melhores dias da minha vida, todos os visitantes estavam possuídos de grande satisfação, dando por bem aproveitado o momento ali passado.

O meu livro de visitantes, que foi aberto pelo meu grande amigo Dr. Afonso Lopes Vieira, fala por si só, com uma eloquência magnífica.

Na exposição do salão de baixo ia grande efervescência, cochichando como desconfiados, com o que o meu amigo muito se divertia tirando disso um partidão.

Como estava hospedado em sua casa, no fim da tarde, ao chegar ao Largo da Rosa, uma chamada telefónica prevenia-o de que logo que Sua Excelência, o Presidente da República, estivesse bem de saúde me concederia uma audiência, para entrega do catálogo.

Foi com júbilo que o meu Ilustre amigo me deu esta novidade, mas preveniu-me logo:

— Muito segredo, hein!

Toda a imprensa dedicou à exposição as mais acaloradas palavras, para se ajuizar recorde este pedaço do artigo de *A Voz*, de 8, com o título de «Feros de Arte»:

«Ainda ontem foi aberta a anunciada exposição de Feros de Arte, de Lourenço Chaves de Almeida, o famoso cinzelador do Lampadário 'Chama da Pátria' erecto na Batalha. Sem vislumbre de indulgência podemos chamar àquela colecção de obras uma maravilha. O ferro tem qualquer coisa de nobre e modelado por este artista votivo, por este artista de eleição, é de uma beleza estranha, evocadora de séculos. Souza Lopes, o artista ilustre, dizia-nos o que muito bem pode sintetizar uma crítica vinda de pessoa competentíssima: «Tem lugar para os adjectivos mais elogiosos, porque são de plena justiça».

Era assim que se exprimia toda a imprensa, há porém um artigo das *Novidades* que, tecendo elogiosas palavras, que são sinceras de admiração, me fustiga por final, com uma áspera censura ao meu Cristo Nu.

Quando ao chegar a casa do meu Ilustre amigo para almoçar, ele perguntava-me sempre o que dizia a imprensa desse dia, mostrei-lhe o jornal com esse artigo, segui a sua fisionomia com interesse e notei o gesto de descontentamento, ao findar a leitura, dizendo-me:

— Podia ter-se evitado isto com uma pequena explicação!

---

<sup>285</sup> «Reinaldo...», no manuscrito.

O artigo, depois de elogiar largamente os artefactos expostos e o artista, remata assim:

«Há porém um trabalho exposto, ao qual não queremos deixar de fazer uma especial referência que propositadamente guardamos para o fim.

Diz ela respeito ao n.º 22 com o título «Escultura de Cristo, nu».

O simples título bastaria para ajuizar da inconveniência da sua apresentação. É certo que o rosto está bem trabalhado, tem expressão, principalmente o olhar, que é magoado, nele palpitando toda a tragédia do Calvário. Mas Chaves de Almeida – foi essa a nossa impressão – preocupara-se apenas com o rosto, descuidando o conjunto que é verdadeiramente desastrado, desequilibrado, demasiadamente esquelético. Chega a ser inconveniente».

Não fiz comentários, calei-me mas resolvido a ir, no outro dia 2.ª-feira, ao padre secretário das *Novidades* dar-lhe as minhas explicações e com esta resolução concordou o meu bom amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

#### COMO SE VERÁ QUE A ARTE E A TEOLOGIA NÃO SE ENTENDEM

Foi por se não compreenderem, Papa Júlio III e o Mestre Miguel Angelo, que este condenou aquele metendo-o no Purgatório, se eu pudesse teria feito o mesmo ao Senhor Padre Miguel de Oliveira...

Por ser uma coisa curiosa vale a pena contá-la minuciosamente.

Fui logo, da parte da manhã, às *Novidades* procurar o Senhor Secretário, a quem mandei o meu cartão, não se fez esperar.

Apareceu-me um Padre de estatura regular, mas de olhar perfurador; muito delicadamente ofereceu-me uma cadeira.

Principiei por lhe agradecer as amáveis palavras que me havia dispensado sobre a minha exposição, o Senhor Padre Miguel de Oliveira viu logo que não era esse o fim da minha visita porque sorria maliciosamente. Depois disse-lhe:

— V. Ex.<sup>a</sup> foi pouco justo no final do artigo, quando visou a escultura do Cristo Nu.

Sem desarmar o seu sorriso, teve um gesto vago, eu disse:

— Quando modelei esta escultura em barro, tive em vista a realidade da tragédia do Gólgota e V. Ex.<sup>a</sup> viu isso mesmo, porque o diz no seu artigo; não compreendo onde vêem a inconveniência de ser exposto. Diga-me V. Ex.<sup>a</sup> uma coisa! Quantos foram nesse dia os condenados ao martírio da crucificação? Não foram três!? Dimas, Gestas e Jesus Cristo?

A um gesto afirmativo continuei:

— V. Ex.<sup>a</sup> não adivinha a razão porque dos três só a Jesus Cristo despiram? Eu julgo, Senhor Padre Oliveira, que foi para abusarem da sua castidade, expondo-o Nu. Sentiu-se afrontado, enquanto que os dois facínoras desejariam ver-se nus para afrontarem a multidão! É aqui que está o ponto principal do meu estudo e era isso que eu desejava que V. Exas. vissem.

Ao que ele me respondeu:

— Pode ter razão Senhor Chaves de Almeida, mas bem deve compreender que não seria prudente expor assim nas igrejas o crucificado!

Eu atalhei logo:

— Então o Menino Jesus não está nu?

Ele com um sorriso de ingenuidade diz:

— Sim, mas o Menino Jesus... Não deixei terminar o sentido da frase e disse-lhe:

— Para mim tão casto ele era quando menino como depois na cruz, salvo se os Senhores dizem o contrário!...

E para terminar ainda lhe disse:

— Então o Sudário de Turim é uma grosseira mentira, não representa, aos seus olhos a verdade verdadeira!? por onde se conclue da *nudez*<sup>286</sup> de Jesus Cristo!



Ilustração 38 – Cristo Nu exposto, em 1938, na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa

E continuei:

— Agora, Senhor Padre Miguel de Oliveira, resta-me analisar a última parte do seu artigo, é aquela em que chama **Esquelético** demais. Realmente, à primeira vista, parece ter razão, mas [são] precisas ao artista, que com cuidado estuda a sua obra, [conhecer] as razões de ordem histórica que envolvem a figura que os preocupa; assim o meu Cristo não podia ter, a meus olhos, abundância de carnes, visto ter, havia pouco tempo, regressado do seu jejum de quarenta dias (?) no Deserto onde, os Senhores dizem, que o Tentador pretendeu tirar partido dessa corajosa situação. Também a última ceia não lhe devia ter enchido o estômago, para se apresentar Barrigudo<sup>287</sup>. Bom, Senhor Padre Miguel de Oliveira, desculpe a maçada que lhe dei, mas foi com a melhor das intenções, para que no espírito de V. Exas. não fique na dúvida a religiosidade da minha pessoa<sup>288</sup>.

O Senhor Dr. esperava-me com certa ansiedade e logo que lhe contei tudo, como se havia passado, ficou muito satisfeito, mas foi-me dizendo:

— Não conte que em público digam o que se passou.

<sup>286</sup> «...Nudez...», no manuscrito.

<sup>287</sup> Foto da peça exposta. Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 38.

<sup>288</sup> Carta Aberta de Falcão Machado, publicada em *O Despertar* de 15/7/41, visando a defesa da interpretação, de LCA, da crucificação, Os Meus Recortes, de LCA, espólio em poder da Casa Rural Quinhentista.

A exposição havia alcançado um êxito magnífico e a sala estava sempre cheia de visitantes, em especial, à hora de fecharem as oficinas, era essa a ocasião das visitas dos operários que em grande número ali iam.

### COMO SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA SE MOSTRA GENTIL COM UM FERREIRO

Da Presidência da República telefonaram ao meu Exm.º Amigo para [que] me prevenissem de que o Senhor Presidente me receberia no dia 10 às 15 horas, em audiência particular.

Parti para lá de automóvel, pouco tive que esperar pois logo o Senhor Fonseca chamou:

— Mestre Lourenço Chaves de Almeida!

Entrei na grande e luxuosa sala da Presidência, onde Sua Excelência me esperava com um sorriso muito amável, vindo até mim, de mão estendida. Fiz-lhe entrega do Catálogo, convidando-o a visitar a exposição e ele prometeu fazê-lo no dia 12.

Estas visitas não se fazem em segredo e a imprensa nela falou largamente.

Os da exposição do grupo Silva Porto, ao terem conhecimento disso, foram a Belém, também, convidar o Senhor Presidente a *visitar*<sup>289</sup> a sua exposição.

O senhor Capitão Carvalho Nunes confirmou que o Presidente chegaria às 15 horas do dia 12.

Logo depois das 14 chegaram o Senhor Ministro da Educação Nacional com o Senhor Dr. João Pereira Dias, já lá estavam os Senhores Drs. Afonso Lopes Vieira, João da Silva Couto, Reinaldo dos Santos e o Senhor Embaixador Correia de Oliveira.

Quando chegou o Senhor Presidente da República, acompanhado do Senhor General Amílcar Mota e Capitão Carvalho Nunes, que foram recebidos, no átrio, por todos e pelos Mestres Pintores do Grupo Silva Porto.

Estes mostraram a intenção de conduzir os Ilustres visitantes à sala do rés-do-chão primeiro, mas o Senhor Dr. Lopes Vieira, que lhes adivinhara as intenções, preveniu disso o Senhor Dr. Carneiro Pacheco que segredou ao venerando Chefe do Estado.

Quando se viu conduzido por Carlos Reis e Falcão Trigo, voltou-se para mim e perguntou-me:

— Mestre Lourenço, onde está a sua exposição?

E voltando-se para os outros disse-lhes:

— Primeiro visitarei esta exposição depois, se houver tempo, irei à de V. Exas.

No meu livro dos visitantes tem Sua Excelência uma página com o seu nome, que muito me orgulha.

A Emissora Nacional anunciou a visita à minha exposição do Senhor Presidente, ao mesmo tempo que descrevia a impressão agradável que ao locutor causou o visitá-la.

Este anúncio chamou muita gente elegante de Lisboa que ainda a não *havia visitado*.<sup>290</sup>

<sup>289</sup> «...a visitar-lhes...», no manuscrito.

<sup>290</sup> «...visitado, à Rua Barata Salgueiro.», no manuscrito.

## PENSAMENTOS DE ALGUNS DOS VISITANTES

É ao ilustre Pintor «Tom» que cabe o primeiro pensamento, com um mundo de ideias no seu laconismo.

«Muito Bem».

Outro diz:

«Felizmente *ainda*<sup>291</sup> no século XX *ainda* há quem pratique arte».

«Encantado com o que vi, aqui lhe deixo a minha homenagem».

«A Mestre Lourenço:

Depois do que tantos artistas e homens de letras têm escrito, que mais poderei eu dizer? Nada!... No entanto através do meu pensamento perpassa que, se a mestre Lourenço entregassem todos os canhões que há no mundo, ele transformaria esses terríveis instrumentos de luto e morte, em folhas, flores e borboletas e, assim, as guerras terminariam».

«Flores...de Ferro! Sonho de poeta que não vê o transitório e só na Eternidade...».

«É admirável que de ferro bruto se façam rendas tão maravilhosas».

«Admirável Artista! Mãos profundamente nacionalistas. Maravilhosas».

«Mestre Lourenço é um Mago que transforma o metal inerte em Obras de Arte, cheias de vida, plenas de beleza. Bem haja pelo encantamento que os seus trabalhos dão aos nossos olhos deslumbrados».

Do nosso Presidente da República são estas palavras:

«As minhas maiores felicitações. Magníficas Obras de Arte!»

«É um verdadeiro prazer ver trabalhos tão belos».

«Ao insigne artista formidável ‘rendilheiro’ do ferro. Parabéns sinceros».

«Saio bendizendo a hora a que aqui vim pois se pudesse daria aos artistas a imortalidade».

«Gentil Artista! No género, não conheço nada que se compare! Felicito sinceramente o Artista incomparável».

«Um grande abraço ao ilustre artista, que tanto lustre e nobreza dá à velha arte do ferro».

«O ferro ao passar pelas mãos do mestre Chaves de Almeida torna-se um metal nobre».

Aqui ficam, com o meu profundo reconhecimento, as ligeiras frases que gentilmente me foram dedicadas, quase todas deixadas na minha auzência.

Assim se encerrou a melhor página da minha vida artística, como no princípio digo, no dia 14 de Maio.

---

<sup>291</sup> Este advérbio encontra-se repetido em ambos os textos. Manuscrito e dactilografado.



Quando, no dia 15, já encaixotava as minhas obras, apareceu-me na sala o meu velho amigo e Senhor General António Xavier Correia Barreto, é o último que assina o meu livro, é para mim uma grande e subidíssima honra.

Das peças expostas apenas duas não tinham dono, o Lustre e um Candelabro, este, foi vendido ao meu Exm.º Amigo e Senhor Dr. Abel de Andrade e ficou na sua casa de Lisboa.

E assim terminou, com inteira satisfação para todos que para esta bela página da minha vida artística contribuíram, para quem vai o meu profundo reconhecimento.

#### **UM EXEMPLO ÚNICO EM PORTUGAL DADO PELA COMISSÃO DE TURISMO DE TOMAR**

É sempre tempo de fazer justiça a quem a merece, está neste caso a Exm.<sup>a</sup> Comissão de Iniciativa de Tomar.

Nos princípios de Dezembro de 1935, apareceu-me, aqui na oficina, a referida comissão, acompanhada do Senhor Arquitecto José Vilaça, Senhores Dr. Samuel de Oliveira, Tenentes Lacerda Machado e Virgílio de Matos, para me encarregarem de fazer a ferraria artística para a sua nova Sede.

Estes trabalhos não passaram despercebidos aqui em Coimbra, porque a imprensa a eles se referiu pela pena do meu bom amigo e Senhor Doutor Vergílio Correia.

Este edifício, em estilo do renascimento, [está] situado em magnífico local empenhando-se, a comissão, em conseguir imprimir[-lhe] um carácter todo de arte.

Fiz para ali três magníficos lustres, um deles com 12 luzes, que por ser grande, foi colocado para iluminar a escadaria de dois lanços e para a sala da Direcção foi feito um com seis luzes. O outro, de quatro braços, foi para a Secretaria, fiz ainda dois lampiões, sendo um para o átrio.

É de louvar os esforços desta Comissão na escolha de operários encarregados dos trabalhos para ali feitos, que constituem uma exposição permanente do trabalho nacional.

Terminei estas obras para Tomar, onde tive que ir várias vezes, em 1939.

Aqui fica o meu reconhecimento a todos, porque neste pequeno meio em que nos agitamos, onde nem tempo temos para fixar nitidamente imagens, é este um exemplo único, digno de registo e gostosamente dele falo.

#### **COMO UM TRABALHO MEU FOI PARAR A JENA, ALEMANHA!**

Quando, em princípios de Janeiro, estava trabalhando na feitura da consola e águia, para o lampeão do Senhor Doutor Bissaia Barreto, apareceu-me aqui na oficina um Dr. alemão.

Este homem falava regularmente a nossa língua e explicou-me que fôra de visita ao Mosteiro da Batalha e que lá vira o Lampadário em ferro forjado e ficara maravilhado com o trabalho desejando conhecer o artista.

De regresso a Coimbra, informado da minha morada, veio aqui dar-me os parabéns e desejou ver o meu álbum de trabalhos; para todas as obras teve palavras de elogio e

ao reparar em dois dos meus trabalhos, uma palmatória com uma serpente enrolada<sup>292</sup> e um puchador de porta que um cão, ladrando, guarda, teve a gentileza de comprar essas duas peças assinadas e datadas.

Depois falámos da minha futura exposição, dizendo-lhe que era a última que eu faria.

Terminada esta, remeti-lhe dois dos meus catálogos, que recebeu, escrevendo-me a seguinte carta:

«Jene, 13-7-1938.

Excelentíssimo Senhor

Recebi com verdadeiro prazer e com o maior agradecimento o seu catálogo com as diferentes contribuições interessantes! Gostei muito de ver outra vez as reproduções das obras esplêndidas de V. Ex.<sup>a</sup> e recordei-me vivamente das horas, onde as admirei na sua casa (a ave da consola estando justamente em construção). Hei-de enviar, com a sua permissão, o segundo exemplar do catálogo ao Doutor Lautensalk em Greifswald, grande amigo de Portugal, com quem eu falei muitas vezes das obras de V. Ex.<sup>a</sup>.

Recordei-me também a esta ocasião da minha promessa de tirar fotografias do castiçal e do puxador que eu devo a V. Ex.<sup>a</sup> e apressei-me de fazê-las. Mando duas tiragens de cada aqui juntas; se V. Ex.<sup>a</sup> quizer mais peço de encomendá-las.

Esperando que a sua alusão de terminar a sua produção artística seja ainda longe adiada subscrevo-me, com os melhores desejos para o bem estar de V. Ex.<sup>a</sup>, o seu verdadeiro admirador e obrigado Dr. Walter Wessel».

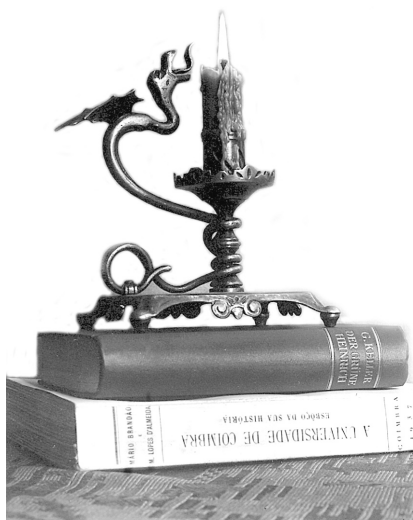


Ilustração 39 – Palmatória adquirida pelo Dr. Walter Wessel

<sup>292</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Das duas fotografias do álbum, escolhemos a enviada a LCA pelo Dr. Walter Wessel, com a vela acesa e a palmatória colocada sobre dois livros. É interessante, no mínimo, a posse de um deles por parte do Dr. Wessel: *A Universidade de Coimbra – Esboço da sua História* de Mário Brandão e M. Lopes D’Almeida – Coimbra 1927. Ilustração 39.

Esta homenagem, prestada pelo Senhor Professor Dr. Wessel, cativou-me por vir de um estrangeiro tão ilustre e, mais ainda, o ter ele remetido ao seu colega o outro catálogo. Em resultado disso recebi, com data de Abril de 1939, meia folha de papel com o seguinte cabeçalho:

«Ibero-Amerikanisches Institut.» E ao lado em bom português: «Resenha publicada na nossa Revista». Ao centro um recorte do artigo publicado nessa revista em língua alemã, com o seguinte título: Chaves de Almeida, Lourenço. Ferros de Arte: Sociedade Nacional de Belas Artes 1938.

Não tenho, não tive nunca, simpatias pelo militarismo alemão, deste povo só admiro a sua cultura e a sua ciência; se um dia se despir da rigidez da sua farda, que lhe imprime um não sei quê de desagradável, virá, talvez, a ser um dos melhores povos do mundo...

### O COFRE COM A SIMBÓLICA CHAVE DE COIMBRA

Este cofre é pequeno mas também tem a sua história.

Fui, um dia de Maio, chamado ao gabinete de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da Câmara, o Senhor Doutor Ferrand de Almeida expondo-me o seu desejo, um cofrezinho com a chave da Cidade para a Câmara Municipal oferecer a Sua Excelência o senhor Presidente da República, quando da sua próxima visita a Coimbra.

Compreendi perfeitamente o desejo do Senhor Presidente; o acaso favoreceu, porque não havia tempo de fazer, com a urgência requerida, um tal trabalho.

De há muito que trazia entre mãos uma peça desse género; tratei de a ajustar ao desejo da Câmara cinzelando, às cabeceiras, as armas da Cidade e na frente, dois medalhões com o busto de dois filhotes. Rematava-o a figura de uma criancinha nua, desfolhando as páginas da nossa História, com as datas, que nesse ano se festejavam, a da Restauração e a actual (1940)<sup>293</sup>.

A chave era uma peça delicada, em especial a aza que enquadrava as armas da Cidade em lindas folhagens no estilo manuelino.

Esta obra, para que puzeram todas as facilidades, deu-me os mesmos aborrecimentos que tive com o lustre para receber o dinheiro, isto por parte do secretário da Câmara, que me marcava certos dias e horas para lá ir tratar do assunto. Perdia horas ali no corredor, esperando que S. Ex.<sup>a</sup> me recebesse, como se fosse pedir um favor; isto acabou por me azedar, dando ocasião, em certo dia, *a que encontrasse este sujeito no eléctrico e com ele desabafasse amargamente...*<sup>294</sup>.

Desde esse momento não voltei à Câmara senão quando, para receber o dinheiro (o que levou bastante tempo) fui avisado pelo correio.

Este desagradável incidente ter-se-ia evitado se [para] este senhor as palavras não fossem de ouro...

---

<sup>293</sup> Fotos do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 40.

<sup>294</sup> «...em certo dia, que no eléctrico o encontrei e desabafei amargamente com este sujeito...», no manuscrito.



Ilustração 40 – Cofre e Chave da Cidade de Coimbra

Esta peça passou despercebida em Coimbra, apenas a ela se referiu o jornal *Comarca de Arganil* de 8 de Agosto de 1940, que principia assim. «Quando da elaboração do programa das festas comemorativas dos Duplos Centenários, incluiu-se uma solenidade a realizar em Coimbra e à qual assistiria o venerando Chefe de Estado, tendo a Câmara resolvido entregar-lhe nessa ocasião a chave da Cidade, para o que mandou fazer um pequeno cofre em ferro forjado e a respectiva chave».

Não averigui o destino que estes objectos tiveram, não sei mesmo se foram entregues ou se ainda estão em Coimbra<sup>295</sup>.

#### O DESTINO QUE TEVE O LUSTRE PRINCIPIADO PARA BRAGA

Estava eu então nas Caldas do Moledo quando recebi uma carta de meu filho comunicando-me ter visitado a oficina o Senhor Director da Caixa Geral de Depósitos Dr. Guilherme Luizelos Alves Moreira, que ao ver este Lustre e as suas dimensões, dele se agradou, pedindo para me informarem de o não vender a ninguém sem lhe dar parte.

Contava-me o rapaz, depois quando regresssei, que o senhor Doutor viera acompanhado de uma das irmãs e que ao ver a obra lhe dissera:

— Ora, era um trabalho deste género que eu procurava.

E voltando-se para o meu filho disse-lhe:

— Venho de visitar outras oficinas e ver alguns trabalhos ali feitos, mas não me agradaram, este é que estará bem para o local que lhe destino. Mande dizer a seu pai que aqui virá uma comissão para ver o trabalho e combinar com ele o seu custo.

---

<sup>295</sup> Encontram-se actualmente no Arquivo Histórico-Municipal de Coimbra.

Ao que o rapaz respondeu:

— Meu pai fez o preço de dez contos, no entanto ele resolverá depois com V. Ex.<sup>a</sup> Nos princípios de Dezembro apareceu-me aqui na oficina a prometida comissão, viram o lustre, tiveram palavras de louvor para o trabalho, retirando satisfeitos recomendando que o Senhor Dr. Alves Moreira escreveria a seu tempo.

Fui chamado a Lisboa para ver a sala que lhe era destinada e marcar a forma de o suspender e a altura a que teria de ficar, sendo necessário um pedaço de corrente, que mandei antes mesmo de o despachar.

Quando da Caixa Geral de Depósitos me deram ordem para o despachar e acompanhar para o colocar no seu lugar, como era desejo do Senhor Dr. Alves Moreira.

Quando no Largo do Calhariz me apresentei, ainda o lustre não estava ali, foi mandado levantar de Santa Apolónia e só chegou ali pelo fim da tarde, mas já [eu] havia assentado o florão de onde devia pender a corrente de ligação.

Depois de armado e colocado no seu lugar devo dizer que se havia ajustado tão bem à sala que dava a impressão de ter sido feito para aquele ambiente de sobriedade.

Foi um trabalho que ficou a contento de todos e sobretudo do senhor Director Alves Moreira, que tendo o seu enviado especial me obrigado a fazer um abatimento aos dez contos, ele me mandou pagar essa quantia exactamente.

Assim, um trabalho principiado com destino a Braga foi parar a Lisboa, ao edifício do Calhariz, com muita satisfação minha, porque aí está muito melhor do que na casa do Brasileiro...

O gosto pelos trabalhos de ferro forjado levou o Senhor Dr. Guilherme Luizelos Alves Moreira a encarregar-me de desenhar um lustre para a sua sala de mesa em Lisboa; fiz-lho e submeti-o ao seu parecer que lhe agradou, mandando-me fazer-lhe o trabalho.

Esta obra estava pronta nas férias grandes, veio vê-la e gostou muito dela, mas achou de dimensões superiores ao seu desejo e resolveu que esse lustre ficasse aqui em Coimbra, na sala de visitas em casa de suas Irmãs.

Em vista disso, encarregou-me de lhe desenhar um outro mais pequeno, era uma peça em estilo português, achou bem o desenho e mandou executar o trabalho.

#### **HISTÓRIA DO MEU LIVRO «OS TÚMULOS DE ALCOBAÇA E OS ARTISTAS DE COIMBRA»<sup>296</sup>**

Desde 1919, quando da minha visita a Balsemão, subúrbios de Lamego, entrara no meu espírito a ideia de seguir, passo a passo, a escola da estatuária Coimbrã do século XIV, aguçada pela publicação do Livro do meu Mestre Gonçalves em 1923, – «Estatuária Lapidar do Museu Machado de Castro».

A oferta deste livro, pelo seu autor, foi para mim um grande benefício, durante muitos anos foi o meu breviário na religião da Arte, abrindo no meu espírito o apetite aos apontamentos e visitas às obras deste período maravilhoso!

---

<sup>296</sup> Reprodução da capa do livro. Espólio de LCA. Ilustração 41.

Com grande cabedal de apontamentos, valiosos para mim, eram levados para as Caldas do Moledo, onde ia com as filhas fazer umas escassas semanas de tratamento e repouso.

Era ahí, no socego dessa estância balnear, que estudava tão difícil assunto, de os Túmulos de Alcobaça serem atribuídos à escola franceza, por Mestre Gonçalves e Doutor Ribeiro de Vasconcelos, no seu livro *Inêz de Castro*, editado pelo meu bom amigo Marques Abreu, no Porto.

Em casos desta natureza os documentos rareiam, temos que obrigar a falar os monumentos, escutados com interesse e carinho eles dizem-nos muitos segredos.

No regresso das Caldas visitei o meu Exm.º Amigo e Senhor Dr. Ribeiro de Vasconcelos, com a ideia de lhe oferecer os meus estudos, para ele desenvolver e rectificar, como havia feito com o seu livro sobre a Sé Velha.

Falei largamente nos meus pontos de vista sobre os Túmulos de Alcobaça e afirmei-lhe que foram com certeza feitos pelos artistas portuguezes e aqui, da escola Coimbrã.

Esta minha categórica afirmação sobressaltou-o e perguntando-me em que me baseava, falei-lhe nos trabalhos aqui existentes, sobretudo nos fragmentos do Museu, abanando a cabeça diz:

— Para tal afirmativa é muito pouco o que diz, porque em Coimbra nunca houve escola e esses fragmentos são muito grosseiros e Mestre Gonçalves já disse tudo.

Não continuei com a conversa e apenas lhe disse:

— Vou no dia 5 de Outubro até Alcobaça, preciso de tomar mais estreito conhecimento com os Túmulos.

Passaram-se dias depois do meu regresso de Alcobaça quando, no domingo seguinte, me apareceram aqui em casa de visita os Senhores Doutores Ângelo da Fonseca e Ribeiro de Vasconcelos.

Foi uma tarde magnífica de Arte, falou-se das minhas impressões sobre a obra, abordou[-se] a afirmação do Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, de atribuir garras de monstro à figurinha da Rosácea do Túmulo de D. Pedro e perguntou-me:

— Viu isso?

Não quiz desfazer-lhe a sua afirmativa [e] respondi-lhe:

— A visita que agora fiz foi para examiná-las na generalidade, não entrei em pormenores, isso fica para a visita que farei muito em breve.



Ilustração 41 – Capa do livro  
«Os Túmulos de Alcobaça  
e os Artistas de Coimbra»

Soube que ele estava doente e de cama, fui visitá-lo uma tarde, ahí foi ele que entrou no assunto, irritou-se com as afirmações do livro «A Paixão de Pedro o Crú», de Lopes Vieira.

Sabendo que [eu] era íntimo amigo do autor do livro, viu logo que não lhe dizia a verdade do que observara junto ao Túmulo mas, para o socegar garanti-lhe que voltaria a Alcobaça no dia 2 de Dezembro, que era domingo e que desenharia o pormenor da Rosácea.

Realmente lá fui (num dia de grande geleira) indo logo directamente para o Mosteiro, eu tinha apenas duas horas, era o intervalo entre dois comboios, tirei então os meus apontamentos a lápis e em duas posições.

Conservo-os como uma bela recordação por muitos motivos e ainda porque desfiz uma suspeita...

Quando fui a casa do Senhor Doutor, logo que cheguei disse-lhe:

— Cá estão os apontamentos Senhor Doutor.

Ele, com certa curiosidade e interesse, pergunta-me:

— Então, quem tem razão?

Respondi-lhe, abrindo a pasta para retirar os desenhos:

— Afinal de contas, ambos teem razão...

Quando lhe passei o desenho para a mão, olhou-o atentamente e perguntou-me:

— Que ideia faz o senhor disto?

Ao que respondi:

— Faço uma ideia muito diferente de tudo o que têm escrito os interpretadores da iconografia dos Túmulos...

Ele examinava, com muita atenção o desenho e perguntou-me:

— Mas esta garra não pertence à figura, ou o que é isto?

Respondi-lhe logo, indicando o desenho:

— Isto é a perna, que está partida entre o pé e a coxa, como V. Ex<sup>a</sup> vê falta-lhe o pedaço que se liga à garra a que chamam erradamente o monstro.

Colocando o dedo indicador no lábio inferior examinava atentamente e por fim diz-me:

— Mostrou isto ao Dr. X?

Era a sua preocupação, não havia mostrado a ninguém porque isso mesmo não me convinha, porque teria de dar explicações que desejava ocultar até falar com o meu amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

Restituindo-me o papel, pediu-me:

— Então faça o favor, não lho mostre.

Soceguei-o, garantindo-lhe que fui a Alcobaça, propositadamente, para o convencer a ele, da errónea ideia que fazia dessa figurinha.

Além disso, só aos dois interessava tal assunto.

Notei, desde esse dia, que o meu amigo desviava as conversas do assunto Túmulo

No Natal desse mesmo ano fui a Lisboa com os meus apontamentos já mais ou menos em ordem, para ir a Odivelas e à Sé para examinar os túmulos e falar aos meus amigos Dr. Lopes Vieira e João Couto.

No regresso de Odivelas, passei a tarde no Largo da Rosa porque estava de chuva e ahí li os manuscritos que tiveram caloroso aplauzo seu e disse-me:

— Isto vai muito bem e o que lhe posso garantir é que o seu estudo é uma revelação técnica de subidíssimo valor, veja o receio do Doutor Vasconcelos, para mim tem um alto significado, quiz depreciar o meu livro, receia ser esmagado por um ferreiro, um erudito mestre em Letras vê o seu [livro] perder todo o valor.

Estas palavras do meu amigo [*foram*]<sup>297</sup> um narcótico salutar, pois que andava aborrecido pelo desgosto que causava ao Senhor Dr. Vasconcelos, porque [ele] sentia que eu não acreditava na afirmação de que em Coimbra não havia escola e que o artista dos Túmulos era francês.

Preparei tudo para no verão seguinte levar para o Moledo.

Em Agosto recebia um postal de S. Pedro de Moel, do meu amigo que me dizia: «Não deve demorar o estudo dos Túmulos porque outros podem tomar a dianteira».

Esta prevenção deu-me que pensar, respondendo-lhe que ninguém, fosse quem fosse, poderia chegar às minhas conclusões.

Não me respondeu a isto mas informou-me de que o Senhor Doutor Reinaldo dos Santos havia escrito umas páginas, para o *Guia de Portugal*, sobre os artistas de Coimbra, desde o século XIV até à actualidade, falando largamente de mim, rematando: «isto é uma grande honra para si»<sup>298</sup>.

Vi nisto uma desvantagem ao meu estudo e tive a suspeita de que o meu amigo *tivesse cometido*<sup>299</sup> uma inconfidência, aproveitada pelo Senhor Dr. Reinaldo e com esta ideia fui para o meu repouso das Caldas do Moledo.

Ahí puz em ordem os apontamentos e depois passei-os a limpo, estavam prontos quando me foi visitar o meu amigo e Senhor Dr. Vergílio Correia.

Obcecado pela ideia que venho de expor, mostrei-lhe o meu estudo, isto em 31 de Agosto de 1942, leu-o com muita atenção, falei-lhe nos meus receios *dizendo-lhe*<sup>300</sup>:

— Porque V. Ex<sup>a</sup> sabe, melhor do que ninguém, aos anos que ando estudando os artistas de Coimbra, é uma testemunha da minha canceira a tal respeito.

Foi esta conversa que gerou o artigo por si escrito em 15 de Setembro, que teve a amabilidade de me ir ler nesse dia e que foi publicado no *Diário de Coimbra* de 17, com o título *Os Túmulos de Alcobça*.

Infelizmente não foi lido pelo meu saudoso amigo e Senhor Dr. Vasconcelos que havia falecido há pouco tempo.

Nesse artigo o meu amigo apontava-me: «Que nos Túmulos de Alcobça há a considerar as expressões **plástica, histórica e icónica**». Estas três *expressões*<sup>301</sup> confesso que me magoaram, mas era uma indicação vinda de um Mestre e que meti a peito provar que um Ferreiro também as pode compreender.

Então o meu estudo estava incompleto!...

---

<sup>297</sup> «...do meu amigo foi um...», em ambos os textos.

<sup>298</sup> Cf. *Guia de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., vol. III, tomo 1, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1984, p. 204.

<sup>299</sup> «...amigo cometesse uma...», no manuscrito.

<sup>300</sup> «...receios: », no manuscrito.

<sup>301</sup> «...frases...», no manuscrito.



Quando o meu amigo, dias depois, me veio trazer o número do *Diário de Coimbra* em que vinha o artigo, falámos largamente no trabalho e na matéria que teria de estudar para ir mais longe.

Aconselhou-me que fosse a Braga, de visita ao Túmulo do Arcebispo D. Gonçalo Pereira.

Recortei o artigo e remeti-o para S. Pedro de Moel, agradou ao meu bom amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

No fim desse verão fui visitá-lo à sua Quinta das Côrtes de Leiria e ahí lhe li o meu estudo, expondo-lhe que era meu desejo entrar na matéria que o Dr. Vergílio dizia que lhe faltava; tencionava ir ver o túmulo de Braga.

As visitas que a este meu grande amigo fazia eram de grande proveito para mim, porque me estimulavam com conselhos que eu aproveitava e seguia como dogmas infalíveis.

As visitas à necrópole de Santa Clara tornaram-se mais frequentes depois disso, porque era o ponto de partida para o estudo seguro da vida dos artistas de Coimbra e o bordão a que teria de me encostar na íngreme caminhada ao longo dessa galeria de soberbos trabalhos.

#### PROVEITOSO PASSEIO A BRAGA

Também trazia ao corrente do meu trabalho o meu Exm.º Amigo e Senhor Manuel Monteiro, escrevi-lhe dizendo que o meu estudo ao túmulo do Primaz D. Gonçalo Pereira se impunha com certa urgência.

Escreveu-me animando-me a ir lá, mas com a condição de o prevenir do dia certo, o que fiz, lá estava ele na estação esperando o comboio; há muitos anos que o não via e tive a impressão de o ter visto também há pouco tempo, ainda bem disposto e de boa aparência.

Acompanhou-me ao hotel que me destinava, porque logo de chegada me disse que era seu hóspede, de subidíssima honra para mim, partindo depois em demanda da Capela do Arcebispo Bracarense.

Entrámos nesse magnífico recinto, recentemente restaurado, integrado na sua primitiva fisionomia, paredes decoradas em belos frescos da época e ao centro da quadra, levantava-se o sarcófago do avô de D. Nuno Pereira.

Tirando da pasta o meu manuscrito pedi-lhe para que o lêsse ali mesmo, junto ao trabalho do mesmo artista, que eu garantia, convictamente, ser o dos Túmulos de Alcobaça.

Enquanto o meu Ilustre Amigo lia, examinava eu o túmulo, cujo desenho era o mesmo do da esposa de D. Diniz, em Santa Clara; duma coisa fiquei logo convencido, este trabalho havia sido feito em Coimbra, por artistas de Coimbra,

Não era preciso ser-se muito arguto para chegar a essa conclusão, lá estava a matéria em que era feito, Pedra de **Portunhos**, muito minha conhecida; isso foi uma revelação bem aceite pelo meu companheiro, que havia terminado a leitura do manuscrito com amigas palavras.

Ali mesmo, na macieza da luz coada pelos vitrais, me revelou que o Senhor Dr. Alberto Feio, havia anos, descobrira o contracto escrito em pergaminho, já muito arruinado,

em que Mestre Pêro, Pedreiro, morador em Coimbra e Telo Garcia, morador em Lisboa, se comprometiam a fazer o túmulo ao Arcebispo de Braga, dando princípio imediato ao trabalho.

Preguntou-me se eu não conhecia a publicação desse documento, que havia sido já publicado na *Biblos*, não conhecia. Pelo meu estudo se deve reconhecer que os artistas já eu os encontrara, seguindo-lhes as obras, autênticos documentos da capacidade e mérito, garantido em trabalhos contínuos.

Depois de tirar os meus apontamentos e medidas, partimos dali para a Biblioteca, a tomar conhecimento com o célebre documento e cumprimentar o seu Conservador, o Senhor Dr. Alberto Feio, que teve a amabilidade de me mostrar o Boletim.

Ali mesmo, o meu Ilustre Amigo disse-me que, como passava pelo Porto, fosse à Sé ver e estudar o túmulo de João Anes Gordo, que se ligava com o de Braga; foi, como se vê, um proveitoso passeio, mudando por completo a fisionomia do meu escrito, anteriormente feito.

Visitei o túmulo da Sé do Porto, de João Anes Gordo, que foi juiz do Mar, no tempo de D. Diniz, mais um a enfileirar aos de Coimbra e que, como o de Braga, foi feito aqui, pelos nossos artistas.

Regressei a casa muito satisfeito e agradecido aos amigos o proveito para o meu trabalho, que modifiquei por completo, dando disso conhecimento ao meu bom Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

Todo o meu desejo era que o meu, também amigo, Marques Abreu, do Porto, me editasse o trabalho; tendo-se comprometido fazê-lo por esse lado estava combinado e aceite.

Depois de pronto remeti-lho, ou por outra, fui lá propositadamente levar-lhe o manuscrito.

Passado algum tempo recebi-o passado já à máquina e com a seguinte escusa: que não podia editar porque não estava filiado no grémio dos editores do Porto, que procurasse eu em Coimbra uma casa que o fizesse, o que seria certamente fácil.

Não esperava por tal resposta e fiquei aborrecidíssimo, queixando-me deste procedimento ao meu amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira.

No segredo deste meu estudo estavam os seguintes amigos, que por ele muito se interessavam, os Senhores Drs. Lopes Vieira, Manuel Monteiro, Vergílio Correia e Coronel Belisário Pimenta.

O primeiro e o último destes amigos eram para mim os grandes animadores, porque se não fossem eles eu teria desistido da sua publicação.

Quando contei este fracasso ao Senhor Coronel, ele prontificou-se a ir comigo falar na *Atlântida*, com um amigo que lá tinha, o Senhor Malva, que muito sorridente se desfez em desculpas, que tinha muito trabalho e... não podia editar.

#### COMO UM CAPRICHIO DA SORTE BAFEJOU O MEU TRABALHO

Quando tudo se considerava perdido, porque o desalento entrava comigo e com o Amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira, recebo de Lisboa um postal dele pedindo-me o original na volta do correio e dando-me a boa nova de ter arranjado editor para a obra.

Não se descreve a minha satisfação, apesar do laconismo da boa notícia, reme-tia-lhe mediatamente tudo, com plenos poderes para em meu nome proceder como coisa dele.

Como não socegasse o espírito, resolvi, na semana imediata, ir a Lisboa para saber o que se havia passado e ahí me contou, este meu querido Amigo, o seguinte

— Há dias estando eu aqui, recebi o cartão de Identidade do Chefe dos Serviços de Cultura da Junta de Província da Estremadura, o Senhor Guilherme Felgueiras, veio pedir-me a minha colaboração para a sua revista. Simpatizei com o homem e perguntei-lhe se editariam algum livro, respondeu-me que por vezes o faziam, então propus-lhe editarem o seu livro, visto estar dentro da índole do espírito do Boletim e tratar-se da Província da Estremadura. O Senhor Felgueiras ficou preso pelo que lhe expuz e queria falar nisso ao Senhor Coronel Linhares de Lima, que é o Director de todos os serviços da Junta.

Dias depois fui chamado ao telefone pelo Senhor Felgueiras, informando-me que o Senhor Coronel estava de acordo em ser editado o livro pela Junta da Província.

Em vista do caminho que as coisas levavam o meu contentamento era justificado, entregando-lhe o original.

Em 5 de Fevereiro de 1944 fazia o meu contracto com a Junta de Província da Estremadura, cedendo todos os direitos de publicação em troca de 50 exemplares e assim foi aceite, cujo havia sido aceite como constou no seu officio n.º 3 dos Serviços Culturais de 10 do mesmo mêz.

Passado um mêz eram-me enviadas as provas para revisão e, para comemorar uma data festiva em casa do meu Ilustre Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, a que eu sempre me associava, era em 20 de Abril remetido um exemplar do livro «Os Túmulos de Alcobaça e os Artistas de Coimbra».

Seguiu-se, logo depois, a remessa dos 49 exemplares do contracto fixado anteriormente.

Estava finalmente lançado a correr mundo esse livro que tantos embaraços teve, porque era uma Nova verdade na obscuridade contraditória de opiniões.

Só resta afirmar o valor do meu trabalho, teve o melhor acolhimento em todo o Paiz. Toda a imprensa lhe dedicou artigos de apreço e... surpresa pela arrojada revelação.

Era de esperar que este acontecimento fosse uma página de orgulho para os filhos de Coimbra. Não foi! Antes pelo contrário... não farei comentários ao silêncio sobre esta honrosa página para as artes e artistas de Coimbra, pela simples razão: não sou de Coimbra. Mas nem por isso mesmo, deixo de sentir um certo, envaidecido e justificado, orgulho.

O último artigo de apreço ao meu estudo foi escrito pelo meu Ilustre Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, em Muel – Agosto de 1944, publicado no *Boletim da Junta de Província da Estremadura* e transcrito pela *Voz* na secção Bazar de 17 de Dezembro desse ano, com o seguinte título: «Os Túmulos de Alcobaça – A propósito do estudo de Lourenço Chaves de Almeida».

Formou duas magníficas páginas que se integraram no todo da minha obra; são uma eloquente resposta dada ao silêncio malicioso da gente de responsabilidade de Coimbra.

O penúltimo parágrafo remata com esta **verdascada**, aliaz muito justa: «O homem das mãos que trabalham o ferro descobriu e entendeu o remoto antepassado sempre vivo, cujas mãos trabalhavam a pedra; é uma grande boa nova para a Arte Portuguesa!»

Os que leram aqui este artigo certamente esconderam o seu despeito...

### UMA SÉRIE DE ESCULTURAS PLÁSTICAS EM FERRO FORJADO

Quem ler estas páginas certamente me julgará apenas absorvido pela organização e publicação do meu livro, cuja distribuição aos amigos eu estava empenhado que fosse em 27 de Abril de 1944, meu aniversário. [*Festejei*]<sup>302</sup> essa data a que me deu a honra de se associar o meu Ilustre amigo e Revisor da obra o Senhor Coronel Belisário Pimenta; foi uma tarde de festa em família, aqui no Tovim.

A par disto tudo, surgiam as esculturas plásticas de mais arrojada concepção artística que num outro meio, menos absorvente, teriam merecido melhor atenção.

No fim do verão de 1940, o meu Exm.<sup>o</sup> Amigo e Senhor Dr. Bissaia Barreto falou-me em fazer um trabalho escultório de uma figura segurando uma lanterna, para ofertar, *pelo Natal*<sup>303</sup>, ao seu Ilustre Amigo o Senhor Presidente do Governo, Doutor Oliveira Salazar.

A guerra esgotara no mercado todo o ferro grosso que me pudesse servir para tal obra; tive a sorte de, aqui numa aldeia visinha, arranjar um velho eixo de carro de bois, de quatro polegadas e [de ferro] **sueco**, que já há muitos anos não trabalhava.

Forjar esta avantajada estatueta foi trabalho de muitos e penosos dias... não, não deve haver, em parte alguma, obra em ferro forjado com tais dimensões, posso garanti-lo sem vaidade.

A escultura foi modelada em movimento sobre caminho difícil, vergado ao peso da **Armilar**, com escudos de Portugal<sup>304</sup>.

Estava já no fim do ano e a obra ainda muito atrasada; sugeri ao Senhor Doutor Bissaia Barreto para fazer a oferta no dia 28 de Abril, por ser o dia de aniversário do Senhor Presidente.



Ilustração 42 – Estatueta encomendada pelo Dr. Bissaia Barreto

<sup>302</sup> «Para festejar...», em ambos os textos.

<sup>303</sup> «... pelo natal», correção do Autor.

<sup>304</sup> Foto do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 42.

Concordou e foi muito bom, porque não me agrada trabalhar em coisas destas com grande velocidade.

Em 20 de Abril fui entregar o trabalho que agradou mas [algo] veio perturbar as relações de boa amizade que entre nós existiam há muito anos, foi a conta que lhe havia ido entregar. Dias depois veio aqui à oficina um seu empregado com uma carta fechada, ao abri-la deparei com metade da importância da minha conta e uma nota dizendo-me que *achava caro...*

Aproveito estas palavras da Exma. Senhora Dona Veva de Lima, pela oportunidade, como lição: «A probidade não aceita atenuantes e o carácter repudia disfarces»<sup>305</sup>.

Senti uma revolta em mim, meti tudo dentro de um outro envelope, expondo numa carta a ofensa feita ao meu brio profissional e ao meu carácter, devolvendo-lhe *o dinheiro*<sup>306</sup>.

No outro dia mandou-me a importância por inteiro, mas desde este momento não me tornei a aproximar de Sua Excelência, no entanto, quando passo por ele, cumprimento-o respeitosa e modestamente.

Como o ferro era muito, forjei ainda mais quatro estátuas. Um atleta apumado num grande movimento de força, elevando a luz acima da altura da cabeça; é a maior de todas, por ter aproveitado a parte mais grossa do ferro<sup>307</sup>.

Este trabalho, que não foi feito por encomenda, figurou na exposição realizada há anos na Faculdade de Letras<sup>308</sup>. A base era maciça e pesada, não me agradava e, como sempre, espero apareça faísca para a sua modificação; isso surge quando demoro os trabalhos e estão presentes aos meus olhos.

Foi o que felizmente sucedeu com esta obra e logo que tive vagar modifiquei-a, tornando-a mais transparente e leve.



Ilustração 43 – Estatueta do Atleta

<sup>305</sup> Veva de Lima - *O Único Vencido da Vida que também o foi da Morte*. Edição de 1945.

<sup>306</sup> «...o dinheiro.», acrescento do Autor.

<sup>307</sup> Foto da peça do Álbum de Trabalhos de LCA. Paradeiro desconhecido. Ilustração 43.

<sup>308</sup> Julgamos que o Autor se refere à IV Exposição Oficial de Arte, realizada no edifício da Faculdade de Letras, em Coimbra, no ano de 1942, patrocinada pela Comissão Municipal de Turismo de Coimbra.

A terceira destas figuras, um pouco mais pequena, debruça-se de braços estendidos segurando um globo de vidro fosco e foi feita para a Exm.<sup>a</sup> Senhora Dona Veva de Lima, que tem por este trabalho grande estimação e apreço<sup>309</sup>.

A quarta desta série é uma **Salomé**, foi também feita sem encomenda; era uma graciosa estatueta de mulher segurando uma taça com ambas as mãos, dentro da qual surgia o globo com a luz<sup>310</sup>.

Essa peça, ainda em construção, foi comprada pelo serralheiro de Lisboa, que nessa altura visitou a minha oficina, senhor Vicente Joaquim Esteves, que a mandou acabar e seguir para a sua casa, onde suponho existe.

A quinta destas estatuetas e a mais galante de todas tem, como a primeira, uma esfera armilar sobre os ombros, caminha sobre ondas encapeladas, sustentada, como pés, num cavalo-marinho e dois golfinhos e tem por nome Atlântida<sup>311</sup>.

Esta peça tem porém a sua história, muito curiosa.

Visitou a minha casa, com grande honra para mim, o Ministro da Guerra, Exm.<sup>o</sup> Senhor Tenente Coronel Santos Costa, acompanhado do seu Estado Maior e o Senhor Prior de Tentugal.

Antes de entrar na minha oficina, isto em Dezembro de 1944, teve com os seus companheiros a seguinte conversa, de que mais tarde tive conhecimento: «Gostava de possuir um trabalho deste artista».

Quando lhe mostrei os trabalhos e viu o meu Atlântida, ficou preso a esta obra que muito admirou; seu tio, o Senhor Prior, perguntou-me muito em segredo:

— Que preço faz o Mestre Lourenço a esta peça?

Ao que respondi no mesmo tom:

— Seis mil escudos

Falou com o senhor General e depois veio dizer-me:

— Não venda isto a ninguém...



Ilustração 44 – Estatueta da D. Genoveva de Lima

<sup>309</sup> Encontra-se no Palácio Ulrich e é propriedade da Fundação Maria Ulrich. Segue foto da peça, do Álbum de Trabalhos de LCA. Ilustração 44.

<sup>310</sup> Não foi encontrada foto desta peça. Paradeiro desconhecido.

<sup>311</sup> Não foi encontrada foto desta peça. Paradeiro desconhecido.

Depois o Senhor Ministro falou-me vagamente numa obra para a igreja de Odivelas, prometendo enviar-me fotografias da capela-mor<sup>312</sup>.

Passados dias veio o Senhor Prior pagar-me a peça e levá-la, para mandar para Lisboa.

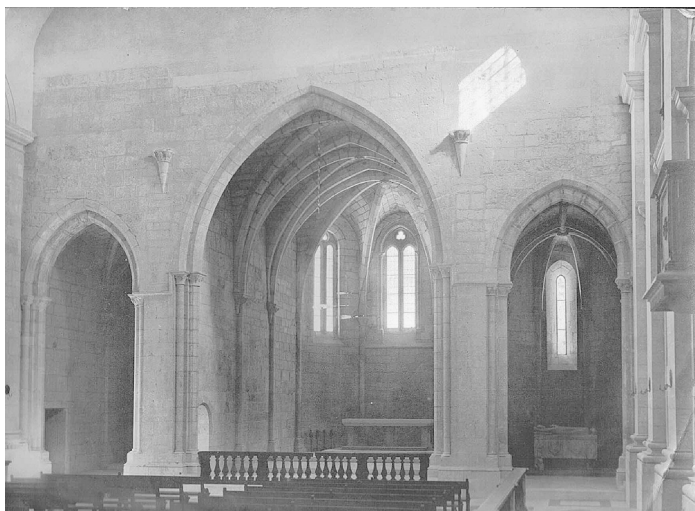


Ilustração 45 – Igreja do Convento de Odivelas

#### NOVO RUMO À MINHA VIDA DE FERREIRO DE ARTE

A brutalidade da guerra parecia não ter fim e a matéria prima faltava por completo; este estado de coisas desanimou-me fugindo de compromissos de trabalho.

Estava só, não podia por isso ter operários, trabalhava em pequenas coisas para não anquilosar na arte.

O Senhor Ministro da Guerra encarregou-me de fazer as cruzes e os tocheiros para Odivelas, em estilo gótico<sup>313</sup>.

Tomei conta deste trabalho, sem compromisso de tempo, sendo ele motivo de amiudadas visitas de S. Ex.<sup>a</sup>, que eu sempre recebia com um à vontade de velho amigo, sem o protocolo oficial a lembrar-me o Ministro...

---

<sup>312</sup> Foto da Igreja de Odivelas, enviada a LCA pelo Ministro, com os seguintes dizeres, manuscritos pelo próprio, no verso: «Igreja – Convento de Odivelas – Capela-mor e capelas laterais. Na capela da direita está um túmulo que deveria ser retirado do local onde se encontra para nele ser colocada uma mesa de altar de dimensões iguais às do altar da capela da esquerda». Espólio de LCA. Ilustração 45.

<sup>313</sup> «[...]Por isso lhe pedi para que escrevesse um capítulo desta pálda história e cinzelasse as banquetas dos altares da Igreja de Odivelas. Quando, pelos tempos fora, alguém se der ao cuidado de apreciar os caprichos daquela preciosidade, lerá o seu nome e talvez haja quem lhe diga ou lhe lembre que foi nos nossos tempos que tudo se passou... [...]. Excerto da carta do Ministro Santos Costa de 11-XI-47, já referida. Espólio de LCA, na Casa Quinhentista.

À mistura com tudo isto, iam seguindo os meus estudos sobre arte e artistas e assim havia acabado o meu trabalho de investigação sobre João de Ruão, há muito principiado.

Falei ao meu Exm.º Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira na possibilidade de o dar a público, porque era sempre com ele que eu contava para isso.

Arranjou-me a ser publicado na revista literária *Ocidente* dirigida pelo Senhor Álvaro Pinto, pondo-me em contacto com ele que me pediu o original para ser publicado no número de Julho de 1945. Remeti o original e combinou-se oferecer-me 50 exemplares de uma tiragem de separatas.

Apenas houve um aborrecimento no atrazo das provas, na revisão, por se ter metido um domingo de permeio e só nesse dia o meu Ilustre Amigo e Senhor Coronel Belisário Pimenta me poder rever as provas, que me deitou para tarde da noite.

O atrazo de uns dias fez irritar o Senhor Director da revista, queixando-se ao meu Amigo e Senhor Dr. Lopes Vieira, que me recomendava muita prudência e pouca demora para não perder esse novo amigo que, dizia e eu concordava, ser-me muito útil para futuras publicações.

O caso serenou e o trabalho saía realmente no mês de Julho.

Recebia, tempos depois, as separatas prometidas, com letras muito amistosas do Senhor Álvaro Pinto; enviando a primeira oferta ao meu Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira.

Este trabalho, que lhe agradou pelas novidades ali reveladas e que ele havia apreciado, fez barulho no meio artístico, mas em Coimbra, como os *Túmulos de Alcobaça*, caiu como em gélido campo deserto... ah, é verdade, veio a crítica, do Amigo Ernesto Donato, a mostrar que eu me havia enganado na localização da Rua dos Pintadores...

Foi a melhor apreciação de um Filhote...

Não esqueci apresentar, com um dos exemplares, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, que pela presidência me foi agradecido em seu nome, muito honrosamente para mim.

A seguir ao estudo de João de Ruão, fiz a descoberta das bases do Túmulo da Infanta D. Isabel, de Santa Clara, da seguinte forma, muito curiosa.

O meu bom amigo e Senhor Dr. Manuel Monteiro escreveu um valioso estudo sobre o túmulo do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, em Braga, oferecendo-me um exemplar desse seu estudo; vi ahí um dos anjos de uma das cabeceiras, numa atitude tão engraçada, que me despertou uma ideia nos anjos góticos do Museu Machado de Castro.

Fui identificá-los, não me havia iludido, eram as bases do pequeno túmulo, mas... a grande dúvida, teria apenas aqueles dois? Não, não podia ser, deviam ser quatro que o mestre imaginário lhe architectou, porque a base de assento dos anjos é de tão estreitas dimensões que difícil se manteria equilibrado em pé.

Esta minha descoberta obrigou-me a escrever um estudo completo, cuja primeira parte submeti à apreciação do meu querido Amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira que receiou eu não estivesse seguro da descoberta, e respondeu-me que visse eu bem, que consultasse os meus amigos e Senhores Drs. João Pereira Dias e Manuel Monteiro.

Eu estranhei esta insistência do meu bom Amigo, mas fui trabalhando até que mostrei o estudo ao Senhor Dr. João Pereira Dias, que se prontificou a acompanhar-me a Santa Clara.



## PERDA IRREPARÁVEL PARA MIM DO MELHOR MESTRE E AMIGO

Ele havia falado em Lisboa com o nosso amigo e por este motivo desejava formar uma ideia segura da minha descoberta.

A amizade que ambos me dispensavam era das mais honrosas, mas vi que tanto num como no outro persistia uma grande dúvida, que eu não pude atingir logo, mas deu-me a seguinte satisfação:

— O Dr. Afonso é muito seu amigo e disse-me: «Todo o meu receio é que o Almeida se tenha enganado e levante protestos de alguém [e] que nós não possamos defendê-lo, ele está muito bem colocado com o seu livro dos Túmulos e tenho medo que ele desça».

Eu apenas respondi:

— V. Ex<sup>a</sup> verá que tenho razão.

Veio ter comigo ao Museu, viu as imagens, expuz-lhe as minhas razões perante elas, partimos para Santa Clara, junto da arca continuei justificando o meu ponto de vista e disse-lhe:

— Vou terminar o meu trabalho e depois mando-o ao senhor Dr. Afonso para ele ler e dar-me a sua opinião.

Terminado o trabalho e não desejando abusar da saúde do meu amigo que insistia comigo para que sugerisse a ideia de ser publicado no *Tripeiro*, a pedido do Senhor Dr. Manuel Monteiro, de quem me falava ainda no último postal que dele recebi.

Como o *Boletim [da] Estremadura* havia publicado o meu livro os *Túmulos de Alcobaça e os Artistas de Coimbra* e este meu novo estudo ser um complemento daquele, entendi consultar o meu amigo e Senhor Guilherme Felgueiras, Director da Secção Cultural.

Prontificou-se a publicar, no citado Boletim, o trabalho, pedindo-me as provas com urgência e as fotografuras.

Entretanto a saúde do meu querido Amigo Dr. Lopes Vieira entrava de tomar um carácter que assustava os amigos e as últimas notícias, que me deu o Senhor Dr. Pereira Dias, eram dolorosamente alarmantes, que o Senhor Dr. Reynaldo dos Santos lhe havia comunicado.

No sábado, 26 de Janeiro de 1946, logo de manhã, recebi a notícia da sua morte, que pessoalmente me veio dar aqui a minha casa, o Querido Amigo e Senhor Dr. João Pereira Dias.

Não, não podia acreditar, ele que ainda um mez antes me dizia «estar agora bom de todo» e sabê-lo morto [...] acabrunhou-me muito tal notícia.

Era impossível ir a Lisboa, porque os meus rins se haviam irritado e estava com febre; pedi ao meu amigo para me desculpar junto da Senhora Dona Helena Aboim, da minha ausência em tão doloroso momento.

Como não assisti ao acto fúnebre e o não vi, fiquei com a ilusão de que ainda está vivo...

Não faz ninguém ideia da falta moral que a sua morte me causa, ficou-me um vazio enorme, porque ele estava ao corrente de toda a minha vida e as suas amigas palavras vinham sempre oportunamente.

Enfim, depois de Mestre Gonçalves foi-se com este o meu melhor e mais firme apoio e o melhor dos Amigos<sup>314</sup>.

A vida é assim, quando chegamos à idade dos 70 principia de nos faltar apoio de que melhor se necessita mas também sem coragem de arranjar novos amigos...

As cartas dos meus raros amigos que por essa perda me animavam, encorajando-me, como a lembrarem-me que eles continuavam a meu lado, é ainda um raio de luz a alimentar o espírito abatido.

Bem hajam eles!!!



AFONSO LOPES VIEIRA por COLUMBANO

*A mestre Gonçalves -  
ex-celso amigo  
e admirador*  
*Afonso*

Ilustração 46 – Reprodução do quadro, pintado por Columbano, oferecida a Lourenço Chaves de Almeida, por Afonso Lopes Vieira.

#### NOVA SITUAÇÃO – A MINHA VIUEZ

Para justificar certas atitudes que tomei quando me morreu a minha mulher, em 9 de Setembro de 1945, vejo-me forçado a contar, por miúdo, as razões do meu casamento e os motivos do meu conhecimento com ela, que datam de 1893.

---

<sup>314</sup> Reprodução do retrato de Afonso Lopes Vieira, com a dedicatória já conhecida. Espólio de LCA. Ilustração 46.

Nesta época, fui por meu pai encarregado de, em dias alternados, ir ao lugar das Caldeiras, na freguesia de S. José de Godim, aguçar as ferramentas do pessoal que trabalhava na canalização e depósito das águas do Mourinho, para abastecimento da vila da Régua.

Por esse motivo, era obrigado a passar à porta da habitação da Senhora Dona Maria da Soledade Guedes e sua filha, no lugar da Quintã, dessa mesma freguesia.

Havia regressado do Porto, aonde estava estudando na Escola Normal Primária, a neta e filha destas Senhoras, Dona Izaura da Soledade Guedes, com seu diploma de Professora.

Meu pai que havia ido tomar conta de uma obra a casa destas Senhoras, que eram muito amigas de toda a minha família, travou conhecimento com a nova Professora, de quem muito falava pela simpatia que mostrou e o havia conquistado.

De tanto falar na neta da Senhora **Mariquinhas**, despertou-me o desejo de a ver e conhecer, aproveitando com habilidade a estima de que gosava entre estas Senhoras; por isso, sempre que à porta lhe passava falava na intenção de ver a nova Professora.

Não me foi possível, porque a essa hora, justamente, estava ela ajudando no ensino a professora da terra, D. Maria do Carmo.

Andei nisto muito tempo, até que certo domingo, no regresso das minhas visitas ao meu Santo amigo Heitorzinho, de Loureiro, encontrei toda a família no regresso da missa, estando a avó sentada a descançar da subida.

Fizeram-se as respectivas apresentações e um convite para o chá dessa tarde; não era minha intenção recusar tão cativante oferta, como se pode calcular.

Eu sentia-me observado com curiosidade e devia ter merecido pouco interesse, o filho do Ferreiro Almeida, mas eu ficara deveras embaraçado e tímido, era esse o meu feito (*muito peludo, como em calão, é vulgar dizer-se*)<sup>315</sup>.

Desde o chá desse dia, comecei de apertar o cerco à praça a conquistar, mas a visada, tão alheia se mostrava que por vezes me desarmava, deixando-me a falar só com a Avó.

Era raro o domingo que lá não fosse, tanto mais que o irmão, Raul Guedes Carneiro, havia regressado de Lisboa, dos estudos, por determinação dos médicos; era a crítica idade dos 13 anos.

Então já o *Diário do Governo* havia colocado a dois quilómetros dali, como Professora Oficial, a Dona Izaurinha, era assim tratada por todos.

Passaram-se dois longos anos com este namoro platónico, até ao dia 1 de Dezembro de 1896, dia em que fiz as minhas despedidas para ir para Vila Real, assentar praça, por me ter cabido o n.º 12.

Fui à Quintã despedir-me da família dela e, como era dia de feriado nacional, estava a Dona Izaurinha em casa. Eu era, como já disse, muito religioso e pedia nas minhas orações a Deus que ma desse como esposa.

Eis aqui o princípio da razão deste capítulo, deslocado do seu lugar.

Foi ela que me serviu o chá, nessa altura disse-me:

— Então o Lourencinho, amanhã, já é recruta hein?

---

<sup>315</sup> «...(muito peludo como é costume dizer)», no manuscrito.

Aproveitei a pergunta para lhe dizer:

— Vou em busca de um futuro para lhe oferecer, aceitará?

Ela, com uma desenvoltura que me desarmou, *responde-me*:<sup>316</sup>

— O quê? Procura um futuro para partilhar comigo? É muito generoso, não se pode ser mais, olhe que desde já aceito.

E voltando-se para o filho do Padrinho, que estava ao fundo da mesa, a jantar, disse-lhe:

— Oh Manuelzinho, ouviu o que o Lourencinho disse? Sirva de testemunha ao compromisso tomado...

Eu, muito peludo, fiquei pior do que um urso... por ver que era mal compreendido na sinceridade da minha oferta.

No entanto, afigurou-se-me ter dado um grande passo para a conquista desses amores, que desde esse dia perdiam o platonismo, cá no meu tímido entender.

Desde o dia 2 de Dezembro de 1896 deixei de ter nome e passei a ser tratado pelo 44, da 3.<sup>a</sup> do 1.<sup>o</sup> de *Infantarian n.º 13*<sup>317</sup>.

Durante alguns dias obsecava-me a ideia de escrever uma carta à Professora, o que fiz finalmente e a resposta não se fez esperar, o que me alegrou na minha vida de recruta prendendo-me a vida até aqui em Santa Cruz de Coimbra, 30 de Agosto de 1899, aonde nos acompanhou seu irmão Raul.

Foi nesse dia que, junto ao altar, me foi dada por Esposa aquela que tanto a Deus havia pedido e assim vivemos 46 anos, até ao dia 9 de Setembro de 1945 em que Deus entendeu por bem levar-ma.

Não me revoltei com a sua morte, estava de ante-mão escrito que um de nós teria que morrer primeiro, coube-lhe a ela a sorte, o que todavia fiz foi meter-lhe no dedo o anel de núpcias, fazendo eu o mesmo, até ao momento do seu enterramento.

Acompanhei o seu corpo até à igreja e ahí pedi ao meu amigo e Senhor Prior, Padre Manuel Estrela, que mandasse abrir o caixão, o que me foi concedido, tirei-lhe nesse momento o anel, que juntei ao meu e entreguei ao Padre, para restituir no seu regresso do cemitério.

Julgando-me só, dirigi-me ao altar-mór da igreja e ahí agradei fervorosamente a Deus a Esposa que Ele me dera e que, durante quarenta e seis anos, foi a minha companheira na vida.

Quando me levantei, reparei que era afectuosamente vigiado pelo meu Colega no Museu Machado de Castro, o Senhor Padre Nogueira Gonçalves e pelo meu bom amigo Senhor Dr. Mário Mendes, a quem disse:

— Entrei aqui casado, regresso a minha casa viúvo.

Os amigos olharam-me com infinita ternura.

Foi para justificar este acto final da minha vida de casado que contei esta história, ainda [*sob*]<sup>318</sup> a pressão moral que o inesperado desenlace me cavou na alma<sup>319</sup>.

---

<sup>316</sup> «...diz-me:», no manuscrito.

<sup>317</sup> Acrescento do Autor.

<sup>318</sup> «...sobre...», em ambos os textos.

<sup>319</sup> Foto de Izaura da Soledade Guedes Chaves de Almeida, Espólio de LCA. Ilustração 47.



Ilustração 47 – D. Izaura da Soledade,  
esposa de LCA

#### SALDANDO UMA DÍVIDA DE GRATIDÃO DOS MEUS TEMPOS DE RAPAZ<sup>320</sup>

Desde 24 de Agosto de 1945, dia em que publicamente me comprometi escrever a biografia do Santo Heitorzinho, de Loureiro, comemorando o passamento de mais um ano sobre a sua morte, o primeiro dos meus amigos em cujo seio se *encastoaram*<sup>321</sup> os princípios da minha personalidade.

Depois de a ter escrito, procurava tipografia que me fizesse o trabalho, mas foi o seu orçamento tão assustadoramente elevado, para as minhas posses, que me fez recuar.

Um dia recebi aqui o recado deixado pelo Senhor Dr. Rocha Madahil, para logo que pudesse o procurasse no Arquivo; eu então estava ausente, por isso fiquei aborrecido.

Fui no dia imediato ao arquivo falar com ele, falou-se muito e mostrei-lhe alguns trabalhos em preparação e a biografia do Santo Amigo, que havia acabado de escrever.

---

<sup>320</sup> Antecedendo este capítulo o Autor, no manuscrito, insere a seguinte anotação: «Nota ao Amigo Ramalho, segue aqui intercalando a pág 211 a 213». Esta é a única referência ao dactilógrafo das Memórias.

<sup>321</sup> «...encastouu...», em ambos os textos.

Leu-a com muita atenção e pergunta-me:

— Onde tenciona publicar isto?

Contei-lhe os meus embaraços, ele, *porém*,<sup>322</sup> facilitou-mos dizendo que se eu quisesse falava para o Porto, com o Senhor Dr. Armando de Matos, para ser o trabalho publicado no *Boletim do Douro Litoral*<sup>β</sup><sup>23</sup>.

Não podia deixar de aceitar tão amigo e espontâneo oferecimento como resultado dessa entrevista.

Em resposta a uma carta ao meu Ilustre amigo e Senhor Coronel Belisário Pimenta, destaco este trecho: «Estive há dias no Arquivo com o Senhor Dr. Rocha Madahíl, foi uma agradável hora (bem puxada) de artística conversação, aonde surgiu por vezes a figura de Mestre Gonçalves e a sua obra.

Já lhe disse há tempos que a sinceridade com que este homem me trata, me cativa e me arrasta para si, porque sinto desfazer-se toda a reserva com que o Vergílio me sugestionou.

Na altura da vida em que estou, não me anima a aproximação de novos amigos. Fujo mesmo disso, mas pode crer que estou a ver quebrar-se a minha intransigência...».

Era preciso ver e avaliar um quadro a óleo, feito pelo pai de Mestre Gonçalves, com as vistas de Coimbra, tirado de Santa Clara e, para isso, recebi convite do amigo e Senhor Coronel para o acompanhar aos Casais, onde estava a possuidora do dito quadro, marcando-me o dia e a hora.

Não faltei, como sempre, pronto a atender às necessidades do Museu, visto ser uma aquisição para ele.

Quando cheguei ao Largo das Ameias, já lá estava o meu amigo<sup>324</sup> *acompanhado de um parente da dona do quadro. Eu notei que alguma coisa o preocupava, quando ficámos sós disse-me que dias antes estivera na rua do Correio, em casa da Senhora Dona Libânia das Neves Gonçalves, irmã de Mestre Gonçalves e que esta lhe mostrara o desarranjo da casa, com um monte de papelada velha e lhe dissera que havia vendido isso ao Senhor Dr. Madahíl.*

*Eu estava ao corrente desse negócio, não só por me ter contado o comprador como pela vendedora que dias antes visitara, a quem mostrei satisfação pela venda, visto que tudo isso desapareceria e o Dr. João Gaspar Simões não ter levado tudo para Lisboa.*

*Compreendi daí que era o refugio deixado por ele na escolha que havia feito e a criada Maria ia vendendo sacos de papelada velha ao farrapeiro.*

*Julgo que as razões por mim expostas não modificaram em nada o desagradável efeito no seu espírito.*

*Contei-lhe que estivera em casa da Senhora Dona Libânia, que me informara da venda de tudo e de um quadro a óleo, com o retrato do pai, com a condição de continuar ela*

---

<sup>322</sup> «...ele facilitou-mos...», no manuscrito.

<sup>323</sup> Publicado em separata do *Boletim do Douro Litoral*, n.º 5 da 2ª série.

<sup>324</sup> Daqui em diante, e até ao final, esta versão das Memórias assenta apenas nos manuscritos. No topo desta página manuscrita o Autor anota: «**continuação da página 257**», exactamente a página em que o texto dactilografado está interrompido. Esta anotação garante-nos, juntamente com as correcções feitas com a sua própria letra, que o Autor conhecia bem o texto dactilografado e o corrigiu até a essa última página.

*sendo a possuidora dele até à morte. Achei bem, tanto mais que estas coisas em poder do Dr. Madahil, estavam ao abrigo e segurança, com proveito para os amigos do Mestre, que esperávamos colher os frutos esquecidos no porão da casa, aonde apodreciam na humidade e pó das obras ahí feitas.*

*Quando, passados mezes, morreu a Dona Libânia, fui apresentar os meus sentimentos à família; vieram nessa ocasião as censuras, do Dr. João Gaspar Simões, às vendas da papelada e do retrato, feito pela falecida tia, queixando-se de que o Dr. Madahil se aproveitara do estado de fraqueza mental da tia, para a persuadir a que ela vendesse aquilo tudo sem o consultar ou à D. Mécia...*

*Pela minha parte não podia ouvir certas insinuações malévolas que envolviam a sinceridade com que o negócio havia sido feito.*

*Foi-me dada a honra de, no funeral, levar a chave do caixão desta saudosa Amiga de tantos anos, sócia querida da fundação da Escola Livre e animadora das festas em Espinhaço de Cão.*

*Apezar do retrato a óleo estar legalmente vendido pela falecida, a família entendeu negar-lhe a legalidade, dando como razão a fraqueza intelectual da Senhora Dona Libânia... misérias sem nome!<sup>325</sup>*

#### LAMPADÁRIO, 1946-1947

*Em meados de Setembro último, o meu Prior, que havia visitado a Batalha no seu regresso de Fátima, chamou-me e disse-me que o Lampadário havia sido pintado com grossa camada de tinta preta e que os relevos se não apreciavam.*

*No primeiro momento fiquei aturdido, sem mesmo saber o que fazer, depois pensei escrever um artigo para a imprensa a chamar a atenção para o atentado mas, ponderando melhor, resolvi escrever ao Senhor Prior de Tentúgal, com quem estava de amigas relações, contando-lhe o caso, para que ele fizesse chegar a minha reclamação ao conhecimento do Senhor Ministro da Guerra.*

*Em fins de Outubro, Sua Ex.<sup>a</sup> visitou a minha oficina e preveniu-me de que mandara dizer para se entenderem com o artista e resolver a sua limpeza.*

*Fez-se um longo silêncio sobre o caso o que me irritou, escrevi um artigo para a imprensa, esperando nova visita de Sua Ex.<sup>a</sup> para lho mostrar e fazer publicar; mandei um exemplar ao Presidente da C. M. Batalha.*

*Em 6 de Abril recebi, da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, o seguinte officio<sup>326</sup>... Em vista do que ahí se me peidia resolvi ir à Batalha para estudar a melhor forma de o limpar. No meu regresso officiei à Liga, mandando-lhe instruções<sup>327</sup>... não se faz ideia do choque que me oprimiu ao ver o vergonhoso estado em que puseram o trabalho, eu tinha*

---

<sup>325</sup> Os dois capítulos que se seguem foram aqui intercalados posteriormente a ter sido datado o manuscrito, conforme nota do Autor no manuscrito: «Intercalar aqui a página sobre o Lampadário e a da Exposição dos Ferros de Odivelas».

<sup>326</sup> O espaço em reticências deixado aqui pelo Autor não chegou a ser ocupado com o officio mencionado.

<sup>327</sup> *Ibidem.*

razão no que escrevia. Fiz um ensaio da limpeza na base do Lampadário e escrevi instruções para essa operação, mandando uma escova metálica para ser empregada na referida limpeza. A Liga agradeceu-me e informou-me de que dera ordens para serem rigorosamente observadas as minhas recomendações.

#### A EXPOSIÇÃO DAS FERRAS DE ARTE PARA A IGREJA DE ODIVELAS

Foi, por Sua Ex.<sup>a</sup> o meu Ministro da Guerra, marcada a abertura ao público da Exposição das Ferras para Odivelas, no dia 2 de Agosto de 1947, sábado, na Feira Popular.

Para lá parti no dia 1 a organizá-la, indo apresentar-me na repartição ao Senhor Chefe do Gabinete às 15 horas, pôz-me em contacto com o Senhor Tenente Coronel Engenheiro Lucas, Director das Oficinas Gerais, em Belém. Ficou assente entre nós que as Ferras, então guardadas no seu gabinete, seriam enviadas para o Pavilhão das Indústrias do Ministério da Guerra, no dia imediato logo de manhã, para serem expostas.

A imprensa da Capital anunciara a abertura por Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, à hora marcada já no recinto se reunia grande número de Senhores Oficiais da Guarnição de Lisboa, que se reuniram ao Senhor Ministro da Guerra, que se apresentava muito satisfeito.

Chega logo em seguida Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, que me saúda, com aquela amizade tantas vezes manifestada em público; nessa ocasião tive o gosto de abraçar o seu ajudante de ordens, Senhor Capitão Carvalho Nunes e recordar, com saudade, o Amigo Dr. Afonso Lopes Vieira; nessa hora acompanhado pelo Senhor Presidente da Casa de Coimbra em Lisboa.

Veja-se a reportagem fotográfica de O Século e Diário de Notícias, no momento em que o Senhor Presidente, abraçando-me, dá a honra de [me] promover a Oficial da Ordem de Santiago.

Senti bem a amizade com que era tratado, não só por Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente, como pelo Senhor Ministro da Guerra e Capitão Carvalho Nunes.

Dias depois recebi a honra de vir aqui a casa, entregar o respectivo Diploma, o meu General Comandante da Região e assim terminou mais uma página da minha vida artística<sup>328</sup>.

#### HOMENAGEM A MESTRE GONÇALVES PELO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO, 1848-1948

Na série das homenagens, esta de festejar o seu centenário foi a que mais preocupou o espírito do meu Amigo e Senhor Coronel Belisário Pimenta.

Esta ideia nasceu aqui no Tovim, numa bela tarde de Abril de 1940 que desde então ficou sendo assunto obrigado nas nossas reuniões.

---

<sup>328</sup> *Diário de Notícias* de 3/8/1947, visita do Chefe do Estado à exposição. Os Meus Recortes de LCA, na Casa Rural Quinhentista.



O artigo «Páginas Guardadas», publicado no n.º 877 da Seara Nova, de Junho de 1944, [é] <sup>329</sup> o começo de uma Bibliografia de Mestre Gonçalves em demanda das Oficinas em Coimbra e o seu esforço no ressurgimento das artes locais.

O Instituto de Coimbra, em 17 de Março de 1945, levou a efeito uma homenagem, realmente importante de carácter histórico, à memória do seu antigo sócio e colaborador, A. Augusto Gonçalves, em que o Senhor Presidente Anselmo Ferraz de Carvalho fez reunir num volume, não só os discursos ahí proferidos, como também o trabalho magnífico «Tentativas de Bibliografia de Mestre António Augusto Gonçalves» escrito pelo meu Ilustre Amigo Dr. Rocha Madahil.

Entrara já o ano de 46 e era tempo de começar trabalhando para levar a efeito o centenário, cujo programa estava organizado e aqui mo veio ler o meu Amigo e Senhor Coronel Belisário Pimenta.

Foi nessa reunião que se organizou também a lista dos nomes para a comissão executiva que ficou assim elaborada: Dr. Gumercindo da Costa Lobo, Coronel Belisário Pimenta, Dr. António da Costa Rodrigues, Álvaro Viana de Lemos, Padre António Nogueira Gonçalves, João Augusto Machado e Lourenço Chaves de Almeida. Como todos os propostos haviam aceitado os cargos, fui, pelo Senhor Coronel, convocada uma primeira reunião no Museu Machado de Castro.

Nessa reunião foi apresentado e discutido o programa geral dos trabalhos e marcou-se nova reunião para assentar nos primeiros trabalhos a seguir.

Como, por determinação superior, se tornasse impossível voltar a reunir-se no Museu foi pedido, ao Senhor Presidente do Instituto, [para fazê-lo] no velho casarão do Convento Benedictino e na reunião ahí efectuada foi nomeada a comissão para se avistar com o Senhor Reitor da Universidade, a quem anteriormente o Senhor Dr. Costa Lobo havia pedido audiência para tal.

A comissão, que com Sua Ex.<sup>a</sup> se avistou, era composta pelos Senhores Dr. Costa Lobo e Coronel Belisário Pimenta, que vieram satisfeitos pela forma como o Senhor Reitor os recebeu e se conformou com o programa que lhe apresentaram dos trabalhos a realizar, que seria:

Em Coimbra abriria a série Lourenço Chaves de Almeida, historiando a evolução da serralharia em Coimbra e ao que ao Mestre Gonçalves se ficou devendo, seguiria outra feita pelo Senhor Coronel em Lisboa, outra feita pela Exm.<sup>a</sup> Senhora Dona Veva de Lima, a realizar no Museu de Arte Antiga, encerrando as comemorações com uma sessão solene na Câmara Municipal com umas conferências feitas pelo Senhor Dr. Costa Rodrigues e Dr. Reynaldo dos Santos. Este programa agradou ao Senhor Reitor da Universidade que prometeu dar-lhe todo o seu apoio.

O Senhor Coronel, estando nessa altura em Lisboa, aproveitou a ocasião de falar com o Senhores Drs. João da Silva Couto e Reinaldo dos Santos a quem expôs o programa das comemorações.

O Senhor Dr. João Couto concordou com a ideia de convidarem a Ilustre escritora, a Senhora Dona Veva de Lima, a realizar uma conferência na sala do Museu de Arte Antiga sobre o Mestre Gonçalves e a sua obra. Eu fora encarregado de, em nome da comissão, pedir-lhe a sua valiosíssima cooperação, que gostosamente aceitou.

---

<sup>329</sup> «...são o começo...», no manuscrito.

*Chegou finalmente o dia 19 de Dezembro de 1948 em que se festejava o nascimento do Mestre, dando-se princípio às comemorações com uma romagem ao Cemitério da Conchada, junto ao seu túmulo, a que se associaram os Exmos. Senhores Governador Civil, Dr. Eugénio de Lemos, Dr. João Pereira Dias, Director da Faculdade de Ciências da Universidade, de que o extinto fora Professor e o Senhor Presidente da Câmara.*

*Nos discursos recordou-se a figura magistral do Mestre e o valor de toda a sua obra, em proveito da terra e da Nação inteira.*

*Estava marcada para as 21 horas a minha conferência, que se realizou na Associação dos Artistas; a noite estava muito desagradável, apesar disso, todos os membros da Comissão estavam ahí, amigavelmente reunidos. Presidiu o Senhor Dr. João Pereira Dias, meu Ilustre Amigo, que em breves palavras historiou a forma como me conheceu por intermédio do nosso Saudoso Amigo Dr. Afonso Lopes Vieira.*

*Que pode um sincero Amigo dizer de outro Amigo?!...*

*Nessa sessão houve um desagradável incidente provocado por um amigo a quem, dias antes, havia lido o texto da minha conferência, não me perturbei com este caso, esperava-o mesmo...não de um membro da comissão, mas de qualquer João de Coimbra, escondido na esquina de Sansão; para isso se confirmar basta ler O Despertar que se seguiu...*

*Permita-se-me esta observação, nem todos os que se dizem admiradores do Mestre podem esquecer as Tremendas Trepas, que ele lhe[s] ministrava, cujas contusões lhe[s] ficaram para toda a vida.*

*Com esta grande dívida saldada para com a memória do Homem a quem tudo fiquei devendo, dou por terminadas as «Memórias de Um Ferreiro»... porque necessário agora é descansar.*

*Não o quero fazer sem aqui deixar o meu reconhecido agradecimento a tantas valiosas Amigas que, durante a longa jornada de cinquenta anos, me alentaram com a sua boa amizade.*

*Beijo as Mãos a todas e digo-lhe, Adeus!*

*Tovim, Março de 1949*

*Lourenço Chaves de Almeida*

*Ferreiro de Arte*



**Ilustração 48** – Lourenço d'Oliveira Chaves e Almeida  
no Claustro do Silêncio da Igreja de Santa Cruz, em Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

# Anexos

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1 - AS MEMÓRIAS DE UM FERREIRO CONTINUAM AINDA O RELICÁRIO DO POETA DR. AFONSO LOPES VIEIRA

[Texto manuscrito]

Nunca me senti desligado, espiritualmente, das obras que pela vida adiante fui deixando espalhadas por esse mundo além!!!

E agora, que a vida está no fim, mais viva sinto a necessidade de as ir recordando e foi por esta razão que, depois da morte do meu querido e sempre saúdo Amigo, Dr. Afonso Lopes Vieira, me preocupava o destino que viria a ter o seu Relicário, de tão larga historia.

Não esquecia que há muito tempo me havia dito qualquer coisa que a esse respeito se ligava e, por isso, encontrando uma carta sua, datada de 11 de Novembro de 1921 (como isto já vai longe!) no fim da qual diz:

«Escrevo-lhe, tendo na minha frente o Relicário, de que gosto cada vez mais», e remata a carta com este período, «é uma grande e bela obra e deixá-la-ei, por minha morte, ao Museu M. de Castro, se ainda então houver Pátria!...»

Munido da referida carta, fui ouvir a criteriosa opinião do meu Ilustre Amigo Senhor Dr. João Pereira Dias, ficando assente entre nós que, logo que fosse a Lisboa, o que seria muito em breve, falaria com a Exma. Viúva, Dona Helena de Aboim Lopes Vieira, expondo-lhe o caso do Relicário e a vontade do seu falecido Marido.

Entretanto, e com todas as cautelas para não ferir susceptibilidades, escrevi-lhe uma carta perguntando-lhe se já havia dado destino ao Relicário.

Pela pronta resposta calculei que o Senhor Doutor já com ela havia falado porque, não sabia ao certo o que deveria fazer do Relicário, constituía isso para ela grande preocupação e que estava por isso e imediatamente disposta a cumprir as vontades do seu Saúdo Marido.

Logo que foi possível fui a Lisboa, quis mostrar a carta à Senhora Dona Helena, não consentiu e mandou entregar-me o Relicário imediatamente.

Não se descreve a satisfação que senti o ser eu próprio quem ao colo, como fazia aos filhos quando pequenos, o transporte para o hotel.

De regresso a Coimbra onde informei o meu Amigo Padre Nogueira Gonçalves de que já estava em minha casa aquela peça; ponderou-me certas razões, pelas quais achava conveniente eu guardar em casa a oportunidade de dar entrada no Museu.

Em princípios de Abril deste ano, constou-me que em breve seria nomeado novo director para a vaga deixada pela morte do Dr. Virgílio Correia e como me não agradava

aproximar-me do futuro director do Museu, então já dada a sua vinda como certa, preparei as coisas para que o Relicário desse entrada definitivamente no Museu.

Falei largamente no assunto, primeiro ao meu Ilustre Amigo e Senhor Coronel Belisário Pimenta para que na ocasião precisa, ser uma das testemunhas à solene entrega da peça ao Museu [e depois] ao meu Exm.º Amigo e Senhor Doutor João Pereira Dias expus-lhe a minha ideia, pedindo-lhe a sua presença no acto de entrega.

No entretanto o meu estado de saúde tornou-se bastante melindroso, forçado a recolher à cama em princípios de Fevereiro, onde estive até fins de Março.

Quando entrei em convalescença e aproveitando a ocasião em que me veio visitar o meu colega no Museu, Padre Nogueira Gonçalves, ficou entre nós definitivamente assente que, logo que eu estivesse melhor, convocaria as pessoas já indicadas para testemunharem, com a sua presença, a entrega solene do Relicário ao Museu.

Em vida do meu falecido Amigo Dr. Lopes Vieira, era festejado o dia 20 de Abril com uma grande festa em sua casa, a que se associava a escola por ele mantida, festa de tocante sentimento a que tive a honra de assistir algumas vezes. No dia 17 escrevi aos meus Amigos, pedindo-lhes a comparência no Museu no dia 20 às 11 horas, mas a inesperada morte do Senhor Presidente da República tudo veio alterar, transferindo para o dia 24 desse mesmo mês à mesma hora.

Do significado dessa reunião fala alto a cópia junta do auto de entrega do legado ao Museu.

Estou finalmente satisfeito!

Coimbra, 28 de Abril de 1951

Lourenço Chaves de Almeida

## 2 - OS FERREIROS ANTIGOS E A FERRARIA EM PORTUGAL VISTO POR UM FERREIRO MODERNO<sup>1</sup>

[texto publicado]

Acabo de ler, com o interesse que estas coisas me merecem, um belo artigo no *Boletim da Junta de Província da Estremadura* com o título de «Estremadura e a sua velha Indústria de Ferrarias», da autoria do meu bom amigo e Senhor Guilherme Felgueiras.

De há muito sinto a necessidade de dar algumas explicações sobre a arte de forjar e bem acabar qualquer peça artística *de* ferro e isto sem desprimor para ninguém.

Quando se me depara qualquer artefacto dessa velha serralharia, eu sinto a mesma curiosidade de um estudante de medicina junto ao frasco, que contém em álcool, um embrião humano.

---

<sup>1</sup> Publicado no Suplemento Literário Bazar, do jornal *A Voz* de 20 de Janeiro de 1945.



Essas chapas de Aldrabagatas (termo nortenho) com os seus lagartos, que um toque bem dado com um buril, seriam bastante para lhe dar a vida que lhe falta, transformando-o em peça estimável.

Se olharmos para trás de nós, para muito longe mesmo, veremos no Museu de Cluny, uma variedade infinita de lindíssimas peças, ornamentadas com pequenas esculturas, muito graciosas, na sua maior parte dos séculos XIII, XIV e XV, que nos envergonham a nós hoje.

Desculpar-me-ão de não estar de acordo com os apreciadores do cata-vento da igreja das Chagas, em Lisboa, em que o ferreiro pretendeu fazer um galo e saiu-lhe um animal futurista, na aurora do século XVIII...

E esse espelho da fechadura da porta do Casal da Senhora da Saúde (Ameixieira), em que ao artista desenharam uma águia bicéfala e fez uma coisa que nada significa.

O artista com educação completa, como as exigências do nosso século requerem, não se faz de um dia para o outro, são precisos muitos anos e herança de avós.

O que não quero esquecer, nem posso, é que estou em pleno século XX, com responsabilidade profissional para o futuro e preso a uma escola legada, pelo meu professor e Mestre Gonçalves, há perto de 40 anos.

Tenho-me queixado muitas vezes de que os que escrevem sobre **Ferrarias** não terem passado algum tempo pela forja de um ferreiro a verem-no trabalhar, como por exemplo, Mestre Gonçalves, Dr. Quim Martins, a Senhora Dona Veva de Lima e os senhores Dr. Afonso Lopes Viera e Gastão Betencourt.

Estes três últimos escreveram ainda sobre a impressão do contacto com a minha antiga oficina de Sant'Ana, com as rudimentares ferramentas com que trabalho o ferro.

Se não foram felizmente queimados pelas chispas de ferro a caldear, que em volta de mim se espalham, quando forjo do vergalhão grosso, as Quimeras e as estatuetas dos meus trabalhos, ou atingidos pelas lascas cortantes, tiradas pelo corta-fio<sup>2</sup> sentiram, ao menos, a impressão que lhes deixou a força especial que é necessária para ser verdadeiramente ferreiro.

Bom, a vida é assim mesmo, toda feita destes contrastes!...

Ao ler o que se tem escrito sobre ferrarias antigas, fica-me a impressão de que quem escreve não conhece bem os dois mais célebres ferreiros quinhentistas da vizinha Espanha, Cristobal Andino e Diogo de Siloe, nem visitou as Catedrais de Burgos e Ávila. Porque se o tivessem feito tenho a certeza de que a sua opinião seria outra a respeito dos artefactos dos nossos ferreiro antigos.

Estes dois formidáveis artistas encarnam, para mim, todos os outros seus colegas que, modestamente, ocultam os seus nomes. Eles foram tantos, nesse glorioso século da Arte.

Cristobal Andino assina em toda a extensão do friso da sua porta, magnífica de linhas arquitectónicas e arrojada decoração, da charola do altar-mor da Catedral de Burgos. A ele deve-se, provavelmente, atribuir o Tenebrerio (tocheiro) de 15 velas, esplêndido trabalho de ferro forjado e cinzelado, que mais parece uma peça de ourivesaria, sem contudo perder a sólida robustez do metal.

---

<sup>2</sup> Termo nortenho que se dá ao escopro ou cinzel de ferreiro. Nota do Autor.

Diogo de Siloe distingue-se pela sua incomparável grade da dupla Escalera de La Caroneria, da mesma Catedral. Foi com verdadeira veneração que apalpei esta maravilha, ainda patinada de oiro velho.

Todos os que escrevem sobre ferrarias Portuguesas, deviam ter ido, em religiosa peregrinação, a Burgos e Ávila, visitar esses dois Museus da arte, dos ferreiros espanhóis, para verem que não devíamos enaltecer a nossa penúria, neste género de trabalho artístico.

Essa linda e delicada porta da Sé de Lamego, da capela de S. Nicolau, é quinhestista, importada de Espanha, irmã das de Burgos e possivelmente da autoria de um desses Mestres. É um atestado eloquentíssimo da falta de bons ferreiros em Portugal, que os nossos Reis *se esqueceram de* mandar educar como mandaram outros artistas.

Tenho muito respeito pelos meus antepassados ferreiros, que não são responsáveis pela insuficiência da sua educação artística: esse mesmo ferreiro Fernandes, de Coimbra, autor das grades da Capela-mor de Santa Cruz, cujos restos são aqui meus vizinhos, são de bons desenhos, mal compreendidos e pior executados e no entanto era estimado pelo Rei Venturoso e pelos grandes da terra.

O que me revolta e entristece são esses imitadores do século XX dando-nos a impressão dolorosa de estarem divorciados das Escolas Industriais, com que o Estado está gastando rios de dinheiro, com pouco proveito nacional. Alguns vão longe demais nas imitações dos contemporâneos franceses, Edgar Brande, Mercier Frères e Bugues, com os seus artefactos em série, feitos à frezadeira, malho pilão e soldaduras autogénio, mas têm o seu público e vivem confortavelmente melhor do que nós.

A Ex.<sup>a</sup> Senhora Dona Veva de Lima, quando há anos passou por Paris, visitou a oficina de um desses mestres, a quem mostrou fotografias dos trabalhos que eu lhe tinha feito, enaltecendo ao mestre francês os processos de forjar à antiga.

Foi esta ilustre senhora, com a exposição que promoveu em Lisboa, no salão Bobone e com a colaboração do meu bom amigo e Senhor Dr. Afonso Lopes Vieira, quem lançou este ignorado artista na publicidade.

Sem os trabalhos que fiz para estes dois senhores, eu não teria tido, como tive, um Louvor em Ordem da Divisão, dado pelo Exmo. General Mousinho de Albuquerque, o que abriu caminho à feitura do Lampadário da Batalha que, galhardamente, se impõe à serralharia espanhola.

Os meus ferros foram amassados com suor e sangue!

Porque o ferro, sendo a matéria mais nobre e austera, é também a mais indomável, resistindo e agredindo constantemente o artista. Era isto exactamente que eu desejava que fosse sentido pelos que escrevem as suas críticas. E a crítica pode compensar o artista de todos os seus aborrecimentos!...

Tovim, 8 de Dezembro de 1944

a) Lourenço Chaves de Almeida

### 3 - A FORJA E O FERREIRO DESAPARECERÃO EM BREVE

[Texto dactilografado]

Quando pelo meu pé atravessei, pela primeira vez, terras de França, em bela noite luarenta, deparou-se-me um magnífico portão, em estilo Luís XV, em ferro forjado.

Era atravessado por dois lindos ramos de loiro entrelaçados nos varões verticais, os meus olhos duvidavam tratar-se de ferro forjado, mas puxando uma das folhas cedendo à pressão, vi que era ferro macio.

Rendi a minha admiração ao anónimo artista.

Passados dois meses fui encarregado, pelo meu chefe, de ir à cidade de Aire, onde existia o portão [de] que me não havia esquecido, que ia ver à Luz do dia.

Ao entrar na rua onde calculava estar a obra, desci do carro caminhando a pé, vi de longe com prazer a obra encaixada em rica frontaria em mármore, ao atravessar a rua, que desapontamento eu sofri, toda a ornamentação era simples imitação do ferro forjado mas [ferro] fundido.

Mais tarde fiz perguntas a esse respeito a um ferreiro da terra, vindo a apurar que na fábrica, no armazém de vendas, havia rimas de tudo que era necessário para preenchimento decorativo das grades, em vários estilos, fundidos em ferro macio, com a escarva preparada à colagem com pasta Láfit ou à soldadura a autogénio!!!

Não há, tenho a certeza, figura mais belamente poética do que o Ferreiro quando o vemos no seu mundo, entre a bigorna e a forja.

Procurarei mostrar, em quadro vivo, essa figura enciclopédica, que muita gente ainda desconhece.

Não o apresentarei nu até à cinta, como um Prometeu gigantesco tantas vezes pintado pelos artistas do século XVII, mas de camisa aberta até à barriga, arremangado acima do cotovelo, de avental de carneira à cinta e chapéu desabado, protegendo-o do pó, incómodo terrível do forjador quando sua e isso sucede sempre que forja.

Acaba de repicar com o martelo apressadas pancadas de sino no chifre da bigorna, chamando o ajudante à calda pronta a sair da forja.

São dois pedaços de ferro a unir cuja temperatura, ao rubro branco, ele segue atento com a vista, atrazando um, dando-lhe areia, enquanto o outro é chegado mais ao coração da forja, que o fole agita com ligeireza.

Quando ele vê que a temperatura dos dois troços é igual, vão com eles para a bigorna pingando fogo e espalhando chispas em larga área e a vigorosas pancadas do martelo e malho se faz a união...

Digo, não pode haver quadro de mais palpitante interesse do que este, e no entanto está próximo a desaparecer, absorvido pelo serralheiro, como Saturno engolindo as horas.

Com o emprego da pasta Lafit e da soldadura a autogénio, de que se usa e abusa, a serralharia passa a ser uma habilidade de enchambelador, assim qualquer curioso pode ser serralheiro.

O próprio ferreiro da aldeia já não caldeia o ferro das suas enxadas!... cola-o com a pasta Lafit, porque esta não necessita dos cuidados no regular a temperatura de caldear que lhe come a vista e, diz a lenda, a cor do rosto.

Aqui têm os Senhores a burla descarada dos artefactos das peças de serralharia artística, repuxadas a malho pilão e soldadas a autogénio, vendidas a alto preço, coisas de fancaria ordinária, com que para ahí se enchem as casas, inchadas de vaidade, com os seus trabalhos de ferro forjado.

Para mim, apesar de suspeito, tanto valor tem o fazedor como o comprador desses mostrengos, feitos sem gosto nem arte, apenas por serem inculcados como obras magníficas.

Sou agora obrigado a entrar numa dependência do Estado, amiudadas vezes, ninguém faz ideia da pena imensa que me dão os trabalhos de serralharia artística aí pendurados, onde o gosto vulgar da mais corriqueira ferraria serve de decoração.

Estes trabalhos que nos pedem uma leveza e transparência nervosa, são lobreiramente pesados, compactos e ... sem alma!

Há trabalhos feitos com a ingenuidade primitiva de artistas de séculos idos, atrás deles não existia uma escola que lhes servisse de apoio e estímulo, para esses que foram os nossos Mestres, vai toda a minha admiração!

Mas não posso conceber que um artista moderno, que tem uma escola enorme à sua retaguarda, faça livremente miseráveis artefactos sem sentimento nem gosto, como qualquer **penitenciário**.

Tenho dito muitas vezes e esforço-me por me acreditarem: não pretendo deprimir nem mesmo criticar os trabalhos de ninguém, porque também ninguém é obrigado a fazer mais do que aquilo que aprendeu.

O que me magoa é a ideia que o estrangeiro ilustrado fica fazendo da miséria que por cá vai, quando podíamos impor-nos à sua admiração, muito melhor caminhando por uma carreira mais segura e artística.

Quantas vezes me interrogo a mim mesmo, porque procederão assim, por esse mundo fora, tão desorientadamente?

Aparece-me sempre, como fantasma aterrador, a pasta Lafit e a soldadura autogénio a marcar o desaparecimento, em breves anos, do Ferreiro forjador.

Que lamentável pena, sentir os intelectuais ainda presos à deliciosa ilusão das boas obras, que os Mestres quinhentistas nos legaram como base fundamental do bom gosto.

É preciso limitar a acção perniciosa desse abuso, como foi limitada a do ferro fundido, às coisas de mecânica e de lavoira, salvando da derrocada o Ferreiro e a Forja...

8 de Setembro de 1945

Lourenço Chaves de Almeida

#### 4 - HOMENAGEM DA OFICINA A MESTRE GONÇALVES DE SEU DISCÍPULO<sup>3</sup>

[Excerto do texto dactilografado]

A serralharia Artística Coimbrã deve-se exclusivamente à acção persistente e amovível do Mestre António Augusto Gonçalves!

Oiçam pois!...

Na *Revista Ilustrada da Exposição Distrital de Coimbra de 1884*, escreveu Mestre Gonçalves estas palavras:

«Observando, no conjunto, a serralharia batida nas suas inumeráveis manifestações, nota-se que o serralheiro conimbricense tem a posse completa do processo de trabalho e **mestria** que dá a prática. Os riscos não são os mais aproveitáveis e apropriados, não têm estilo, falta-lhes a conveniente adaptação e carácter, toda a ornamentação é feita de vergalhão de ferro; não há uma tentativa de folhagem, uma flor, uma moldura; para os relevos e ligações empregam exclusivamente a fundição de metais brandos». E termina dizendo: «O defeito é simplesmente atribuível à falta de bons modelos e nada mais. Os nossos artífices instruídos no desenho, com um Museu onde lhes fosse permitido verem os fac-simile da serralharia que produziu as esplêndidas reixas dos artistas espanhoes do século XII e XVI, que toda a gente conhece pela fotografia e pelas ilustrações dos livros: os finos e fantasiosos ornatos rendados, burilados, os grotescos, toda essa escultura em ferro da Idade Média e da Renascença, seriam evidentemente capazes de progressos prodigiosos».

Estas palavras são, como se ouviu, um grande programa a reflectir-se no futuro, era a sua alma apaixonada pelo progresso das artes locais!

O Mestre destaca, de entre a falange dos ferreiros expositores, em termos elogiosos, José Simões Pais (O Manassas) e mostra que deste artista muito havia a esperar.

Conheci-o, era um artista como Manuel Pedro de Jesus, modesto e de habilidade, sobretudo como mecânico, não lhe conheci obras que o destacassem.

Como se vê, Mestre Gonçalves conhecia de sobejo as deficiências da arte de bem trabalhar o ferro e não as foi colher, como pretendem, à Exposição Universal de Paris, em 1900, pois que, quatro anos antes, isto é, em 1896, desenhava ele as grades para Manuel Pedro de Jesus fazer para o industrial Quintão Lima, à Estrada da Beira, para a sua casa de habitação, em estilo Arte-Nova e as do seu jazigo de família em estilo gótico florido.

Estes trabalhos e os do prédio que forma gaveto com as ruas Castro Matoso e Alexandre Herculano, em estilo do renascimento, revolucionaram o meio artístico, pela novidade e raridade.

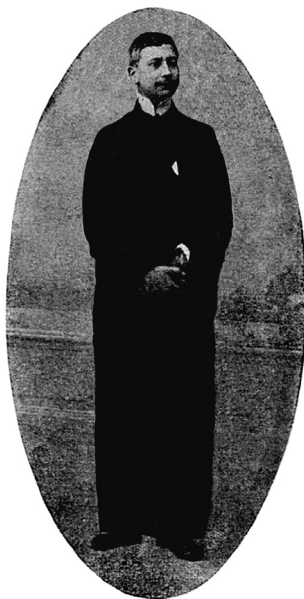
---

<sup>3</sup>Texto lido pelo Autor, em 19/12/48, no Centenário do Mestre, na Associação dos Artistas. O restante da conferência repete factos que constam no relato das Memórias, pelo que não houve interesse na sua inclusão.

Senti esse ambiente quando cheguei a Coimbra, em 1898 e consegui colocar-me como oficial numa serralharia que então existia à rua das Colchas.

### António Augusto Gonçalves

19 - XII - 1848 — 19 - XII - 1948



NO DIA DO 1.º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

HOMENAGEM da Tipografia União  
de Ferreira & Serra

Ilustração 49 – António Augusto Gonçalves, conforme pagela da Homenagem da Tipografia União de Ferreira & Serra publicada no seu centenário

E agora, para continuar fazendo a história da serralharia Coimbrã e o que a Mestre Gonçalves se deve como **único** orientador, terei de pessoalmente testemunhar os factos por mim conhecidos, para fazer justiça a quem de direito e mostrar o quanto custou a conquista do bom nome que a arte do ferro forjado despertou em todo o Paiz ...

Tovim, 26 de Março de 1948

Lourenço Chaves de Almeida  
Ferreiro de Arte e Oficial de Sant'Iago

“Resistencia,, —

26 de março de 1905

*Boa noite D. Joaquim de Carvalho*  
**Ferro batido**  
*de Carvalho*

Vimos na officina do sr. Lourenço d'Almeida, sargento espingardeiro de infantaria 23, uma obra de ferro batido, em estylo renascença, que confirma o que por mais de uma vez aqui temos dito, o renascimento de uma industria antiga, devido aos esforços de Antonio Augusto Gonçalves.

A obra vae ser exposta em Lisboa juntamente com o fogão de João Machado para que foi feita. E' em estylo renascença, e o ferro está torsido como o dos pequenos balaustres que essa arte requintada deixou espalhada por palacios e jardins de Coimbra.

A obra foi feita segundo um *croquis* de Antonio Augusto Gonçalves, como os elle sabe fazer, apontamento a geiro destinado apenas a suggerir, a excitar a actividade creadora dos seus discipulos.

Os dois monstros que o enfeitam estão poderosamente martellados e esculpados em ferro.

Toda a obra revella exceptionaes aptidões para a arte de trabalhar o ferro, que, depois do periodo atormentado do ferro fundido, hoje renasce por toda a parte.

Do mesmo artista ha, no cemiterio, outros trabalhos e entre elles uma grade de estylo moderno no jazigo dos srs. Guerra, que é notivel pela linha do desenho e pela forma colorida e por que está executada e que dá uma vida extranha ao ferro que se abre delicadamente em flores e ondea no capricho delicado das folhas esguias.

Fig. 1 — Artigo do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr. Quim Martins) no *Resistência*, sobre o trasfogueiro renascença, para o Sr. José Relvas.

Serviço para si:

Oficiais de dia, com. Monteiros

Sargento " " Sáez

Cabo " "

Tercador de dia 384

Ordem de Serviço da Unidade, dois soldados da Comp.<sup>a</sup> de Polícia

1.º Que se fazem as seguintes transcrições:

Da O.S. n.º 315 de 22-11-1917 do N.º 1. Sub.º 6.º - III - b). 1.º: Que seja nomeado oficial de gaz do C. S. P. o capitão médico José Soares, ficando expensado de oficial de gaz da 1.ª D.

Da O.S. n.º 316 de 23-11-1917 do N.º 1. Sub.º 3.º d): Que seja nomeado chefe interino da C. F. F. n.º 1 o tenente médico miliciano Victor da Cunha Ramos.

2.º Que, ao deixar esta formação, cumpro o quanto deve de constar que ela sempre cumpriu a sua missão durante a sua estada aqui, facto devido exclusivamente ao acerto que se teve, derivado da grande competência, dedicacão e zelo do pessoal, e decidida hora notada das praças no cumprimento dos seus deveres.

Que louvo o 1.º Sargento artefice, Lourenço Branco d'Almeida que, nas suas horas vagas, muito tem contribuido para o bom nome e divulgacão da arte portugueza, com prouros que bem atestam a sua justificada reputacão de homem consciencioso e rabeloso e de mestre na sua arte.

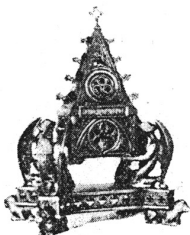
Que louvo o soldado n.º 133/3.º S., Antonio José, pela assiduidade e dedicacão com que, pelo seu trabalho, contribuiu a melhorar as condicoes dos alojamentos das praças da unidade.

Fig. 2 - Ordem de Serviço da Unidade, de 24 de Novembro de 1917, com o louvor exarado.



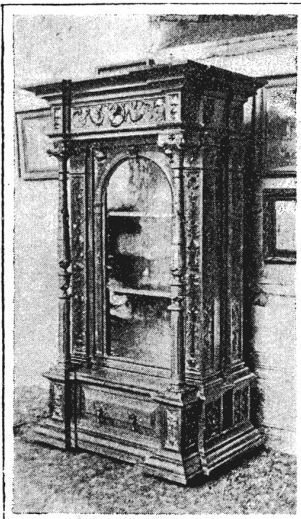
## A EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ

tura, escultura, marcenaria e serralharia, etc., toda a gente que entre nós se interessa pelos assuntos d'arte tem desfado ante as produções coimbricenses, que são magnificas.

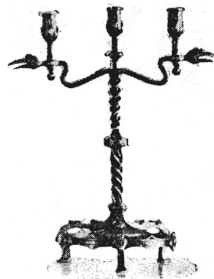


Relicario em ferro forjado, por Lourenço Xavier d'Almeida

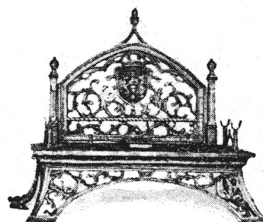
2. Armario renascença, por Carlos Carvalho e Raul Dias.



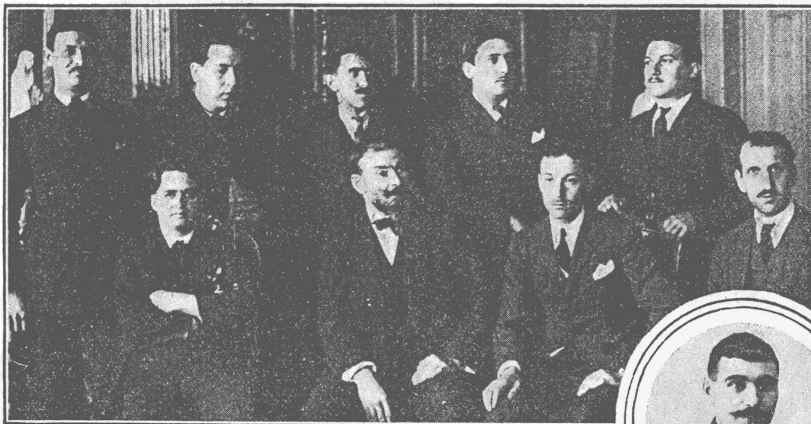
NA rua Nova do Almada inaugurou-se a exposição de arte coimbrã a que concorreram diversos artistas. Afonso Lopes Vieira disse em palavras entusiasticas, de Coimbra e da sua arte, da sua poesia e da sua lenda. E como a exposição é interessante, pois contém pin-



Candelabro em ferro forjado.



Tinteiro por Alberto Marques.



Artistas que concorreram á exposição de arte coimbrã. Sentados : Carlos de Carvalho, Carlos Lobo, Fausto Gonçalves e Antonio Augusto Cardoso. De pé : Raul Dias, Alyaro Ferreira, Antonio Ferrão, João Machado (filho) e Manuel Miranda. No medalhão o serralheiro Albertino Marques.



Fig. 3 – Página da revista da *Ilustração Portuguesa*, edição semanal do *Século*, de 26 de Março de 1921, dando notícia da exposição, com foto de parte dos expositores de Coimbra.

Salvador de Brito  
21-8-22.

Querido Sr. Lourenço

Terei muito gosto que me venha ver e venha  
passar as suas mãos maternae por sobre  
os chefes-de-obra de toda a sua Obra e de  
que me considere única possuidora.

Esperarei pois o prazer de sua visita  
quando recomegar a intervenção de petardos  
por esta sonoroza cidade, preannuncio certo  
de festa ou de sangue.

Desejo além d'isso, fallar-lhe sobre uns  
detalhes para a execução do « Lectus » - se  
é que ainda se lembra d'elle ...

Deeite a expressão da minha melhor  
estima

Genoveva de Lima M. Ulrich

Fig. 4 - Carta de D. Genoveva de Lima sobre o Lectus

(Página deixada propositadamente em branco)

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

2007

